

OLAVO BILAG

CONFERENCIAS LITERARIAS

FRANCISCO ALVES & C^{IA}

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO-BELLO HORIZONTE

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Olavo Bilac

Conferencias Literarias



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — BELLO HORIZONTE

CONFERENCIAS LITERARIAS

OLAVO BILAC

Conferencias Literarias

Gonçalves Dias — A Tristeza dos Poetas Brasileiros — O Riso — A Esperança — O Diabo — Don Quixote — A Belleza e a Graça — O Dinheiro — O Commercio e a Civilização — O Theatro Municipal do Rio de Janeiro — Instrucção e Patriotismo — Quatro Heroínas de Shakespeare.



FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ia}

PARIS

96, BOULEVARD MONTFARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

73, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)

1912

GONÇALVES DIAS

GONÇALVES DIAS

(Na Academia Brasileira)

« Escute-me Tupan! Sobre vós outros,
Poder do maracá por mim tanguido,
Os sonhos desçam, quando desce o orvalho! »

Assim, no poema d'*Os Tymbiras*, fala ás tribus concitadas o velho Piága. Quem é elle? um pobre selvagem, enfermo e tropego, que a mais debil criança da taba prostraria, de um só golpe, no sólo. Em frangalhos a tanga, em sangue os pés, comido o corpo das privações, vivendo das esmolas dos guerreiros, — como podem ouvir-o as tribus, immotas e attentas, com tamanha veneração? E' que sobre a visivel fraqueza d'elle paira a força invisivel de Tupan : e um só raio do esplendor divino pôde emprestar á pobreza do sacerdote a majestade

fazer o elogio de Gonçalves Dias. Se, ouvindo a sua voz, puderdes sentir que « os sonhos descem sobre as vossas almas », sabei e dizei que o nume não desamparou o seu sacerdote.

Não me demorarei em contar-vos a infancia de Gonçalves Dias, a sua mocidade, as suas peregrinações pela Europa, os seus estudos, a sua virilidade occupada e afanosa, os seus triumphos, a sua tragica morte no naufragio do *Ville de Bourgogne*. Neste baixo mundo, — e, provavelmente, nos outros —. todas as vidas se parecem. Baste dizer que a infancia do poeta foi atormentada e triste : o nascimento illegitimo e a côr deviam dar-lhe momentos de magua e vexame, na velha provincia dada ao culto dos preconceitos e á filaucia. Além d'isso, naquelles rudes tempos de rivalidades entre nacionaes e reinões, o pai do poeta viveu homiziado nas brenhas, com o coração sobresaltado e os haveres em perigo; mas tempos melhores sorriram, apezar das desgraças domesticas que o pequeno maranhense teve de ver e chorar; caixeiro a principio, e guardalivros do pai, pôde Gonçalves Dias seguir para Coimbra, onde estudou, amou, fez versos, e adquiriu o cabedal literario com que se partiu da vida vulgar para a conquista da gloria.

A's vezes alguma triste recordação dos pri-

meiros dissabores vem turvar a nascente dos versos :

« ... antes metu berço,
Que vagidos de infante vivedouro
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!

ou

Senhor! porque dō nada me tiraste?
Ou porque tua voz omnipotente
Não fez seccar da minha vida a seve
Quando eu era principio e feto apenas? »

Mas tudo isto desapareceu logo. A vida tomou conta dō mancebo, e elle começou a amál-a e a servil-a.

Quando publicou a collecção dos seus primeiros versos, aos vinte e poucos annos de idade, já o poeta estava senhor do seu destino, apercebido de um estylo proprio; — e se ainda, em uma ou outra pagina, um vago desalento suspira, o tom geral do volume é de enthusiasmo e amor : — amor das letras, amor das mulheres, amor principalmente da terra querida, da sua natureza, e da tradição das gentes que a povoavam antes da conquista. São d'esse volume a *Canção do exilio*, o *Canto do Guerreiro*, a lenda da *Mãe d'agua*, e a *Canção do Tamoyo*.

Apenas saído da adolescência, já o poeta

era profundamente nacional. Já alli estava aquelle que mais tarde havia de dizer :

« Como os sons do boré, sôa o meu canto
Sagrado ao rude povo americano :
Quem quer que a natureza estima e preza,
E gosta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque sussurrando ao longe,
— Escute-me !

O amor da gente americana não era em Gonçalves Dias uma simples preocupação literaria. Aquelle filho de europeu, educado na Europa, amante da velha literatura portugueza, e cultor da suave lingua que tanto devia servir, era arrastado para o estudo do povo selvagem por uma sympathia irresistivel. Vel-o-eis, já nos ultimos annos de trabalho e vida, já homem maduro, intelligencia chegada á sazão fecunda do outono, alma fortalecida pelo soffrimento, poeta acabado e completo, — dedicar-se a duas grandes obras : uma de imaginação, *Os Tymbiras*; outra, de pesquisa scientifica, *Brazil e Oceania*, longa memoria apresentada ao Instituto Historico.

Nessa memoria, o capitulo, em que o poeta faz a defesa dos selvagens do Brazil, tem um calor de sinceridade que não pôde ser fingido. A alma do historiador, nessas paginas commovidas, dóe e sangra, no afan de rebater as calum-

nias soffridas pelo povo amado. Quasi todas essas calumnias são de uma tão ingenua futilidade, que poderiam facilmente ser desprezadas pelo advogado dos pobres indios. Assim, um viajante portuguez dizia d'elles : « em religião e em costumes são por extremo barbaros; não têm fé, nem lei, nem rei, motivo por que é sabido lhes faltam na sua lingua estas tres letras F L e R. » Essa innocente parvoice faz apenas rir... Mas o advogado não ria : o trabalho da defesa, respondendo ás mais ridiculas accusações, é minucioso e apaixonado.

Não mofemos d'esse romantismo. Gonçalves Dias é morto ha menos de cincoenta annos. E, durante esses curtos annos, aquillo a que habitualmente se dá o nome de « conquistas da civilização » tem sido uma tão abominavel urdidura de ambições, de interesses, de enganos e de crueldades, — que nós todos, com a nossa meiguice natural de latinos, temos acompanhado com um mal contido horror o desdobrar d'essa tragedia dolorosa. Que os outros cerrem olhos e ouvidos ao horrivel espectaculo e ao longo clamor dos fracos que são expoliados do lar e da honra; mas que nos versos dos poetas, como uma ave acosada pelo temporal, se refugie a Piedade...

A voz d'este poeta, que tão alto soava para defender os selvagens calumniados, teve, para cantar as suas desgraças e as suas glorias, as suas

aventuras e os seus amores, accents nunca antes ouvidos... Por vezes, o vôo da sua imaginação é vertiginoso e sublime. O poema d'*Os Tymbiras* ficou inacabado. Mas quem quizer conhecer, em uma obra completa e harmonica, o maior poeta da nossa terra, leia o *I-juca-Pirama*. Ninguém lê esse curto e admiravel poema, sem sentir o calefrio que assignala o atuge da emoção artistica. Alli, com mais precisão do que em todas as outras poesias americanas do nosso grande lyrico, está fixada a verdadeira physionomia moral do selvagem do Brazil : as suas manhas, o seu amor das guerras, a sua ferocidade na vingança, o seu desmarcado orgulho na victoria, o seu resignado e sereno heroismo na derrota. O velho guerreiro tupi, cego e invalido, chega á taba dos inimigos. Sabe que o filho chorou, e, galvanizado pela grande inagua e maior vergonha, apruma o vulto membrudo, alquebrado pelos annos, e sente toda a sua virilidade resuscitar, numa onda de colera e pejo.

Ouví, senhores, mais uma vez, esses versos da *Maldição* do tupi, que são dos mais bellos e fortes da lingua portugueza :

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte :
Pois choraste, meu filho não és!

Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Ser o pasto de vis Aymorés!

Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e fallaz!

Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem;
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar!
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar!

Que, a teus passos, a relva se torre,
Murchem prados, a flor desfalleça,
E o regato, que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor!
Suas aguas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
De onde fujas com asco e terror!

Sempre o céu, como um tecto incendiado,
Creste e punja os teus membros malditos;
E o oceano de pó denegrado
Seja a terra ao ignavo tupi!

Miseravel, faminto, sedento,
Manitós não lhe falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si!

Um amigo não tenhas piedoso,
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso de argilla, cuidadoso,
Arco e frécha e tacape a teus pés!
Sê maldito e sósinho na terra!
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste!
— Tu, cobarde, meu filho não és!

Um aspecto da vasta obra literaria deixada por Gonçalves Dias deve particularmente prender a attenção : a sua *fórma*. Já não falo da metrica, — tão criminosamente adulterada nas edições actuaes. Falo da lingua admiravel, de que elle se serviu, a um tempo suave e nobre, e até no mais languoroso dos seus quebros guardando uma severa correcção.

E' commum ver coberto de remoques o escriptor, que, no seu exagerado amor da lingua que pratica, não quer vel-a alfaiada de ornatos improprios, nem rebaixada de sua antiga e sobria dignidade. Dizer — um grammatico — é dizer — um emperrado, um retrogrado, um caturra. Mas, não raro, esse desprezo do apuro grammatical esconde uma ignorancia que se não quer confessar. Certo, uma lingua não póde ficar mu-

mificada e inanime, dentro de faixas seculares e immutaveis. Os organismos vivos arfam e vibram numa perpetua renovação. O fluxo e o refluxo da vida não param. Mas as regras vitales permanecem as mesmas, na sua eterna e mysteriosa essencia.

Uma lingua, como a nossa, é uma arvore forte, chegada ao completo desenvolvimento, uma arvore de fundas raizes, e de bastas ramagens optimas.

As folhas, as flores, os frutos de hoje não são de certo as folhas, as flores, os frutos de hontem. Nesse esplendido corpo, deslumbrante de força e saude, tudo se renova constantemente : até os ninhos, que lhe povoam a copa gloriosa, mudam constantemente de aspecto e de habitantes; emplumam-se os passaros, cantam, amam, deliram e morrem; outros veem depois d'elles, fadados ao canto, ao amor, ao delirio e á morte; os ninhos, esses pequeninos lares suspensos entre aromas, envelhecem, apodrecem e morrem tambem; e outros casaes, igualmente tomados do aneio amoroso, vêm renovar nos galhos verdes da arvore maternal os frescos gyneceus de folhas seccas e plumas. Mas, nessa perenne transformação, a arvore é a mesma : a sua vida, a sua constituição íntima, o funcionamento de seus órgãos não se alteraram.

Enriquecer a lingua natal, abastecer-a cada

vez mais de recursos e de thesouros, é desvelo e carinho de filho grato; mas golpeal-a, torar-lhe as raizes, enfraquecel-a, roubando-lhe pelas feridas do cortex a seiva que a alimenta, é crueldade de perverso ou de louco. Não se dirá que seja enriquecer uma lingua o deturpal-a, o desconjuntal-a, o transformatal-a na algaravia grosseira que corre as ruas.

Não encontrareis no poeta excellentes de *Palinodia* e de *Marabá*, no auctor de *Beatriz*, de *Leonor de Mendonça* e de *Boabdil* esse desmazelo e desrespeito. Em suas mãos, a lingua portugueza, ganhando um risonho brilho novo, nada perdeu da antiga solidez e da antiga majestade. A velha mãi sagrada remoeu aos beijos do filho mais moço.

Entre as recordações da minha primeira mocidade, d'aquellas que se referem ás minhas primeiras impressões affectivas, uma avulta, mais claramente desenhada do que todas as outras. Uma mulher, um dia entrevista, de subito, no meio da multidão, — uma desconhecida, fadaça a nunca mais passar ao alcance de meus olhos, ficou para sempre lembrada e viva na minha vaga saudade. Era moça e airosa, com um leve andar de ave do céu na terra, em plena florescencia dos annos e das graças. Mas o que me captivou foi a sua maravilhosa e perturbadora cabeça, de uma esplendida mocidade, coroada de cabellos comple-

tamente brancos. Uma molestia qualquer, ou um mysterioso capricho da Natureza, envelhecêra a coma farta d'aquella Juno humana. Dir-se-ia aquillo uma garridice nova da deusa, um artificio petulante do seu donaire. Os cabellos, porém, tinham essa alvura vagamente prateada das cans, que nenhum artificio pôde imitar : e assim toucada de neve, com aquelle pallido clarão de velhice sobre a juventude offuscante dos olhos negros, a minha desconhecida sorriu e passou, num instante fugaz de minha existencia, posta por um acaso em meu caminho, e por outro acaso abysmada na morte, que tanto vale dizer no torvelim da vida...

Permitti, senhores, a extravagancia da comparação. Muita cousa deve ser tolerada e desculpada a poetas, tão teimosamente dados ao vêzo de corporificar idéas. A Musa do nosso grande lyrico é como aquella doce visão da minha inquieta puberdade.

Vêde-a, moça, bolicosa, ardente, cheia de uma seiva forte, inspirada em aspectos novos da Natureza, transpirando encantos e aromas de floresta virgem, — de uma vivacidade tão estranha, que espantava e deliciava, na Europa, o severo Alexandre Herculano... Mas, reparaes : uma ancianidade veneravel, — a da lingua em que essa musa se exprime, tempêra o ardor da sua adolescencia, corrige os desvairamentos da

sua imaginação, retém os surtos do seu sonho. E ella passa, como passava a minha Juno de cabellos brancos, com o seu leve andar de garça, e a harmonia indizível da sua juvenildade, mas encimada da velha aurcola do dizer antigo, do lindo e sagrado resplendor da forma classica...

Foi esse amor dos classicos que reconciliou Gonçalves Dias com os vencedores da raça infeliz. A principio, doia-lhe ver o consorcio da terra apenas pubere com o senhor já velho :

Velho tutor, e avaro, cobiçou-te,
Desvalida pupilla, a herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par belleza!
Cedeste, fraca; e entrelastaste os annos
Da mocidade em flor ás cans e á vida
Do velho...

Mas bem cedo um doce consolo entrou a alma do romantico. O poeta, que, como um contemplativo extremado, não queria ver o lado pratico da conquista, a utilidade d'essas sanguieras, que haviam de fecundar o solo da America para o desabrochar de patrias novas, — soube logo ver e prezar o valor do patrimonio que os invasores lhe haviam deixado : a lingua, a mais bella e ductil de todas as linguas da terra. Com que apaixonado carinho, com que solicitude de filho meigo, entrou elle a estudar esse inegualavel idioma! Não o estudou pela rama, colhendo

apenas as flores novas e os lindos frutos que a
sazão amadurecera : foi ás mais profundas raízes
da arvore amada, estudou-lhes as fontes da seiva e
da vida.

Para que em suas mãos de ourives o ouro da
lingua portugueza pudesse afeiçoar-se nas joias
que Gonçalves Dias nos deixou, foi preeiso que
elle apprehendesse e praticasse, como artista
consciencioso, todos os segredos da primitiva
factura. O poeta resuscitou o velho portuguez dos
soláus e das lôas; cantou nas *Sextilhas de Frei
Antão*, como os antigos poetas,

... o tempo d'outr'ora,
quando o reyno era christão,
quando nas guerras de moiros
era o Rey nosso pendão,
quando as donas consumiam
seus teres em devação;

e veio de Gil Vicente e Sá Miranda a Hereulano
e Garrett, acompanhando, de passo em passo, com
uma euriiosidade amorosa, o progredir da lingua
de que almejava ser escravo e senhor. Assim, o
noivo apaixonado, ao beijar pela primeira vez a
boeca da noiva, queria eonhecer toda a vida
passada d'essa flor humana que lhe caiu nos
braços, — o seu primeiro vagir no berço, os seus
primeiros folguedos de criança, o seu primeiro
pejo de « menina e moça », o primeiro luzir da

sua intelligencia e o primeiro palpitar da sua carne, — para que ella pudesse ter sido sempre sua, inteiramente sua, em todas as phases da existencia, como o é agora, na phase radiante do amor e da ventura...

E notemos que d'ahi tem vindo a maior censura feita a Gonçalves Dias, — tão certo é que, aos olhos da tolice humana, as mais bellas qualidades podem apparecer como deploraveis defeitos. Estranha-se que os guerreiros, os pagés, as moças selvagens dos seus poemas falem como personagens de côrte e solar. Como haveriam elles de falar? em tupi? — e como os comprehenderiam então aquelles que, nesta época de desmazelo de linguagem, nem ao menos se sabem servir, com um pouco de correcção e de decencia, da lingua que é sua? E que importa a falsidade d'aquillo? Só não é falso na vida o que a afeia e deshonra. Este mesmo poeta fez o elogio do Sonho, que com a sua falsidade encanta e perfuma a existencia :

O sonho e a vida são dous galhos gêmeos ;
São dous irmãos que um laço amigo aperta...

A Arte é a eterna mentira, eternamente bella. Querer dissecal-a, pôr a nú a sua inanidade, despojal-a dos seus recursos de consoladora illusão, é fazer o que fez aquelle *poleá* curioso, sonhado

pelo meu mestre Machado de Assis, — tão imprudente, que, buscando conhecer o segredo da sua *Mosca Azul*,

dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,
rota, baça, nojenta, vil,
succumbiu; e, com isto, esvaiu-se-lhe aquella
visão fantastica e subtil.

Agora, senhores, detenhamo-nos alguns minutos no mais delicioso recanto do exuberante temperamento do poeta. Cada existencia humana é como um trecho accidentado do planeta. Nem tudo é clara planície achanada que o sol por igual alumia e beija, nem alto monte orgulhoso, apunhalando o céu e gozando as primeiras caricias da luz. Ha em cada vida de homem sombrios desvãos, humidas e reconditas grotas cheias de perfume e mysterio. Ahi moram os pensamentos que, por melindrosos demais, não se querem ver ao sol, as impressões que se não descrevem, e os nomes que, no dizer de Sainte-Beuve, « *il faut bénir et taire...* » O mais expansivo e tagarella dos homens, o que mais facilmente se desfaz em confidencias e confissões, ainda esse, quando morre, leva comsigo, para dentro da sepultura, todo um vasto mundo de segredos. Foi d'esses ensombrados recessos da vida de Gonçalves Dias que manou a fonte encantada dos

seus melhores versos, — dos seus versos de amor.

O amor governou essa existencia de trabalho e de luta, como governa quasi todas as existencias. Já um padre da Igreja, com toda a sua severa compostura, declarou que tinha pena do Diabo, « só porque o triste era incapaz de amar ». O exegeta catholico só se queria referir naturalmente ao amor de Deus : mas o Amor é um só...

Quantos amores houve na vida do nosso querido poeta? Não foram tantos quantas as estrellas do céu e as areias do mar; mas foram bastantes para que sempre a sua alma andasse em « pedaços repartida » pelo mundo, em sustos, em anceios, em esperanças, em ciumes. Houve primeiro os infalliveis amores de estudante, em Coimbra, — ensaios de um coração que se preparava para querer e soffrer; depois, um amor mais sério, em Lisboa, um delirio que quasi cortou a carreira do poeta; depois, outra vez em Coimbra, um novo amor violento,

um ardente anhelar, cauterio vivo
posto no coração a remordel-o...

mais tarde uma ligação em Formozêlha e outra no Gerez; e, d'ahí por diante, um torvelim de paixões e um remoinho de torturas. Não zombeis d'isso... Toda essa multidão de anceios e de incli-

nações passou sobre o coração do poeta, como uma tempestade, castigando-o, devastando-o, envelhecendo-o. Corações como esse são os que mais soffrem, porque são os que mais procuram o soffrimento. Foi o proprio Gonçalves Dias quem com mais encanto disse, em uma linda allegoria, o que é esse correr para a ruina, esse desejo de morrer mil mortes por amor do Amor. Escutae-o :

Debruçada nas aguas de um regato,
A flor dizia em vão
A' corrente em que bella se mirava :
« Ai! não me deixes, não!

Commigo fica, ou leva-me contigo
Dos mares á amplidão ;
Limpida ou turva, eu te amarei constante...
Mas não me deixes, não!

E a corrente passava; novas aguas
Após as outras vão :
E a flor sempre a dizer, curva na fonte :
« Ai! não me deixes, não!

E das aguas, que fogem incessantes,
A' eterna successão,
Dizia sempre a flor, e sempre embalde :
Ai! não me deixes, não!

Por fim, desfallecida, e a côr murchada,
Quasi a lamber o chão,

Buscava ainda a corrente, por dizer-lhe
Que a não deixasse, não...

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-o do seu torrão;
E, a afundar-se, dizia a pobresinha :
Não me deixaste, não... »

Que uma alma commum assim se consuma em desesperos voluntarios, pouco ha nisso que mereça attenção : mas quando a alma imprudente é a alma de um grande poeta, é preciso abençoar essa imprudencia, esse lento suicidio de que fluem, para gozo de outras almas, torrentes de versos impereciveis.

Entre tantas paixões, uma houve, mais profunda e mais duradoura do que as outras, e por isso mesmo mais fecunda em inspirações. Foi mais duradoura, porque não foi contentada. As outras, depois de um incendio terrivel mas fugaz, iam passando e morrendo, como aquella que inspirou a imprecação desvairada da *Palinodia*, logo seguida da *Retractação*. Mas a incontentada, — a mysteriosa paixão de que nasceram as formosas oitavas de *Ainda uma vez adeus*, — essa ardeu e lavrou longo tempo, como chamma sopitada. Fôra possivel a união... mas o orgulho (ou outra qualquer causa) separára os dois que se queriam... E eis um dia o desgraçado de volta ao

berço do antigo sonho, revendo aquella que já
não podia ser sua :

Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar do quanto soffri.
Muito penei! Crúas ancias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

Vivi; pois Deus me guardava
Para este logar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez,
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés...

Mas que tens? Não me conheces?
De mim affastas teu rosto?
Pois tanto poude o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a afflicção quanto póde,
Sei quanto ella desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

E's de outro agora, e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quasi descrendo dos céus!
Doe-te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão d'este desgosto
Será um crime ante Deus!

Doe-te de mim, que te imploro
Perdão, a teus pés curvado :
Perdão de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dor que me rala o peito,
E, se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Nada mais agradável me fôra do que resuscitar aqui toda a harmonia dos innumeraveis e deliciosos versos lyricos de Gonçalves Dias. Um genio amigo, aquelle que se compadece da miseria da vida humana, redourando-a, perfumando-a, — Ariel, o Sonho alado, o Ideal impalpavel, — susteria o curso das horas, e ficaríamos aqui, como num mundo melhor do que o nosso, suspensos num vago enleio encantado. Mas urge pôr termo ao pallido estudo que do suave poeta tentei fazer, neste recinto, cheio de corações em que o seu

grande nome se fixou e perdura. Os ultimos versos da introdução d'*Os Tymbiras* exprimem bem, na sua belleza, o que foi o genio d'este arrebatado cantor de heroismos e de ternuras :

Nem só me escutareis fereza e mortes :
As lagrimas do orvalho por ventura,
Da minha lyra distendendo as cordas,
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as :
Talvez o lenhador quando acommete
O tronco de alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puro mel, que abelhas fabricaram :
Talvez tambem nas folhas que engrinaldo,
A acacia branca o seu candor derrame
E a flor do sassafráz se estelle amiga...

Toda a grandeza da terra natal, toda a forte epopéa da conquista e da destruição da raça selvagem, todos os extremos da ternura, — tudo coube de facto nos versos do poeta, cuja gloria celebramos hoje. Elle explorou profundamente, como poucos, todos os veios da profunda mina do coração humano. E todo esse trabalho coube numa forma simples e correcta, num sobrio e limpido estylo.

Tal foi Gonçalves Dias. Que fez elle? amou e fez versos. Se me perguntardes agora se o trabalho de quem ama e faz versos é util, eu vos direi apenas que entre a missão de Ariel e a de Caliban, a mais util, para o commum dos homens,

é a mais feia, que é a do ultimo. Caliban cava a terra, e nella semeia os alimentos e as intrigas. Ariel corre os céos, e dá-nos as suas estrellas mudadas em sonhos e mentiras. O commum dos homens prefere Caliban. Eu prefiro Ariel, e fio que estareis commigo.



**A TRISTEZA
DOS POETAS BRAZILEIROS**

A Tristeza dos Poetas Brasileiros

*(No Instituto Nacional de Musica
do Rio de Janeiro)*

Não supponho que vos haja causado estranheza o enunciado do thema d'esta conferencia. Ha muito tempo se diz e escreve que são tristes todos os nossos poetas, que é triste toda a nossa poesia : a ponto que os criticos, quando estudam a nossa literatura poetica, nunca deixam de armar-se, não só de um conta-syllabas, mas tambem de um conta-lagrimas... O thema é interessante : convém saber se é justa essa reputação de que gozam os nossos poetas, e se essa tristeza é um attributo nosso, exclusivamente nosso, — como os nossos sabiás e os nossos coqueiros, o nosso café e o nosso Corcovado.

Sim ! os poetas brasileiros são tristes. E essa

tristeza começa logo a apparecer na poesia popular. E na musica tambem. Os nossos *tangos*, os nossos *jongos*, as nossas *modinhas* são uma perturbadora mistura de sensualidade e de melancolia, de volupia e de tristeza, — mistura que é menos extravagante do que parece, porque já os velhos gregos diziam, com a sua subtil comprehensão das cousas da vida, que a Volupia é irmã gemea da Morte. Das nossas trovas populares, d'essas quadrinhas ingenuas e tantas vezes admiraveis, que por ahi correm de bocca em bocca formando uma vasta rhapsodia, — rarissimas são as que não revelam uma profunda tristeza e um amargo pessimismo. Lembrae-vos as *modinhas* que ouvistes lá fóra, na paz e na vida simples da róça, quando não vivieis respirando e comendo a poeira atroz da cidade, e recordae aquellas que ainda aqui ouvis, muita vez, alta noite, quando acordaes de subito á toada plangente dos violões com que os trovadores noctivagos despertam ao luar os échos das esquinas : — difficilmente reconstituireis, na memoria, uma só « quadrinha », que não seja melancolica. Uma poesia popular que inventou estes versos :

Alma no corpo não tenho,
Minha existencia é fingida;
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida...

ou estes :

Ha uma especie de plantas
Que vingam sem ter raizes :
Assim são certos sorrisos
Nos labios dos infelizes...

é uma poesia innegavelmente triste. Quanto á poesia culta ou erudita, quero d'aqui a pouco lembrar-vos alguns versos de poetas nossos; — c nesses versos vereis quantas vezes se retrata aquelle sombrio desalento, que Gonçalves Dias exprimiu numa estrophe celebre :

Nascer, lutar, soffrer... eis toda a vida!
De esperança e de amor um raio breve
Se mistura e confunde
A's cruas dores de um viver cansado,
Como raio fugaz, que luz nas trévas
Para as tornar mais feias...

Sim! os poetas brasileiros são tristes. Mas será essa tristeza um privilegio dos nossos poetas?

Tal preconceito deve ser destruido. E possa eu, nos breves minutos que vae durar esta palestra, contribuir para libertar a poesia brasileira d'essa triste fama de se ter organizado em syndicato monopolizador de melancolias, formando o *trust* de todas as lagrimas do universo, e imitando

nisso o desembaraço com que a *Rio Ligth* acaba de açambarcar todas as companhias de bondes do Rio de Janeiro...

*
* *

Porque são tristes os poetas brasileiros? será porque sejam tristes todos os homens nascidos no Brazil?

Antes de tudo, que é a tristeza? Quando passageira, é um estado normal. Quando continua e invencível, é uma enfermidade. Um homem equilibrado e forte, dotado de saúde physica e moral, na plena pujança da vida, não pôde ser constantemente e inalteravelmente triste, como não pôde ser constantemente e inalteravelmente alegre. A velha lenda de Democrito, que sempre ria, e de Heraclito, que sempre chorava, é puramente symbolica. Todos temos, na vida, momentos para rir, e momentos para chorar. Um homem incapaz de ser triste, incapaz de se condoer do espectaculo da miseria ou da desventura alheia, é um monstro; por outro lado, o homem incapaz de rir é um doente. O misanthropo é um neurasthenico, um possuido d'essa nevrose, que é velha como a humanidade, e da qual só o nome é que é moderno. Dae-me um macambuzio, um homem fundamentalmente e pavorosamente triste : um pouco de massagem muscu-

lar, um pouco de exercicio, algumas distrações, alguns banhos electricos, um pouco de peptonato de ferro, ou ainda algumas transfusões sub-cutaneas de um sôro artificial pôdem facilmente dar cabo da tristeza d'esse homem...

Mas seremos nós uma população de doentes, — vinte milhões de neurasthenicos? Porque o seriamos?

Se admittirmos sem hesitações a « theoria do meio », reconheceremos que não ha no Brazil um só motivo para que cada brasileiro seja um cípreste humano, sempre debruçado sobre a cova em que jaz sepultada a sua alegria. Com este céu? com esta luz? com esta vegetação? com este perpetuo sorriso aberto em tudo?!

Stendhal, que, muito antes de Taine, traçou as linhas geraes da « theoria do meio », escreveu que, em Londres, ha dias em que a gente se enforca sem motivo sério, — unicamente por influencia do nevoeiro... Ora, no Brazil, francamente, só vejo influencias que nos possam levar, não ao suicidio, mas a cantoria e á dança...

Não tomemos muito a serio essa theoria da influencia do meio. No norte da Europa, — em Londres, onde « *il y a des jours où l'on se pend* », em toda a Inglaterra, na Suecia, na Noruega, na Dinamarca, onde o sol raras vezes sorri, ha alegrias ao lado de tristezas; e, nas duas encantadoras peninsulas que terminam ao

sul o continente europeu, no claro Portugal, na callida Hespanha, na ridente Italia, ha tristezas ao lado de alegrias. Em qualquer ponto do globo, todo o homem normal tem dias para ser triste e dias para ser alegre, assim como a Natureza tem mezes para o inverno e mezes para o estio, e assim como o Tempo tem horas para a noite e horas para o dia.

Para estudar e comprehender a tristeza de um poeta, de um grupo de poetas, de uma literatura, é preciso, antes do mais, comprehender que um poeta alegre póde ser um homem pouco dado á alegria, e que um homem jovial póde ser um poeta triste. Entre o homem e o escriptor, — ou, melhor : entre o homem-machina, que come, digere e dorme, e o homem-pensamento, que imagina, concebe e executa, — ha muitas vezes, ha quasi sempre um largo abysmo.

Umà raça exhuberantemente alegre póde ter, e sempre tem, poetas tristes. A especie mais commun da poesia melancolica é a *elegia*. Pois bem : a *elegia* é de origem oriental, é asiatica, é filha dos paizes nos quaes o sol é mais claro, o céu mais azul, a vida mais suave, e mais imperiosa a necessidade de amar e de gozar... A literatura persa e a literatura da velha India estão cheias de *elegias*. Na Biblia, são verdadeiras e admiraveis *elegias* as queixas de Job, as lamentações dos prophetas, os hymnos de David. Na Grecia,

(onde não nasceu o genero elegiaco, mas onde foi creada a palavra *elegia*, e onde esse vocabulo apenas significava uma composição metrica, sobre qualquer assumpto, em que os pentametros alternavam com os hexametros) houve mais tarde muitas *elegias*, no rigoroso sentido que damos hoje á palavra. Assim, tambem o povo grego, simples, alegre, sóbrio, amigo do prazer, do vinho, da dança e da musica, — aquelle povo, que, para ser feliz, se contentava com a contemplação do céu azul, e com a frugalidade de um jantar cujo *menu* se reduzia a um punhado de azeitonas e a um pouco de agua fresca, — aquelle povo tambem teve poetas tristissimos.

Afim de bem explicar o que é essa separação do homem e do poeta, e para que se veja como um homem alegre póde ser um poeta melancolico, — é bom lembrar, em poucas palavras, o mecanismo da « criação poetica ».

Para que uma idéa, ou um sentimento, se transforme numa phrase literaria, é preciso que haja : 1º cmoção; 2º incubação; 3º expressão.

A cmoção, todos os homens a pódem ter, — todos, com excepção dos cretinos : não ha homem normal, que não seja capaz de sentir e comprehender a belleza de uma paisagem, a belleza de uma mulher, a belleza de um acto moral. A expressão é que é faculdade de poucos : todos pódem *sentir*, nem todos saberão *expressir*.

Mas, entre o periodo da emoção e o da expressão, ha sempre um periodo intermediario, mais ou menos longo, durante o qual a emoção adquire vigor, energia, intensidade; é o periodo da incubação, — phase indispensavel para a criação poetica, porque uma emoção inicial, que não ganha bastante intensidade para poder ser expressa, é uma emoção perdida para a arte. Isso quer dizer que a boa, a legitima « criação poetica » nunca é instantanea : é sempre separada, por uma phase mais ou menos dilatada, do abalo moral que a produziu.

Falar-me-eis, porventura, dos poetas repentistas, — d'esses fabricantes de versos por atacado e a vapor, — que recebem um *mote*, batem palmas, pigarreiam, e immediatamente devolvem glosado o *mote* recebido... A objecção é engenhosa, mas fraca. Em primeiro lugar, o « improviso poetico » merece talvez, apenas, ser classificado no gavetão literario, em que Anatole France arrumou os romances de G. Ohnet, — *hors la litterature*. O trabalho dos « repentistas » é, quasi sempre, puramente meccanico, e consiste no alinhamento mais ou menos gracioso de palavras e phrases rimadas, em que raras vezes se descobre um sentimento poetico. Mas ainda sem querer negar o verdadeiro talento e o verdadeiro sentimento de alguns poucos, bem poucos, repentistas, — é preciso notar que o que

nelles é instantaneo é apenas o dom da expressão : quando improvisam versos, elles estão exprimindo emoções, que ás vezes sem consciencia já traziam ha longo tempo incubadas.

Todos conheceis o famoso *Cantico do Calvario*, uma das paginas mais commovedoras da poesia brasileira :

Eras na vida a pomba predilecta,
Que sobre um mar de angustias conduziás
O ramo da esperança. — Eras a estrella
Que entre as neves do inverno scintillava,
Apontando o caminho ao peregrino.
Eras a mésse de dourado estio,
Eras o idillio de um amor sublime,
Eras a gloria, a inspiração, a patria,
O porvir de teu pai! — Ah! entretanto,
Pomba, varou-te a flecha do destino!
Astro, enguliu-te o temporal do norte!
Tecto, caíste! Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extincta,
Dubios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei, mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golconda,
Fulgurar na corôa de martyrios
Que me circumda a fronte scismadora!
São mortos para mim da noite os fachos;
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,

E á vossa luz caminharei nos ermos!
Estrellas do soffrer, gottas de magua,
Brando orvalho do céo, sêde bemditas!
Oh! filho de minh'alma! ultima rosa
Que neste solo ingrata vicejava,
Minha esperança amargamente doce!

Ouço o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murcham-se contigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de phrases pueris, estultas,
O linho mortuario que retalham
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas
Saudades e perpetuas, sinto o aroma
Do incenso das igrejas, ouço os cantos
Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra! E choro embalde.
Mas não! Tu dormes no infinito seio
Do Creador dos seres! Tu me falas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flebil!
Tu me contemplas lá do céo, quem sabe,
No vulto solitario de uma estrella,
E são teus raios que meu estro aquecem!
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!
Brilha e fulgura no azulado manto,
Mas não te arrojes, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do occidente!
Brilha e fulgura! Quando a morte fria
Sobremim sacudir o pó das azas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma!

Sobre este lindo poema, de que apenas vos cito alguns versos, ha uma lenda, muito acreditada no Rio de Janeiro e em todo o Brazil. Diz-se que Fagundes Varella *improvisou* os versos commovidos do *Cantico do Calvario*, de um jacto, dominado pela dor que lhe pungia o coração, e ao lado do pequeno ataúde em que jazia o filhinho morto... E' falso e não poderia deixar de ser falso! O homem, que, numa tal crise moral, tendo perdido um filho adorado, espectacularmente explorasse d'esse modo a sua grande magua, ao lado do cadaver da criança, — seria um monstro. E Fagundes Varella não era um monstro.

No momento em que um grande infortunio nos fere, temos apenas alma para soffrer e chorar. Depois, sim! depois é que o soffrimento pode cristalizar-se em versos.

Quando, depois da incubação indispensavel, o poeta começa a exprimir a emoção que o impressionou, — já não é o homem quem alli está; é o pensador, é o artista.

Imaginae este caso, que não é fantasiado por mim :

Um poeta estudante, bohemio, em fim de mez, no pobre quarto da *republica* em que móra... Para illudir o estomago, que pede um almoço... impossível, esse poeta está escrevendo versos. Versos de amor, versos lyricos, versos tristes,

cheios de ais, cheios de suspiros, e cheios de tantas lagrimas, que, se ellas fossem reaes, o papel, o tinteiro, a mesa, o poeta ficariam nadando num vasto mar de pranto. De repente, batem á porta : é um carteiro. Uma carta registrada... E' a mezada! é dinheiro! O estudante dá um salto, beija o vale postal, beija o carteiro, e põe-se a rodopiar pelo quarto, numa valsa infernal. Vae sair, vae almoçar, vae forrar da miseria o estomago... Mas lembra-se do soneto inacabado : e, apesar de estar alegre como um dia de sol, acaba o soneto no mesmo tom, com os mesmos ais, os mesmos suspiros, as mesmas lagrimas. O homem está contente, porque tem dinheiro, e vae almoçar : mas o poeta continúa a ser triste, porque é poeta...

Tudo isso explica porque é que, frequentemente, um poeta, sendo um homem feliz, bem alimentado, bem alojado, bem vestido, trabalhando com conforto, vivendo sem amofinações, amado pela mulher a quem ama, — sabe apenas escrever versos tristes. E isso explica tambem como tantos rimadores dizem, redizem e juram que vão morrer de amor, de saudade e de desespero... e continuam a viver, ás vezes até a extrema velhice.

Quero lembrar-vos sómente o caso de Gonzaga, — do meigo *Dirceu*, d'esse nosso velho poeta, que foi o verdadeiro fundador da poesia lyrica brazy-

leira. Gonzaga, preso, já condemnado ao desterro, escrevia versos, com que enganava o tédio dos longos dias e das tristes noites do carcere, — versos á sua *Marília*. Ouvi esta *lyra* :

Ergastulo silente,
Onde não entra a aurora!
Pensas que a sombra tua
A vida me devora?
Não penses tal maldade!
Eu morro de saudade!

Se pensas que os teus ferros,
Horriveis e pesados,
Me teem os rijos ossos
Com dores traspassados,
— Não penses tal maldade...
Eu morro de saudade!

Se o halito, que deitas,
Tu julgas que me empesta,
Se pensas que a matar-me
Já pouco ou nada résta,
— Não penses tal maldade...
Eu morro de saudade!

Se a falta de alimento,
A trabalhosa lida,
Tu pensas que me tiram
As forças para a vida,
— Não penses tal maldade...
Eu morro de saudade!

Se pensas que essas Furias,
Alectos e Megéras,
Me podem dentro da alma
Tirar de amor as véras,
— Não penses tal maldade...
Eu morro de saudade!

Se pensas que da Sorte
O horrído governo,
Me leva a cada passo
Ao tenebroso Averno,
— Não penses tal maldade...
Eu morro de saudade! »

E esta outra :

Leu-se-me emfim a sentença,
Pela Desgraça firmada :
Adeus, Marília adorada!
Vil desterro vou soffrer...
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Mil penas estou sentindo,
Dentro da alma ; e, por negaça,
Me está dizendo a Desgraça
Que nunca mais te hei-de ver...
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares
Não me fere o sentimento ;
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder...
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vae quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que Amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? Irei morrer.

Da Desgraça a lei fatal,
Pode de ti separar-me,
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer!
Ausente de ti, Marilia,
Hei-de amar-te até morrer!

Gonzaga não morreu, minhas senhoras... Quero dizer : não morreu nessa epocha. Não morreu nessa epocha, -- e não amou Marilia até morrer. Foi desterrado, — e só falleceu quasi vinte annos depois de chegar á Africa, e muito tempo depois de haver casado, em Moçambique, com uma Senhora D. Juliana Masquerenhas, — com quem não sei se foi muito feliz e teve muitos filhos, como se diz nos contos de fadas... Não mofemos d'isso, minhas senhoras! Ninguem morre quando quer, nem quando deve morrer. A Morte tem caprichos : raras vezes responde, quando chamamos por ella, e quasi sempre apparece, quando menos é esperada, no meio de um prazer, ou de um sonho doce.

*
* *

Os poetas brasileiros são tristes, sim ! Mas não porque sejam homens tristes. São tristes porque são poetas. São tristes todos os homens que sabem sentir e pensar.

Compreenda-se bem que essa nobre tristeza, doloroso tributo pago por todos aquelles que sentem e pensam, por todos aquelles que encaram com curiosidade o mysterio da vida, não póde ser confundida com a lamuria ridicula dos versejadores de má morte, que são legião no Brazil. A tristeza, filha da agonia sem nome das almas que vivem a esbarrar contra a muralha do mysterio que as rodeia, é uma concentração, é uma rebellião, é um protesto das almas fortes contra a hostilidade e a ferocidade do incognoscivel ; — e isso não póde ser equiparado ao choramigar infantil e impertinente dos vates de aldeia, que se queixam da ingratiidão das suas namoradas, como se queixariam de uma dor de ouvido ou de uma dor de dente.

Compreenda-se ainda que tal tristeza não nasce apenas de magoas de amor : um poeta, quando chega aos cincoenta ou sessenta annos de idade, já não pode ser triste por causa da ingratiidão ou da frieza de uma namorada, — salvo se o excesso da idade e o abuso do sentimentalismo já lhe amollecera o cerebro...

*
* *

Todo o poeta tem na vida duas crises bem definidas e precisas : a do sentimento e a do pensamento.

A primeira é a da alvorada do amor, que, parece, deveria ser sempre de uma infinita alegria, e é sempre, entretanto, de uma infinita tristeza. Não é só no organismo physico que a chegada da révora, o aurorar da adolescencia, o rebentar primaveril da puberdade operam uma revolução : é também no organismo moral. O primeiro rebate do amor é sempre triste. Recordae-vos todos a singular angustia que vos apertou o peito, o mysterioso véo de lagrimas que vos toldou os olhos, no dia em que dentro de vós nasceu esse primeiro affecto, que, segundo o velho Moniz Barreto, é :

Ver... e do que se vê logo abraçado
Sentir o coração de um fogo ardente;
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai magoado;
Aquillo que não foi ainda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a cor mudar continuamente,
Ser feliz, e ser logo desgraçado..."

— e reconheceréis que a Natureza quiz fazer d'esse sentimento, do qual depende a perpetuação

da especie, uma como iniciação na dor e no desespero. Foi o que o grande Leopardi tão magnificamente indicou em alguns versos immortaes :

Fratelli, a un tempo stesso, Amore e Morte
Ingenneró la Sorte;
Quando novellamente
Nasce nel cor profondo
Un amoroso affetto,
Languido e stanco insiem con esso in petto
Un desiderio de morir si sente..."

Todos os moços, quando chegam á idade de amar e de poetar, associam a ideia do amor á ideia da morte. Ouvi uma das primeiras poesias de Alvares de Azevedo :

" Amoroso pallor meu rosto inunda,
Morbida languidez me banha os olhos,
Ardem sem somno as palpebras dorida,
Convulsivo tremor meu corpo vibra...
Quanto soffro por ti! Nas longas noites
Adoeço de amor e de desejos...
E nos meus sonhos desmaiando passa
A imagem voluptuosa da ventura :
Sinto na fronte petalas de flores,
Sinto-as nos labios, e de amor suspiro.
Mas flores e perfumes embriagam...
E, no fogo da febre, e em meu delirio,
Embebein na minh'alma enamorada
Delicioso veneno...
Estrella do Mystério! em tua fronte
Os ceos revela, e mostra-me na terra,

Como um anjo que dorme, a tua imagem,
E teus encantos, onde Amor estende
Nessa morena tez a cor da rosa...
Meu amor! minha vida! eu soffro tanto!
O fogo dos teus olhos me fascina,
O languor dos teus olhos me enlanguedece,
— Cada suspiro que te abala o seio
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!
Ah! vem, pallida virgem, se tens pena
De quem morre por ti, e morre amando...
Dá vida em teu alento á minha vida,
Une nos labios meus minh'alma á tua!
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo
Em tua alma infantil, na tua fronte
Beijar a luz de Deus, nos teus suspiros
Sentir as virações do paraíso...
E a teus pés, de joelhos, crer ainda
Que posso na tua alma ser ditoso,
— Beijar os teus cabellos soluçando,
E no teu seio ser feliz morrendo...

E não é sómente a ideia do amor que se associa á da morte : é a da gloria tambem. Ouvi Castro Alves :

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada,
Sobre as nevas te libras vaporoso...

Baixas do céo num vôo harmonioso...
Quem és tu, bella e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte, ó ser mysterioso!

Onde nos vimos nós? E's de outra esphera...
E's o ser que eu busquei do sul ao norte,
Por quem meu peito em sonhos desespera?

Quem és tu? quem és tu? E's minha sorte...
E's talvez o ideal que est'alma espera,
E's a gloria talvez... talvez a morte...

Mas chega, depois, a segunda idade, — aquella em que, acalmado o sangue, saciada a ancía de amar, o poeta já não tem motivo para viver associando a ideia do amor á da morte. Que acontece então? Ou o poeta deixa de ser poeta (o que é mais commum), e esquece a lyra, e aposenta a imaginação, e começa a criar e a educar os filhos, a receber os juroz das suas apolices, a maldizer os seus primeiros rheumatismos, e a descompor os seus inimigos politicos, — ou, então, — o que é mais raro, — o poeta continúa a ser poeta, — e os seus versos continuam a ser tristes. Essa tristeza, porém, já lhe não vem do *sentimento*, mas do *pensamento*. E' a segunda crise.

Observemos, de passagem, que os primeiros cabellos brancos nunca apparecem sem causar tristeza... D'elles dizia Bernardo Guimarães :

“ Triste de mim! São ellas que despontam,
As tristes, murchas cans...
Como neves esparsas sobre o monte,
Em pallidas manhãs.

São ellas, sim! que veem annunciar-me
Que a minha mocidade
O derradeiro adeus me está dizendo
Por toda a eternidade!

Mas os cabellos brancos, afinal, pouco importam, — sobretudo aos poetas gamenhos... que os pintam. A causa da tristeza, nessa segunda phase, vem do pensamento. A alma, impotente e anciosa diante dos problemas moraes que a rodeiam, detém-se, no caminho de Thebas, junto da esphinge terrível...

Ser poeta não é sómente amar, e cantar o amor : é tambem buscar interpretar os segredos da vida. E, se o amor incontentado entristece (e convém notar que todos os grandes amores são incontentados, porque, em amor, quanto mais se obtém, mais se pede), tambem entristece a curiosidade incontentada.

Assim, quando o poeta alarga o ambito da sua inspiração, e começa a preoccupar-se, já não com o seu amor unicamente, mas com o vasto soffrimento humano que o cerca, — a sua poesia é triste, porque é pessimista.

Quereis ver o pessimismo na poesia popular, quando nella se reflecte a consciencia dos males sem remedio que ha na vida? aqui o tendes :

As rosas é que são bellas...
São os espinhos que picam...

— Mas são as rosas que cáem :
São os espinhos que ficam!...

Mente quem diz nesta vida
Muitos males ter soffrido :
Só de um mal a gente soffre :
E' do mal de ter nascido...

E ouvi ainda esta quadrinha, que é mais expressiva :

Queria subir ao céo,
Ter com Deus um argumento,
Perguntar-lhe para que
Deu aos pobres sentimento!

Desgraçado! como se Deus não tivesse mais o que fazer, senão dar satisfações aos poetas pobres que teem sentimento!

Na poesia culta ou erudita, igualmente se reflecte esse amargo pessimismo. Pessimismo, que resulta da consciencia da fatalidade do mal, e do desespero que levanta a alma humana contra o desconhecido.

Ha um soneto de Raymundo Correia, que todos deveis conhecer, — *Fascinação*

Todo o teu ser contemplo agora; e é quando,
Para só contemplal-o, até prescindo
Do meu. E, emquanto o meu se vae sumindo,
Vae o teu aos meus olhos avultando.

Assim, quem vae o pincaro galgando
De uma alta serra, do horizonte infindo,
Nota que, á proporção que vae subindo,
Se vae em torno o circulo ampliando...

E, infimo, em face da amplidão tão grande,
Fôska a pupilla com pavor expande...
Abaixo, mares vê, selvas, cidades,

Montanhas... E, até onde o olhar attinge,
A' immensidade esplendida que o cinge
Vê ligarem-se mais immensidades...

Este lindo soneto é de um admiravel symbolismo. Nelle, parece que o poeta apenas se refere ás immensidades da natureza physica, aos mares que se ligam aos mares, ás montanhas que se sotopõem ás montanhas. Mas, quando consideramos o mundo moral, a *fascinação* é a mesma. A cada mysterio devassado, o homem vê surgirem novos mysterios : são immensidades que se unem a immensidades, — immensidades que a alma não domina nem comprehende. E é na poesia que se veem reflectir essa ancia de comprehender a vida e esse desespero por não a comprehender.

Por isso, os grandes, os verdadeiros poetas são pessimistas.

Por isso, Alberto de Oliveira diz que « a propria attracção universal é a dor » :

Bate contra uma pedra a agoa do mar... E ella,
A pedra : Agoa do mar, quem é que te encapella?

Quem é que, no brutal movimento sem fim,
Agoa iracunda e má, te impelle contra mim?

E a agoa do mar : Oceano immenso e procelloso,
Porque não me quedar um momento em repouso,
Porque me sacudir, porque me levantar
Num perpetuo vae-vem, negro e sombrio mar?

E o mar : Que quer de mim a tua luz, serena,
Meiga lua, que lá, d'essa amplidão, me acena,
E a alma, que em mim captiva existe, ao seu fulgor
Faz em extase erguer, como a um raio de amor? »

E a lua : O que me leva pelo espaço
E' o que a ti, negro mar, prende tambem,
E' o mesmo forte, indissoluvel laço,
Que os astros prende, e os encadeia além.

Pelo meio da noite, errante e nua,
Vês-me, e ignoras a lei que me governa...
Ah! monstro de agoas! a serena lua
Ama-te, amando a tua dor eterna!

Ama-te d'esse amor de que se anima
Todò o universo, mysterioso amor,
Amor que as dores todas aproxima :
Porque a lei da attração é a propria dor!...

E tambem por isso Machado de Assis affirma
que todo o universo se entedia e soffre :

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume :
— Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul como uma eterna vela ! »
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume :

« — Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna á gothica janella
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella!
Mas a lua, fitando o sol com azedume :

— Misera! tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resumê!
Mas o sol, inclinando a rútila capella :

— Pesa-me esta brilhante aureola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume? »

Os poetas brasileiros não teem o monopolio da tristeza poetica... São tristes porque são poetas, — e todos os poetas são tristes. Alguns, lamurientos e tolos, são os tocadores da « gaita sentimental »; outros, os verdadeiros poetas, nobremente e majestosamente tristes, de uma tristeza misturada de orgulho e revolta, desafiando a natureza hostil e a dor implacavel, são os senhores da grande e sagrada lyra de doze cordas, que Simonides e Thimotêo consagraram aos canticos heroicos affrontadores dos deuses e vingadores da miseria humana.

Todos os poetas são tristes...

Mas adivinho que ha na assistencia o desejo de interromper-me com uma interrogação : « E os poetas satyricos? e os humoristas?

Houve, no seculo XVIII, no Brazil, um grande poeta satyrico, um poeta que só escreveu versos

alegres. Versos alegres? -- versos rancorosos! versos satanicos! versos que tinham em cada syllaba uma gotta de veneno e em cada rima uma frécha de ponta accrada! Esse poeta foi Gregorio de Mattos, um demonio humano, que viveu em guerra aberta contra o céu e contra a terra, ferindo todos os ridiculos, criticando todos os costumes, invectivando todos os seus contemporaneos... Achaes que são alegres os versos de Gregorio de Mattos? Pensae bem, e reconhecereis que elles são mais tristes do que todos os versos gemedores de Casimiro de Abreu... São mais tristes, porque são uma explosão de revolta e de odio, porque são as lavas de uma erupção de descontentamento e de colera!

Não tomemos a serio a tristeza dos vates, que vivem a cantar as mãosinhas, os olhinhos, os pésinhos das suas namoradas, e pedem e chamam a morte, em altos brados, só porque essas ingratas lhes recusaram um olhar ou um beijo. Mas respeitemos e admiremos a nobre tristeza d'aquelles que são tristes porque veem o mundo, como elle realmente é, cheio de miserias e de torpezas, cheio de almas grosseiras que vencem e dominam, e de almas puras que ninguem comprehendendo nem ampara.

Os poetas são estuários, em que se veem confundir as torrentes de ideias e de sentimentos que agitam as idades ; são espelhos, em que se veem reflectir e concentrar os feixes de raios ardentes em que se abraza e consome o Ideal Humano. E, como o mundo será sempre triste, porque a vida será sempre um mysterio, — também os poetas serão sempre tristes, porque serão sempre os interpretes d'esta grande e dolorosa duvida humana, d'esta curiosidade insaciavel, d'esta desesperadora ignorancia do que somos e do que seremos...



O RISO

sobrancelhas, como quem enuncia uma clara, soberana e indiscutível verdade : « O riso é um conjuncto de phenomenos consistindo principalmente em movimentos de inspiração e de expiração quasi sempre ruidosos, e acompanhados de movimentos particulares dos musculos da face! » E, se, motejando involuntariamente d'esse tom dogmatico, esboçardes á flor dos labios um *sorriso*, o physiologista, completando a definição, continuará : « E o sorriso, que é a sub-fórma do riso, consiste em movimentos particulares dos musculos da face, especialmente dos orbiculares e dos triangulares dos labios, dos zygomaticos e dos masséteres, sem exacerbação sensível dos movimentos respiratorios! »

Oh! a mania de definir! Justamente a proposito do riso, querendo affirmar que, como dizia Rabelais, « *rire est le propre de l'homme* », um velho naturalista definia o homem « o animal que ri ». O que fazia o grande Bacon ponderar que tão completa, para não dizer tão tola e ridicula, como essa, seria qualquer d'estas definições : « o homem é um animal que usa sapatos » ou o « homem é um animal que se veste »...

O homem é um animal que ri? Mas todos os animaes sabem rir! — não riem, como o homem, precipitando os movimentos de inspiração e de expiração, e contraindo e dilatando os musculos da face, — mas riem como sabem e como

podem, ao seu modo : o cão ri com a cauda e com os olhos, a ave com a palpação das azas, o gato com as unhas e com o dorso, o macaco com todo o corpo. Que sabemos nós das aneddotas, que contam uns aos outros ou umas ás outras, entre frouxos de riso que não ouvimos e não podemos perceber, os elephantes dentro de suas florestas nataes, as borboletas quando revoam sobre as flores, as formigas no fundo das suas tócas?

Dispensemos a definição, meus senhores; ou, se, absolutamente, quereis uma definição, ide pedil-a, não aos physiologistas, mas... aos poetas; sobre essas questões, que entendem mais com o espirito do que com o corpo, os poetas, apesar da sua ignorancia apparente, possuem uma sciencia ingenita, revelada pelo sentimento, que nelles funciona melhor do que o raciocinio. Pedí essa definição aos poetas, e elles vos dirão que o riso, irmão gêmeo da lagrima, expressão da bondade e da maldade, vehiculo da piedade e do sarcasmo, da alegria innocente e da ironia perversa, é uma das duas faces da alma mysteriosa que anima todos os seres e todas as cousas. Todos os seres e todas as cousas, — porque nem sómente o homem e os outros animaes riem e choram... Ha riso ás vezes, como ás vezes ha lagrimas, nas arvores e nas aguas, nas pedras e nas nuvens. Todas as paixões humanas, e todas

as modalidades de expressão, que essas paixões revestem, terão as suas correspondentes em toda a natureza. O homem não é uma parcella de vida independente e autonoma. E' uma parte integrante da vida universal. Laços intimos, apertados, inextricaveis, ligam a nossa existencia á existencia de tudo quanto nos cerca. Porque não hão-de as arvores, as aguas, as nuvens, as pedras ter, como nós, alternativas de alegria e de tristeza? Ha riso nas madrugadas, como ha lagrimas na agonia dos dias, — porque cada crepusculo matutino é uma esperança, e cada crepusculo vespertino é uma saudade. As arvores riem quando se carregam de flores, como choram quando se despojam das folhas. Riem as aguas quando flúem ao sol, beijando as raizes das plantas, banhando a ponta da aza dos passaros, e choram quando tragadas pela terra, enlapingando-se nas furnas, escondendo-se no seio escuro da floresta... Assim, o riso é a vida, a força, a saúde, a expansão espiritual de todos os seres e de todas as cousas : a definição é de poeta, mas nem por isso é mais incompleta ou mais futil do que a dos physiologistas!

Affastada a difficuldade da definição, estudemos o riso humano, — e façamos o possivel para que a conferencia, dizendo com o assumpto, seja alegre. Não sei se ella será toda alegre... Shelley disse, em dois lindos versos, que « o nosso riso

mais franco traz sempre comsigo alguma tristeza »; João de Deus escreveu que « é de risos e lagrimas a vida »; e é facto de observação vulgar que, em certos repentes de riso exagerado, as lagrimas veem aos olhos de quem ri, — como se quizessem dizer : « Somos tuas irmans, ó riso ! e aqui estamos, para lembrar-te o nosso parentesco ! » Não quero, minhas senhoras, que alguma vez choreis, ouvindo-me hoje : mas nem sempre haveis de rir, porque, no correr d'esta conferencia, não poderei deixar de referir-me, ainda que apressadamente, a certas especies de riso que são amarguradamente tristes...

Assentemos desde já que se não pode estabelecer uma distincção bem marcada e nitida entre o *riso* e o *sorriso*. O sorriso, — que é a vossa arma predilecta e o vosso recurso habitual, minhas senhoras, — arma³e recurso de ataque e de defesa, de franqueza e de disfarce, de acquiescencia e de recusa, de amor e de desprezo, — é o esboço do riso, é um riso incompleto. O sorriso é a flor entreaberta, o riso é o fruto amadurecido. Um sorriso, — de sympathia ou de escarneo, — tende sempre a completar-se, a transformar-se num riso. Um accesso de alegria, por exemplo, começa sempre por um sorriso, que, á medida do crescer da alegria, se vae gradativamente accentuando e avultando, até abrir-se na girandola, da risada. O riso é a plenitude de

expressão : é um sorriso adulto, assim como o sorriso é um riso infante. E' verdade que ha sorrisos que nunca chegam a risos : mas tambem ha flores que nunca se transformam em frutos...

A unica distincção que se poderia talvez estabelecer entre o riso e o sorriso seria esta : o riso, franco, aberto, ruidoso, é selvagem, primitivo, natural; ao passo que o sorriso, discreto, comedido, fino, é civilizado e artificial. A criança ri francamente, porque é criança, porque ainda não sabe ser hypocrita. Nós, escravos das conveniencias — malditas conveniencias! — raras vezes ousamos rir. A mais estúpida de todas as estúpidas imposições do que se chama « a boa educação » consiste na quasi formal e completa prohibição da risada. Em todas as casas, e nas escolas, diz-se sempre ás crianças : « é feio rir diante de gente!... » Que barbaridade e que tolice! o que é feio, a meu ver, é não rir quando ha vontade de rir! Felizmente ellas não se submettem, em geral, a essa tyrannia : recebem ralhos e pancadas, veem-se privadas do recreio e da merenda, mas continuam a rir.

As crianças, ás quaes costumamos dar o nome de « crianças terriveis », não são excepções; todas as crianças que teem bom sangue, boa saúde, boa vida, são « crianças terriveis ».

Imagine-se esta scena : toda uma familia reunida, á espera de um visitante, que os da casa

não conhecem ainda, mas que é uma personagem ceremoniosa e influente, que é preciso seja bem recebida e bem tratada, porque pode dar um bom emprego ao chefe da família, ou arranjar um noivo rico para a filha mais velha. O chefe envergou a sua mais nova sobrecasaca, a senhora arvorou o seu mais bello vestido de seda, a moçoila passou toda a noite sem dormir, com a cabeça torturada pelos *papillotes*, com que frizou os lindos e complicados cachos que ostenta; e a pirralhada, bem lavada, bem penteada, ouviu uma admoestação minuciosa e longa : « meninos, vejam bem o que fazem ! não falem, não troquem beliscões, não se metam na conversa, não introduzam o dedo no nariz, — e, sobretudo, não riam ! » Não riam ! é a principal recommendação ! — porque, para certos paes, a criança, que ri diante de visitas, commete um crime mais grave do que o de quebrar toda a louça, ou o de rebentar com os pés a palhinha de todas as cadeiras ! Mas eis chega o visitante : é um timido, um acanhado ; entra, vae cumprimentar a dona da casa, atrapalha-se, tropeça no tapete, estende-se a fio comprido no chão. O pae, que precisa de emprego, a senhora, que ambiciona um genro, a menina, que reclama um noivo, teem vontade de rir, mas, em risco de estourar, conteem o riso... A pirralhada, não ! varre-se-lhe da cabeça a recordação dos conselhos e das ameaças ; os pequenos sabem que, d'alli a pouco,

quando o visitante se fôr embora, inaugurar-se-á para elles o regimen do chinello, do puxão de orelhas, do somno sem ceia; mas riem, riem á farta : -- é uma symphonia de risadas, é um fogo de artifício, de notas agudas e graves, correndo toda a escala do jubilo : porque conter o riso de uma creatura nessa idade é tão difficil como impedir que a seiva suba e desça pelo caule de uma planta forte...

O riso é necessario. A prova d'isso é que até nos adultos, subditos e servos das conveniencias, ha occasiões em que elle é irreprimivel. Ha quem tenha perdido uma fortuna, quem tenha comprometido todo o seu futuro, quem tenha arriscado a vida por causa de uma risada inconveniente : lá vem um momento em que a necessidade de rir, como uma lei imperiosa e fatal, rompe todos os diques, e, impetuosa, estronda em explosões escandalosas. Ha situações em que o homem ri... ou morre.

O riso faz bem. Não é preciso ser physiologista ou hygienista, para saber que elle é hygienico, porque, alterando e activando a respiração, altera e activa a circulação do sangue. Tambem é verdade que o riso pode fazer mal : quando exagerado, pode matar... E' a triste condição da sorte humana : todas as cousas boas, em geral, podem matar. Mas os maleficios do rir são raros e excep-

cionaes: os seus beneficios é que são constantes e regulares. Ha casos de molestias curadas e de accidentes remediados pelo riso, medico que todos teem em casa, e que não pede dinheiro aos doentes. Erasmo, o auctor do *Elogio da Loucura*, conta que certa vez, torturado por um abcesso maligno, começou a ler, para se consolar, as *Epistolæ obscurorum virorum*, escriptas no latim barbaro dos theologos escolasticos, e, em certo ponto da leitura, riu tanto da incongruencia do estylo, que o abcesso rebentou por si mesmo. E ha casos de pessoas engasgadas com uma espinha, em que as cócegas, provocando um frouxo de riso, são mais efficazes do que o emprego das sondas e das pinças esophagianas... Abençoado seja o riso, que até faz concorrência aos cirurgiões!

Já um pedagogista inglez, citado por Sully, lembrou a necessidade da creação de « Escolas de Riso », para as crianças. Parece uma fantasia de... inglez. Mas é uma ideia, e uma ideia em que não vejo extravagancia, porque revela o intuito de desenvolver nas crianças uma disposição natural que vae desaparecendo.

O riso é tão natural, que ninguem o ensina ás crianças. O recém-nascido começa a sorrir logo no primeiro mez de vida. Ha neste auditorio com certeza muitas mães: eu bem sinto a sua presença por uma especie de atmosphaera moral de sympathia e de carinho, que me está cercando,

desde que comecei a falar de crianças... Que essas mães lembrem a anciedade, a soffreguidão, o inquieto e delicioso sobresalto, com que, ajoelhadas junto do berço do filhinho recém-nascido, como junto de um altar, esperaram e espiaram nos seus labios pequeninos o alvorecer do primeiro riso. Não é ainda propriamente um riso, nem um sorriso : é um germen de sorriso... Dias depois, o movimento dos labios accentua-se. No quinto mez, já a criança saúda com um sorriso intelligente as physionomias que começam a ser-lhe familiares; no fim do primeiro anno, já esse sorriso, por assim dizer, *raciocina* : approva, reprova, concorda, contradiz, aceita, recusa; ao mesmo tempo, completa-se, transforma-se, em certos momentos, numa risada franca; e, d'ahi por diante, toda a infancia é um largo riso insubordinado, que zomba da estúpida imposição do « não riam ! » Na adolescencia, o sorriso e o riso são de amor e de triumpho : no sorriso do adolescente, ha supplicas, anceios, delirios; no seu riso, — riso da alegria de viver e da satisfação de amar, -- ha clangores de clarins, e gritos de victoria. Agora, eis ahi chega a virilidade, com as suas « conveniencias » e com a sua hypocrisia : já não ha risos nos labios d'essa creatura, ao desabrochar de cujo primeiro sorriso assistimos : ha sorrisos, sim, mas nem sempre de alegria ou de amor, antes de sarcasmo, de ironia,

de despeito... Chega, porém, a velhice; e, na velhice, reaparece o mesmo innocente riso da infancia. Ainda ha pouco tempo, visitando o Asilo da Velhice Desamparada, observei, com enternecida curiosidade, o constante sorrir dos pobres velhinhos e das velhinhas meigas, que se abrigam naquella casa de infinita misericordia. Aquecendo-se ao sol, como embalados num sonho doce, todos elles e todas ellas sorriam, com um sorriso de anjos... E' que com o mesmo divino sorriso, ingenuo e puro, saúda a vida a criança, e d'ella se despede o ancião.

O riso é natural. Os selvagens riem, e riem talvez melhor do que nós. Um viajante inglez, Bates, diz que « os indios do Brazil são fleugmaticos, apathicos e não sabem rir. » Provavelmente, esse inglez só estudou os nossos indios... da rua do Ouvidor. Ao contrario d'essa opinião de Bates, todos os viajantes affirmam que todos os selvagens riem, como as crianças, com uma exuberante facilidade. O primeiro europeu, que viu e tratou os nossos indios, foi Pero Vaz de Caminha, o chronista da expedição de Cabral; e eis o que se lê, na sua famosa carta dirigida a El-Rey Dom Manoel : « Passou-se então além do rio Diogo Diniz, almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou comsigo um gaiteiro nosso com sua gaita, e meteu-se com

elles a dançar, tomando-os pelas mãos, *e elles folgavam, e riam*, e andavam com elle mui bem ao som da gaita. Depois d'elles dançarem, fez Diogo alli, andando no chão, muitas voltas ligeiras e um salto real, do que elles se espantaram, *e riram e folgaram muito...* » Toda a carta de Caminha está cheia de referencias, como essa, ao riso dos selvagens do Brazil. Um viajante allemão, naturalista illustre, Carlos Den Steinen, que longamente visitou o Xingú, conta no livro « *Entre os selvagens do Brazil Central* » varios episodios da sua viagem. Um d'esses episodios é caracteristico. Den Steinen entrou certo dia numa cabana, que abrigava trez ou quatro familias. As mulheres trabalhavam, reunidas, preparando, em grandes pótes de barro, uma bebida fermentada : e « enquanto trabalhavam (diz o viajante) cochichavam e riam muito, trocando segredinhos e risadinhas em voz baixa, *tapando a bocca com a mão espalmada...* » Lendo esse trecho do naturalista allemão, não pude deixar de reconhecer quão pouco differem, na essencia, a vida selvagem e a vida civilizada... Esse quadro, nas suas linhas geraes, é igual aos que contemplamos de ordinario, não em pobres ócas do Xingú, mas nas salas, onde pompeia a vida civilizada, quando as senhoras, em grupo, tagarelam e riem, *com o leque aberto sobre a bocca...* Coitadas! as nossas barbaras avós da idade selva-

gem não usavam leque : contentavam-se com a mão espalmada.

Os selvagens sabem rir. E riem, principalmente, sabeis do que? riem do que o homem civilizado sabe fazer e que elles não comprehendem, e riem quando veem que o homem civilizado não sabe fazer o que elles fazem. Como vedes, continuamos a descobrir muitas semelhanças entre civilizados e selvagens... Também nós habitualmente rimos do que não comprehendemos, e rimos da ignorancia dos outros. Outra semelhança : um missionario inglez, Mac Donald, que viveu muito tempo entre os pretos barbaros e antropophagos da Africa, diz que tudo d'elles se póde obter, quando se lhes provoca o riso : « para esses homens rudes e brutos, uma boa pilheria vale mais do que dez argumentos... »; — nós não somos selvagens, e tambem assim nos deixamos levar pelo riso : e é por isso que os francezes dizem que sempre acaba tendo razão quem sabe *mettre les rieurs de son côté*.

Quereis estudar commigo, rapidamente, as causas do riso? Libertemo-nos, porém, quanto antes, do estudo de um certo riso que não é riso, de um riso que faz chorar...

Não me refiro ao riso fingido dos infelizes, esse riso forçado com que muitos desgraçados corajosamente disfarçam o seu « Mal Secreto »,

tão admiravelmente descripto pelo admiravel Raymundo Correia, num soneto que é sempre uma delicia recitar e ouvir :

Se a colera que espuma, a dor que mora
Na alma, e destroe toda illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora
Ver atravez da mascara da face,
— Quanta gente talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente talvez, que ri, consigo
Guarda um cruel, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente talvez, que ri, existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!...

Não! refiro-me ao riso morbido, absurdamente provocado pelo soffrimento physico ou moral, e por certas enfermidades, das mais tristes que affligem a especie humana. Todos vós sabeis quanto o riso hysterico apunhala e retalha, ás vezes, o coração de quem o ouve. Sabeis tambem que, muitas vezes, a dor subita, o espanto, a magoa fulminante fazem rir; haverá aqui quem já tenha assistido a esta scena inolvidavel : uma pessoa, ao receber a noticia da morte de um ente que-

rido, fica um instante calada, tonta, bestificada pela commoção, e de repente rompe a rir, — não porque haja enlouquecido, mas porque o inesperado da nova provocou uma explosão nervosa, que absurdamente rebentou em risadas em vez de rebentar em pranto... Ha pessoas (de certo um pouco desequilibradas, mas não sei bem se haverá neste mundo quem seja rigorosamente e perfeitamente equilibrado...) que não podem assistir a uma cerimonia severa ou triste, a uma missa, a uma sessão solemne, a um enterro, sem sentir uma terrivel e escandalosa vontade de rir. De rir porque? por escarneo, por irreverencia, por amor do escandalo? não! o riso, ahí, é um effeito extravagante e irreprimivel da commoção. Ha casos em que a mesma dor physica provoca o riso. O cirurgião francez Lange cita o caso de um homem, que soffria de ulcerações na lingua, e que, quando era medicado com a applicação de um caustico fortissimo, dava uma gargalhada, justamente no instante em que a dor da cauterização attingia o seu auge. E que dizer do riso dos tetanicos, do *hemispasmo* facial dos hystero-epilepticos, do *hyper-tonus buccal* dos hemiplegicos, — e d'esse outro riso, horriavelmente triste, dos loucos, dos cretinicos, dos idiotas?... Eu poderia dedicar alguns minutos, a tal assumpto : mas esses minutos, como incommodo moral e tristeza, valeriam seculos para quem me ouvisse...

Vejamos, de preferencia, as causas do riso normal, do riso sadio.

Ha, desde já, a considerar os agentes physicos do riso. Citemos apenas um : as cócegas. Haverá quem nunca « tenha sentido cócegas, » — como diz o povo? Duvido... Tão forte e irreprimivel é o riso provocado pelas cócegas, — que essa sensação, quando prolongada, pode matar, por suffocação. Na China, — paiz classico e tradicional dos supplicios e das torturas, (se pôdem merecer fé os viajantes, sobre os quaes sempre ha-de pesar a pecha de mentirosos, justificada pelas escandalosas patranhas de Fernão Mendes Pinto) ha algozes que excellen nessa especialidade de matar por meio de cócegas. Extranha e sinistra morte essa, provocada pelo excesso do riso !

Vamos, porém, aos agentes moraes, que são innumerados e variadissimos, — aos agentes que, se me permittis a expressão, nos fazem cócegas... na alma.

A *imitação*. Nada é mais contagioso do que o riso. Todos nós rimos, muitas vezes, sem saber porque rimos, unicamente porque vemos rir. Ainda ha poucos dias, pude observar em mim esse singular e irresistivel influxo do instincto da imitação. Saíra de casa, nem alegre nem triste, sem pensamentos que me pudessem alegrar, e sem recordações que me pudessem en-

tristecer, num estado moral de quasi completa indifferença. No bonde, que me transportava á cidade, entraram dois sujeitos que conversavam animadamente, com hilaridade esfusiante, numa lingua, que me pareceu russa ou polaca. Eu, naturalmente, não percebia uma só palavra do que diziam os meus visinhos. Mas devia ser cousa de incomparavel chiste, de suprema graça, — porque ambos riam exuberantemente, violentamente, escandalosamente. Eu, sem saber porque, comecei a rir sósinho... Uma senhora, madura e anafada, que vinha em outro banco, olhou-me a principio com espanto, e d'ahi a trez segundos desatou tambem a rir. E, d'ahi a pouco, riam todos os passageiros do bonde, ria o cocheiro, ria o recebedor. Só não riam os burros! — porque, decididamente, parece que, em toda a creação, o burro é a unica creatura que é incapaz de rir...

A novidade. E' um dos principaes agentes do riso. O que é novo, estranho, sorprehendente, quasi sempre faz rir. E, quando a *novidade* se allia á *extravagancia*, o riso é inevitavel. Muitas vezes, é bom notar, o riso, nesses casos, só apparece depois do medo : a surpresa manifesta-se primeiro pelo susto, depois pela hilaridade. O selvagem ri do vestuario, da côr, das maneiras e da linguagem do homem civilizado ; mas ri depois de se ter familiarizado com esses aspectos do in-

dividuo a quem pela primeira vez observa : o seu primeiro movimento é de medo ou de hostilidade. E' o que se dá tambem com a criança, que encontra pela primeira vez um mascarado : antes de perceber o que ha de comico, de risivel, na expressão da mascara, a criança recúa, tremendo e chorando, ante essa novidade que choca o seu espirito. Ha casos, porém, em que a novidade e a extravagancia provocam incontinenti o riso. A's vezes, quando, pela rua do Ouvidor, passam grupos d'esses angulosos inglezes e d'essas esgalgadas inglezas, que, ostentando roupas de xadrez, capacetes de lona, solidos pés immensos, e immensas dentuças, desembarcam dos paquetes em transito para visitar a cidade, — os garotos formam cauda em póz dos advenas, rindo á farta; quasi sempre, a gente séria protesta contra essa jovialidade dos « moleques », por considerar que tal irreverencia depõe contra a nossa civilização ; tolice! em qualquer das mais civilizadas cidades do planeta, o povo sempre manifesta essa hilaridade diante dos typos extravagantes que observa... Tudo quanto contraria as ideias aceitas, estabelecidas, provoca o riso. Tudo quanto é social é convencional; tudo quanto se oppõe ás convenções parece immoral ou ridiculo. Ninguém riria de um côxo, se todos os homens fossem côxos; ninguém riria de um homem, que sae de casa bem vestido, mas sem gravata,

se não fosse geral o uso da gravata. Vós todas, minhas senhoras, rides sempre da senhora que usa mangas « de presunto » quando a Moda ordena que se usem mangas apertadas, — e vice-versa : e uma estrondosa explosão de risadas acolheria hoje, nas salas, qualquer senhora, que ousasse ostentar os enfunados *balões* e as altíssimas *trunfas* que tão majestosamente ostentavam, na sua *toilette* de gala, as nossas avós.

As deformidades physicas... Ninguém tem culpa de ser corcunda, ou côxo, ou gago. Mas o riso provocado pelo espectáculo da miseria physica é irreprimivel, ás vezes. A's vezes, e não sempre. O homem que risse conscientemente da fealdade de um mutilado na guerra ou num qualquer acto de nobre dedicação, seria um monstro...

Este elemento do « risivel » já apparece bem indicado na *Illiada*, logo no primeiro canto do maravilhoso poema. Vulcano, querendo substituir Hebe e Ganymedes, mete-se a escanção, e vae servir a ambrosia aos deuses; mas é tão comico o aspecto do deus côxo, que « todo o Olympo estremece ao reboar de um riso inextinguivel ». Bem merece perdão a maldade dos homens que riem dos côxos, pois que tambem os deuses teem essa maldade!... Uma das creações mais comicas da literatura universal é Falstaff, o bebedor, o bufão, o devasso. Shakespeare amava tanto essa

creação do seu genio, que a fez apparecer em 3 peças. Falstaff não nos faz rir apenas pelos seus paradoxos, pelas suas bravatas, pelos seus repentinos de graça, mas tambem, e principalmente, pelo seu aspecto physico. Seria facil formar um « Diccionario da Injuria » só com os epithetos que, em *Henrique IV*, e n'*As alegres mulheres de Windsor*, são applicados á gordura formidavel de Falstaff : sacco de toucinho, ôdre de iniquidades, salchicha ambulante, etc. Cervantes, tambem, para tornar risiveis os typos de D. Quixote e de Sancho Pança, não se esqueceu de lhes accentuar o comico do aspecto physico.

A deformidade é por tal fórma risivel que, em geral, os mesmos entes disformes, ou monstruosos, riem uns dos outros : não foi sem razão que o povo criou o admiravel proloquio : « ri-se o roto do esfarrapado... »

Não é possivel tratar do riso provocado pela monstruosidade physica, sem evocar a figura, a um tempo comica e tragica, sublime e ridicula, de Gwynplaine, o « homem que ri », de Victor Hugo. Conheceis o romance... Um menino, filho de lord, e destinado a ser um dia lord, é roubado por *compra-chicos* que lhe mutilam horrendamente a face, — de modo tal, que o infeliz parece estar sempre rindo, ainda quando soffre chora. Passam os annos. O menino faz-se homem, volta a Londres, é reconhecido como her-

deiro de Lord Chaincharle, e chamado a tomar assento na Camara Alta. A scena é tremenda de commoção, de grandeza e belleza tragica, — e é pena que não possamos recordal-a toda : « En ce moment, Gwynplaine, pris d'une émotion poignante, sentit lui monter à la gorge les sanglots. Ce qui fit, chose sinistre, qu'il éclata de rire. La contagion fut immédiate. Il y avait sur l'assemblée un nuage; il pouvait crever en épouvante; il creva en joie. Le rire, cette démente épanouie, prit toute la chambre. Les cénacles d'hommes souverains ne demandent pas mieux que de bouffonner. Ils se vengent ainsi de leur sérieux. Etre comique au dehors, et tragique au dedans, pas de souffrance plus humiliante, pas de colère plus profonde. Gwynplaine avait cela en lui. Ses paroles voulaient agir dans un sens, son visage agissait dans l'autre; situation affreuse. Gwynplaine, pâle, avait croisé les bras; et, entouré de toutes ces figures, jeunes et vieilles, où rayonnait la grande jubilation homérique, dans ce tourbillon de battements de mains, de trépi gnements et de hourras, dans cette frénésie bouffonne dont il était le centre, dans ce splendide épanchement d'hilarité, au milieu de cette gaîté énorme, il avait en lui le sépulcre. C'était fini. Il ne pouvait plus maîtriser ni sa face qui le trahissait, ni son auditoire qui l'insultait. Jamais l'éternelle loi fatale, le grotesque cramponné au

sublime, le rire répercutant le rugissement, la parodie en croupe du désespoir, le contre-sens entre ce qu'on semble et ce qu'on est, n'avait éclaté avec plus d'horreur. Jamais lueur plus sinistre n'avait éclairé la plus profonde nuit humaine. Gwynplaine assistait à l'effraction définitive de sa destinée par un éclat de rire... »

Nunca se imaginou, supponho eu, mais comovedora situação : no estylo ardente de Victor Hugo, Gwynplaine é o monstro desgraçado e symbolico, em cuja pessoa se resumem, e choram, e sangram todas as monstruosidades e todas as desgraças humanas...

E a deformidade moral tambem não fará rir? Faz. Nada é mais ridiculo do que a petulancia, o orgulho exagerado, a prosapia, a mentira. Nestes casos, o riso — quer o popular, quer o literario — é um instrumento da vingança social. Haverá nada mais comico do que a presumpção de um sujeito que é ou suppõe ser fidalgo de nascimento, e que, sómente por isso, se considera superior aos outros homens? Riem todos d'esse pretencioso, e satyrizam-n'o os poetas, como João de Deus satyrizou aquelle famoso *Gaspar* :

« Ora, se não sei eu quem foi teu pae!

Fidalgo : sei perfeitamente bem...

O que eu não sei, Gaspar, é o que vem

Nesta vida fazer quem já lá vae.

Já se vê que é aos paes que a gente sáe ;
Tal pae, tal filho! Sim! duvida alguem
Que um pae, se é, como o teu, homem de bem,
Tu és homem de bem como teu pae?

D'isto não ha quem possa duvidar...
Mas queres um conselho que te dou?
Não mexas nisso! cala-te, Gaspar!

Que eu cá, por mim, bem sabes como sou. .
Mas é que outro talvez mande tirar
Certidão de baptismo ao teu avô!

Não esqueçamos, porém, dois elementos preciosos do risivel : os *accidentes* e os *disparates*.

Não ha de certo, aqui, quem não tenha rido, ao menos uma vez, assistindo a uma quédá de-sastrada. Todos nós, passado o frouxo de riso, corremos a socorrer quem caíu : mas o espectáculo da queda é sempre comico. Cair é sempre ridiculo : o povo, quando quer dizer que uma pessoa andou mal em qualquer situação da vida, sempre diz : « *caíu na tolice de fazer isto, caíu na asneira de fazer aquillo...* » Mas os accidentes não são, apenas, « *physicos* » : tambem podem ser « *moraes* ». D'estes, ha um, frequentissimo, de que eu mesmo poderia ser victima, neste momento : o « *ataque de estupidez.* » Imaginae que se estabelecesse agora uma completa confusão nas minhas idéas, ou se baralhassem todas as notas que tenho sobre a mesa,

e, em qualquer caso, que eu aqui ficasse, tonto e perdido, sem saber como acabar esta conferencia. De certo, terieis pena de mim, da minha vergonha, do meu *fiasco* ; mas, antes d'esse movimento de compaixão, terieis um movimento de alegria : por mais compassivos que sejamos, por menos maldosos, sempre os desastres alheios nos causam um certo prazer... e foi naturalmente por isso que certo philosopho pessimista um dia escreveu que « a melhor das creaturas humanas só é verdadeiramente boa... para o fogo ! »

O *disparate*, tão explorado nas comedias, nas farças, nas palhaçadas de circo, não consiste apenas em desencontros de palavras e de idéas : consiste, algumas vezes, em uma singular mistura do tragico e do comico, do elevado e do rasteiro, do sublime e do vulgar. Justamente, é essa a base do que chamamos, em critica literaria, o genero heroe-comico, — a *Batrachiomachia*, o *Lutrin* de Boileau, etc. E esses disparates não existem apenas nos poemas satyricos ou nas farças. Existem, tambem, frequentemente, na vida real. Deveis conhecer a anecdotas famosa do gago, que, para falar de modo intelligivel, era obrigado a falar cantando. Certa vez, o infeliz teve de dar a um amigo uma triste noticia : a morte do pae d'esse amigo. E, como não podia falar senão cantando, e como, no momento, na atarantação em que estava, só se lembrou de uma toada

brejeira, — foi com a musica da *Maria Caxuxa* que o gago annunciou ao orphão a nova fatal : « seu pae morreu ! »

O riso na Arte... Está claro que só poderei, no limite d'esta hora que está quasi acabando, tratar, e ainda assim de modo rapido, do riso literario, — deixando de parte os grandes humoristas da pintura e os caricaturistas. Verdade é que a satyra, a comedia, a farça, o poema heroe-comico tambem são caricaturas... escriptas.

Antigamente, o riso collectivo, como o riso individual, era amplo, franco, desabusado : e o riso literario tinha esse mesmo distinctivo de expansiva franqueza. Se eu quizesse aqui fazer a historia da comedia e da satyra, teria de fazer a historia de toda a literatura, ou, melhor, de toda a humanidade. Todas as idades reconheceram a necessidade e a utilidade do riso, e amaram a literatura comica. A idade antiga e a média tiveram os seus bufões, as suas machinas-humanas de provocar o riso, de que ainda hoje existem alguns exemplares, muito modificados pela cultura : os individuos a quem se dá vulgarmente o nome de *bôbos de salão*.

O riso literario moderno não é franco e innocente : é philosophico e perverso. A' medida que se foi apurando a civilização, — o que vale dizer : á medida que se foram apurando a pratica

da hypocrisia e a « religião das conveniencias », — o riso expontaneo e ruidoso foi desaparecendo da litteratura, como foi desaparecendo da vida.

E appareceu então na litteratura um riso especial, — que é o *humour*. Que é o *humour*? E' o riso individual do homem superior. O humorista pertence a uma classe especial de homens. Não é um maldizente. E' um homem superior ao seu meio, um homem moralmente isolado do commum dos homens, um espirito arguto, que observa, analisa, apanha em flagrante os defeitos, os vicios, os ridiculos, os aspectos risiveis da vida. O riso do humorista não é como o do selvagem ou como o da criança, nem como o do homem adulto vulgar, nem como o da multidão. E' um riso de formação lenta, reflectido, carregado ao mesmo tempo de bom senso e de protesto, e ao mesmo tempo cheio de imaginação, de sentimento, de razão, e de philosophia.

E notae bem : o verdadeiro humorista rarissimas vezes é um homem alegre. O riso expontaneo é sempre alegre : o riso reflectido é triste. Cervantes, o creador de *Don Quixote* nunca foi um homem jovial. Shakespeare, o creador de *Falstaff*, era um melancolico. Rabelais, o creador de *Gargantua*, *Pantagrue*l e *Panurgio*, era, como escreveu Sainte-Beuve, um grave doutor, um austero lente, que, nas suas lições da Faculdade

de Lyão, symbolizava bem « a severa majestade da Sciencia ». Esse mesmo Sainte-Beuve diz que Molière, o creador de *Sganarello*, de *Mr. de Pourceaugnac*, de *Scapin*, de *Mr. Jourdain*, de *Mascarille*, era um triste. Montaigne era um misanthropo, Sterne era um abatido, Swift era um desesperado...

No riso dos humoristas, ha tanto de revolta quanto de piedade.

Alguns d'elles atacam e satyrizam, de preferencia, os defeitos e as desgraças que são os seus proprios defeitos e as suas proprias desgraças. Uma das desventuras humanas que o grande Molière mais frequentemente pôz em scena foi a dos maridos... como direi?... condescendentes. Pois bem! Molière era um d'esses maridos. E não sei se, quando elle assim satyrizava os seus companheiros de infortunio conjugal, não era o seu proprio ridiculo que lhe estava doendo e sangrando na alma...

Quando não ha revolta no riso dos humoristas, ha piedade. Parece, a principio, que Shakespeare não tem dó de Falstaff, quando o mostra rebaixado nos mais torpes vicios, e que Cervantes não tem piedade de D. Quixote, quando d'elle faz um « armazem e deposito de pancadas. » Mas não! a piedade de Shakespeare e de Cervantes não é o que vulgarmente chamamos *dó* ou *pena*; Shakespeare e Cervantes não teem dó ou pena de um

homem, de um typo, ficticio ou real; a sua piedade é mais vasta : o que elles sentem é dó da humanidade, que é capaz de ter no seu seio um patife repulsivo como Falstaff, ou um louco desgraçado como D. Quixote...

Esse riso literario, esse humour, em que ha sempre muito mais de tristeza do que de alegria, é o riso cujo desenvolvimento e cuja eternidade devemos desejar? Não, de certo. Não sou humorista, — não gosto de estudar os defeitos alheios, porque não gosto de pensar nos meus proprios defeitos. Amo apaixonadamente a vida, e julgo que ella scria mais bella, mais agradável, mais feliz, se não tivessemos quasi de todo perdido a faculdade de rir, de rir á larga, como ricm as crianças.

O riso literario, ao mesmo tempo bom e máu, piedoso e ironico, será sempre mais ou menos o que é hoje : porque todo o producto do pensamento humano ha-de sempre ser triste. Nós, porém, não viemos ao mundo apenas para pensar : viemos tambem para amar e gozar. Se sómente fossem tristes os que apenas vivem para pensar, o mal não seria grande. Mas todos são tristes, todos ! e ninguem sabe francamente rir, ninguem ! nesta civilização aborrecida...

Porque? porque foi que desapareceu o Riso da face da terra?

Pela victoria da hypocrisia, já o sabemos. Mas

os homens não inventaram a hypocrisia pelo simples prazer de a inventar. Ella exprime qualquer cousa : exprime a consciencia, que todos temos, de ser a vida mal feita e mal organizada, carregada de crimes e de injustiças : por isso, talvez, fomos instinctivamente suffocando e matando a nossa disposição natural para o riso, porque fomos julgando que seria monstruoso e absurdo rir, no meio de tantos crimes e de tantas injustiças.

A vida, porém, será sempre assim ? Os homens serão sempre os mesmos ?

Não ! Quero fechar esta conferencia com a affirmação da minha crença irreductivel num futuro melhor. Sou um utopista ? A utopia é apenas a antemanhã de uma realidade, o berço em que dorme uma certeza. Nós não podemos operar de chôfre o milagre da resurreição do riso alegre, franco e innocente. Mas podemos e devemos desejar que elle resurja, no dia em que a vida fôr melhor, e em que melhores fôrem os homens. Esse dia ainda está longe ; a humanidade, porém, está caminhando para elle, como os hebreus caminhavam para a Terra da Promissão. Assim como foram desaparecendo da face da terra os escravos, tambem irão desaparecendo os pobres e os espesinhados. Por que motivo o pão, a felicidade e a justiça não hão-de ser para todos, como para todos são o ar e a luz ?

E, ah! que não possámos nós, minhas senhoras e meus senhores, voltar a este mundo, nesse tempo de ouro, — quando elle fôr deliciosamente habitavel, pela bondade de todos os seus habitantes, e pelo riso luminoso de todos os seres!



ESPERANÇA

Esperança

(No Salão Steinway, em S. Paulo)

Fagundes Varella, quando quiz dar á heroina de um dos seus poemas um nome, que resumisse toda a doçura e toda a bondade, escolheu este, — *Esperança* :

Eram seus cabellos noite;
Os seus olhos eram luz,
Como o céu e o mar profundos,
Como o mar e o céu azues;

E chamava-se Esperança...
Que santo nome, meu Deus!
Nome que fala da terra,
Porém que nos lembra os céos...

Não são primorosos os versos; mas a ideia é linda. E não se poderia encontrar melhor epigraphe para esta conferencia.

Ainda que eu quizesse aborrecer-vos aqui, exgotando a erudição... alheia, com intermináveis tiradas sobre a psychologia da Esperança,

não me seria facil realizar esse proposito. E o motivo é este : não ha muito onde colher erudição sobre o assumpto. Sobre a imaginação, sobre os sonhos, sobre o riso, sobre a tristeza, sobre o medo, ha milhares de estudos, de ensaios, de monographias de physio-psychologia ; sobre a esperanza, nada, ou quasi nada. Porque? Porque, em geral, os livros escriptos sobre emoções e sentimentos humanos nunca são verdadeiramente estudos de psychologia : são, mais propriamente, estudos de pathologia moral. O que mais interessa os homens de sciencia no estudo d'essas emoções e d'esses sentimentos, são os seus desvios, as suas anormalidades. Ora a esperanza não tem anormalidades nem desvios. A imaginação, os sonhos, o riso, o medo, a tristeza, sim : podem ser symptomas de um estado morbido, e podem enlouquecer ou matar. A tristeza pode ser uma lypemania; o riso pode ser um signal de cretinismo ou demencia; os sonhos, em estado de somno, podem ser devidos á causa prosaica de uma congestão, ou á causa ainda mais prosaica de uma indigestão, assim como, em estado de vigilia, podem confundir-se com os delirios e com as phobias; quanto á imaginação, sabeis que, quando exagerada, tem levado muita gente ao Hospicio; e, quanto ao medo, sabeis tambem que já muita gente tem morrido literalmente de medo... E a esperanza? que me conste, nunca

ninguem morreu, ou sequer enfermou de esperança...

A esperança, no sentido que a palavra vae ter nesta rapida e despretenciosa palestra, é sempre normal. O que é desvio, o que é anormalidade, o que é doença, é justamente o contrario da esperança : é o desespero. E ahi está um thema, que tambem serviria para uma conferencia interessante... Sómente, seria uma conferencia para ser feita não aqui, nesta sala em que ha tanta gente cheia de vida, de saude physica e moral, de alegria e... de esperança, — mas para ser feita num manicomio, numa penitenciaria, ou... num deserto.

Que é a esperança? No catecismo, é uma das trez virtudes theologaes... Mas, socegae : esta conferencia não será uma lição de catecismo : eu não poderia ter a pretensão de ensinar o *Padre-Nosso*, ou qualquer outra parte do catecismo, já não digo a um vigario qualquer, nias a São Paulo, que é um dos maiores Apostolos... Em religião, todos o sabeis, a esperança é a virtude que promette aos homens a graça durante a vida, e o céu depois da morte; e duas linhas de Santo Agostinho, nas suas *Confissões*, dizem mais do que tudo quanto, a este respeito, eu soubesse ou pudesse dizer : « nós somos, aqui em baixo, os filhos da noite e das trévas; é a esperança quem

nos salva : seremos, lá em cima, os filhos do dia e da luz. »

Num sentido mais geral, porém, que é a esperança?

Ha esperar, e esperar : este verbo é um só, para exprimir duas acções, que se não confundem. Mas derivam-se d'elle dois substantivos differentes, cada um dos quaes tem o seu sentido preciso e inconfundivel. Esperança não é espera : não é qualquer expectativa, anciosa ou fria, apaixonada ou indifferente... Assim, o condemnado á morte, na sua cella, durante a noite de insomnia e terror que precede a funesta alvorada, ou ainda no momento em que ouve os passos do carrasco que o vem buscar, — está *á espera* da morte; mas não é essa a sua *esperança*; a sua esperança é a graça que o venha salvar, é o perdão que o venha á ultima hora libertar, é um cataclismo qualquer, que, subvertendo a ordem natural das cousas, venha impedir, ou pelo menos adiar o supplicio, — é emfim, a esperança da vida.

Tambem, nem todo o desejo é uma esperança, assim como não é uma esperança toda a ambição.

Em primeiro logar, o que caracteriza essencialmente a esperança é o seu intuito bom e generoso. A ambição pode ser injusta, como o desejo pode ser malevolo ou criminoso. Mas a esperança é sempre boa. Achareis talvez que ha nisto

um paralogismo, uma subtiliza cavillosa. Não ha tal. As palavras teem uma vida propria, uma significação moral, que não depende ás vezes da morphologia grammatical. E' o povo quem fixa, incóscientemente, essa significação. Tendes ouvido, muitas vezes, de certo, as pragas e as maldições em que explóde a ira popular; muitas vezes tereis ouvido a um homem do povo : « *tomára* que quebres uma perna ou que te cáia a casa em cima ! » Mas nunca « *a minha esperança* é que quebres uma perna, etc... » Esperança é o desejo ardente do bem proprio ou do bem common, da felicidade propria ou da felicidade da communhão. Outra consideração : a esperança é irmã gêmea da fé. Esperança é a fé no futuro : é a confiança no bem que se ambiciona. Esperar não é só desejar : é confiar. Já Platão dizia : « para alcançar qualqucr cousa, é mister esperal-a com toda a alma. » De facto, a verdade, a felicidade, a fortuna, todas as riquezas materiaes e moraes, que ha na vida, não se offerecem voluntariamente, a quem as não procura : é preciso ir ao seu encontro, anciosamente e confiantemente, *esperando-as*.

A esperança é natural e normal. Existe em todas as almas. Está em todos os corações, não como visita rapida, ou hospede de acaso, — mas como moradora definitivamente installada. Ella é

o unico bem real da vida, é o unico que está ao alcance de todos, o unico duradouro e solido. Alexandre tinha apenas 22 annos, quando se dispoz a invadir a Asia. Para conquistar todo o mundo antigo, o joven heróe dispunha apenas de um exercito de trinta mil infantes e cinco mil cavalleiros; na primavera do anno 33, antes de se aventurar á grande campanha, reuniu todos os seus generaes, todos os seus parentes, todos os seus amigos, e repartiu entre elles todo o seu ouro e todas as suas propriedades. « E tu? com que ficas? » — perguntou-lhe Perdiccas. « Fico com a esperanza! » — respondeu Alexandre. E era elle, de certo, quem mais bem aquinhoado ficava...

A esperanza é o unico bem real da vida...

Não é isso o que diz a literatura, bem o sei. Mas a literatura, principalmente a moderna, é pessimista. Se a humanidade acreditasse piamente no que dizem os poetas, se os homens se deixassem cégamente guiar pelo que diz a literatura, já todos elles teriam corrido loucamente ao suicidio, aceitando o conselho de Schopenhauer, que não era poeta, mas era e ainda é, na igreja das Desolações, o padroeiro de todos os pessimistas.

Para os mais antigos poetas da Grecia, para os

fundadores da mythologia grega, já a Esperança era um mal.

Todos conheceis a lenda de Pandora... Era uma estatua fundida e animada por Vulcano. Era perfeita, porque cada um dos deuses lhe dára uma qualidade boa, uma virtude. Dára-lhe Mercurio a eloquencia, Pallas a sabedoria, Venus a belleza. Quando Jupiter se quiz vingar dos homens, mandou á terra Pandora, portadora de uma boceta, na qual todos os males estavam encerrados. Pandora offereceu essa boceta a Prometheu; Prometheu, que era o Genio Humano, não a aceitou, porque era de facto um presente... grego. Mas Prometheu, pae de todos os homens engenhosos e prudentes, tinha um irmão, Epimetheu, pae de todos os homens imprudentes e estúpidos. Epimetheu deu então a melhor prova, que poderia dar, da sua imprudencia e da sua estupidez: aceitou a boceta, que Prometheu recusára, abriu-a, e — imprudencia maior e maior estupidez! — acabou casando com Pandora... Sabeis o que aconteceu, quando se abriu a mysteriosa boceta: saíram d'ella todos os males, e espalharam-se pela terra. Mas a esperanza (diz a lenda) foi o unico mal que se deixou ficar no fundo da caixa-nha fatal...

Essa lenda parece apenas significar que a esperanza não foi dada aos mortaes. Mas não o entendeu assim o nosso poeta Alberto de Oliveira,

que, em um lindo soneto, agravou a significação pessimista da lenda :

Baixando á terra, o cofre, em que guardados
Vinham os males, indiscreta abria
Pandora. E eis d'elles, já desencadeiados
A' luz, o negro bando apparecia.

O odio, a inveja, a vingança, a hypocrisia,
Todos os vicios, todos os peccados
D'alli voaram. E desde aquelle dia
Os homens se fizeram desgraçados.

Mas a esperança, do maldito cofre
Deixara-se ficar preza no fundo,
Que é ultima a ficar na angustia humana...

Porque não voou tambem? Para quem soffre,
Ella é o peor dos males que ha no mundo,
Pois d'entre os males é o que mais engana...

Assim, para este poeta, a esperança sempre engana... Não! ella nem sempre engana : e d'aqui a pouco veremos que, até certo ponto, podemos dizer que jámais engana. E que enganasse! o engano confunde-se, ás vezes, com a felicidade completa. Tinha razão aquelle caboclo, que, desconfiando da fidelidade da companheira, rezava todos os dias : « Minha Virgem Santa ! se é verdade que este demonio me engana, permitti que eu seja enganado em todos os sentidos, e comece por me enganar a mim mesmo, não acreditando na verdade ! »

Mas, em toda a antiga literatura grega, é talvez a lenda de Pandora a unica em que a Esperança apparece como um mal, e ainda assim, como um mal misericordioso, que se deixa ficar no fundo da caixinha, em vez de, como os outros, sair a espalhar amarguras pela terra. Para os gregos, a esperança era uma deusa consoladora. Era irmã do somno e da morte. Do somno, porque, como elle, interrompe e suspende o soffrimento; da morte, porque, como ella, dá um termo a esse soffrimento. Os esculptores e os pintores davam-lhe uma physionomia serena e aberta, cheia a um tempo de enthusiasmo e de piedade; coroavam-na de flores ainda abotoadas, ou apenas entreabertas, como sonhos que vão desabrochar em realidades; e davam-lhe azas, talvez para indicar que ella sabe e pode fugir no momento em que pensamos aprêzal-a, ou talvez, mais propriamente, para mostrar que é ella quem nos arrebatada das miserias da terra, levando-nos comsigo aos céos de fantasia que imaginamos; e, enfim, punham-lhe á mão direita, ora um lirio, emblema da candura, ora uma flor de lotus, emblema da eterna illusão, ora uma estatueta da Victoria, para symbolizar o triumpho infallivel dos que sabem esperar, ora ainda uma colmeia, coroada de abelhas revoantes, para significar a abundancia, premio seguro de quem não desespera...

Quando o christianismo transformou essa deusa numa virtude theoloyal, a iconographia christan deu-lhe mais um attributo : a ancora. A ancora é o symbolo da tranquillidade e da firmeza, pelo papel que representa na navegação : é tambem o symbolo da esperanza, porque é com a esperanza que nós ancoramos no mar tempestuoso da vida.

Em todas as idades, sempre os homens consagraram á esperanza a côr verde, a mais bella das côres. O verde symboliza os bens que hão-de vir ; é a côr que, nos campos, precede e annuncia as colheitas ; é a côr com que a primavera nascente sorri ás regiões devastadas pelo inverno ; é a côr que, no mar, assignala a visinhança da costa ao viajante desesperado. O verde é a mocidade, a frescura, a vida plena e pujante : é a côr da esperanza que nunca envelhece.

Os magos antigos e os occultistas da idade media attribuiam á esmeralda, pedra verde, a faculdade de dar vigor aos velhos, de favorecer os empreendimentos arriscados, e de facilitar a adivinhação e o dom prophetico. Hoje, não acreditamos que haja pedra, por mais verde que seja, capaz de restituir ao ancião decrepito a mocidade, de forçar o destino a proteger aventuras impossiveis, ou de dar ao homem o poder de devassar o futuro. Mas a esperanza, que a esmeralda symboliza, se não realiza tudo isso, dá aos homens illu-

sões, que são creadoras de paraísos. Enganadora, embora, ella é sempre consoladora. Aristoteles definiu-a : « o sonho do homem acordado. » Ha, porém, dictados populares, que a definem com mais propriedade : a esperança é o pão quotidiano dos que passam fome, é a felicidade dos infelizes...

Se os poetas modernos injuriam e amaldiçoam a esperança, é porque habitualmente — já o te-reis notado — injuriam e amaldiçoam aquillo que mais amam. Injurias metrificadas, maldições rimadas, — não são injurias nem maldições. Em geral, é injuriando as damas que os poetas justamente mais as seduzem e captivam. Se um homem qualquer dissesse, em prosa vulgar e vil, a uma senhora : « tu és uma féra, um monstro ! » — ella se deixaria tomar de medo ou de ira, e gritaria por soccorro. Quando, porém, taes cousas, são ditas *em verso*, não ha dama que se não siinta por ellas lisonjeada, — porque, nessa explosão de injurias rimadas, apenas vê uma prova de amor...

Não ha palavra, que, mais frequentemente do que a palavra « esperança », appareça em volumes de versos; só ha uma, talvez, que com ella, neste particular, possa competir : é a palavra « saudade ». Sem *saudade* e sem *esperança*, não ha poesia no Brazil... Mas, caso estranho, nos

versos de quasi todos os nossos poetas, sempre a saudade é cantada com carinho, ao passo que a esperança é cantada com amargura. E quasi todos os nossos poetas acabam sempre por dizer que a sua unica esperança... é a morte!

Ouví Bernardo Guimarães :

Esperança, que és tu? Ah! que a minha harpa
Já não tem para ti sons lisonjeiros!

Sim! nestas cordas, já por ti malditas,

Acaso tu não ouves

As queixas abafadas, que sussurram,

E em voz funerea soluçando vibram

Um cantico de anathema?

Chamem-te embora balsamo do afflicto,

Anjo do céo, que nos alenta os passos,

Na senda da existencia,

— Nunca mais poderás, fada enganosa,

Com teu canto embalar-me! Eu já não creio

Nas tuas vans promessas;

Não creio mais nessas visões donosas,

Fantasticos paineis, com que sorrindo

Matizas o futuro!

Estereis flores, que um momento brilham,

E caem murchas, sem deixarem fruto

No tronco desornado...

Vem apóz mim — ao desditoso dizes; —

Não esmoreças, vem! — é vasto e bello

O campo do futuro; — lá florescem

As mil delicias que sonhou tua alma,

Lá te reserva o céo o doce asylo

A cuja sombra abrigarás teus dias...

Porém — é cedo — espera! »

E eil-o que vae com os olhos enlevados
Nas côres tão formosas
Com que bordas ao longe os horizontes...
E, fascinado, o misero não sente
Que mais e mais se embrenha
Pela sombria noite do infortunio.
E, se dos labios seus queixas exala,
Se o fel do coração emfim transborda
Em maldições, em gritos de agonia,
— Em teu regaço, perfida sereia,
Com a voz embaidora, inda o acalentas :
— Não esmoreças, não; — é cedo; espera! —
Lhe dizes tu sorrindo.
E quando emfim no coração, quebrado
De tanta decepção, soffrer tão longo,
Nos vem roçar do desalento o sopro,
Quando emfim no horizonte tenebroso
A estrella derradeira em sombras morre,
Esperança, teu ultimo lampejo,
Qual relampago em noite tormentosa,
Abre clarão sinistro, e mostra a campá
Nas trevas alvejando...

Ouví, agora, um poeta contemporaneo, Ray-
mundo Correia :

Tu baterás da Gloria á porta que scintilla;
E, em vez d'ella, ha-de vir o Vilipendio abril-a.
— Sem uma estrella só, erratica, a tremer
No céu negro, e de luz sequioso, irás bater
A' porta do palacio onde a Razão fulgura :
E a Razão não virá abrir, mas a Loucura...
— A' porta baterás da Virtude; e ha-de vir,
Com uma gazúa, o Crime a sacra porta abrir!

Do Olvido á porta irás bater... Mas sobre o Crime
Não dormirás! O atroz Remorso, que supprime
O somno ao criminoso, ha-de a essa porta estar!
— Desanimado já, depois de, sem cessar,
A tanta porta, em vão, bateres d'esta sorte,
Baterás á da Morte, emfim...

Bem haja a Morte,
Que a não deixou de abrir jamais a um coração
Cançado de bater e de esperar em vão!...

Oh! o desejo de morrer, e a esperança que estes poetas depositam na morte!...

Aquelles, que mais frequentemente apellam para a morte, são quasi sempre aquelles que mais amam a vida, e mais sabem gozal-a. E' a fabula do lenhador, que chamava a Morte... A Morte appareceu : « Que me queres, amigo? » E elle, tremulo : « Oh! minha boa amiga! quero apenas que me ajudes a carregar este feixe de lenha!... » Se a um d'estes poetas desesperados, a Morte apparecesse, no momento em que elle estivesse a chamal-a, o poeta atiraria a lyra ao chão, e desataria a correr com todas as pernas que o medo lhe dêsse!

As maldições dos poetas, dirigidas á esperança, não passam de palavras. Gonçalves Dias tambem se lastimou, em versos de ouro, de haver confiado demais em uns certos *Olhos Verdes*, da côr da esperança :

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,

Quando o tempo vae bonança ;
Uns olhos côr de esperança,
Uns olhos por que morri ;
 Que ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi !

Como duas esmeraldas,
Iguaes na fôrma e na côr,
Teem luz mais branda ou mais forte ;
Diz uma *vida*, outra *morte*,
Uma *loucura*, outra *amor*.

São verdes da côr do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamman,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz no coração !

Como se lê num espelho,
Pude ler nos olhos seus :
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas, postas em calma,
Tambem reflectem os céos...

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntam por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr da esperança,
De uns olhos verdes que vi...

Dizei vós : — Triste do bardo !
Deixou-se de amor finar !
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da côr do mar,
Mas verdes sem esperança.
Davam amor sem amar...

Dizei-o vós, meus amigos.
Que, ai de mi!
Não pertengo mais á vida,
Depois que os vi!

Mas o que demonstra que elle não perdêra a esperança nesses olhos, é que ainda procurava enternecel-os com tão chorosos versos... Quem sabe se os não enterneceu? Supponho que sim... Em todo o caso, não creiaes que tenha morrido por causa d'isso : atirou-se, sempre com esperança, e sempre amaldiçoando a esperança, á conquista de outros olhos, igualmente verdes, ou azues, ou negros, ou garços, — e arranjou-se com elles...

Tambem é verdade que os poetas, se tanto se queixam da esperança, é porque costumam pôr a sua esperança em muito pouco, em quasi nada, confiando-a a barcos muito frageis. Pôr toda a sua esperança, exclusivamente, no amor de uma mulher, é imprudencia tão grave como a do capitalista, que confiasse toda a sua fortuna á guarda de um perdulario... Todos os poetas deveriam, para salvaguardar-se d'esse perigo, decorar um celebre soneto de Camões, que eu não resisto á tentação de dizer-vos :

Todo animal da calma repousava,
Só Lisio o ardor d'ella não sentia;
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na nympha que buscava.

Os montes parecia que abalava
O triste som das maguas que dizia ;
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vondade de outro posto estava.

Cançado já de andar por a espessura,
No tronco de uma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza :

— Nunca ponha ninguém sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza...

Dos dois proverbios, conhecidissimos, que acerca da esperança, andam em todas as boccas : « quem espera sempre alcança » e « quem espera desespera », — creio que o unico rigorosamente verdadeiro é o primeiro.

Quem espera desespera ? — quando ? quando não sabe esperar.

Quasi sempre o que estraga a Esperança é a impaciencia, que é a sua « aza negra », o seu genio máu. O que caracteriza essencialmente a esperança é a constancia no esperar. Ha esperanças de folego curto, que não passam de desejos ardentes mas fugazes; as verdadeiras, as boas, as fortes esperanças teem vôo largo e infatigavel. As primeiras são aves de vôo rasteiro, que não se elevam mais de um metro acima do chão; as outras são aguias, que voam, de olhos fechados, subindo sempre, embria-

gando-se com a vertigem da ascensão, desprezando a planície de onde partiram, e só pensando no céu que demandam.

A este respeito, a Biblia está cheia de lições. A Biblia não é o livro de uma religião : é o livro symbolico de toda a antiguidade. Cada um dos seus versiculos é um symbolo, — tendo um sentido patente, e um outro sentido que é preciso descobrir e interpretar. Lembrae-vos o episodio do corvo e da pomba no dia em que o diluvio cessou...

A arca parára. As aguas principiavam apenas a baixar. Ainda não apareciam os vertices das montanhas. A liquida toalha infinita amortalhava a terra. Era o decimo mez do diluvio. Noé, impaciente, — e não ha quem não comprehenda essa impaciencia, porque não é graça viver dez mezes, dentro de uma náu mal fabricada, no meio das aguas desertas, e no convivio de toda a sorte de bichos! — Noé, impaciente, abriu a janella, e soltou um corvo. O corvo não voltou. O insulado, então, soltou uma pomba, que abriu o vôo, alou-se, desapareceu, e voltou, d'ahi a pouco, offegante e cansada, sem ter achado onde pousar. Noé deixou-a repousar sete dias, — mais sete dias de esperança! — e soltou-a de novo. E, d'essa vez, ella voltou, trazendo no bico o ramo verde da oliveira, o ramo da côr da esperança...

Assim também, na vida, não basta uma viagem, não bastam dez, não bastam cem viagens da esperança, mansageira anciosa, para que ella nos traga no bico a segurança da salvação ou da felicidade! A verdadeira esperança não se cansa de esperar: fixa-se no objecto do seu sonho, — como a ancora, que é o seu symbolo, se fixa no fundo do mar.

Justamente esse povo hebreu, que teve como patriarcha o paciente Noé, sempre foi um povo que soube esperar. Vêde-o que ainda hoje espera o restabelecimento do seu grande reino, ha quasi dois mil annos extincto, e a reunião das suas tribus, ha quasi dois mil annos dispersadas. Na Biblia, essa grande, essa infatigavel esperança do povo hebreu está assignalada em um numero infinito de episodios. Bastem dois, como citação: — um, que é um caso de perseverança nacional, o captivo de Babylonia, os setenta annos passados ás margens do Chobar, chorando a Jerusalém perdida, e esperando a sua reconquista; e outro, que é um caso individual, um caso de paixão amorosa, de adoravel poesia, — aquelle que Camões tão maravilhosamente celebrou em um soneto immortal:

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, serrana bella;
Mas não servia ao pae: servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porem o pae, usando de cautela,
Em logar da Rachel lhe deu a Lia...

Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora
Como se a não tivera merecida,

Começou de servir outros sete annos,
Dizendo : — Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida!...

Que dirão d'isto os nossos namorados, que
desesperam de todo quando as namoradas lhes
negam o primeiro beijo pedido! e que dirá d'isto
um certo povo, muito conhecido nosso, o qual,
á menor desgraça que lhe acontece, começa logo
a clamar : « este paiz está perdido »?

Mas em todos os povos, e em todos os homens,
existe essa grande, essa immortal esperança do
povo hebreu. O desespero e o desanimo, quando
não são fingidos e meramente literarios, são
doentios, revelam um estado morbido da alma.
A esperança é tão natural, que toda a nossa vida
é um tecido de esperanças. Ella é o milagroso
bastidor em que se tece a trama de toda a nossa
existencia. Para que nascemos? para esperar. A
criança espera a adolescencia, a adolescencia
espera a virilidade, a virilidade espera a velhice,
a velhice espera... a continuação da vida. Quanto

mais vivemos, mais esperamos viver. Porque? porque quanto mais vivemos, mais amamos a vida.

E que esperamos nós? esperamos tudo! A vida é como uma viagem em caminho de ferro. O trem galopa, e as horas succedem-se, uniformes e monotonas. Ouve-se, porém, um apito... o trem retarda a marcha, pára... E' uma estação... E todos corremos, anciosamente, ás janellas do wagon. Quem sabe? é nessa estação da vida que nos vae talvez apparecer o negocio que nos vae enriquecer, ou o amigo que nos vae salvar da preocupação actual, ou a mulher a quem ardentemente havemos de amar e de quem ardente-mente havemos de ser amados... E assim vamos, até a estação final, que é a da morte; mas, á hora da morte, ainda apellamos para a vida futura, — para uma outra viagem, cuja estação terminal não podemos conhecer nem sequer imaginar.

A vida futura!... Nenhum de nós se julga tão máu, tão carregado de peccados e de crimes, que mereça o inferno. Todos nós (é natural) nos consideramos, depois da morte, merecedores do céu... O céu? haverá céu? haja ou não haja, sempre é um consolo contar com um logarzinho nessa região de delicias! Admittamos, porém, que nem todos os homens sejam tão presumpçãosos que acreditem merecer o céu. Alguns haverá,

que, reconhecendo os seus peccados e os seus crimes, apenas julguem merecer... o purgatorio. Mas o purgatorio ainda é uma grande esperança! O purgatorio (se não mentem aquelles que entendem d'essas cousas) é uma estação de parada no caminho da Bemaventurança, — é uma especie de filtro moral, que as almas atravessam, deixando nelle as suas impurezas; no dia do Juizo Final, — dizem os Santos Padres — todas as almas serão chamadas; e puras, alvas, immaculadas, comparecerão, ante o grande juiz, para o grande premio. Parece que só as penas do inferno são eternas... Eternas?! serão ellas realmente eternas? á porta do Inferno estarão realmente escriptas aquellas palavras de « colore oscuro », que o Dante lá viu? Quem sabe? os poetas mentem tanto! Bem sei que é heresia duvidar da eternidade dos supplicios do Inferno : assim o declarou, soberanamente, um Concilio, que se reuniu em 1439. Mas.. supplicios eternos?! supplicios sem esperança?! Eu creio que Deus, se existe, tem autoridade para vetar e annullar as deliberações de todos os Concilios. Dia virá em que Elle, com a sua suprema bondade abrirá as portas do Inferno, — e Dante será desmentido. Fiquem com esta ultima esperança os máus e os egoistas que acreditam na vida futura! Quanto aos que nella não acreditam, ainda esses teem uma grande, uma consoladora esperança : o somno, a

quietação, o aniquilamento, o *nirvana* delicioso em tudo se abysma e destróe...

Assim, cada minuto da nossa existencia é uma esperança. Montaigne, que foi um suave e consolador philosopho, escreveu que « tudo pode ser esperado por quem está vivo » : na arena dos circos romanos, os gladiadores, vencidos e prostrados, vendo que todos os espectadores, nas archibancadas, levantavam o pollegar da mão direita, para condemnal-os á morte, e vendo sobre o peito suspensa a espada do executor, — ainda esperavam viver, ainda esperavam que o cesar omnipotente, com um simples gesto piedoso, os affastasse da beira do abysmo negro, salvando-os da morte. E foi Seneca quem, numa phrase lapidar resumiu admiravelmente, e admiravelmente lembrou as surpresas do Destino, quando disse que « muitas vezes, o carrasco morre antes do condemnado ».

Quem cansa de esperar não sabe esperar.

Certa vez, durante uma distribuição de brinquedos a crianças pobres, assisti a uma scena, que me commoveu, e ouvi uma phrase, que nunca mais esqueci. Em torno da mesa, — junto á qual o encarregado da distribuição, atropellado, suado, desesperado, repartia os brinquedos, — amontoavam-se as crianças, num alarido ensur-

decedor. Quando o ultimo brinquedo foi entregue quando já todos os pequenos saíam, amorosamente mirando e admirando o que haviam recebido, ficou demonstrado que uma criança não fora contemplada na repartição, — ou porque tivesse havido engano na contagem dos brinquedos, e faltasse um, ou porque uma criança (cousa que não acontece apenas entre crianças a proposito de brinquedos, mas também ás vezes acontece, entre pessoas grandes, a proposito de cousas muito serias) ou porque, dizia eu, uma criança mais esperta do que as outras, houvesse recebido dois brinquedos em vez de um só... O facto é que uma pobresinha não fôra aquinhoada. Era uma menina, de seis ou sete annos, um pedacinho de gente, trez palmos de creatura. Saiu da rôda viva em que se vira metida, tonta suada, vermelha, contundida, mas não desesperada. Sentou-se a um canto da sala, e ficou immovel, *esperando*. Era, para mim, uma imagem nova, na iconographia da Esperança : era uma esperança pequenina, serena, com um clarão de imperturbavel confiança no olhar. Perguntou-lhe alguém : « Que ficas ahí fazendo? » E ella respondeu, com a voz e com o olhar ao mesmo tempo, com uma firmeza de quem pode attrair e dominar o futuro : « Estou esperando o *meu* brinquedo ! » A pessoa, que a interrogara, sentiu-se abalada e commovida por aquella sere-

nidade, saíu, e voltou logo, trazendo-lhe um brinquedo comprado, á pressa, na primeira loja... Pois bem! no olhar da criança não houve o menor espanto : á sua alma innocente, aquillo parecia, de certo, a recompensa necessaria, fatal, inevitavel, da sua esperança : inconscientemente, aquella criança alli estava representando a grande, a sagrada, a infatigavel esperança humana, a esperança que não se desillude, a esperança, que, pela sua constancia e pelo seu fervor, é capaz de seduzir e vencer o destino...

Ha aqui logar, por contraste, para algumas considerações sobre um aspecto particular do thema d'esta conferencia : a esperança dos velhos...

Em geral, os moços suppõem que todos os velhos são uns tristes, uns desesperados, cansados de viver, e aborrecidos da vida... Em primeiro logar, duvido que haja muitos velhos que se considerem velhos. Não é um paradoxo ! é um facto de facil verificação. Quasi sempre, os velhos só se queixam da sua velhice por uma especie de... como devo dizer? por uma especie de faceirice, que outros acharão ridicula, mas que eu, por mim, acho encantadora. Um velho, muito velho, quando diz : « eu, que já tenho oitenta annos... » ou « eu, que já dobrei o cabo dos noventa... » só diz isso para que a gente lhe

responda : « pois não parece! ninguém lhe dará mais de cincoenta!... » Os velhos quasi nunca consideram velhos : e, quanto mais envelhecem tanto mais se consideram com o direito de continuar a viver. Dizia-me, um dia, um d'elles « tenho noventa annos, e acho que a morte é um absurdo; porque morrer?... eu não nasci para morrer : nasci para viver! se houvesse nascido para morrer, não valeria a pena ter nascido! »

Quereis uma amostra do que é, nos velhos essa esperança de viver muito, ou, melhor, a certeza, que elles teem, de viver muito? Não é preciso citar o nome : ha no Rio de Janeiro um ancião venerando, um velho carregado de serviços á Patria, um brasileiro que conheceu o Brazil-Colonia, e assistiu ao nascimento do Brazil Imperio e do Brazil-Republica... Esse homem conta hoje 104 annos de idade, — e ainda faz contractos e combina negocios para d'aqui a 20 e 30 annos!

Outro aspecto do thema : a esperança dos doentes...

O povo, com a sua sabedoria, que é o producto de uma larga e esclarecida experiencia adquirida na observação dos factos, costuma dizer que o doente, em estado grave, quando começa a architectar projectos, e combinar deliberações futuras está á porta da morte. E' uma verdade. Quem

não conhece os sonhos, os planos, os propositos dos tísicos moribundos?... Que é isso? é a reacção da vida, é a reacção da esperança! E caberia aqui o estudo de uma questão, que é uma das mais graves da ethica medica : saber se, em certos casos, diante de um doente, que, atacado de um mal incuravel, padece dores torturantes e terribes, o medicó tem ou não tem o direito de misericordiosamente lhe apressar a morte. Parece que sim... De certo, uma morte rapida, suave e instantanea, sem soffrimento, — essa morte providencial, a que se dá o nome de *euthanasia*, deve ser, para o incuravel, mil vezes preferivel á morte lenta, entre padecimentos horriveis. Essa, porém, pode ser a opinião do medico : nem sempre será a opinião do doente. Que importam os padecimentos de hoje a quem espera a salvação ou o allivio de amanhã? Um cirurgião europeu narra, a proposito d'isto, uma scena tragica, de que foi um dos actores. Tratava-se de um doente, que soffria de um mal horroroso : um tumor maligno, que lhe cavava na região cervical um hediondo abysmo de sangue e sanie. O enfermo era um velho, um enfraquecido, um cachetico, que poucos dias teria de vida : e esses poucos dias eram e seriam fatalmente, até a hora da morte, um inenarravel e inconcebivel inferno de dores, de insomnia, de sobrehumano martyrio... Certa vez, ao fazer-lhe o curativo, o cirur-

gião viu a descoberto, no fundo da chaga, quasi a ser attingida pelo mal implacavel, uma arteria que palpitava... « Então, (escreve elle) a mim mesmo perguntei se o meu dever não era, com um golpe misericordioso do bisturi, tórar aquelle tenue fio de vida, que ainda prendia ao mundo e ao soffrimento o desgraçado : eu sentia bem que essa era a minha obrigação, e ia cumpril-a, quando o meu olhar encontrou o olhar do enfermo... E havia nesse olhar um tão grande amor da vida, fulgurava nelle uma tão viva ancia de viver, que suspendi a mão, sentindo e comprehendendo que ninguem tem o direito de libertar da vida um infeliz, quando elle ainda á vida se segura pela mais leve esperanza!... »

Dizia eu que, sob um certo ponto de vista, a esperanza nunca engana, porque sempre se alcança o que se espera. Nem sempre somos nós que fruimos o que esperamos : são os outros, são os que veem depois de nós. Mas que são esses outros, senão o prolongamento e a reproducção de nós mesmos? A vida é uma cadeia de élos irmãos e continuos, tão intimamente unidos, que não ha como separal-os. Quem cava a terra, quem nella atira as sementes, quem planta uma arvore, quem firma no sólo os alicerces de uma casa, nem sempre vê a terra abrir-se em plantações, nem sempre tem a recompensa da colheita,

nem sempre colhe os fructos da arvore, nem sempre vê a casa acabada. Que importa? os homens de amanhã serão os mesmos homens de hontem. A esperança dos de hontem fructifica para o bem dos de amanhã. A esperança nunca engana!

Algumas vezes, ella apenas parece enganar, quando, em vez de um bem sonhado, dá um outro bem, que se não pudéra prever, mas é incomparavelmente maior.

Que esperava Cabral? que esperava Colombo? que esperavam todos aquelles argonautas intrepidos, que das praias da Europa se faziam ao mar mysterioso?

Heredia fixou num admiravel soneto, magnificamente traduzido pelo nosso Raymundo Correia, essas figuras de heróes, que a Esperança enlevava e arrebatava :

De Palos — como, a errar, longe do azul natal,
Os gerifaltos vão, — em chusmas, audaciosos,
Avidos capitães, pilotos cubiçosos,
Partiram navegando empós de estranho ideal!

Vão conquistar além, das minas de metal,
Que Cypango enthesoura, os veios fabulosos;
Sonham, boiando em luz, paizes mysteriosos,
Praias, climas, regiões do mundo occidental...

Sulcam, assim, mar alto, infatigavelmente...
Miragens tropicaes, longe, enganosamente,
Esboçam construcções e torres de ouro no ar...

E elles á prôa vão das alvas caravellas.
Vendo só, despenhado em turbilhões de estrellas,
Todo o infinito céu sobre o infinito mar...

Que buscavam esses Argonautas? como os antigos, que procuravam o fabuloso Tosão de Ouro, defendido por um dragão, na encantada terra da Colchida, — esses vinham tambem em busca de thesouros maravilhosos, e de cidades de ouro e de marfim, edificadas em regiões riquissimas. Enganou-os a esperança, quando lhes deu as terras esplendidas e virgens da America, quando lhes deu a gloria de serem os creadores de mundos novos? Não, de certo. As mãos d'essa generosa transformam ás vezes os dons que os seus sorrisos promettem; mas transformam-n'os augmentando-os, dando-lhes um novo e nunca sonhado valor moral.

E, senhores, é impossivel, em São Paulo, falar da esperança, sem lembrar a grande, a luminosa esperança que impelliu os vossos bandeirantes do seculo XVII á conquista dos sertões do Brazil...

João Ribeiro traçou da Epopéa Sertanista um quadro, que commove, pela sobriedade das tintas, pela majestade simples e vigorosa da expressão : « Como nas caravanas do deserto africano, a primeira virtude dos bandeirantes é a resignação, que é quasi fatalista, e a sobriedade, levada ao extremo. Os que partem não sabem se voltam e

não pensam mais em voltar aos lares. As provisões que levam apenas bastam para o primeiro percurso da jornada; d'ahi por diante, entregue á ventura tudo, tudo é enigmatico e desconhecido. No intimo das terras, marcham, como se navegassem atravez dos mares, com a orientação da bussola e das noites constelladas; aqui e alli seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda a parte as legendas e historias dos indios, que falam de outros paizes distantes e de caminhos ainda não trilhados pela civilização. Se é preciso descer um grande curso d'agua, não contam o tempo; aboletam-se e acampam na margem, abatem arvores gigantescas, de cujos troncos, e ás vezes dos cortices, formam esquadrilhas de canôas, carcomendo-os a fogo. Quando se julgam promptos, logo embarcam numerosos no meio do alarido de todas as vozes, com a mesma animação ruidosa do primeiro dia. Quando a alimentação e as munições se esgotam ou a terra lhes nega a caça ou os vegetaes reparadores, não desanimam; acampam de novo, queimam a vegetação bravia em longos tratos da terra, e fazem a roça, onde semeiam os cereaes. Esse acampamento dura até a colheita, que é sobretudo de milho por mais prompta e rapida; e nesse meio tempo, enquanto o milharal cresce, toda a terra circumvisinha num raio de muitas leguas fica conhecida. Nessas *bandeiras* vemos figurar toda

a gente, homens de todas as qualificações, índios de todas as tribus, mulheres, padres, e crianças, e grande numero de animaes domesticos, cães, gallinhas, carneiros, fóra as bestas de carga. E' uma cidade que viaja com os seus senhores e os seus governados; nella não faltam as rixas e differenças: mas o alvo principal e a esperança common as põem de accordo e harmonia... »

Caso singular! como os symbolos se impõem! como temos sempre de encontral-os, dominando a nossa vida! alguns d'esses bandeirantes paulistas entre as riquezas que buscavam, indo até o valle do São Francisco, e varando os sertões no rumo de Porto Seguro e do Espirito Santo, almejavam encontrar uma certa serra verde e resplandecente, — a serra das Esmeraldas. A serra verde! a serra das Esmeraldas! a serra da Esperança!...

Nunca foi encontrada... A esperança, essa grande creadora de miragens, essa fecundadora de cerebros, essa enfeitiçadora de almas, tinha inventado á sua imagem a montanha, a serra verde, para com esta invenção exaltar a alma dos sertanistas ousados, para arrebatall-os á louca aventura! Enganou-os ella? Não! as febres e as lutas, os trabalhos e as afflicções martyrizaram longamente esses homens que esperaram; a alguns, envenenou-os e matou-os a emanação pôdre e miasmatica dos grandes rios; a outros, envenenou-os e perdeu-os o ouro, o ouro fatal que descobri-

ram; mas o fruto da sua esperança ahí está : é São Paulo, é Minas, é todo o Brazil, é todo o sertão bruto hoje coberto de cidades esplendentes e fortes, criadas pela passagem triumphal d'essas caravanas da esperança !

Até aqui temos tratado apenas da esperança de homens, ou de grupos de homens...

Mas a esperança é collectiva. A humanidade espera. Já esperava, quando ainda não passava de um rebanho de animaes intonsos e bravios, apenas vagamente humanos; tem esperado atravez dos seculos, soffrendo, trabalhando, anciando; espera ainda; esperará sempre.

Os progressos moraes, como os progressos materiaes, que ella tem realizado, escapam á sua consciencia. A humanidade não compara o que é ao que foi : compara o que é ao que ha-de ser. Não quer saber se é melhor do que já foi : sabe apenas que não é perfeita, e caminha para a perfeição, e espera, e espera sempre, infatigavelmente.

Conheceis a lenda de Epimenides? Esse philosopho grego, já velho, recolheu-se um dia a uma caverna, e adormeceu. Quando acordou, tinha dormido cincoenta annos, meio seculo. Toda a gente do seu tempo havia morrido... Perguntaram-lhe os outros, os novos : « Que dizes tu da terra? que dizes tu da vida? são hoje melhores

do que a terra e a vida do teu tempo? E elle :
« Não me lembro da terra nem da vida do meu tempo! sei apenas que esta terra que ora vejo, não me parece maternal, e que esta vida, que ora vivo, não me parece carinhosa! »

Essa lenda grega é a historia da humanidade. A humanidade esquece o que foi : vê apenas o que é, não se contenta com o que é, — e espera.

Até quando esperará?

Prometheu, encadeiado por Jupiter, ainda não foi libertado. Hesiodo mentiu. Eschylo mentiu. Hercules não teve força bastante para desencadear Prometheu, que é o Homem. Eu ainda o vejo, como o viu Luiz Delfino, quando descreveu um quadro do pintor hespanhol Juan Valdez :

Tem Juan Valdez, pincel dos mais ferozes,
Um Prometheu ao Caucaso amarrado ;
Da boca saem-lhe as moribundas vozes ;
Do ventre, largamente retalhado,
O sangue jorra, e a revolvida entranha,
Onde inda ceva o abutre a raiva estranha.

Não faltam contorsões naquelle rosto :
E a dor, e a indignação nos olhos gritam ;
Echymoses de sangue decomposto,
Verde-negro, nos membros que se agitam,
Tornam aquelle Prometheu sublime,
Pagando em dores seu divino crime!...

Assim o vejo ainda, amarrado ao rochedo,

devorado pelo abutre, — mas com o olhar erguido, affrontando o céu, esperando!

Que espera Prometheu? que espera a humanidade? O grande bem, — a Perfeição, que só pode vir pela victoria do amor e da bondade. O Homem será libertado pelo Homem...



O DIABO

O Diabo

*(No Instituto Nacional de Musica.
Rio de Janeiro)*

Ha na *Legenda dos Seculos* um admiravel capitulo, em que Hugo põe em presença um do outro Deus e o Diabo, — o Diabo orgulhoso e revoltado, affrontando o Senhor, e Deus, desdenhoso e complacente, sorrindo do orgulho do Rebelde. « Vejamos (diz o Diabo) quem é capaz de fazer a cousa mais bella! Eu transformarei tudo quanto creaste, e tu fecundarás aquillo que eu te dêr... » « Seja! » — responde o Senhor. E vae entregando ao Revoltado quanto elle lhe pede : a cabeça da antilope, os chifres do veado, os olhos do elephante, o pescoço do touro, o ventre do carangueijo, os anneis da serpente, as coxas do camello, os pés do avestruz, o peito do leão. O Diabo mette tudo isso dentro da sua forja, e, ao cabo de longo tempo de trabalho, com todos esses materiaes fabrica... um gafanhoto. E, arrogante,

exclama, entregando a Deus uma aranha : « Agora tu! Quero ver o que fazes d'isto! » :

Et Dieu prit l'araignée et la mit au milieu
Du gouffre qui n'était pas encor le ciel bleu ;
Et l'esprit regarda la bête ; sa prunelle
Formidable versait la lueur éternelle ;

Le monstre, si petit qu'il semblait un point noir,
Grossit alors, et fut soudain énorme à voir ;
Et Dieu le regardait de son regard tranquille :
Une aube étrange erra sur cette forme vile ;

L'affreux ventre devint un globe lumineux ;
Et les pattes, changeant en sphères d'or leurs nœuds,
S'allongèrent dans l'ombre en grands rayons de flamme ;

Iblis leva les yeux ; et tout à coup l'infâme,
Ebloui, se courba sous l'abîme vermeil :
Car Dieu, de l'araignée, avait fait le soleil...

Tal é a ideia que hoje fazemos de Deus e do Diabo, — dois principios antagonicos e rivaes, existindo ambos desde a creação do mundo, um, que é a fonte de todo o Bem, sempre vencedor, e o outro, que é a fonte de todo o Mal, sempre rebellado contra o primeiro, e sempre vencido por elle, numa luta formidavel e eterna.

Mas, para os judeus, e para a sua religião, durante muito tempo, o Diabo não existiu. O Deus, que nós herdámos do povo de Israel, foi,

a principio, um Deus absoluto, que incarnava em si todo o Bem e todo o Mal, — Iaveh, um Ente superior á Natureza que creou, e distribuindo arbitrariamente as benções e as maldições. Quando Iaveh fala pela bocca de Isaias, é assim que fala : « Eu fiz a luz e as trevas; eu fiz o bem e fiz o mal; eu sou aquelle que tudo fez. » O Diabo — notae bem — só começa a apparecer, na Biblia, no *Livro de Job*, o qual, quasi se pôde assegurar com absoluta certeza, foi escripto no seculo VIII antes de Christo. Fala-se, sim, na Biblia, de espiritos bons e espiritos maus, emanações da Divindade, a qual é ao mesmo tempo o Bem e o Mal. Mas o Diabo propriamente dito, o tentador do homem, não apparece antes do Livro de Job. Foi pouco antes, portanto, da redacção do Livro de Job, que, na consciencia dos hebreus, a Divindade começou a separar-se em dois principios antagonicos. E ainda ahi, o Diabo não é propriamente o inimigo de Deus. Satanaz começou por ser um servidor de Deus, uma emanação sua, um anjo, como dizemos hoje. Aqui está o trecho preciso : — « Cap. I. — 6. Mas um certo dia, como os filhos de Deus se tivessem apresentado diante do Senhor, achou-se entre elles Satanaz; e o Senhor lhe disse : de onde vens tu? e elle respondeu dizendo : girei a terra, e andei-a toda. (Livro de Job). » Assim, Satanaz apresentava-se diante do Senhor, entre os seus filhos; não seria talvez um bom filho seu, um

landa, outro em Argel e que dahi lhes veio (ou nos veio) o serem corsarios. Esta é a substancia do apologo, nem mal formado, nem mal repartido; porque ainda que a applicação dos vicios totalmente não seja verdadeira, tem comtudo a semelhança de verdade, que basta para dar sal á satyra. E supposto que a Hespanha lhe coube a cabeça, cuido eu que a parte d'elle que nos toca ao nosso Portugal é a lingua : ao menos assim o entendem as nações estrangeiras, que de mais perto nos tratam. Os vicios da lingua são tantos, que fez Drexelio um abecedario inteiro, e muito copioso d'elles. E se as letras deste abecedario se repartissem pelos estados de Portugal, que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não ha duvida que o *M. M* Maranhão, *M* murmurar, *M* mo-tejar, *M* maldizer, *M* malsinar, *M* mexiricar, e, sobre tudo, *M* mentir : mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos por todos os lados aqui se mente...»

Quisilias, raivas de padre, e de padre politico...
E vamos adiante!

Ora, pois! ahi está o Diabo, o legitimo Diabo, creado, disposto a viver milhares de seculos, e a chegar até a nossa época, fazendo excursões pela terra, combatendo o poder de Deus, seduzindo almas e perturbando a vida humana.

Até quando viverá elle? será eterna a damnção

do Anjo Decahido? Ha opiniões... Os demonologistas, (porque, acerca do Diabo, existe uma vasta sciencia, sobre a qual já se escreveram mais de mil volumes) não estão de accordo : para uns a luta entre o principio do Bem e o do Mal será eterna, e o Diabo e o Inferno existirão sempre; mas, para outros, o Mal cessará um dia, e os dois principios antagonicos hão-de, na harmonia final, reunir-se em um só. Esta ultima opinião é também a dos poetas... Assim é que Leconte de Lisle, em uma formosa poesia traduzida por Valentim Magalhães, mostra Satanaz, cançado da rebelião e da luta, pedindo e esperando a morte, como um termo á sua condemnação :

Os punhos remordendo, immovel e calado,
Pelo manto fatal das azas envolvido,
Sobre um pico, de gelo eterno guarnecido,
Deteve-se uma noite o antigo Fulminado...

A terra prolongava em baixo, escura e ingente,
As plagas em que o mar estende os braços fundos;
Em cima scintillava o céu cheio de mundos;
— *Elle*, porém, fitava a sombra unicamente...

E d'alli, dardejava os olhos inflammados
Ao pégo, que condensa as coleras austeras,
Onde ferve o bulcão dos homens e das feras,
Ullulando ao passar dos seculos irados.

E elle ouvia subir hosannas fementidas,
Os *Te-Deum* dos reis, os ais e as maldições,
O fundo estertorar das miseras nações
E os justos a gemer em ancias doloridas.

Este concerto estranho e funebre do Mal,
Tão velho como o mundo e como a raça humana,
Mais forte e mais revel que a sua raiva insana,
Cercava de fragor o tetrico Immortal.

Então voltou de um salto aos tempos insondaveis,
Em que habitou tambem o eéo azul profundo;
Ante o estúpido horror do seu destino, um fundo
Tremor enregelou-lhe os membros formidaveis.

Braços e pés crispando, ergueu a grande voz,
Elle, a victima antiga, o sonhador primeiro,
E o brado seu ferio o espaço sobranceiro,
Em que, fervido, bóia o espumear dos sóes :

Como uma horrivel chuva, os dias meus, que horror!
Se accumulam em vão na minha eternidade.
Orgulho, desespero e força é só vaidade!
A luta me aborreee e pésa-me o furor.

O odio, como o amor, me tem atraídoado :
Eu bebi todo o mar dos prantos infeeundos!
Tombae e me arrasae, raios, montões de mundos!
Que no sagrado somno eu seja mergulhado! »

Acompanhemos a evolução do Diabo...

Christo vem ao mundo, afim de salvar a humanidade, e o Principe Tenebroso procura tentá-lo, para combatel-o. Já então o vemos, ora sob a fôrma de uma creatura humana, ora incarnado nos mais immundos animaes. Na scena da *Tentação* na montanha, nessa admiravel scena, que vale por si só todo um poema, o Diabo é um homem, uma creatura com a forma humana; em

outro ponto do Novo Testamento, vemol-o incarnado num bando de porcos. E, d'aqui a pouco, vel-o-emos tomar um numero infinitamente variado de outras formas.

De anno a anno a sua personalidade dilata-se, estende-se, cresce, multiplica-se.

Quando se deu a victoria do Christianismo, aconteceu o que sempre costuma acontecer, quando se opera uma grande reforma, quando se dá uma grande crise moral, religiosa ou philosophica : estabeleceu-se nos espiritos uma confusão entre as crenças que desapareciam e as crenças que triumphavam. Christo ficou senhor do mundo; os grandes deuses do paganismo desapareceram. Mas o povo, que não pode passar sem o sobrenatural, se não continuou a acreditar na existencia de Jupiter, de Apollo, de Diana, continuou a acreditar na existencia dos genios mysteriosos, dos sub-deuses, que viviam nos troncos das arvores, na agua dos rios, nos campos e no mar. Sómente, como a ideia do Diabo já estava vencedora, não houve mais, propriamente, faunos, sylvanos, nymphas, dryadas, hamadryadas, napeas : todas essas entidades fabulosas ficaram sendo diabos, *diabinhos*, que representavam todas as forças vivas da Natureza.

Depois, os barbaros, descendo do norte, e vindo destruir o imperio romano, trouxeram comsigo uma infinita multidão de outras pequenas divin-

dades, que se transformaram em outras tantas incarnações do Diabo. Os christãos não podiam acreditar em muitos deuses : só havia para elles um Deus verdadeiro; mas nada os impedia de acreditar em muitos diabos. Assim, aos demonios em que se haviam transformado os genios do paganismo, vieram juntar-se os demonios em que se transformaram os genios importados do norte da Europa. Os teutões, os escandinavos, os germanos trouxeram comsigo os seus kobolds, os seus nixes, os seus elfos, as suas fadas, os seus trasgos e duendes. E a terra ficou cheia de diabos. Foi um horror!

Onde esse horror se manifestou com maior intensidade, foi nos desertos, em que se ermavam do mundo os cenobitas. Esses ascetas, mal alimentados, extenuados pelos jejuns, pelas vigílias, pelas penitencias de toda a sorte, exaltados pelos extases da prece, solitarios no meio da natureza selvagem, viam o Diabo em tudo, nas arvores, nas aguas, nas nuvens, no ar... No poema de Flaubert, *A tentação de Santo Antão*, o anachoreta descreve o seu supplicio no ermo : « Escolhi para morada o tumulo de um Pharaó... Mas um encantamento circula por esses palacios subterraneos, onde as trevas ainda parece que estão carregadas da antiga fumarada dos incensos. Do fundo dos sarcophagos, eu ouvia elevar-se uma voz dolente que me chamava; ou então,

diante dos meus olhos, animavam-se e punham-se a viver as cousas abominaveis que estavam pintadas nas paredes... Fugi até a beira do Mar Vermelho, e asilei-me em uma cidadella em ruinas... Ahi, os meus companheiros eram os escorpiões, que se arrastavam entre as pedras. A' noite, havia unhas que me arranhavam, bicos que me mordiam, azas molles que me roçavam : de momento em momento, *demonios horriveis, urrando ao meu ouvido, rojavam-se no chão, perto de mim...* »

A crença dos ascetas, dos santos que jejuavam e rezavam nos desertos, era essa : *ubique demon*, « o Diabo está em toda a parte »... Os messalios viviam sempre a assoar-se e a escarrar, para expectorar os demonios que lhes enchiam o corpo. E dos diabos, que então havia, existia uma certa classe, particularmente interessante, especialmente maligna, e perversamente obscena : os *incubos* e *succubos*. Os incubos eram demonio masculinos, e os succubos eram demonios femininos ; e quem quizer saber o que elles faziam leia o que d'elles diz Santo Agostinho, no capitulo XV da sua « Cidade de Deus... »

Quando começou a idade média, já não havia um só palmo do territorio da Europa que não estivesse occupado pelo Diabo, — ou pelos Diabos, que já eram legião. Nessa época, Satanaz começou a corromper a propria Igreja. Começaram a appa-

recer as heresias. Quem as inspirava? o Diabo... Até um papa, Sylvestre II, foi accusado de lhe haver vendido a alma, — e o seu corpo, depois de elle morto, foi mutilado e esquartejado pelos car-deaes.

Oh! essa agitada e soffredora idade média, — que campo vasto para o exercicio das artes e das manhas do Diabo! Esses cinco seculos marcaram o apogeo do soffrimento humano, e foram uma tragica epopea de amargura e tristeza!

O anno 1000 entrou amaldiçoado. Uma hedionda molestia, até então desconhecida, « o fogo sagrado ou gangrena secca ». começou a dizimar os homens : os desgraçados cahiam de chofre, fulminados pelo mal implacavel, que lhes comia, em poucas horas, toda a carne, desligando-a dos ossos. Como se isso não bastasse, veio a fome, — fome terrivel : nos campos torrados não medravam as sementes; as fontes seccavam; as gentes, núas e desesperadas, morriam aos montões, pelas estradas.

Cem annos depois, nova epidemia do « fogo sagrado » e nova e mais forte escassez de pão : os famintos devoravam os cadaveres, saeiando-se nas carnes podres... Depois, quando raiou o seculo XII, a lepra; depois, quando surgiu o primeiro dia do seculo XIII, uma carta, « cahida do Céu » e achada sobre um altar de Jerusalém pelo patriarcha Acarias, annunciou que o mundo ia aca-

bar : e, logo, um terremoto medonho convulsionou a Asia e a Europa, tragando cidades inteiras.

O seculo XIV foi o da « grande morte » : a peste-negra, importada do Oriente desabou sobre as nações, desertando-as ; Paris, que tinha duzentas mil almas, ficou reduzida a cincoenta mil ; os energumenos collaboravam com a epidemia, matando judeus ; e, quando parecia que tudo ia acabar, uma nova molestia, ainda mais terrivel, a « dança de S. Guido », veio misturar á tragedia o seu comico macabro ; — toda a gente desatou a dançar, com a bocca escumante e os olhos em fogo...

Passaram mais cem annos, o seculo XV nasceu ; e então, todas as calamidades se associaram : o soffrimento, a que já todas as almas se tinham habituado, chegou a parecer uma delicia ; a immundicie cobria a terra ; os corpos decompunham-se ao sol ; e os bandos negros dos penitentes uivavam o hymno da Dor, a apotheose da Tortura, os amargurados versos do *Stabat Mater*...

Dante escrevera a *Divina Comedia*. O sombrio e divino poeta pintára nesse poema o Inferno, — o logar dos eternos supplicios. Para que? o verdadeiro inferno era a Terra, inferno de homens, cemiterio de vivos, tablado sinistro em que se representava a tragedia da agonia da alma humana. Que campo magnifico, essa éra, para o imperio do Diabo ! Disse Lucano que o medo inventou os deu-

ses : e inventou tambem o Diabo, associando-se ao soffrimento; o Diabo é filho do soffrimento e do medo.

Que haviam de fazer, naquelle tempo, as almas infelizes, que se julgavam abandonadas de Deus? entregavam-se ao Diabo. Assim nasceu a feiticeira, assim nasceu o culto do Sabbath. Os senhores eram brutaes; os pobres servos viam que o céo, como a terra, só podia pertencer aos ricos e aos poderosos. Para aquelles desgraçados, o Diabo era o libertador e o consolador : entregavam-se a elle... Os padres opprimiam o povo, torturavam-n'o, queimavam-n'o : que havia de fazer o povo? entregava-se ás feiticeiras...

A feiticeira, que conhecia as virtudes das hervas do campo, era o medico do povo. As horri-veis molestias da idade media foram principalmente molestias da pelle, e molestias nervosas. As primeiras dependiam da falta de aceio, e do uso immoderado das especiarias, do cravo da India, da pimenta, da noz-moscada, do gengibre, de todos esses violentos excitantes, que os Cruzados trouxeram do Oriente. Calcule-se o cfeito da ingestão d'esses terriveis fustigadores do sangue, em gente que nunca tomava banho! Esta expressão « que nunca tomava banho, » não é uma expressão de valor aproximativo : é uma expressão de valor real. Michelct escreve : « Nem um banho durante mil annos ! A sociedade

da Idade Média temia a ablução como um peccado : e é triste pensar que todos esses esbeltos cavalleiros, todas essas damas ethereas, Tristão, Parsifal, Isolda, não se lavavam nunca!... »

Ora, não só para essas molestias, como para as molestias nervosas, para as hysterias e para as epilepsias que o terror gerava, a feiticeira tinha remedios, que, se não as curavam, ao menos diminuiam consideravelmente o soffrimento : tinha a datura, a mandragora, a belladona, a dulcamara, — todas essas plantas da immensa familia das solanaceas, a que o povo agradecido deu o nome de « consoladoras ». Mas a feiticeira não era apenas o medico do corpo : era tambem o medico da alma : as suas palavras, os seus conselhos, os seus esconjuros, as suas rezas eram tambem poções sedativas. Porque, na idade média, se havia diabos máus, havia tambem diabos de bom coração. Havia diabinhos que em troca de um pouco de comida, que se collocava, para attrail-os, atraz da porta, faziam todo o serviço da casa, varriam o chão, acendiam o fogo. Outros davam dinheiro. Outros adoçavam o coração dos maridos brutaes. Outros enterneciam o coração dos amantes ingratos. A feiticeira punha as almas simples e soffredoras em contacto com esses demonios bemfazejos. D'ahi, o seu imperio, d'ahi a extensão do culto e da veneração que ella merecia...

Tudo isso parece estar tão longe da nossa idade! Mas, realmente, não está...

Lembrae-vos o tempo do captiveiro no Brazil. Foi hontem... Os pobres captivos, penando e suando, no duro trabalho da lavoura, sem liberdade, sem consolo, sem esperança, recorriam tambem aos seus feiticcios e ás suas feiticeiras. Como os servos da idade média, os captivos do Brazil tambem já nada esperavam de Deus... Esse Deus, todo amor, todo piedade, todo misericordia, — só tinha misericordia, só tinha amor, só tinha piedade para os senhores. Os senhores tinham o pão farto, tinham o somno regalado, tinham liberdade, tinham familia. Elles, os escravos, nada tinham. Nada?... tinham alguma cousa : tinham o trabalho esfalfante, tinham o tronco e a gargalheira, tinham o chicote do feitor. Ah! ás pobres pretas nem era dado o direito de ser mães! A maternidade era uma delicia, um gozo, uma divina esmola, que Deus sómente concedia ás senhoras!... A's vezes, o pretinho, apenas nascido, era arrancado aos braços maternos; outras vezes, ainda se permittia que as mães amamentassem os seus filhos, — sómente para que elles não morressem, o que seria um prejuizo para o senhor, que já havia escripturado, na columna do — haver — dos seus livros, mais essa propriedade humana. Uma vez crescido, o fruto do ventre martyr era vendido, como um

bacoro ou como um bezerro... Que haviam de fazer os pobres captivos, assim desamparados de Deus? entregavam se ao feiticeiro, que era o representante do Diabo.

Assim, com tantos seculos de intervallo, em duas épocas tão distantes e tão differentes, vemos a credulidade, a superstição, a pratica da feiticaria, o culto do Diabo, nascerem das mesmas causas : o soffrimento e o medo. E, em uma como em outra d'essas duas épocas, aquillo que nascia da injustiça, e do desespero, e que só deveria ser tratado pela justiça e pela piedade, — era tratado pelo terror e pela violencia : — na idade média, a feiticeira era queimada; aqui, nas fazendas, o « mandingueiro » era ás vezes acorrentado e chicoteado até o sangue...

Não é possível tratar da idade média e da feiticaria, sem tratar do *sabbath*.

Sabeis todos, mais ou menos, o que era o *sabbath*, — essa medonha cerimonia, em que se condensavam a ignorancia, o desespero, a tortura moral, o terror d'aquella éra maldita. Era, talvez, uma reminiscencia, uma imitação dos antigos ritos bacchicos da Grecia. Nas bacchanaes gregas, os assistentes gritavam, no mais acceso da orgia : « Saboé! Saboé! » D'essa palavra, — ou, como querem outros, do nome Sabasius, que era um dos appellidos do Diabo, — vem a palavra *sabbath*.

Em que consistia a cerimonia? era um congresso de feiticeiras, sob a presidencia do Diabo. Fazia-se a reunião numa encruzilhada, num sitio selvagem e deserto. E eis como a descreve Pompeyo Genner : « Sobre um throno rustico, senta-se o Principe da Revolta. O eterno banido apparece com a cabeça coberta por um gorro, ornado de negras pennas de gallo. A sua physionomia é sombria, a um tempo melancolica e sinistra. Illuminam-o as tochas com um clarão avermelhado e vacillante. A scena é fantastica e feroz... A' incerta claridade, não se póde dizer se o Diabo é um homem, ou um animal, ou uma estatua... Coroadas de flores silvestres, uma feiticeira, ao lado de Satanaz, clama a imprecação terrivel : *abracax! abracax!* » Aqui, porém, é preciso interromper a citação : ha cousas que só podem ser ditas em latim, — e eu não sei falar latim...

O que é bom de contar, porque é pittoresco e innocente, é o modo por que as feiticeiras iam ao sabbath. A assembléa (dizem os doutores em demonologia) sempre se realizava na noite de quarta para quinta-feira, ou na de sexta-feira para sabbado. Quando o Diabo queria reunir a sua assembléa, usava estratagemas interessantes. Como naquelle tempo ainda não havia jornaes, em que o Principe das Trevas pudesse inserir annuncios : — « reúne-se amanhã em assembléa

geral ou em sessão ordinaria o sabbath... » — servia-se elle de certos avisos convencionaes, dos quaes um dos mais usados consistia no apparecimento de um carneiro, no céu, entre nuvens. Então, as feiticeiras...

Convém talvez explicar porque é que digo sempre : as feiticeiras. Não haveria tambem feiticeiros? Havia. Mas eram poucos. Michelet cita esta phrase de um escriptor do seculo XV : « para cada feiticeiro, ha dez mil feiticeiras ». A explicação é facil. A mulher sempre foi mais impressionavel, mais nervosa, mais credula, mais exaltada do que o homem; além d'isso, ella era na idade-média uma verdadeira escrava : era ella quem mais soffria, e ella quem, pela fatalidade do seu temperamento e da sua educação, estava principalmente fadada a ser feiticeira. E nem é necessario insistir sobre este ponto : todos sabemos que, num certo sentido, ainda agora, no seculo XX, a mulher continúa naturalmente a ser feiticeira : porque, se ha feitiços efficazes, completos, inevitaveis, que possam ter influencia sobre credulos e incredulos, são ainda os feitiços que veem da Mulher...

As feiticeiras partiam para o sabbath montadas em cabos de vassouras, e iam assim pelo ar, voando, com uma assombrosa rapidez. Quando a sessão era solemne, os demonios vinham buscar-as : e ellas cavalgavam os servidores de Sata-

naz, que ora revestiam a forma de bodes alados, ora de dragões, ora de hypogriphos. Cada um dos assistentes trazia comsigó um sapo : o dono do sapo mais gordo ganhava um premio.

Esta é, nas suas linhas geraes, como a podeis encontrar nos livros dos demonologistas, e nas accusações dos padres credulos ou apaixonados, que queimavam as feiticeiras para dar cabo da feiticeria, a descripção do sabbath.

Ainda ha pouco, falava-vos eu da feiticeria dos pretos das senzalas, no tempo do captiveiro. Pois bem ! nas lendas do nosso sertão, tambem ha a tradição do sabbath. Bernardo Guimarães tem uma poesia engraçadissima, em que se descreve uma d'essas ceremonias da demonologia brasileira. A poesia é longa, e d'ella escolherei apenas algumas quadras :

Meia noite soou na floresta,
No relógio da torre de pau;
E a velhinha, rainha da festa,
Se assentou sobre o grande girau.

Lobishome apanhava os gravetos,
E a fogueira no chão acendia,
Revirando os compridos espetos,
Para a ceia da grande folia.

Junto d'elle, um vermelho diabo,
Que sahira do antro das phocas,
Pendurado num pau pelo rabo,
No borralho torrava pipocas.

Taturana, uma bruxa amarella,
Resmungando com ar carrancudo,
Se occupava em frigir na panella
Um menino com tripas e tudo.

Gelirana, com todo o socego,
A caldeira da sopa adubava
Com o sangue de um velho morcego
Que alli mesmo com as unhas sangrava.

Mamangava frigia, nas banhas
Que tirou do cachaço de um frade,
Adubado com pernas de aranhas,
Fresco lombo de um frei dom abbade.

E a rainha, com as mãos resequidas,
O signal por trez vezes foi dando,
A cohorte das almas perdidas
D'esta sorte ao batuque chamando :

Vinde, ó filhas do ouco do pau,
Lagartixas do rabo vermelho,
Vinde, vinde a tocar merimbau,
Que hoje é festa de grande aparelho!

Mil duendes dos antros saíram,
Batucando, e batendo matracas :
E mil bruxas uivando surgiram,
Calvagando compridas estacas.

Trez diabos, vestidos de rôxo,
Se assentaram aos pés da rainha,
E um dos trez, que só tinha um pé côxo,
Começou a tocar campainha...

Capetinhas, trepados nos galhos,
Com a cauda enrolada no pau,
— Uns agitam sonoros chocalhos,
Outros põem-se a tocar merimbáu....

Como veremos d'aqui a pouco, todas essas personagens de que fala o poeta, e cuja tradição ainda hoje anda tão espalhada pelo interior do Brazil, — o lobishomem, o gallo preto, o sapo inchado, — são figuras da demonologia antiga.

Claro está que, no sertão do Brazil, o sabbath nunca passou de uma invenção, de uma criação da poesia popular... Mas, na Europa, durante a idade média, haveria realmente o sabbath? Havia. No trecho de Pompeyo Genner, que ha pouco vos citei, convém reparar nesta phrase : *« á incerta claridade, não se pôde dizer se o Diabo é um homem, ou um animal, ou uma estatua... »* Essa observação, que Pompeyo Genner colheu em varios livros da idade média, é comprovada pelo que se lê em todas as descrições do sabbath, feitas pelos demonographos. Assim, o que se deve e pôde suppor, é que o papel do Diabo era, nessas reuniões, representado por algum actor mais ou menos disfarçado e mascarado. Já eu disse que o Diabo é pae da malicia e da esperteza... Entre as historias de que se compõe a antiga demonographia popular da

França, ha uma que é característica. Um carvoeiro, casado com uma bondosa e simples mulher, foi certa vez encontrado, alta noite, na adega de um senhor feudal. Os servos, que alli o encontraram, levaram-n'o logo á presença do senhor, que ia mandar espancal-o, quando o homemzinho, caindo de joelhos, começou a explicar a sua presença na adega : « Esta noite (dizia elle) estava eu dormindo, quando acordei, ao sentir que minha mulher se levantava, e comecei a espreitar o que ella fazia. Vi que esfregou todo o corpo com uma certa droga de cheiro repugnante, cavalgou um cabo de vassoura, e de repente desapareceu, sem que eu pudesse perceber por onde tinha saído, estando fechadas todas as portas. Comprchendi logo que era casado com uma feiticeira ; quiz certificar-me d'esta verdade, esfreguei tambem o meu corpo com a tal droga, cavalguei tambem um cabo de vassoura, senti-me immediatamente arrebatado pelo espaço em fóra, e vim cair aqui dentro, entrando pela chaminé. Quando aqui me vi, achei minha mulher e outras feiticeiras, reunidas em sabbath. Assim que perceberam a minha presença, desapareceram como por encanto... » Pois bem ! tal credito mereciam, e tal terror infundiam naquelle tempo essas invenções, que o patife, o rematado bebedor, que só havia entrado naquella adega para se emborrachar com os

vinhos do senhor feudal, foi logo posto em liberdade; e, no dia seguinte, a pobre mulher, cujo crime unico era haver casado com um beerrão mentiroso, foi queimada viva...

De certo todos os outros testemunhos, prestados nos processos de feiticaria, tinham o mesmo valor do depoimento d'esse carvoeiro borracho.

Desgraçadamente, a Igreja, naquelle tempo, era feroz, e contentava-se com pouco para condemnar á fogueira as feiticeiras. E' impossivel estabelecer a estatistica das victimas d'essa perseguição. Havia dias, na Allemanha, na França e na Hespanha, em que eram queimadas quatrocentas e quinhentas desgraçadas... Bastava que uma mulher hysterica ou louca inventasse ter ido ao sabbath, para que logo os executores da justiça religiosa a obrigassem a denunciar as pessoas com as quaes se havia encontrado na solemnidade sinistra. A infeliz, dominada pelo terror, pela fome, pela tortura, confessava tudo quanto lhe pediam; e acendiam-se logo as fogueiras expiatorias; — e o Diabo, se realmente existisse, deveria folgar bastante, vendo o trabalho que dava á Igreja, e vendo o resultado das suas intrigas, forjadas entre o Creador e as creaturas.

Mas não nos demoremos sobre este horror! Vamos antes rir um pouco á custa do Diabo, por cuja culpa tanta gente tem soffrido, chorado e morrido neste mundo...

Já sabemos o que é ou quem é o Diabo. E já vimos o que elle fez até o começo da idade moderna. Para estudal-o bem, vejamos quantos diabos ha, — ou havia — e como elles apparecem, — ou appareciam.

Quantos diabos ha? Oh! o numero é infinito! Um celebre demonographo, o Dr. Wier, diz que ha, espalhados pela terra, 44.635.569 diabos! Mas outro doutor em demonologia, igualmente celebre, Blook, diz que esse calculo fica muito aquem da verdade, porque cada homem tem um diabo que o acompanha sempre como a sua propria sombra, devendo portanto o numero dos diabos ser igual ao numero das creaturas de que se compõe a humanidade, — e isso sem contar os demonios vadios, que andam pelo ar, pelo solo e pelas aguas, sem occupação, passeiando...

Para que façaes uma idéa do pouco espaço que o Diabo póde occupar, vou citar-vos alguns calculos. No fim do seculo XVI, um bispo de Vienna, Gaspar Neubeck, exorcismou uma rapariga de 16 annos, Anna Schlutterbauer, do corpo da qual extraíu 22.625 demonios! E' bom notar que esta historia não é uma invenção minha, nem do autor do livro em que a encontrei : « o processo

escripto » d'essa operação, realizada pelo bispo Neubeck, ainda hoje se conserva nos archivos da cidade de Vienna... Um arcebispo de França, Turpin, conta que certa vez, estando em casa, a compôr um sermão, foi sorprendido por um rumor confuso, um como alto zumbido que soava na rua. Foi á janella, cuidando que ia assistir á passagem de uma nuvem de gafanhotos. Não! era a passagem de uma nuvem de demonios, que iam, voando, assistir aos ultimos instantes de vida do imperador Carlos Magno, a ver se conseguiam apanhar-lhe a alma : « eram tantos (escreve o santo homem) que tapavam a luz do dia! »... Uma ultima nota : a Kabbala, que, como sabeis, era o compendio da theosophia dos judeus, conta que o rei Salomão prendeu, certa vez, dentro de uma garrafinha de vidro, 522.280 diabos !

Quereis agora saber o que é a Côte Infernal?

A Côte Infernal, segundo a crença corrente na idade média, é governada por Belzebú. Não se sabe porque, o Diabo primitivo, que era Sata-naz ou Lucifer, foi desthronado. Houve uma revolução no Inferno, e Lucifer foi deposto. Tambem por lá se conhece o regimen das revoluções e das deposições... As milicias de Belzebú compõem-se, segundo os mais rigorosos demonologistas, de 6.666 legiões, formada cada uma de 6.666 demonios. No inferno ha a classe aristocratica, e ha a plebe : diabos ricos e diabos pobres, diabos

que governam e diabos que pagam. Como os homens souberam crear um inferno á imagem do mundo em que vivem!... Todos os nobres do inferno pertencem á ordem honorifica da « Mosca ». A palavra Belzebú significa : « Senhor das Moscas ». Satanaz, o Imperador desthronado, não pertence a essa ordem da Mosca, nem a ordem nenhuma : Satanaz é o chefe do partido da opposição; naturalmente, vive affastado do poder e do orçamento, escrevendo artigos e fazendo discursos de opposição contra Belzebú... Em torno de Belzebú, que, como o negus Mene-lik da Abyssinia, se póde intitular o Rei dos Reis, ha quatro reis que commandam os quatro pontos cardeaes, vinte e trez duques, treze marquezes, dez condes... Como tudo isto é tolo! não achaes? E' tolo, sim... mas, por causa d'estas tolices, muitos milhões de creaturas humanas morreram nas fogueiras...

Vamos agora contemplar — não tenhaes medo! — o retrato do Diabo. Como apparece o Diabo? Sempre é bom conhecel-o...

O conselheiro Delancré, presidente de muitos tribunaes em que se julgaram varios processos de feiticaria, descreveu assim a figura do Principe das Trevas, de accordo com o depoimento das pessoas que confessavam havel-o visto no sabbath : tem o rosto palido e conturbado, os olhos enormes e esbugalhados, uma barba de

bode, o pescoço mal construido, o corpo meio de homem meio de cabra. A sua voz é rouca. Tem o aspecto de uma creatura melancolica e aborrecida, — provavelmente pela obrigação de aturar tanta gente idiotamente credula...

Mas de quantas formas humanas é capaz de se revestir o espirito maligno! Houve quem o visse, por exemplo, com a apparencia de um Mouro, de olhos brilhantes como dois carbunculos, e houve quem o encontrasse sob a figura de um ethiope, cerradamente preto, lançando fogo pelos olhos, e pondo fóra da bocca uma lingua do tamanho de dois metros! A este proposito, convém notar que, se é frequente que os povos de côr branca vejam o diabo sob a forma de uma pessoa de côr preta, o caso contrario tambem é frequente. Assim, varias tribus africanas acreditam que o Diabo é um sujeito inteiramente branco. Essa crença é natural : para os pobres africanos, quem deve ser afinal o Diabo? deve ser naturalmente o europeu branco, que os escraviza e os mata... Nós, frequentemente, attribuimos ao Diabo a forma, os predicaos, e as qualidades das pessoas a quem mais odiamos : assim, durante a luta religiosa da Reforma, no começo do seculo XVI, o Diabo, para Luther, era o papa ; e, para o papa, era... Luther.

O grande Seductor não apparece sómente sob a forma de uma creatura humana. Apparece tam-

bem sob a forma do porco, do macaco, do gato, do bode, do sapo, do corvo; apparece ainda como um dragão, como uma esphinge, como uma chimera, como uma aranha; e pôde ainda tomar a forma de um objecto inanimado : uma hespanhola de Toledo bebeu um dia o Diabo, chupando uma laranja; e Sprenger, um homem que mais do que ninguem entendia d'estas cousas de demonologia e de feiticeria, diz que uma religiosa, certa vez, achou o Diabo numa folha de alface que ia comer...

Mas, de entre as formas de animaes, a forma preferida pelo Diabo sempre foi a do lobo. Ha por ahi alguem que não tenha, já não digo visto um lobishomem, mas ouvido falar d'elle? Para bem dizer, o lobishomem não é propriamente o Diabo : é uma creatura possuida do Diabo, e que *vira lobo*, como tambem ha certas creaturas que *viram mula sem cabeça* por motivos que não me convém explicar aqui... Essa transformação de uma creatura humana num lobo chama-se « lycanthropia ». E não eram sómente aquelles, que de bom grado se vendiam ao Diabo, que *viravam* lobishomens : todos aquelles, que os Papas ou os Bispos excommungavam, tambem se transformavam em lobos. E não eram os homens somente : eram as mulheres tambem... Michelet copiou de um velho livro francez uma lenda terrivel. Certa

noite, um caçador atirou sobre um lobo. Não o matou, mas cortou-lhe com o tiro uma pata. O caçador levou comsigo essa pata, e foi hospedar-se num castello visinho. « Então, que tal a caçada? » perguntou-lhe o castellão. « Só cacei uma pata de lobo! » disse elle, gracejando. E quando ia mostrar ao castellão o trophéo da sua caçada, viram os dois com espanto que o que alli havia era uma mão, uma mão de mulher, em um dos dedos da qual o castellão encontrou o anel de sua propria esposa... Foi chamada a castellã : appareceu, pallida, e escondendo o braço. Esse braço não tinha mão; a mão, arrancada á loba, adaptava-se perfeitamente ao punho decepado... A castellã confessou então que todas as noites, disfarçada em loba, ia encontrar o Diabo na floresta, — e foi queimada viva. A fogueira era sempre o triste epilogo d'esses dramas, que a estupidez e a maldade dos homens engendravam...

Cabe agora aqui uma referencia, ainda que rapida, aos nossos diabinhos, aos diabinhos nacionaes, que povoam os mattos brasileiros. Seria mais do que injustiça não tratar d'elles : seria falta de patriotismo.

Conheceis o *capóra*? conheceis o *sacy*? conheceis o *capeta*?

Serão demonios verdadeiros? ou serão apenas

« espiritos da floresta »? Os primeiros diabinhos dos primeiros tempos do christianismo que eram? — eram os faunos, eram os sylvanos, eram os espiritos do bosque... Assim, podemos, com legitimo orgulho, affirmar que tambem possuimos demonios nossos, bem nossos : porque o *capeta*, o *sacy*, o *capóra*, se não são o proprio Diabo, são filhos d'elle.

E' difficil descrever o typo de cada um d'esses diabinhos, porque em cada ponto do sertão brasileiro os matutos os veem de forma differente : tão certo é que cada homem imagina o Diabo de accordo com o seu proprio temperamento... Quanto ao *capóra*, a tradição mais espalhada é a que o pinta como um caboclinho, de uma perna só, e de cabeça enorme : é terrivel! quando se agarra a um matuto, só o deixa depois de o ver desgraçado para o resto da vida. O *capeta* é um diabinho de outro genero ; não é malvado ; é travesso, é traquinas, é o que se costuma chamar « um diabrete » : entorna as bilhas de leite, apaga o lume do fogão para infernar as cosinheiras, desarruma a casa, põe areia na sôpa, põe cinza no sal, — faz, emfim, as mais complicadas e engraçadas diabruras. O *capeta* é irmão-gemeo de um certo diabinho allemão, que, na Idade Média, infernava particularmente os boticarios, azedando-lhes as mésinhas, e entupindo-lhes o

pipo das seringas... Quanto ao *sacy*, — um poeta nosso, Ezequiel Freire descreveu-o assim :

« Das noites sem luar nas horas mortas,
quando a lareira não tem mais gravetos,
e é tudo escuridão pelas senzalas,
e só se escuta o resomnar dos pretos ;

surge d'alem, das bandas da tapéra,
cavalgando um corcel de taquary,
o pavoroso espectro das madornas,
o heróe das sextas feiras — o Sacy ».

Traja quimão de baetilha escura,
carapuça em funil, hirta e vermelha :
guarda na dextra as redeas de tabúa
e a ponta do cigarro atraz da orelha...

Vejamos agora... Se o Diabo é o genio do Mal, se todo o soffrimento vem d'elle, como se explica que a humanidade nunca o tenha odiado francamente, abertamente, radicalmente? O que se observa, na opinião que os homens sempre tiveram do Diabo, é que essa opinião é uma mistura de terror e — não direi de amor — mas de sympathy. Os homens sempre tiveram medo d'elle : mas, ao mesmo tempo, sempre lhe acharam graça e sempre se condoeram da sua sorte de condenado.

E' que realmente o Diabo « não é tão feio como se pinta ». E, a proposito : sabeis quem foi o autor d'essa phrase « o diabo não é tão feio como

se pinta »? Não foi um hereje, um livre pensador, um inimigo da Igreja; foi um ecclesiastico, um *clergyman* inglez, o reverendo George Herbert...

Já vos disse que, na idade média, havia demónios que se prestavam a auxiliar, como anjos bemfazejos, as donas de casa : varriam e arrumavam os quartos, acendiam o fogo, ninavam as crianças, — em troca de um pouco de comida. Mas a bondade do Condemnado ainda se manifestava de modo mais claro naquelles tempos. No regimen feudal, o Diabo era democrata : para defender os servos, perseguia os senhores; para amparar os bons, castigava os maus; para salvar os pobres, opprimia os ricos.

Ouví esta historia, extraída de um sermão de João Herold, monge do seculo XV. Um baillio, collecter de impostos, opprimia duramente o povo. Um dia, quando ia arrecadar os tributos da população de certa aldeia, encontrou o Diabo. Caminharam juntos. Appareceu na estrada um camponez, que levava á feira um cevado. O porco não queria marchar, e grunhia, e berrava; e o camponez, exasperado, dizia : « Carregue-te o Diabo, porco maldito ! » E o baillio perguntou ao Diabo : « Está ouvindo? não lhe agrada o offerecimento? » « Não! — respondeu o Diabo, com um sorriso de desdém — para que quero eu um porco? é pouco para mim!... » Mais adiante, á porta de uma choupana, um menino fazia manha,

espojava-se no chão, aos gritos : « leve-te o Diabo, menino malcriado! — » exclamava a mãe do pequeno. « E agora? » — perguntou o baillio. « Ainda acho pouco! — disse Satanaz — para que quero eu uma pobre criança?... » Chegaram enfim á aldeia. O povo, que conhecia bem o seu algoz, começou a bradar, assim que o viu : « Ahi vem o verdugo dos pobres! O Diabo que te carregue, malvado! » E, então, o Diabo exultou, clamando, com um riso de triumpho : « Agora, sim! agrada-me a proposta! » E arrastou o collecto-
tor de impostos para o inferno.

Outra historia, que é narrada por um padre italiano. Em certa cidade de Italia, um viajante hospedou-se em uma estalagem, e confiou ao estalajadeiro, em deposito, uma somma de dinheiro. No dia seguinte, reclamou o deposito. O hospedeiro negou que o houvesse recebido. O homem, indignado, começou a quebrar as louças, os moveis, as vidraças do albergue. Viêram os soldados, levaram-no ao carcere. O estalajadeiro ladrão instaurou processo contra a victima, que, não tendo dinheiro, não achava advogado que o quizesse defender. Mas, no dia do julgamento, appareceu, em meio da audiencia, um lindo mancebo, que ninguem conhecia, envolvido num largo manto negro, e trazendo na cabeça um gorro com plumas vermelhas : apresentou-se como advogado, e tomou a si a defesa do réu. O albergueiro,

depois de se defender eloquentemente exclamou : « Juro que não recebi tal depósito ! Se não é verdade o que digo, o Diabo que me carregue ! » E, immediatamente, o mysterioso advogado, despojando-se do manto, desdobrando nos ares um par de immensas azas rubras, clamou : « faço-te a vontade ! » — e, agarrando o patife, sumiu-se com elle atravez do tecto da sala...

E eu não acabaria hoje de contar-vos historias, para vos demonstrar que, naquelle tempo, conforme a crença popular, Satanaz era um distribuidor de justiça, e um provedor de misericordias.

Hoje, o Diabo vive desmoralizado. Já nada faz, de bom, nem de máu.

Só o vemos, actualmente, durante o Carnaval, nos « cordões », entre a Morte e o Velho, ao frenetico zabumbar do « Zé-Pereira ». E' bom lembrar que esses « cordões » carnavalescos, em que figuram a Morte e o Diabo, são ainda reminiscencias, reproducções deformadas de uma cerimonia da Idade Média : a Dansa Macabra. Mas a Dansa Macabra dos nossos carnavaes não é sinistra : é alegre. E sabeis o que me parece, nos bandos carnavalescos, o Velho, quando o vejo, com a sua enorme cabeça grotesca e o seu grosso bastão, entre a descarnada Morte e o trefego Diabo ? — parece-me o Bom Senso da nossa idade civilizada, que já não receia dar o braço direito á

Morte, porque sabe que ella é tudo quanto ha de mais natural, nem receia dar o outro braço ao Diabo, porque sabe que elle não passa de uma invenção...

O Diabo está desmoralizado. Só os poetas, — as eternas crianças — ainda acreditam, ou fingem acreditar nelle. E não resisto á tentação de lervos uma linda poesia, em que Vicente de Carvalho diz qual foi, em sua opinião, a melhor invenção do Diabo :

Deus, entregando ao Diabo a metade do mundo,
Deu-lhe a parte peor, como era de razão;
E, para arrecadar seu patrimonio, o Immundo
Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.

Tomando para si todo o immenso thesouro
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,
Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro
Nas estrellas da noite e no esplendor do dia;

Póde esparzir na areia as perolas do orvalho,
Matizar de rubis a aza de um beija-flor,
Fazer a primavera, e pôr em cada galho
O gorgeio de uma ave, e o riso de uma flor...

A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,
O odio como prazer, como pocilga um poço;
E elle, lá no seu reino escuro, a vida leva
De um cão magro, a que dão muita pancada, e um osso.

E é por isso que, enquanto a mão de Deus semeia
Astros de ouro no ceu, messes de ouro no pó,
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia
De lepra e maldição, como o punho de Job.

Só uma vez Satan respirou satisfeito,
E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso,
Quando um dia, ao sair do seu covil estreito,
De repente se achou dentro do Paraizo.

A primeira impressão, que teve, foi de inveja :
D'aquelle estranho quadro o imprevisto esplendor
Só lhe pôde arrancar á bocca malfazeja
Uivos de cão ferido, imprecações de dor.

Mas, de subito, como o corisco clareia
O tenebroso ceu nas borrascas de agosto,
Uma ideia triumphante, uma sinistra ideia
Fuzilou-lhe no olhar e illuminou-lhe o rosto :

Sobre um macio chão, todo em musgos e rosas,
Eva, formosa e núa, adormecera ao luar...
E, sobre a alva nudez d'essas fórmas graciosas,
Satan deixou cair um desdenhoso olhar.

Mas, num sonho talvez de cousas ignoradas,
Num desejo sem alvo, imperfeito e indeciso,
Eva os labios abriu — e abriram-se, orvalhadas
De um suspiro de amor, as rosas de um sorriso...

Espantado, Satan viu que esse marmore era
Animado e gentil, ardente e encantador :
Como um resumo viu de toda a primavera
Na frescura sem par d'aquella bocca em flor.

E foi sómente então que o Principe da Tréva
Imaginou o amor furioso e desgrenhado,
E resolveu fazer dos rubros labios de Eva
O calix consagrado ás missas do Peccado :

Labios feitos de mel, de rosas ao sereno,
De ceu do amanhecer, franjado em rosieler...
Entreabriu-os Satan; e, enchendo-os de veneno,
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher!

Infelizmente para o Diabo, isto não passa de uma ficção poetica. Se elle, realmente, houvesse inventado cousa tão boa, essa criação bastaria para que lhe perdoassemos tudo quanto houvesse feito de máu...

Mas não é essa a unica obra que se lhe attribue.

Imaginemos que Satanaz tenha existido, e exista ainda. Se é elle o autor de tudo quanto se lhe imputa, é mister confessar que os homens lhe devem muita gratidão. Sabeis que as mais crueis perseguições, armadas contra as pessoas sobre as quaes pczava a accusação de entreterem relações intimas com o Diabo, começaram justamente na época em que se deu a invasão da Europa pelos arabes. Os arabes, no meio da selvageria do seculo X, levaram á Europa uma civilização adiantadissima. Levaram-lhe a chimica, a astronomia, a arithmetica, a botanica, a medicina, a cirurgia, a pharmacia... Todo isso, áquellas populações incultas, pareceu logo obra do

Diabo. D'ahi por diante, a Sciencia não mais deu um só passo, sem que todo o seu progresso fosse attribuido á collaboração do Genio do Mal. Foi elle quem inventou a bussola, o papel, a imprensa, o vapor, a electricidade...

Sabemos bem que quem creou tudo isso foi o Genio Humano. Mas imaginemos que tenha sido o Diabo... E, nesse caso, reconheçamos que o que elle fez vale alguma cousa mais do que aquelle humilde gafanhoto, que, no poema de Hugo, vemos sair da officina infernal, depois de um insano e formidavel forjar!



DON QUIXOTE

Don Quixote

*(No Gabinete Portuguez de Leitura.
Rio de Janeiro.)*

E' em Argamasilla, humilde burgo da Mancha, não longe da agua escassa do Guadiana.

Felipe II, « o Demonio do Sul », acaba de morrer, no Escurial, quatorze vezes sacramentado, abraçado á imagem do Deus do Amor, que a sua ferocidade transformou num Moloch devorador de vidas.

A Inquisição triumphou. A Hespanha definha. A Invencivel Armada, com os seus cincoenta mil homens de terra e mar, e os seus trez mil canhões, em cento e cincoenta navios formidaveis, partida de Lisboa, entre repiques de sinos, para assombrar e assolar o norte da Europa, e naufragada nas costas de Inglaterra, engulida pelas ondas, no mais horrendo desastre naval que a Historia registra, — arrastou comsigo para o fundo do oceano a fortuna de Hespanha, a am-

bição do Rei Inquisidor, e o imperio universal sonhado por Carlos V... A miragem das riquezas da America arrebatada da terra a gente válida que as guerras pouparam. A gente, que fica, vive anciando e penando, num pesadêlo. Nos campos, a lavoura morreu. A alegria desertou as cidades. Ainda os poetas cantam; mas o pensamento desapareceu da poesia, exilado pelo despotismo; a literatura é apenas a palavra vasia e retumbante; Gongora é um semideus; tudo é inversão, tudo é metaphora, tudo é futilidade; e o poeta, para não morrer de fome, ou para não ser assado vivo, tem de comprimir e suffocar o seu talento, e ha-de implorar para os seus versos, em dedicatorias que rastejam e lambem o pó do chão, o apoio compadecido de um Grande. O Escorial, levantado ha pouco, em cumprimento de um voto do Rei, tem, para relembrar o martyrio de S. Lourenço, a fôrma de uma grelha immensa : os pés são as quatro torres; o cabo é o torreão da fachada oriental; e, sobre os jardins, alinham-se os dezesete claustros, como as barras da grade candente sobre renques de brazas. Essa architectura symbolica é a representação fiel do colossal assador, em que, ha 200 annos, se está estorcendo e chiando o corpo da miseranda Hespanha, consumido a fogo lento...

Ora, em Argamasilla, num escuro ergastulo da

casa de Medrano, ha um homem, um prisioneiro, que veio acabar na prisão uma vida errante, de aventuras, de perigos, de combates e de afflicções. O carcere é immundo, sem ar e sem luz. O encarcerado é fraco, desprotegido, prematuramente envelhecido pelos trabalhos, physica e moralmente arruinado pelo desespero.

Este homem, que foi outr'ora um brioso e galante mancebo, temido de homens e amado de mulheres, de agil corpo afeito ás caminhadas e ás pelejas, barbas de ouro fulgido, olhos chispantes de alegria e coragem, risonha bocca espirrando o sangue da saúde, robusto de braço e leve de pés, — é hoje um quasi ancião, enfermo e estropiado. Na batalha de Lepanto, um arcabuzação lhe mutilou a mão direita; enterrou-lhe outro golpe duas costellas na arca do peito; no hospital de Messina, curtiu longamente a dor das feridas e a dor do isolamento; em Corfú, em Navarino, em Tunis, devoraram-lhe o estomago as fomes, abrazaram-lhe as sêdes a garganta, aguaram-lhe e envenenaram-lhe o sangue as febres malignas. Muitas vezes, do navio em que affrontava a morte, viu outros navios, incendiados pelos brulotes ou estripados pelos esporões, anciarem e desaparecerem nas aguas, com uma palpação de agonia nas vélas offegantes, como grandes aves fulminadas no voo; assistiu muitas vezes ás abordagens ferozes, em que o convéz de cada barco

ficava alcatifado de corpos humanos, retalhados e esmigalhados pelo tropel dos combates, entre gritos de colera e uivos de dor; viu muitas vezes o mar tingir-se, num largo raio, da purpura do sangue vivo; viu victorias e derrotas, naufragios e apothéoses... Depois, quando a nostalgia, o cansaço, a miseria, o nojo da matança o traziam de novo á Hespanha bem amada, viu-se aprêzado por um troço de piratas, carregado de ferros, e foi remar como captivo nas galés da Argelia : e teve, então, cinco annos de captiveiro e desespero, com intervallos fugazes de vida e esperança, — vida para reagir contra a morte, esperança de resgate ou evasão, vida e esperança bem cedo desfeitas sempre pela desillusão, anniquilladas pelo duro trãbalho ao sol candente, sob o peso das grilhetas, sob o supplicio das tagantadas, na vergonha e na amargura...

Vede-o agora, aqui, na sua prisão de Argamasilla. Já não são mouros os seus carcereiros. São hespanhóes, são christãos, são irmãos. Não o quiz a Morte, para prêza sua, no redomoinho de fumo e sangue de Lepanto, nem na podridão do hospital de Messina, nem na infamia das galés de Argel. A Miseria e a Gloria, irmans gemeas no amor e no desamor, marcaram este homem para outro destino. Aqui o tendes, encarcerado por dividas, pagando o crime de ser pobre... Argamasilla é uma aldeia esquecida; a Còrte está longe, em Valladolid; Felipe III mal acha tempo para

acudir ao dismantelo do vasto imperio : ninguém pensa no pobre guerreiro mutilado, que aqui está com a barba de ouro mudada em barba de neve, misero invalido, sem dinheiro, sem amigos, sem protecção...

Notae, porém : da antiga belleza varonil, alguma cousa lhe ficou, — o lume do olhar, em que o sonho acende fagulhas divinas, e a malicia da bocca desdentada, devastada pelo escorbuto, onde ainda se fixa um sorriso de superior ironia e de infinito orgulho. O encarcerado escreve... Ao tímido fulgor do raio de sol, que entra a custo pela setteira do carcere, ou á luz mortiça da lampada, a sua mão vae traçando no papel linhas febris. A's vezes os seus olhos choram ; mas sempre a sua bocca sorri : e sorrisos e lagrimas vão ficando gravados nas folhas que juncam o sólo. Nellas, como num seio inerte e vasio repentinamente animado por um sopro creador, vão caíndo e vivendo os mundos infinitos de revoltas, de angustias, de sarcasmos, de motejos, e ao mesmo tempo de piedade, que este homem tem dentro de si. E' a criação de um universo moral, que palpita, ganha corpo, fulgura, rumoreja, troveja, entre as quatro paredes da masmorra estreita!

Tudo quanto formou e agitou até aqui a alma hespanhola : — toda a graça da terra; toda a pureza do céu; a fusão das raças, — a serenidade romana, a brutalidade dos visigodos e dos sué-

vos, a bravura dos arabes, o fanatismo dos conquistadores catholicos; o amalgame dos dialectos, formando uma lingua sensual e fogosa, que tem arrulhos de pomba para o beijo e ullulos de fêra para a blasphemia; a epopéa brilhante do Cid; o encanto da Renascença importada da Italia; a gloria de outr'ora e as humilhações de agora; — tudo se funde, tudo se illumina, tudo arde, passando atravez do genio d'este homem, que amassa em lagrimas o coração e o cerebro, para crear a Epopéa do Riso. Dias do carcere, escuros como noites! noites da masmorra, compridas como seculos, podeis correr uniformes e immutaveis! podeis doer, velhas feridas do soldado! podeis pezar, annos de desconsolo e isolamento! podes pedir pão, estomago nunca bem alimentado! podes pedir descanso, corpo nunca repousado! podes pedir amor, alma nunca entendida! — o Creador não vos sente nem vos escuta: Cervantes está escrevendo o « Don Quixote »!

Quando este livro se tornou conhecido, na sua primeira parte (que é a sua verdadeira alma, porque é filha legitima da miseria de Cervantes), um riso formidavel, mais espalhado e farto do que aquelle que, quasi um seculo antes, saudára o apparecimento do *Gargantua*, de Rabelais, sacudiu, num frenesi de alegria, toda a Europa do seculo XVII, cansada das guerras, das depreda-

ções, das fogueiras e do luto. Foi o desafogo da alma humana! E ha trez seculos que esse riso está dando, como um cyclone, a volta do planeta. Não se póde dizer com segurança quantas edições já teve o romance immortal. Em todas as linguas, em quasi todos os dialectos que se falam na superficie da terra, os homens teem podido ler, com enthusiasmo, as aventuras do engenhoso fidalgo e do seu gracioso escudeiro. Para desmascarar um impostor, que tentara completar o *Don Quixote*, Cervantes publicou, em 1615, a segunda parte da novella, que, assim acabada, continuou a ser traduzida e imitada, fazendo a conquista de todas as raças.

Não sei quem disse que todos os homens, ainda os menos melancolicos, os mais accessiveis á alegria, teem em si uma grossa caudal de lagrimas, ao lado de um fio escasso de risos... A verdade é que, em cem escriptores, ha noventa e nove, que sabem commover e fazer chorar, e apenas um, capaz de divertir e fazer rir. E ninguem jamais divertiu a humanidade como Cervantes! Milagre do genio : extrair da propria miseria a alegria universal!

O segredo da *vis-comica* que reside no *Don Quixote* é conhecido. Nunca a intelligencia humana creou uma representação tão clara e verdadeira do eterno contraste que rege a vida : a

aproximação da aza, que quer o céu, e da pata, que se aferra ao chão. Sósinho, D. Quixote seria apenas um desequilibrado, possuido da mania da bravura; sósinho, Sancho seria apenas um camponez boçal e velhaco; juntos, porém, — como, por um caso de teratologia, dois frutos dispaes na mesma arvore, — D. Quixote e Sancho são a Vida... Cervantes amalgamou, nessas duas figuras, que são gêmeas apesar da sua contenda de origem e essencia, os symbolos da dualidade moral. E' a aguia e o bacoro, a alma e a besta, o cerebro e o estomago, o sonho e o appetite...

O contraste é exagerado, no livro, até o delirio do comico e do abstruso.

O heróe é alto, esguio, espectral, como um desfolhado pinheiro no inverno; o escudeiro é baixo e roliço, como um succulento repolho no outono.

As duas alimarias, que atravessam a novella, reproduzem a antithese: Rossinante, pelle e ossos, tem o desprezo das pancadas, a fome orgulhosa, o padecimento taciturno, como quem sabe que a vida, para ser nobre, tem de ser trabalhada e soffredora; a outra, o asno de Sancho, cerdas e adipe, empaca no perigo, orneja com convicção diante dos campos verdes, como quem considera que todos os animaes só vivem para amar a vida e as cousas boas da vida...

D. Quixote ama uma sombra, uma visão, uma

deusa gerada no seu cerebro, uma entidade intangível, em quem concorrem todas as perfeições da majestade e da graça. Sancho tem em casa uma mulher, que fulmina um boi com um socco, e uma filha que, para arrotear os campos, vale por dois homens. Dulcinéa, que não existe, é para D. Quixote a suprema belleza, digna das homenagens de todos os reis da terra : « Dize-me, Sancho amigo, que estava fazendo, quando a viste, aquella rainha da Formosura? estava ensartando perolas, ou bordando em seda com canutilho de ouro alguma prenda para o seu cavalleiro? — Não, meu amo, estava joeirando duas fangas de trigo num pateo! — Mas, assim que a encontraste, Sancho amigo, não sentiste um divino odor, uma suave fragancia? — Em verdade lhe digo, meu senhor, que senti um cheiro de... suor! — Era o teu proprio cheiro, desalmado! que eu bem sei o perfume que deve ter aquella rosa entre espinhos, aquella lirio do campo!... » Tal é, para D. Quixote, a Dulcinéa irreal. Para Sancho, a anafada Mari-Gutierrez, bem real e bem rude, é o que vale e vale o que é : « Saiba vossa mercê, meu amo, que ainda que Deus chovesse reinos e reinos sobre a terra, nenhum delles assentaria bem sobre a cabeça de Mari-Gutierrez!... »

D. Quixote é leal e innocente como uma criança que não conhece a maldade : todos o enganam,

porque elle é o primeiro a enganar-se. Sancho é matreiro e velhaco : tem a esperteza do simio, a voracidade do rato, a astucia da rapoza ; se acredita na missão do amo, é porque espera da sua liberalidade o governo de uma ilha, um condado, ou, ao menos, um sacco de dobrões para o dote de Sanchica, ou uma albarda nova para o seu jumento, ou trez frangos para o seu quintalejo. D. Quixote é a cigarra, Sancho é a formiga. Um adora o aço das espadas, que, ainda quando se enferruja, concentra em si o fulgor da gloria ; o outro adora o ouro das moedas, que não se enferruja nunca, e concentra em si todos os gozos da vida. O heróe passa a existencia a ler, e come pouco ; quando jejúa, jejúa com o calado orgulho de Rossinante ; o escudeiro não sabe ler, e devora : quando não come, protesta e orneja como o asno. Um quer salvar das refregas a honra e a espada ; o outro, os alforges em que traz o queijo e a cebola. Sonhar e batalhar, é a ancia de D. Quixote ; comer e dormir, é o ideal de Sancho.

Roto, faminto, pizado, lanceado, escalavrado, D. Quixote vai pelos campos e pelas azinhagas, por montes e valles, por aldeias e desertos, buscando viúvas e orphãos que careçam de amparo, donzellas que requeiram defesa, innocentes que padeçam fome e sêde de justiça, — e caminha dentro do seu sonho radiante, como dentro de um halo fulgido, através do qual vê tudo transfor-

mado e encantado. Os moinhos de vento são tribus de Briareus, de cem braços e cincoenta ventres. As vendas miseraveis, cheias de arrieiros e vaganaus, são castellos; o moço de estrebaria, que vem abrir a porta, é o homem de armas, que alça a ponte levadiça; o estalajadeiro, oleoso e bronco, é o senhor feudal, que, de volta das guerras cruentas, repousa na administração do seu feudo; e, á hora da partida, se Maritornes aponta á janella, é a nobre donzella chorosa que se despede do cavalleiro ingrato. A bacia amolgada, que o barbeiro, acommettido e assustado, deixa cair na pressa da fuga, é o elmo encantado, que Reinaldo de Montalvão conquistou ao rei Mambriño. Os ôdres de couro, estripados a pontações de espada, espirrando vinho grosso, são os corpos dos gigantes vencidos, golfando sangue. No theatrinho de maese Pedro, este titere pequenino e esfarrapado é o verdadeiro Carlos Magno em carne e osso; aquelle outro, brandindo uma vareta de páo, é o glorioso Rolando, em cujo punho a invencivel Durindana faisca e gira, despedindo raios... E, numa roda viva de golpes, de quédas, D. Quixote não sente as pauladas e as pedradas que o contundem e racham. E notae que todo esse arrebatamento de alma é sincero, como real e sincera é a sua bravura; D. Quixote nunca mentiu; o que elle viu na cova de Montesinos, foi realmente visto pelos seus olhos allucinados;

e, quando, no caminho de Saragoça, os seus olhos se fixam nos olhos do leão que o Governador de Oran envia ao Rei de Hespanha, — é a fêra quem tem medo...

Emquanto isso, que faz Sancho Pança? diz rifões e come... O seu nariz, empinado e ancioso, fareja longe o cheiro suave dos quartos de cabrito, que se assam nos ranchos dos pastores, dos nacos de toucinho, que se desfazem nas panellas das estalagens, e dos requeijões, com que elle suja e profana o elmo de Mambrino. Quando o amo arremete em furia contra o inimigo, o escudeiro vai contemplar a batalha do alto de uma arvore, e de lá, deixa cair, entre gemidos e conselhos, a voz da prudencia... O dia mais negro da vida de D. Quixote foi aquelle em que elle teve, ultrajado e vencido, com a vizeira sob a ponta da lança do Cavalleiro da Lua Branca, de prometer que se retiraria da carreira das armas; e o dia, entre todos triste, na vida de Sancho, foi aquelle em que elle teve de sair das bodas de Camacho, sem haver provado o gosto do gordo novillo assado, em cujo ventre dormiam, á maneira de recheio, doze leitões cozidos...

Ah! quem não ha de rir da loucura de um, da animalidade do outro, da graça dos dois?

Mas, de certo, já vos aconteceu, algumas vezes, o que a mim me tem acontecido muitas vezes, quando leio *Don Quixote*. Ides lendo, ides rindo,

— e, de repente, ha uma singular e inesperada tristeza, que vos gela o riso nos labios. Sacudís essa melancolia importuna, e, considerando de novo a esgalgada figura grotesca do combatedor de moinhos e a brejeirice do escudeiro balurdio, ensaiaes de novo um riso satisfeito... Em vão! a vontade de rir passou; qualquer cousa, vaga e imprecisa, veio quebrar o encantamento; foi um rictus de dôr, foi um abafado gemido de tortura, foi um suffocado ranger de dentes, — que vieram revelar o fingimento da alegria que parece animar o livro. E sentis, então, suspendendo o riso sacrilego, que a novella graciosa tem, como todas as obras de arte que o Genio marcou com o seu cunho inconfundivel, um duplo sentido. E, aqui, o sentido occulto, aquelle que não percebem as crianças e os adolescentes que leem *Don Quixote*, aquelle que sómente os homens maduros, trabalhados pela vida e pelas suas decepções, podem perceber, — é amargo como o fel, frio como o gelo, e duro como o aço...

Este livro é a satyra mais feroz e dolorosa com que jámais se amaldiçoou a baixeza da condição humana. Os seus 116 capitulos são as 116 estações da Via-Sacra do Ideal. O Sonhador caminha de desillusão em desillusão e de desastre em desastre. Tudo quanto de bello o seu sonho cria e anima fica logo desfeito em feialdade e em vulgaridade. Já não ha, na terra, aventuras dignas de

tal aventureiro! Nem, ao menos, as lutas, em que elle se empenha, teem um fim tragico e nobre; o heróe não rola no sangue, — rola no pó; não é acutilado ou picado por montantes ou piques de heróes, — é amassado por azas de moinhos, moido ás pauladas por arrieiros brutos, espésinhado por manadas de carneiros, apedrejado por tunantes e recoveiros...

Porque soffre tanto este homem? porque é justo e porque é bom...

Na sua aldeia, antes da allucinação, que o levou a sahir pelo mundo a correr andurriaes e a crear aventuras, todos o amavam. Depois de exaltado pela leitura dos livros de cavallaria, houve nelle uma hypertrophia da bondade; a sua misericordia dilatou-se, generalizou-se, já não se contentando com dar allivio aos que soffriam perto da sua casa; considerou que o mal imperava em toda a terra, que por toda a parte ardiam lagrimas, que não havia uma pollegada da superficie do globo que não estivesse manchada pela iniquidade. Acicalou uma velha espada, desenferrujou um velho côto de lança, poz uma viseira de papel sobre um morrião abolido, — e saíu a endireitar as cousas tortas da vida...

Quereis ver, a um tempo, qual era o seu sentimento de justiça, e qual era o seu amor da bondade? Relêde os seus conselhos a Sancho Pança, quando este balordo, inchado de ambição e de or-

gulho, vai governar a sua ilha da Barataria. Trezentos annos, — trez seculos! — passaram sobre a letra d'esses conselhos; mas a sabedoria, que nelles reside, tem uma perpetua mocidade, e uma inalteravel frescura. Quem ainda hoje se arvorasse em conselheiro e mentor de um governante inexperiente, poderia e deveria repetir-lhe, sem a menor alteração, estas profundas e sobrias sentenças, que não ficariam mal se fossem gravadas, á maneira dos distichos romanos, nas paredes de todas as casas de governo:

« Achem em ti mais compaixão, Sancho fiel, as lagrimas do pobre, porém não mais justiça que as allegações do rico. Procura descobrir a verdade entre os soluços e as importunações do primeiro, como entre as dadivas e as promessas do segundo. Onde houver logar para a equidade, não carregues a mão no rigor da lei. Se houveres de dobrar a vara da Justiça, que seja com o peso da misericórdia, e não com o dos favores. Quando tiveres de julgar o pleito de um inimigo, aparta de ti a lembrança da injuria recebida, e pensa apenas na verdade da causa alheia, porque os erros, que d'ahi nascerem, as mais das vezes serão sem remedio. Se alguma linda mulher vier pedir-te justiça, affasta os teus olhos das suas lagrimas, affasta os teus ouvidos dos seus lamentos, se não quizeres que a tua razão se afogue no seu pranto, e a tua virtude nos seus suspiros. Se a al-

guem tiveres de castigar com actos, não o maltrates com palavras, pois já basta ao desditoso a pena do supplicio, sem o supplemento das offensas. Considera o culpado, que cair debaixo da tua jurisdicção, como creatura miseravel, sujeita ás condições da nossa triste natureza; e, emquanto te couber, por tua parte, sem fazer agravo á parte contraria, mostra-te piedoso e clemente, porque, máo grado sejam iguaes todos os attributos de Deus, mais resplandece, a meu ver, o da misericordia que o da justiça !... »

Tal é, assim pensa, assim discreteia o homem, para cujo supplicio entram em acção todos os páos nodosos arrancados ás arvores e todas as pedras apanhadas no chão da Mancha...

E' tão barbaro, tão continuo, tão constante o soffrimento d'este homem bom, na sua louca jornada através da maldade humana, que ás vezes, uma revolta levanta o espirito do leitor contra a crueldade com que o seu creador o creou para a tortura e para o ridiculo. Já um critico allemão escreveu que, imaginando e compondo o *Don Quixote*, Cervantes revelou quasi possuir a fria maldade de um inquisidor... Sim! naquelles tristes dias e naquellas tristes noites da sua prisão de Argamasilla, Cervantes sabia que estava escrevendo um livro cruel. Houve e ha quem, para em si mesmo se vingar dos seus erros e dos seus peccados, se supplicia com cilícios e disciplinas,

em penitencias terriveis : era isso o que Cervantes fazia, quando, com um gozo satânico, inventava e multiplicava os padecimentos do seu heróe. D. Quixote era uma exteriorização da personalidade de Cervantes; aquelle trabalho de criação era um supplicio voluntario. El era a si mesmo que o poeta falava, quando falava á sua ficção : « Ah! tu queres ser bom, bravo, generoso, misericordioso, sonhador, numa época em que a vida e a felicidade sómente são compatíveis com a maldade, a hypocrisia e a baixeza? pois succumbe ás pedradas e aos golpes do ridiculo, Cavalleiro da Triste Figura! erra pela vida, exposto ao riso e ao sarcasmo! e, quando sentires que a morte se aproxima, confessa o teu erro, e morre, como deverias ter vivido, sem coração e sem cerebro, equiparado pela animalidade aos teus contemporaneos! »

Lugubre, tragica, desesperadora philosophia, a que se encerra nesta Epopéa do Riso !... Vêde como a bravura de D. Quixote é humilhada, ea sua abnegação ultrajada; cada beneficio seu é pago com uma ingratidão, cada beijo com uma dentada, cada esmola com um insulto. O exaltado amor da Verdade e da Justiça, que o leva a arriscar a vida em mil lances, para castigar o crime, restabelecer a equidade e premiar a virtude, — é monstruoso, extrahumano, ridiculo. O mal é eterno, a injustiça é eterna!... Sempre ha de ha-

ver viúvas e orphãos roubados, innocentes perseguidos, humildes opprimidos!... O que é natural, sensato e humano, — é a submissão de Sancho, a sua prudencia feita de egoismo e de medo, o seu desejo de gozar a vida em paz, comendo, bebendo, dormindo, juntando dinheiro e gordura, deixando que as viúvas e os orphãos morram á mingua, que os innocentes soffram, que os humildes succumbam sob a tyrannia dos grandes... O heroismo é loucura, a abnegação é loucura, o amor do Bello, do Perfeito e do Justo absoluto é loucura!... O bom senso é a indifferença, é a accomodação perfeita ás condições inalteraveis da vida, é a resignação ante o mal inevitavel...

Lêde o episodio do ovelheiro André, esbordado pelo amo. Em vão, a voz da cautela, pela boca medrosa e rude de Sancho, adverte o Justiceiro: « Senhor! não se metta em pendencia de amo e criado!... » O Justiceiro impede que o malvado esbordoe o rapaz, ordena-lhe que lhe pague o salario devido, e d'alli se vai com o animo tranquillo e a consciencia satisfeita. Dias depois, reaparece o criado: « Ai, senhor cavalleiro! não sómente o barbaro não me pagou o que me devia, mas, assim que vossa mercê se apartou, tantos açoites me deu que me deixou como um São Bartholomeu aspado! por amor de Deus, quando outra vez me encontrar, não me

soccorra, nem me ajude; deixe-me com a minha desgraça, que desgraça maior será a protecção de vossa mercê, a quem o céu amaldiçoe, assim como a quantos cavalleiros andantes andam pelo mundo!... »

Assim, todo o esforço em prol do Bem é vão! Quem se mete a Redemptor sacrifica os que quer redimir e sáe crucificado... E' a acerba philosophia d'este livro, que, ha 300 annos, faz a humanidade rir!

E a pagina mais dolorosa é a ultima... O exaltamento caíu, a febre cessou, o sonho expirou : D. Quixote morre, entre os seus, na sua cama. sem viseira e montante, sem armadura e broquel, arrependido do engano em que viveu, envergonhado do bem que quiz fazer, reconciliado com o bom senso e com a estúpida vulgaridade da vida. A pata, que se aferra ao chão, venceu a aza, que buscava o céu...

E é porque comprehendéis e medis bem a amargura da philosophia encerrada neste livro, que uma subita melancolia vos acommete, quando o ledes. Já se disse que ha duas idades para ler *Don Quixote* : ha a primeira, em que o poema apenas faz rir, e a segunda, em que elle obriga a pensar. Que as crianças e os adolescentes continuem a rir, vendo as desastradas quédas em que o heróe haqueia do alto do cavallo esqueletico, e vendo o tormento em que se remexe a gor-

dura de Sancho no tumulto das batalhas, e ouvindo as saborosas praticas em que o exaltamento do amo visionario e fidalgo contende com a choccarrice do escudeiro pacato e villão! Riamos, nós também, — mas pensemos, no intervallo de duas risadas.

Ha trez seculos se diz e escreve que Cervantes, compondo o *Don Quixote*, quiz matar e matou a cavallaria andante, e o amor dos seus poemas e romances, — remanescentes ridiculos da idade media. E' bem verdade que, ás vezes, o nosso maior prazer é magoar e matar aquillo que mais amamos...

Cervantes era uma alma da idade media. Essa grande época da Historia, tão mal estudada, tem sido atrozmente calumniada. Quem diz — idade Media — quer dizer : uma syncope da civilização, um tunel de treva entre duas paizagens luminosas, uma parada do progresso humano. Foi, entretanto, essa época que assistiu ao desabrochar da Industria e da Caridade, — as duas fontes de que fluem o trabalho para os validos, e o amparo para os invalidos. Todo o conforto material, que fruimos hoje, é um resultado das invenções d'essa era tão injustamente malsinada. O papel, a bussola, o relógio, a polvora, o calçamento e a illuminação das ruas, os espelhos, as rendas, a gravura, a imprensa, — nasceram nesses seculos,

que chamamos barbaros; e foi a idade média que creou os primeiros hospitaes, e os primeiros asilos para crianças e velhos.

Mas o que Cervantes mais amou, no ciclo medieval, foi o culto da bravura, do amor, do cavallheirismo e da poesia. Naquelles longos discursos, que D. Quixote, sempre cego e alheiado das cousas da vida commum, dirige aos pastores, aos lavradores, ás gentes incultas e espantadas, que o ouvem com desassocego e receio, está palpitando o enthusiasmo do batalhador de Lepanto que escrevia uma novella entre dous combates, e rimava um soneto ao rebramar dos tiros de canhão. Esse espirito ousado e brilhante, tecido de energia e de ternura, de coragem e de lyrismo, não podia amar a escura época de terror, de fanatismo e de dissimulação em que viveu; a época, que elle amava, era a outra, a que se extinguiu, a da apothese do amor e do perigo... E, como era absurdo esse amor, como essa paixão por uma éra morta era monstruosa, — o medieval, transviado no começo da idade moderna, vingou-se, ou pensou vingar-se da sua desgraça, ferindo, mordendo, despedaçando o proprio objecto do seu amor.

Cervantes, porém, não matou a idade média, que já estava morta, até porque não ha homem capaz de matar o Tempo que nos mata, e porque as revoluções, as crises, as transformações historicas se fazem independentemente da vontade

humana. E não matou também a Cavallaria, a alma ardente e apaixonada da idade média — porque o « quixotismo » é immortal.

Epocas ha, em que o sonho, o ideal, o amor das cousas e das ideias nobres, a ancia de realizar proezas materiaes e moraes, a ambição de nobilitar a vida, — desaparecem e morrem, deixando-se suffocar, aqui pela ignorancia, alli pelo fanatismo religioso, além pelo despotismo politico. Então, D. Quixote, torturado e desilludido, faz penitencia, transige, submete-se, arrepende-se, nivela-se com os homens que só nominalmente occupam o degráo superior da escala animal, e morre, reconciliado com as torpezas do interesse mesquinho. Mas, d'ahi a pouco, o Cavalleiro desperta no fundo da sua cova escura, levanta a lapide do tumulo, empunha o montante, abraça o escudo, e sáe a batalhar a sua eterna batalha, de novo exposto ás pedradas, ás quédas, ás decepções e aos infortunios. Eu não creio que a imbecilidade e a injustiça possam um dia ter um termo : mas não creio, tão pouco, que possa morrer o ideal, que eternamente protesta contra a eterna imbecilidade e a injustiça eterna!...

O' alma triste e incomprehendida, sobre-humanamente boa e infinitamente desgraçada de D. Quixote! Tenho para mim que, quando um poeta, como Cervantes, consegue arrancar do cere-

bro uma figura animada, viva, palpitante, humana, como a tua, — a ficção se transmuda em realidade, e fica vivendo sobre os homens e entre elles. Não ha apenas um mundo physico, accessivel aos nossos sentidos : ha tambem um mundo moral, tão verdadeiro como o outro, povoado de creaturas, cuja existencia só nos é revelada por este singular e mysterioso sentido poetico, que cada homem possue, mais ou menos apurado, e cuja analyse escapa á physiologia. Tu vives, D. Quixote!

Tu vives, e estás aqui, nesta casa em que residem, perpetuas, a recordação, a gloria, a vida moral de poetas e guerreiros, que fundaram e immortalizaram uma raça, e tiveram, como tu, a inflamar-lhes o animo, esse amor do ideal, essa fé na bravura e na bondade, que te valeram tantos desastres! Vives, e ouves-me, e sabes que não estamos aqui para rir do Cavalleiro da Triste Figura, mas para amar a sua alma ardente e generosa!

Louco sublime! eu sou filho de uma patria moça e callida, continuamente aquecida pelo sol que cria miragens. Ainda não formada de todo, ainda hesitante e incompleta, a minha raça não será o que é : cada dia, que passa, traz um novo elemento para a sua formação. Mas nós já temos, do passado, uma herança feliz... Os nossos avós saíram pelos mares, a descobrir mundos, a afrontar perigos, a fundar civilizações; os nossos

pais, já nascidos aqui, internaram-se pelo sertão cerrado, sem bussolas e sem guias, combatendo as fêras, e assentando entre as brenhas selvagens as primeiras cidades. A tua alma estava com elles, D. Quixote! Não os animavam a prudencia, a bufoneria, o decantado bom senso de Sancho Pança; animava-os o teu impeto heroico, impellia-os a tua loucura divina! Sejam quaes forem as transformações, que hajam de mudar a nossa constituição organica de povo, — conserva-nos este aneio de gloria, esta ambição de subir, esta vontade de brilhar, — este « quixotismo » que está na massa do nosso sangue! Não queremos ser uma raça de Sanchos, adoradora do Estomago! queremos realizar grandes feitos, 'queremos ser, como tu, vingadores de iniquidades, protectores de orphãos, defensores de opprimidos, justiceiros sem maldade, e misericordiosos sem fraqueza! Não queremos ter a existencia quieta e ignominiosa de um pantano de aguas mortas: queremos ter, como tu, a existencia agitada dos rios e dos mares, correndo, vibrando, fulgindo, cantando, soffrendo, — vivendo! E, se formos apedrejados e vilipendiados como tu, não nos queixaremos: nem só os vencedores merecem respeito e carinho; e, ás vezes, um vencido, tal seja a causa que defende, é, na sua humilhação, mais glorioso do que todos os triumphadores...

Inspira-nos e protege-nos, louco sublime!

A BELLEZA E A GRAÇA

A Belleza e a Graça

*(No Instituto Nacional de Musica.
Rio de Janeiro.)*

Foi em Paris, no Museu do Louvre. Havia dez annos que eu não via a Venus de Milo, e fui matar a minha saudade. Caminhei para o Museu, antegozando a delicia da visita; e, em caminho, lembrando o porte olympico da deusa, ia repetindo baixinho o soneto de Luiz Guimarães :

• Venus sem braços! eternal grandeza!
Abençoada seja a mão callosa,
Que te arrancou á entranha criminosa
Da terra, e deu-te a divinal realenza!

Dir-se-ia, ó Deus, que a avara Natureza,
Enterrando-a no seio, mysteriosa,
Occultava-a dos homens, invejosa
Desse prodigio enorme de Belleza...

Não ha flamma no sol, flamma tão bella
Como o raio d'aquelle olhar gelado
Que a Arte dirige em meio da procella :

E o mundo inteiro curva-se pasmado,
Beija-lhe os pés marmoreos, — e vê nella
Um sorriso de Deus petrificado!

No Museu, já de sob a cupola do vestibulo Daru alongando o olhar ancioso atravez da Sala Grega, atravez do Corredor de Pan, atravez das quatro salas da Medéa, da Hermaphrodita, de Adonis e de Psyché, — eu via ao longe, alva e diminuida pela distancia, a divina mutilada, sobre o fundo vermelho escuro do seu santuario. Fui seguindo lentamente, lentamente, para demorar a commoção que me esperava; passei, insensivel, pelo deus Pan, pelo sarcophago de Adonis, pelo rei Perseu, sem affastar a vista da brancura sagrada que além me chamava e seduzia; e, quando entrei o santuario, o meu olhar se nublou de enternecida adoração, beijando o corpo maravilhoso da deusa... Naquella pequena e recatada sala do Louvre, onde só fazem companhia a Venus os fragmentos de esculpturas encontradas com ella nas excavações da ilha de Mélos, reside, providencialmente fixada num exemplo modelar, toda a tradição da belleza antiga. Théophile Gautier dizia que o Acaso foi justo, permittindo que a Venus de Milo perdesse os braços, para que os deslumbrados olhos humanos possam contemplar á vontade o seu formosissimo collo de marmore. Que seio!... E que cabeça majestosa e serena,

illuminada por um sorriso perenne, em que se julga ver um desdem divinal pela baixeza e pela fealdade das cousas da terra!... Eu estava só na sala, toda forrada de alcatifas de um rubro quasi negro; a Venus de Milo irradiava, animada e palpitante; as duas pomas estremeciam, arfava o collo, ondulava a curva do quadril, — e dois reflexos de vida ardiam entre as palpebras de marmore... Depois de alguns minutos de contemplação, cerrei os olhos, deslumbrado, tomado de um respeito religioso, para não affrontar com o meu olhar de barbaro a sublimidade daquella belleza classica, — tão nobre me parecia a ideia divina que a animava, tão sobrehumana, tão superior á minha miseria de homem... Mas logo depois reabri os olhos, ouvindo um rumor de sedas em frúfrú e a musica de duas vozes femininas. Eram duas visitantes que entravam, — duas mulheres de hoje, elegantes, bem vestidas. E eu, — ideia satanica! — comecei a comparar aquellas creaturas: a de marmore, immovel e altiva, que de cima do seu pedestal parecia fitar as outras com um olhar de supremo desafio, — e as outras, de carne, que falavam, riam, vibravam, agitando os leques de onde se espalhavam ondas de aroma embriagador. Ai de mim! Théophile Gautier, se por milagre apparecesse alli e pudesse perceber o que eu concluia da minha comparação, com certeza me deixaria fulminado,

no chão, por um murro do seu punho colérico! As duas visitantes eram de idades differentes; nenhuma d'ellas estava no estio da vida: a mais idosa estava no outono, e a mais nova na primavera. Eram mãe e filha, talvez: uma nessa idade maravilhosa dos trinta aos quarenta annos, em que a belleza da mulher bella se reveste de consciencia e orgulho, e a outra na idade da « menina e moça » de Bernardim Ribeiro, ou d'essa outra « menina e moça » que Machado de Assis descreveu como

entreaberto botão, entrefechada rosa,
um pouco de menina e um pouco de mulher »;

e ambas, andando em volta do pedestal da deusa, miravam a sua olympica belleza, e tagarelavam e riam. Não sei se aquellas duas deliciosas creaturas eram propriamente bellas; sei apenas que, seduzido pela sua graça, não deixei mais de contemplal-as; e, quando ellas saíram, o meu olhar irresistivelmente as seguiu, já inteiramente deslembado dos encantos da Venus de Milo... Assim, naquelle momento, a Graça passageira poudo mais, sobre mim, do que a Belleza eterna!

Se ha neste auditorio um esculptor, um pintor, um critico de arte, esses devem estar fazendo do meu senso esthetico, depois d'esta minha confissão, o menos lisonjeiro dos juizos... O meu senso esthetico! Se me permittis, vamos ver um

pouco o que é essa afamada, essa orgulhosa, essa emproada Esthetica, cujo nome só se pronuncia com embasbacado respeito ; e talvez, então, já a minha confissão não pareça tão escandalosamente irreverente, para não dizer tão revoltantemente estúpida.

Ninguém mais do que eu está convencido da completa e absoluta inutilidade de todas as dissertações e de todas as discussões sobre a Esthetica. Os julgamentos estheticos valem a intelligencia, a instrucção, a educação de quem os emite. Um julgamento esthetico é unica e exclusivamente a expressão de um temperamento. Que é a Esthetica? dizem todos que é a sciencia do Bello. Mas que é o Bello? Não houve até hoje philosopho, ou critico, ou artista, ou poeta, que não o tentasse definir, e não houve ainda quem o definisse bem. As definições do Bello são mais numerosas do que as estrellas do céu e do que as areias do mar; e umas são vagas, outras são nebulosas, outras são pretenciosas e tolas. Desde Platão até Spencer, essas definições se teem vindo accumulando em uma serie infinita e inutil. Platão disse que « o Bello é o esplendor da Verdade », definição que Boileau imitou no verso : *rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable*. Mas, em primeiro lugar, que é a Verdade? Esta pergunta, que já Pilatos fazia a Christo no Pretorio, não teve até hoje resposta que a

satisfizesse. A Verdade é um sonho. Para conhecê-la e discriminá-la, nem ao menos podemos confiar no testemunho de nossos sentidos corporaes, imperfeitissimos instrumentos de analyse sujeitos a innumeradas causas de erro. Baste um exemplo : a luz de uma das estrellas do Centauro, que é a que está mais proxima da Terra, gasta quatro annos e quatro mezes a chegar até nós; assim, se essa estrella morresse hoje, nós ainda passaríamos quatro annos e quatro mezes a vê-la brilhar no céu; ha com certeza muitas estrellas que já se apagaram, que já morreram, e que os nossos olhos, entretanto, ainda veem fulgurar no firmamento; como, pois, havemos de confiar no testemunho da nossa visão, se podemos ver, mas positivamente ver, o que já não existe? e, se isso se dá no mundo physico, como poderemos ter a pretensão de saber o que é a Verdade no mundo moral? Ninguém sabe o que é a Verdade... Mas a definição de Platão tem ainda outro grande defeito. Nem só a Verdade, se existe, pode ser bella. Ha mentiras bellissimas, — e, sob o limitado ponto de vista artistico, é licito dizer que a Mentira é sempre mais bella do que a Verdade... Se de Platão dermos um salto até Spencer — um salto pequeno, apenas de vinte e tres seculos... — veremos que o grande philosopho inglez diz que « o Bello é o que agrada ». Mas o que agrada a um homem não agrada a

outro : é uma questão de raça, de temperamento, de meio; um zulú não pode ter o mesmo gosto de um inglez; o prazer esthetico de um brasileiro não pode ser o mesmo de um abyssinio. Ainda dentro da mesma raça e do mesmo meio, o gosto varia consideravelmente, conforme a educação. Guyau cita, para exemplo, estes dois casos typicos. Viajava pelos Pyrenêos, quando viu uma linda planta : « como se chama esta planta admiravel? » — perguntou a uma camponeza. « Não sei! — respondeu a rapariga, com desdém — mas não presta para nada : não se come! » O outro caso é o de um proprietario rural, cuja casa de campo tinha duas ordens de janellas : as da direita davam para um lindo trecho de mar, de aguas azues salpicadas de ilhotas verdes, e as da esquerda dominavam uma horta plantada de couves; quando recebia visita de amigos, o ricaço costumava dizer-lhes : « venham admirar uma bella vista!... »; e levava-os, não ás janellas que abriam para o mar, mas ás que abriam para a plantação de couves... Assim, cada um de nós comprehende o Bello ao seu modo, — de accordo com a delicadeza ou a grosseria do seu espirito.

Saiámos, porém, do caso geral, deixemos o Bello em absoluto, e cuidemos do thema especial da conferencia : a belleza humana, ou mais restrictamente a belleza feminina, que é, e sempre

foi, e sempre ha de ser a inspiração, a tentação, a perdição, a salvação, o bem, o mal, a virtude, o vicio, o encanto e o desespero dos homens. A belleza feminina existe, e tem uma influencia soberana. Mas que é ella? A ideia da formosura da mulher varia infinitamente, de raça para raça e de homem para homem. Ao velho Aristoteles perguntaram um dia : « que é a belleza? »; e elle respondeu : « só um cego pode fazer essa pergunta ! » Parece realmente que basta não ser cego para saber o que é a belleza. Mas nem todos a veem do mesmo modo. Mirabeau disse bem que « a concepção da belleza feminina está sujeita aos caprichos dos sentidos, do clima, e da opinião individual ». Para cada um de nós a mulher bella é aquella que individualmente lhe parece bella. O povo, em sua vasta e pittoresca sabedoria, tem uma larga provisão de proloquios, que frizam bem a influencia da opinião individual sobre a ideia geral da belleza; diz elle que « quem ama o feio, bonito lhe parece »; e pergunta : « quem ha-de gabar a noiva, senão o noivo? »; e commenta : « se todos os gostos fossem iguaes, coitada da côr amarella ! »

« Quem ama o feio, bonito lhe parece!... » Lembrae-vos a velha fabula de LaFontaine: « A aguia e a coruja ». A aguia e a coruja celebraram um tratado de paz. A aguia prometeu que não comeria os filhos da coruja; sómente, como

não os conhecia, pedia uma descripção summaria d'elles. « Oh! has-de reconhecê-los logo! — exclamou a coruja — has-de reconhecê-los pela sua belleza! são lindos, elegantes, seductores; são os animaesinhos mais formosos da terra! » E d'ahi a pouco, a aguia, encontrando uns pequenos monstros hediondos, pellados, horriveis, comeu-os, — e respondeu assim ás recriminações e ás queixas da sua alliada :

« N'en accuse que toi,
Ou plutôt la commune loi,
Qui veut qu'on trouve son semblable
Beau, bien fait, et surtout aimable »;

— o que, em bom portuguez, quer dizer que não ha mãe que ache feios os seus proprios filhos... E como ha-de haver namorado, que ache feia a sua namorada? A Belleza é criada pelo Amor, e cada homem tem o seu typo de belleza, que é a mulher a quem ama. Por isso Voltaire, quando lhe pediram que definisse o Bello, disse com muita graça e muita razão : « *le beau pour le crapaud, c'est sa crapaupe!* »

Já varios jornaes e revistas organizaram « concursos universaes de belleza » por eleição. Concebeis maior absurdo? Como se o suffragio universal, em politica, em arte, em tudo, não fosse uma das melhores *blagues* que a malicia humana tem até hoje inventado! Em primeira

logar, como evitar a fraude em pleito tão melindroso? Como verificar se as concurrentes se apresentam no campo de batalha com as unicas armas que a natureza lhes deu, ou se, como a *Jesabel* do classico sonho de Racine, veem armadas de

*cet éclat emprunté,
Dont elle eut soin de peindre et d'orner son visage,
Pour réparer des ans l'irréparable outrage?...*

Sempre os juizes devem, para que o julgamento assente em bases solidas, recorrer escrupulosamente e separadamente a todos os seus cinco sentidos. No caso vertente, essa verificação rigorosa é impossivel, por varios motivos de ordem material e moral. Porque, notae bem, não são apenas as tinturas mais ou menos milagrosas que concorrem para diffcultar o juizo sobre as graças nativas de uma senhora. Ha ainda o algodão, esse admiravel producto dos nossos Estados do norte, fonte farta de receitas para o thesouro publico, quando exportado em fardos, e de encantos para as damas, quando reduzido a chumaços restauradores.

Não estamos em Athenas. Já não ha Hyperides, que, deante de todo um Areopago inflammado de admiração e de amor — velhos cacochymos em que o desejo medra como um cravo de purpura entre gelos — ouse, depois da accusação

formidável de Euthias, pôr completamente nua a sua cliente Phryné, afim de, com esse argumento vivo, fazer o que não fez com toda a sua dialectica poderosa.

Assim privados de poder deliberar com conhecimento pleno da causa, os juizes não podem ser rigorosamente justos.

E esses raciocinios bastam para provar que semelhantes concursos não podem nunca ter seriedade.

Além disso, como conceber e organizar um concurso « universal » de belleza, se cada paiz e cada seculo tem os seus « typos de belleza »? Já todos deveis ter visto, nas suas innumeradas reproducções em photographia e gravura, o typo da *Venus Hottentote*, — uma venus de pelle de ebano, de immensos peitos pendentes, e possuidora de uma assombrosa hypertrophia de certa parte do corpo, — exagero monstruoso de um dos maiores encantos da *Venus Callipygia*. Pois bem : essas deformações, — ou, melhor, essas « performances » que nos parecem deformações, — são para os hottentotes a summa perfeição da belleza... Mas não é preciso ir tão longe. Cotejando a ideia, que fazemos da belleza feminina, com a ideia que d'ella fazem ou fizeram, já não as barbaras e rudes tribus da Africa, mas varios povos civilizados, antigos e modernos, — veremos que nada é tão disparatado como esse cotejo. Não ha

muito tempo, appareceu em uma revista ingleza, sobre este thema, um artigo que Jayme de Séguier traduziu e commentou. Ha ahi observações interessantissimas. Por exemplo, nas mulheres arabes, é um traço de suprema formosura o terem os dentes incisivos de cima saídos da bocca, excedendo o labio inferior; e, para desenvolver cedo essa deformidade em suas filhas, as mães previdentes recorrem a processos artificiaes. E, na Arabia, as verrugas não são menos apreciadas: quanto mais grossas, maior admiração suscitam. Em grande numero de tribus arabes, uma nodoa azul na ponta do nariz é a ultima palavra da elegancia e da faceirice! As mais elegantes das mulheres, que vivem entre o Mar Vermelho e o Golfo Persico, teem os labios pintados de azul, as pestanas ennegrecidas com antimonio, e as sobranceiras formando arcos que se entrecruzam na raiz do nariz e se prolongam em semicirculo, por baixo dos olhos, por uma linha de anil; suas faces e sua testa são constelladas de pontos vermelhos... Que dizer, ainda, do ideal da belleza feminina no Japão? Já alguém escreveu que a japoneza não é uma mulher: é uma caricatura de mulher; mas isso é ideia... de quem não é japonês; para um bom japonês, só é verdadeiramente bella a mulher pequenina, de pelle amarella, e de olhos estreitos e obliquos. Mas ha ainda melhor. Na India, onde, apesar da domi-

nação inglesa, o temperamento esthetico, o gosto artistico do povo ainda são os mesmos de ha muitos seculos atraz, sabeis com que animal se deve parecer uma rapariga para ser bella? com um elephante! a cousa está incluída nos preceitos do velho e divino Manú : « é mister que uma moça tenha o andar gracioso de um joven elephante : é esse o mais indispensavel e o mais precioso dos encantos que um namorado deve desejar na sua noiva... » E o critico Bayle accrescenta : « Não ha em toda a literatura indiana uma só poesia sobre a belleza das mulheres, em que não seja celebrado o elephante como o modelo que deve ser imitado pela mais amavel metade do genero humano... » E na Malasia? Aqui está como um poeta malaio descreve a sua namorada, a sua musa : « A sua fronte é qual a lua nova. As suas sobrancelhas, arqueadas como os esporões de um gallo de combate, são como nuvens de tempestade. As suas faces são semelhantes a talhadas de manga. O seu nariz lembra um renovo de jasmim que desponta, e o seu cabello a ondeante floração da arequeira. A sua cabeça tem a forma de um ovo. Os seus dedos são hastes de junco odorifero... » Imaginae que um pintor copie na tela com o maximo rigor o retrato que ahí fica descripto, e calculae que monstro (para nós, e não para um poeta malaio) sairá de tal pintura!

Agora, se do terreno da ethnographia passarmos para o terreno artistico, veremos que tambem ahi o accordo é impossivel. Cada grande pintor creou um typo de belleza feminina; e esses typos divergem todos. Uma « belleza » de Rubens, enorme, carnuda, apopletica, formidavel, é a antithese de uma « belleza » de Botticelli, esbelta, vaporosa, aerea. Dir-se-á talvez que isso é porque Rubens é um pintor do norte da Europa e Botticelli é um pintor do sul... Mas tambem entre os pintores italianos, sujeitos ás mesmas condições de raça, de clima, de temperamento e de escola, o accordo não existe : a Eleonora de Tiziano é muito diversa da Fornarina de Raphael, e a Beatriz de Guido Reni é muito differente da Gentil Donna de Palma Vecchio.

Está claro que, do nosso ponto de vista de homens saídos da civilização greco-latina, segundo a nossa intelligencia, e de accordo com a nossa educação, existe um typo definido de belleza, uma belleza-modelo, uma belleza-estalão. Existe : é a belleza grega, classica. Essa belleza, porém, pode rigorosamente ser a *nossa*? Não, porque já não é humana. A belleza feminina classica está sujeita a certas regras de dimensão e proporção, que hoje só se encontram nas estatuas. Para ver quanto são precisas e severas essas regras, basta examinar as que se referem ao nariz. Quereis ver como deve ser um nariz

rigorosamente bello, de belleza classica ? « a sua altura deve ser rigorosamente igual á altura da fronte; perto da raiz deve apresentar uma ligeira depressão; a ponta não deve ser carnuda, mas afilada; o contorno inferior deve ser de um desenho correcto e preciso, nem muito agudo, nem muito obtuso; de perfil, a parte inferior, perpendicular ao labio, deve ter um comprimento precisamente igual á terça parte da altura total; e em cima, na raiz, dos lados dos olhos, a largura deve ser exactamente de meia pollegada ». Como vedes, é tudo quanto ha de mais rigoroso e severo. Haverá por ahi narizes assim, de tão completa correcção? Talvez haja. Mas algum homem de nossa época, quando se sente apaixonado, quando encontra uma mulher que lhe parece bella, é capaz de se lembrar de lhe medir com uma fita metrica as dimensões do nariz, para saber se esse nariz é um bello e perfeito nariz? Tolice! Ha narizes incorrectos e defeituosos, que nos parecem os mais bellos do mundo... quando nós amamos as suas donas. Muitas vezes encontramos, graciosamente plantado no centro de um encantador palmo de rosto feminino um narizinho arrebitado, que, com o seu ar de insolente e petulante provocação, nos parece incomparavelmente mais bello do que o da Venus Anadyomena do Vaticano! O que fica dito do nariz, pode tambem ser dito dos olhos da mulher, fonte dos

olhares que embriagam, da sua fronte, séde dos pensamentos apaixonados ou futeis, da sua bocca, ninho das palavras que consolam ou enlouquecem e dos beijos que matam ou salvam, das suas mãos tão aptas para a caricia como para a pancada, — de todas as regiões emfim do mappamundi da sua belleza. Não ha uma só porção do corpo feminino, que, para ser rigorosamente bella, segundo as regras da belleza classica, não tenha de obedecer a certas e determinadas dimensões e proporções. No rosto, por exemplo, dizem os mestres, as dimensões e proporções devem ser taes, que, traçada dentro do oval uma cruz, e divididas a linha horizontal em cinco partes iguaes e a perpendicular em quatro, cada uma d'aquellas seja igual ao tamanho de um dos olhos e cada uma d'estas seja igual ao tamanho do nariz; a largura da face, de uma a outra orelha, deve ser igual a cinco vezes a largura de um dos olhos; cada um dos olhos deve ser a terça parte da largura da bocca; e o espaço que separa os dois olhos deve ter a mesma largura de cada um d'elles. Mas sentis bem como tudo isto é futil...

A expressão de uma face humana não depende apenas da dimensão e da proporção; e sem expressão não ha belleza, — a menos que se queira admittir como a verdadeira e unica belleza a apregoada por Baudelaire num soneto celebre :

« je suis belle, ô mortels, comme un rêve de pierre... »

Oh! uma belleza incapaz de chorar e de rir! uma belleza que odeia o movimento, porque elle, deslocando as linhas plasticas, perturba a impassibilidade divina das formas! uma belleza que se petrifica na indifferença absoluta, sem um estremecimento de gozo ou de dôr! — é uma belleza que só pode ser amada por um deus, ou por um homem desequilibrado, e nunca por um homem normal....

A verdadeira belleza, senhoras que me ouvis, é a vossa : é a graça ; a graça, de que o velho La Fontaine já dizia : « et la grâce, plus belle encor que la beauté... » ; a graça, que zomba de todas as regras da dimensão e da proporção ; a graça, que não tem idade, e não conhece leis ; a graça, que transforma os defeitos em qualidades e as incorrecções em perfeições. Naquella luta dos sentimentos que me avassalavam no Louvre, quando eu hesitava entre a contemplação da Venus de Milo e a contemplação das duas visitantes, o que realmente havia era o conflicto entre o marmore e a vida, a guerra de competencia entre a Belleza e a Graça...

E que é a graça? E' tudo.

E' em primeiro logar, a intelligencia. Que vale a formosura plastica, quando é a companheira da estupidez? E a intelligencia não dá apenas ás

mulheres uma belleza moral : dá-lhes tambem uma certa belleza physica. Por isso o povo, com a sua linguagem pittoresca e irreverente, dá a certas senhoras, que ha por ahi, muito vistosas, porém muito frias, muito caladas, muito apathicas, muito apagadas, um nome pouco respeitoso, mas muito justo : chama-lhes moscas mortas...

Sempre que se fala das grandes bellezas antigas, das mulheres que ficaram historicas pela sua formosura, ha um erro muito espalhado, que consiste em suppor que essas mulheres foram apenas physicamente bellas. E' um engano! As trez mulheres mais celebres da antiguidade grega, Laïs, Phrynéa e Aspasia, não eram sómente bellas : tinham talento, espirito e erudição. Laïs foi uma das mulheres mais intelligentes de Corintho : a sua casa não era apenas uma estancia de lascivia; era tambem uma academia. Phrynéa, que Praxitelles tomou para modelo da sua Venus de Cnido, a obra prima da estatuaria grega, era poetisa e artista. E que dizer de Aspasia? Aspasia, cuja convivencia era procurada até pelo austero Socrates, foi a companheira e mentora do grande Pericles, o maior homem do seu tempo; Pericles, para desposal-a, repudiou a primeira mulher; e foi tal a sua influencia sobre o espirito do autocrata atheniense, que Athenas era realmente governada por ella, e era ella quem

inspirava, e não raro corrigia, as mais bellas arengas do tribuno.

Mas a graça também é a bondade, a doçura, a ternura, a commoção. Haverá talvez quem ache bella uma Furia, uma Gorgona, uma Erynnia... mas também ha quem ache bella a Guilhotina! Porém não haverá uma só creatura normal, de alma bem formada, que não prefira contemplar a face da linda e enigmatica *Gioconda* ou a face infinitamente misericordiosa da *Pietà* de Miguel Angelo, a contemplar a medonha cabeça de Medusa, como a esculpiu Cellini, no maravilhoso grupo do *Perseu*, na Loggia dei Lanzi, em Florença. Uma belleza cruel, ou apenas insensivel, não inspira amor : inspira medo ou cansaço. Foi o que Musset exprimiu admiravelmente em uma poesia escripta a proposito da morte de uma bella indifferente :

Elle était belle, si la Nuit
Qui dort dans la sombre chapelle
Où Michel Ange a fait son lit,
Immobile peut être belle...

Elle est morte, et n'a point vécu.
Elle faisait semblant de vivre :
De ses mains est tombé le livre,
Dans lequel elle n'a rien lu.

A graça é ainda a voz. Admirae commigo estes lindos versos de Machado de Assis :

Quando ella fala, parece
Que a voz da brisa se cala;
Talvez um anjo emmudece
Quando ella fala...

Meu coração dolorido
As suas maguas exhala,
E volta ao gozo perdido
Quando ella fala...

Pudesse eu eternamente
Ao lado d'ella escutal-a,
Ouvir sua alma innocente,
Quando ella fala...

Minh'alma já semimorta,
Consequira ao céu alçal-a,
Porque o céu abre uma porta,
Quando ella fala...

Não sei que mulher inspirou estes versos.
Seria bella? talvez sim, mas talvez não. Em todo
o caso, por mais feia que fosse, bastar-lhe-ia
uma voz assim para tornal-a absolutamente
linda...

A graça é ainda o olhar. Ha olhares que saem,
lindos, de feios olhos, como ha lyrios alvissimos
que rebentam de pantanos escuros. O olhar, que
é a voz muda da intelligencia e da piedade, dá ás
vezes á mais feia e disforme das faces humanas
uma belleza immaterial e divina. E não é sem
razão que de todos os « feitiços » femininos é o

« feitiço » do olhar o que mais communmente inspira a poesia lyrica, — erudita ou popular.

Mas a graça é ainda a limpeza, a elegancia, — e a toilette. Sobre a limpeza, é inutil insistir. Imaginae a Venus de Cnido despenteada e com as unhas orladas de negro... Puah! Mas falemos principalmente da toilette, — dos vossos requintes de toilette, minhas senhoras, do vosso chic, desses apuros e artificios de elegancia que os medicos tão asperamente condemnam. Dizem os medicos que o vosso espartilho e os vossos sapatos de tacão alto são crimes contra a natureza, porque deformam o corpo, deslocam os órgãos do thorax e do ventre, e causam desvios da columna vertebral. Em primeiro logar, não acredito muito na gravidade d'esses males causados pelo espartilho e pelo tacão alto : as saloias, que não se espartilham e usam tamancos, tambem morrem ; admittamos que vivam um pouco mais ; mas vivem desengraçadas, — e a vida sem a graça não vale nada : antes uma boa morte ! E, depois, se os artificios da toilette são funestos, bem podemos perdoar-lhes o mal que fazem á saude pelo bem que fazem á elegancia. Já não é possivel separar a ideia da graça da ideia da toilette. A toilette é hoje mais do que uma arte : é uma sciencia. E' uma sciencia que se formou lentamente, á custa de muita observação e de muita experimentação. Se a esthetica é a sciencia

da belleza, a toilette é a sciencia da graça. Tudo, na vossa toilette, minhas senhoras, é hoje calculado, harmonico, integral e perfeito. Uma boa costureira é hoje uma artista preciosa. Um vestido bem feito vale tanto como um bom quadro ou um bello poema. Até esses enormes chapéos, hoje em moda, e que os homens tão injustamente criticam, são maravilhas de concepção artistica, pondo em contribuição, para glorificar a graça da cabeça feminina, todas as riquezas dos trez reinos da natureza, as mais bellas flores, as mais bellas pedras, as mais bellas plumas. Queixamo-nos d'elles, porque nos theatros e nos cinematographos nos tapam o horizonte; egoismo nosso! todo o complicado aparelho dos artificios e das modas, com que a mulher faz valer a sua formosura, deve ser inviolavel e sagrado, porque a formosura feminina ainda é o unico encanto que nos pode tornar supportavel a tristeza da vida. Repito : já não é hoje possivel separar a ideia da toilette da ideia da graça, e portanto da belleza moderna. Não sei se uma mulher de hoje, vestida como as gregas da idade heroica, usando apenas sandalias e uma tunica larga, ou ainda mais summariamente vestida, — quero dizer : ainda mais completamente despida, como viviam as deusas no Olympo, — não sei se uma mulher de hoje, apparecendo-nos assim, nos pareceria tão bella quanto as deusas e as gregas da idade heroica. O que posso affirmar

é que uma d'essas bellezas antigas, cortezan ou deusa, Laïs ou Venus, se resuscitasse, e se se vestisse á moda de hoje, ficaria tão desgraciosa, tão acanhada, tão atrapalhada, tão « esquerda » dentro da toilette moderna, que, em vez de provocar *ahs!* e *ohs!* de admiração, apenas provocaria um sorriso, não direi de mofa, mas de compaixão. Porque ? porque a toilette, parte integrante e inseparavel da beleza da mulher de hoje, é uma conquista da civilização, é o resultado de trinta ou mais seculos de estudo, de capricho, de faceirice, de desejo de agradar, e de especulação esthetica. A beleza moderna é a beleza vestida com graça : não é a beleza nua.

A nudez antiga... E' verdade que os poetas de hoje, grandes evocadores, parecem ainda extasiar-se com enthusiasmo diante da nudez antiga, — que, seja dito incidentemente, era casta. Isso, porém, é fantasia ; não ha nisso sinceridade. A nudez hoje não pode ser casta, como era antigamente, porque não são castos os olhos que a veem. Será isso um mal da civilização? Talvez seja : mas, homens de hoje, que podemos nós fazer senão viver como homens modernos, de accordo com os costumes modernos? Hoje, a nudez não é casta, — e por isso não tem graça, porque a graça é tambem o pudor. Os mais exaltados poetas acabam sempre por confessal-o. Quereis um exemplo ? aqui tendes o nosso admi-

ravel Raymundo Correia. Todos conheceis o maravilhoso soneto em que elle celebra a belleza antiga em plena nudez :

Eu amo os gregos typos da esculptura,
Pagans núas no marmore entalhadas :
Não essas producções, que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura,
Os corpos nús; as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas.

Não quero, a Venus opulenta e bella
De luxuriantes formas, entrevêl-a
De transparente tunica atravez :

Quero vel-a sem peias, nem receios,
Os braços nús, o dorso nú, os seios
Nús, — toda núa da cabeça aos pés!

O soneto é primoroso, mas não é sincero. O mesmo Raymundo Correia se contradiz e refuta, felizmente, em outra das suas composições, que é talvez a sua obra prima, — os perfeitos e deliciosos *Versos a um artista*, em que piedosamente o poeta recommenda ao pintor que poupe o pudor do seu modelo :

Poupa ás faces da deusa a onda purpurea;
Pinta-a, ideando-a só : o heril recacho,
O torso, e o resto... sem — tremenda injuria ! —
A tunica lhe abrires de alto a baixo !

Sim ! a graça é também o pudor. Natural ou artificial, sincero ou fingido, movimento espontaneo da pureza, ou artimanha gentil da faceirice, o pudor accrescenta um encanto novo aos encantos physicos da mulher. E' preciso não esquecer que, nessa admiração extatica e nesse enlevo delirante que constituem o amor, as funcções cerebraes representam um papel importante. Só os animaes inferiores amam exclusivamente com a medulla espinhal : o homem ama principalmente com o cerebro. Nós gostamos mais de adivinhar do que de ver ; e para nós o gozo de imaginar é incomparavelmente maior do que o de sentir. Ha um velho proverbio que diz : « os grandes homens só devem ser admirados á distancia ». Uma cousa, não identica, porém analoga a essa, se pode dizer dos encantos femininos : é preciso vel-os de perto, — mas com um certo recato, atravez de um véo que mantenha um pouco do seu prestigioso mysterio. Que quereis ? é uma extravagancia da natureza humana : nunca apreciamos muito o que se dá de todo ; é sempre preciso deixar algumas gottas de felicidade no fundo da taça encantada do Amor... Sómente as deusas e as estatuas da arte classica podem dispensar o pudor, porque dispensam a graça, e contentam-se com a sua fria belleza de creaturas de fabula ou de pedra.

Deusas e estatuas ! Mas as deusas são boas para

ficar no céu, e as estatuas são boas para ficar nos museus. Quando a admiração e o amor nos arrastam para uma bella mulher, o que nos attráe é a alma, a intelligencia, a commoção que nella esperamos encontrar. Quando, em vez d'isso, encontramos apenas a correcção gelada das formas, sem a vibração do espirito e da graça, corremos a refugiar-nos nos braços de uma outra mulher, — feia, ou apenas bonitinha, — porém graciosa.

Falando de estatuas, vem logo á lembrança uma das paginas mais bellas do grande mestre do estylo portuguez, — o extraordinario Vieira. Aqui está, segundo o padre Antonio Vieira, como se faz uma perfeita estatua de homem :

« Arranca o estatuario uma pedra d'essas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem; primeiro inembro a membro, e depois feição por feição até á mais miuda : ondêa-lhe os cabellos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos; aqui desprega, ali enruga, acolá recama; e fica um homem perfeito e talvez um santo que se pode pôr no altar. »

Eis ahi como se faz uma estatua de homem,

— tão bella que até pode ser um idolo. E quereis ver agora como se faz uma estatua de mulher, — tão bella que até pode ser deusa? Ouvi um grande poeta nosso, o nosso Alberto de Oliveira, um dos legitimos herdeiros do estylo do padre Antonio Vieira :

Às mãos o escopro, olhando o marmor : — Quero
(O estatuario disse) uma por uma
As perfeições que teem as formas de Hero
Talhar em pedra que o Ideal resuma! —

E rasga o Paros. Toda graça e esmero,
Eis se arredonda a fronte em nivea espuma;
Eis resalta o nariz de um talho austero;
Alça-se o collo, o seio se avoluma...

Alargam-se as espaldas; veia a veia,
Mostram-se os braços; cede a pedra ainda
A um golpe, — e o ventre nitido se arqueia;

A curva emfim das pernas se accentúa...
E eil-a acabada a estatua, heroica e linda,
Copia divina da belleza núa!

Ora bem! mas que vale toda essa belleza do idolo de Vieira e da Hero de Alberto, quando não a anime um sopro de vida e de paixão? O padre Vieira, depois de descrever o seu idolo, pergunta onde está a sua alma; e exclama :

« Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatada e captiva os

sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo, senão alma? E senão, vêde o corpo sem ella. Aquillo que amaveis e admiraveis, não era o corpo, era a alma : apartou-se o que se não via, ficou o que se pôde vêr. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de virtude, porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. »

E o nosso Alberto de Oliveira, parece, depois de ver acabada a sua estatua, quiz nella encontrar a alma ausente, abraçou-se a ella, quiz animal-a, e teve uma desillusão :

Deixa-me extravagar, serena estatua ! E's minha !
O esculptor te depóz nos braços meus, rainha
De marmor... Quando um dia o Paros trabalhava,
Eu no labor da pedra o seu labor guiava :
Eu era o sonho, eu era ideia ! elle esculpia
O que eu da alma arrancava, o muito que eu sentia

De amor, de luta e febre, e de estos de loucura
E paixão!... Fez-se a estatua. Em finissima alvura,
O seio ergueu-se, o collo, a fronte, o labio mudo...
E, extatico, osculei-lhe a fronte, o collo, tudo !

Beijo-a, com o bafo a aqueço, as palpebras lhe accendo
Com o meu olhar ! ao peito as veias rasgo, e cheias
Torno-as do sangue meu, tomado ás minhas veias.
E ella vive, ella anceia e treme, ella palpita,

Move os olhos de pedra! a mão levanta e agita!
E acorda! acorda e vê-me!... e, ao ver-me, ó desventura!
Eil-a pedra outra vez, insensível e dura!
Eil-a pedra outra vez, silenciosa e fria!

Insano extravaragar! insana fantasia!...

Foi uma desillusão, e foi um castigo. Pigmalião é sempre castigado, porque é sempre um grande crime amar estatuas e deusas, quando a terra está cheia de mulheres vivas, palpitantes de amor e de graça!

A proposito d'essa preocupação funesta, que obriga os artistas de hoje a ainda pintar, esculpir, ou cantar a fria e classica belleza antiga, Eugène Véron tem uma observação de bom humor, que é uma lição de boa arte : « Não é insupportavel? (escreve elle) — um esculptor, um pintor, ou um poeta tem como esposa, ou como amante, ou como namorada, uma creatura de nariz incorrecto, de olhos pequeninos, de feições irregulares, — mas leve, faceira, esbelta, graciosa... E' essa a mulher que ella ama, — chegando até a amar os seus defeitos; e para conquistal-a, ou para conserval-a, é capaz de brigar, de se expôr a mil perigos, de se atirar á agua ou ao fogo. Pois bem! essa mulher, que é o verdadeiro ideal do seu coração e do seu espirito, é plasticamente o contrario, a antithese da belleza feminina grega, classica, impassivel, que elle se obstina a

reproduzir nos seus quadros e nas suas estatuas, ou a celebrar nos seus poemas : a mulher que elle adora é uma creatura leve como uma borboleta, ligeira como uma corça, encantadora como um peccado; e, entretanto, as mulheres que elle pinta, ou esculpe, ou canta, são sombrias e severas como Junos, e duras e fortes como cavallos de raça! Não é insupportavel? »

Ha na Escola Nacional de Bellas Artes no Rio, uma sala em que se pode bem apreciar como um mesmo artista pode ser inferior ou superior, conforme porfia em reproduzir a belleza antiga e sem vida, ou se dedica a celebrar a belleza moderna, que é a vida, a graça, a paixão. A sala é a das esculpturas, e o artista é Rodolpho Bernardelli.

Ha ahi, uma defronte da outra, duas estatuas que parecem desafiar-se. Uma é a *Venus de Medicis*, cópia de Rodolpho. O marmore tem uma frieza que dóe nos olhos. Aquellas duas mãos, que escondem os seios microscopicos da deusa, seriam incapazes de qualquer pressão doce : nunca apertariam as mãos de um amante, com essa insistencia apaixonada atravez da qual duas almas veem unir-se á flôr da pelle... Mais ainda : seriam incapazes de machucar, de arranhar, de fazer mal, de espancar, — cousas que são tão agradaveis quando veem de mãos amadas !... O olhar, abaixado, não olha para ninguem.

A deusa só se vê a si mesma, só pensa em admirar e adorar a propria formosura.

A outra estatua é a *Faceira*, original do mesmo Rodolpho. Encostada a um tronco, tem os dois braços torcidos para traz, de maneira que todo o corpo, dobrado em arco, empina-se, alteia-se, mostra-se todo, petulantemente, numa attitude de provocação. Typo de brasileira.

O gesso é claro. Mas, depois de dez minutos de contemplação, o olhar da gente tem a illusão de estar vendo uma pelle morena cobrir aquellas fôrmas. A cabeça levantada, tem as palpebras semicerradas, como coando um olhar quebrado. A bocca tem um sorriso quente, que repuxa os labios, abre no queixo uma covinha breve e deixa ver dentes pequeninos de carnívora. Do pescoço fino parte a curva dura da petrina. O ventre redondo alarga-se repentinamente para os quadris largos de mulher fecunda, — fecunda como a nossa terra !

Para mim, brasileiro, a primeira é a belleza que se colloca ao fundo de um templo e se adora de joelhos; a segunda é a belleza que entontece e embriaga e por amor da qual a gente desafia tormentos, desenganos, desastres, — e até a deshonra e a morte.

A primeira é a Belleza, como a comprehendem os fanaticos da formosura sobrehumana e da arte morta. A segunda é a Graça, é a mulher, é a

creatura humana que sente, deseja, ama, ri, chóra, palpita, arde, — vive.

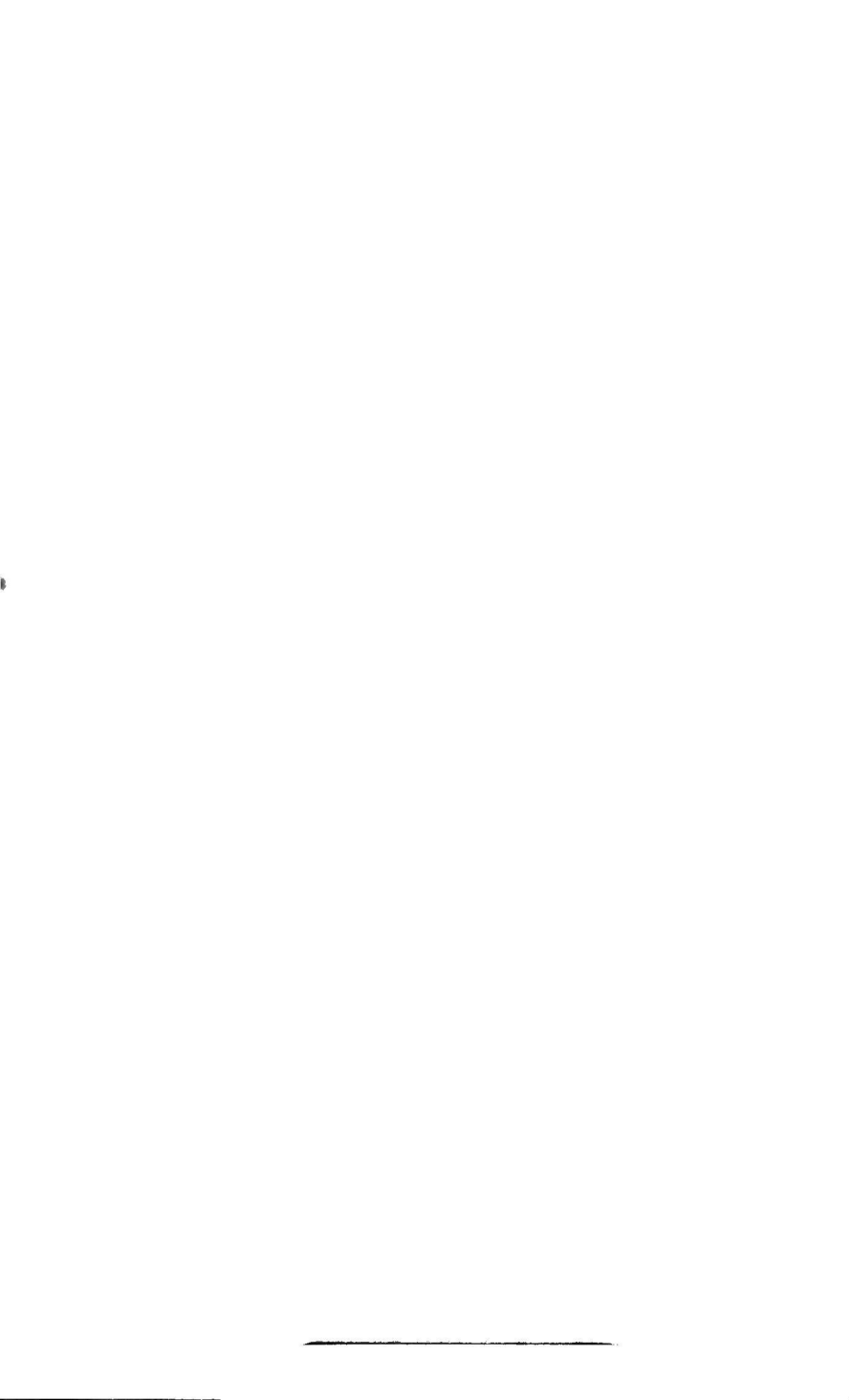
Respeitemos a Belleza, — mas admiremos e amemos a Graça. Para dizer toda a verdade, — a Belleza é talvez uma illusão. Se o povo diz que « quem ama o feio, bonito lhe parece », é porque é o Amor quem cria a Belleza. Mas é a Graça quem gera o Amor.

Não sei se como eu acreditaes na força intima, na vida propria, na virtude precisa e energica das palavras. Uma palavra, ás vezes creada ao acaso para exprimir vagamente uma ideia, acaba, com o passar dos seculos, por ser a propria ideia, e frequentemente por ser um conjunto, um mundo de ideias. Abri qualquer dictionario, — e cotejae a miseria da palavra — Belleza — com a opulencia synonymica da palavra — Graça. Belleza — é apenas a qualidade do que é bello e do que causa admiração. E Graça? Graça é attractivo, é seducção, é benevolencia, é favor, é mercê, é perdão, é commutação de pena, é elegancia, é gracejo, é riso, é alegria, é dom sobrenatural como meio de salvação ou de santificação, é privança, é boa aceitação, é agradecimento, é beneficio material ou espirital, é delicadeza, é finura, é subtiliza, é intelligencia, é espirito, é tudo quanto ha de affavel e carinhoso... E lembrae-vos, minhas senhoras e meus senhores, que, quando vos dirigis á super-mulher em quem os creadores do poema catho-

lico symbolizaram a extrema pureza e a suprema misericórdia, não lhe dizeis : « Ave, Maria, cheia de belleza! », porém : « Ave, Maria, cheia de graça! »



O DINHEIRO



O Dinheiro

*(No Instituto Nacional de Musica.
Rio de Janeiro.)*

Supponho que ninguem se enganou sobre o thema e os intuitos d'esta conferencia. Ninguem aqui veio imaginando que viesse ouvir falar dos orçamentos do Brazil, nem da Caixa de Conversão, nem da valorização do café ou da borracha. Eu nunca estudei finanças... por medo. Medo profundo, medo irreprimivel, que me não envergonha. Tenho para mim, em primeiro logar, que a sciencia economica é a mais subtil e complicada das sciencias, — apezar de ser forçado a reconhecer, com alguma vaidade patriotica, que o Brazil é uma terra de economistas, — a ponto de não haver, pelo menos no Rio de Janeiro, uma só rua que não tenha a honra de abrigar em seu seio um ou dois financeiros illustres, capazes de desbancar com a sua sabedoria todos os J. B. Say e todos os Leroy-Beaulieu do mundo. Em qualquer cidade do Brazil as discussões sobre finanças são tão frequentes como as discussões sobre mu-

sica. Somos um povo de melomanos e de chremomanos; em nossas armas nacionaes, ao lado do fumo e do café, não ficariam mal uma pauta de musica e uma tabella de cambio... Creio que se as nossas finanças não conseguem assombrar o mundo civilizado com a sua prosperidade, é justamente porque ha aqui financeiros demais; e o paiz, tonto e hesitante, não sabe qual ha-de escolher de tantas taboas de salvação que lhe estendem. Mas ha ainda outra razão para o meu medo. Deveis ter notado que, aqui como em todo o resto da terra, os mais competentes professores de economia politica nunca teem vintem; — ou porque, preocupados com calcular os milhões alheios, nunca tenham tempo para cuidar do proprio interesse, ou porque o Dinheiro, sendo uma entidade caprichosa, apenas ame aquelles que o amam sem procurar comprehendel-o. O certo é que os homens « de negocios », os que habitualmente ganham dinheiro aos montões, nunca estudaram finanças; esses enriquecem porque teem o faro das boas especulações, porque cheiram o dinheiro a cem legoas de distancia. Os economistas profissionaes, capazes de provar por $a+b$ que este negocio é máu e que aquelle outro é bom, nunca realizam um só negocio. Bem comparando, esses financeiros illustres de extraordinaria competencia, conhecedores de todo o mechanismo do commercio, das industrias e da especu-

lação, indicando aos outros homens o meio de fazer fortuna, mas incapazes de enriquecer-se a si mesmos, são como esses pobres acendedores de lampiões publicos, esses abnegados *prophetas* que, ao cair da noite, percorrem toda a cidade, illuminando todas as ruas, dando luz brilhante a toda a população, e, acabado o serviço, vão descansar numa tóca escura, numa alcova humilde, onde ás vezes não ha sequer a luz vacillante e dubia de um misero côto de véla... Não resisto á tentação de contar-vos um encontro que tive ha tempos com um dos nossos mais abalizados economistas. Encontrámo-nos em um bonde, — e elle, conhecendo a minha resignação de ouvinte docil, começou a mostrar-me a pessima situação financeira do Brazil : um descalabro ! o credito por agua abaixo, o serviço da divida avassalando tudo, a importação e a exportação minguando, e o inglez ávido esperando o momento da penhora. E como eu, aterrado, lhe perguntasse se não haveria meio de evitar o tremendo desastre, elle pôz-se a remexer milhões : era preciso fazer isto, era preciso fazer aquillo, e o dinheiro caíria do céu em chuva de cédulas e brotaria da terra em cogumelos de ouro ; e aos meus olhos deslumbrados abria-se o Pactolo; e aos meus ouvidos atordoados estrondava o cascadear de niagaras de libras esterlinas; e o homem apparecia-me coberto de ouro, todo feito de ouro, falando ouro,

suando ouro, bracejando num mar de ouro, voando num céu de ouro... Mas o bonde chegou ao termo da jornada; despedimo-nos; e, á despedida, disse-me elle: « tenho hoje um aborrecimento serio : preciso pagar uma lettra de cinco contos, e não sei onde hei-de achar dinheiro para o pagamento! » E aquelle homem acabava de sommar milhões em numero maior do que o das estrellas do céu!

Mas tambem estou certo que ninguem aqui veio imaginando que eu tenha por acaso descoberto um meio novo e seguro de ganhar dinheiro, e que abnegadamente esteja disposto a communcial-o aos meus contemporaneos. Não ha meios novos de ganhar dinheiro; e os velhos, que são innumeraveis, já são todos conhecidos e explorados. Só Panurgio, o immortal companheiro de Pantagruel, conhecia sessenta e trez. E' Rabelais quem o diz: « *il avait soixante-trois manières de s'en trouver toujours...* » Infelizmente Rabelais não nos revela esses sessenta e trez processos. Mas, conhecido o temperamento e sabida a moral de Panurgio, — *malfaisant, pipeur, buveur, ribleur et batteur de pavés*, — qualquer d'esses seus sessenta e trez processos devia ser muito perigoso : e estou seguro que, por havel-os adivinhado e applicado, está muita gente nas casas de correcção.

Devo ainda dizer que, se resolvi fazer esta con-

ferencia, não foi para aqui vir repetir, como um moralista austero, que o melhor meio de arranjar dinheiro ainda é... trabalhar. Não sei... Talvez o trabalho ainda seja o melhor meio de ganhar um bocadinho de dinheiro; mas não é com certeza um bom processo para ganhar e juntar muito dinheiro. Em geral, nós só enriquecemos á custa do trabalho... dos outros. Além d'isso, ainda que pareça um paradoxo, é profundamente verdadeira a phrase desconsolada e amarga, que certa vez ouvi a um amigo meu, homem glorioso que passou toda a vida a trabalhar e morreu na penuria; como eu lhe dissesse « é triste que você, tendo trabalhado tanto, envelheça pobre! », elle murmurou com resignação : « que quer você? trabalhei tanto, que não me sobrou tempo para ganhar dinheiro! » — o que quer dizer que muita vez o trabalho toma um tempo precioso, que, bem aproveitado pela especulação e pela malicia, poderia levar um homem á prosperidade e á riqueza... O trabalho será sempre o meio mais digno. Mas não será nunca o mais seguro; e muitas vezes é o mais incerto. Ha alguma philosophia nesta *boutade* de um bohemio, que costumava dizer : « não ha creatura que trabalhe mais do que um relógio : está sempre tic-tac, trabalhando sempre, tic-tac, sem comer e sem dormir, — e, entretanto, nunca ouvi falar de um só relógio que morresse rico! »

Não tereis imaginado tampouco, de certo, que

eu aqui viesse tratar do problema social. O logar seria improprio, o auditorio bocejaria. Parece que durante muitos e muitos annos ainda a injustiça governará o mundo. Ha na Biblia uma palavra triste, contendo uma prophesia que nunca foi desmentida : « sempre haverá pobres entre vós ! » Tudo quanto se tem feito até hoje ainda não conseguiu diminuir o pauperismo. A miseria, em si, é talvez menor, menos dura, mais supportavel, mas o numero dos miseraveis augmentou. E é fóra de duvida que a pobreza só acabará, e que só se reformarão para melhores as condições materiaes de uma grande parte da humanidade, quando para melhores se houverem reformado as condições moraes da humanidade toda.

Não ! nem philosophia, nem economia politica, nem sciencia pratica de ganhar dinheiro encontrareis aqui. O que me tentou e seduziu neste assumpto foi a possibilidade de instaurarmos aqui, com um pouco de poesia e um pouco de bom humor, o processo do Dinheiro.

O Dinheiro é uma força tremenda, omnipotente, assombrosa. Todos o amam, todos o procuram, e, entretanto, todos dizem mal d'elle; e os que fingem desprezal-o mostram apenas o desejo de seduzil-o com o seu desprezo, de accordo com o velho brocardo : « quem desdenha quer comprar ». Instauremos o processo do Dinheiro, para saber se é elle a fonte de todo o mal, e se pode

ser a fonte de todo o bem. Vós sereis o tribunal; eu serei ao mesmo tempo o accusador e o advogado de defesa. Está, pois, aberta a audiencia! O escrivão vae apregoar as partes. Autora, a Justiça! Réo, o Dinheiro! Testemunhas da accusação : o Egoismo, a Ambição, a Corrupção, a Avareza. Testemunhas de defeza, as que apparecerem no correr do processo. Tem a palavra o organ da Justiça Publica.

O maior crime do Dinheiro é este : elle é o grande corruptor, o grande envenenador das almas, o grande prostituidor das consciencias. E' o seu crime formidavel e terrivel. Portas, que se conservam fechadas resistindo ao duro embate de um ariete de ferro, abrem-se logo ao timido e quasi indistincto bater de uma moedinha de ouro...

No drama admiravel de *Fausto*, Goethe symbolizou em Margarida toda a humanidade. Duas forças nos impellem na vida, immortaes, equilibrando-se, conjugando-se, governando-nos do berço á cova: o Amor e o Dinheiro. São as duas grandes fomes da natureza humana. Qual a mais forte? Um poeta, que seja apenas poeta, dirá logo, com os olhos fitos no céu : « é o amor!... » Goethe, porém, não era apenas um poeta; ou, melhor, era um poeta-philosopho, ao mesmo tempo compassivo e ironico, e conhecedor de todos os segredos do instincto e da paixão. Por isso, Goethe não deu ao amor a soberania. Quando

Fausto conhece e procura Margarida, já não é o sabio encanecido e tropego, de corpo pendendo para a cova, de alma cheia de tédio : é um mancebo agil e ardente, de carnes rijas como o cerne de um carvalho, de nervos fortes e vibrantes como as cordas esticadas de uma lyra, de alma sonora como um ninho cheio de aves; é bello e é moço, e tem, graças ao sobrehumano poder de Mephistopheles, além da mocidade e da belleza, essa faculdade de agradar que é o genio dos conquistadores de amor, esse mysterioso e raro espirito de seducção que é o condão omnipotente de D. Juan. Entretanto, vêde : Fausto não se apresenta a Margarida immediatamente, em pessoa, apenas com as credenciaes da sua juventude radiante e da sua mascula formosura : o seu emissario, o seu arauto é o Dinheiro. Mephistopheles, conselheiro de Fausto, sabia bem que o proprio Jupiter, deus dos deuses, para seduzir a formosa Danáe, não achou melhor meio do que chegar até ella transformado numa chuva de ouro... Antes de ver aquelle que ha-de perdel-a, Margarida encontra sobre o toucador o escriptorio magnifico em cujas pedras faiscantes Mephistopheles pôz todo o brilho infernal da seducção e da cobiça.

O amor vem depois. Antes de arderem sob a chuva de beijos do amante, já as mãos da infeliz ardem de gozo ao contacto das gemmas fascinadoras. Symbolo perfeito : no drama philosophico

mais completo que a poesia humana já imaginou, é o Dinheiro que abre a porta ao Amor... E quando, na opera de Gounod, Mephistopheles, no palco, com as longas pernas em compasso medindo o tablado, e açoitando o ar com a ponta da barbica de capro e com a pluma vermelha do gôrro, entôa a aria triumphal do *Deus do ouro*, — a ficção toma corpo, e todos os espectadores sentem um arrepio de espanto e terror, como se alli vissem surgir palpavel, visivel, na sua majestade satanica, o deus formidavel da corrupção, o inimigo implacavel da virtude e da pureza.

Mas nunca ninguem cantou tão bem a aria eterna da corrupção como aquelle sinistro Iago, irmão gêmeo do Mephistopheles de Goethe, aquelle monstruoso Iago de Shakespeare, que atravessa e enche com a sua figura medonha todo o drama de *Othelo*, — tigre e serpente, ora com o salto felino, ora com o rastejar colleante da cobra, alma asquerosa em que medram, como nos pantanos as cicutas venenosas, as mais negras paixões. Iago sabe o que é o ciume de Othelo, e sabe qual é o poder da calumnia; mas sabe tambem qual é o poder do Dinheiro. Não lhe basta desvairar e envenenar pelo ciume e pela calumnia a alma do exaltado Othelo, como lhe não basta excitar pela lisonja a alma do ingenuo Cassio : quer tambem a cooperação do fatuo Rodrigo, que tambem ama Desdemona. Rodrigo, desesperado, quer

morrer : vae atirar-se ao mar. Então, dentro do ouvido e da alma do fatuo, como gottas de um veneno subtil, Iago deixa cahir estas palavras que ficariam bem na bocca do proprio Mephistopheles :

« Morrer? morrer por amor de uma mulher? A fazer isso, Rodrigo, eu preferiria trocar a minha alma de homem pela de um macaco! Morrer? e por amor? Mas o amor é uma ebullicão do sangue... Queres afogar alguém? não te faltarão cães e gatos... Não te afogues! Põe dinheiro na bolsa!... Faço profissão de ser teu amigo, e hei-de ser-te util : põe dinheiro na bolsa! Vae com o mouro á guerra, e disfarça a tua paixão sob uma barba postiça... E ajunta todo o dinheiro que pudes ajuntar... E' impossivel que dure muito a paixão de Desdemona pelo mouro; e tambem a d'elle não durará muito... Foi uma paixão que irrompeu com violencia; o rompimento será inesperado, e então... Põe dinheiro na bolsa! Estes mouros são caprichosos, inconstantes... o alimento que hoje lhes parece delicioso e doce, amanhã lhes parece mais amargo do que a coloquintida... quem sabe o que vae acontecer amanhã? Põe dinheiro na bolsa! Ella tambem mudará : é criança; daqui a pouco reconhecerá o seu erro, terá repugnancia dos beijos de Othelo, mudará : põe dinheiro na bolsa, Rodrigo! A minha malicia e o inferno são muito mais fortes do que essa fragil união celebrada entre um barbaro vagabundo e uma esperta

veneziana. Queres possuil-a? põe dinheiro na bolsa, e espera! Ella será tua : põe dinheiro na bolsa, Rodrigo! » — Já não é uma aria : é toda a opera, todo o poema, toda a Biblia da Corrupção!

Oh! a corrupção pelo dinheiro! Diz-se ha muitos seculos que o dinheiro é o nervo da guerra. E' o nervo de tudo. Com o auxilio d'elle e por amor d'elle promovem-se, continuam-se, vencem-se as guerras, e tambem por amor d'elle e com o auxilio d'elle as guerras se evitam, e celebra-se e mantém-se a paz. O diplomata mais sagaz da nossa raça, o astuto marquez de Pombal, deixou a este respeito uma carta, que é a mais completa apothese da corrupção. O marquez tinha jurado guerra de morte aos jesuitas; e, para conseguir do Papa a extincção da Companhia, mandou a Roma com instrucções especiaes um embaixador. Essas instrucções são categoricas, e constituem um modelo de... — ia dizendo de cynismo, mas é preferivel dizer: de diplomacia. Vale a pena ouvir: « Observe V. Illma. quaes os cardeaes e pessoas de mór importancia para este negocio, — porque, emfim, é muito melhor e muito mais barato fazer aos inimigos a guerra com dinheiro do que com exercitos armados. Além de dinheiro, mandarei a V. Illma. alguns diamantes brutos para os mandar lapidar quem ahi os receber, dizendo V. Illma. se hão-de servir para cruces, peitoraes, anneis, ou para outras obras. Por agora lhe remeto quatro

anneis capazes de se poderem offerecer para ganhar ou principiar a fazer a bocca doce a alguns amigos... » E' Mephistopheles com cabelleira empoadada e rabicho! é Iago com peitilho e punhos de rendas!... E nisso, o marquez de Pombal não fazia mais do que copiar uma opinião velhissima : a do velho rei Felipe da Macedonia, pae de Alexandre o Grande. Disséra-lhe um dia o oraculo de Delphos : « inclúe no numero das tuas armas o dinheiro, e nada te resistirá! » E d'esse conselho extraíu elle o seu aphorismo predilecto : « não ha fortaleza inexpugnável, quando dentro d'ella se pode metter uma mula carregada de ouro. »

O poder do dinheiro! João de Deus, que não foi apenas um delicioso poeta de amor, mas também um endiabrado poeta satyrico, disse bem, em quatro decimas, as artes e as manhas d'esse perigoso seductor :

O Dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça e maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!
O falar... fala de um modo...
Aquelle ar... aquelle todo...
E ellas acham-no tão guapo!
Velhinha ou moça que o veja,
Por mais esquivada que seja,
Tim!
Papo!

E a cegueira da justiça
Como elle a tira n'um ai!
Sem lhe tocar com a pinça;
É só dizer-lhe : — Ahi vae...
Operação melindrosa,
Que não é lá qualquer cousa;
Cataracta, tome conta!
Pois não faz mais do que isto,
Diz-me um juiz que o tem visto :

Tlim!

Prompta.

Nessas especies de exames
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquelle demo faz!
Sem saber nem patávina
De grammatica latina,
Quer-se um rapaz d'alli fóra?
Vae elle com taes falinhas,
Taes gaifonas, taes coisinhas...

Tlim!

Ora...

Aquella physionomia!
A labia que o demo tem!
— Mas numa secretaría,
Ahi é que é vel-o bem!
Que louçania! que gala!
Vae logo entrando na sala,
E aproveita a occasião :
Conhece este amigo antigo!
O' meu tão antigo amigo!

Tlim!

Pois não!

Mas o Dinheiro corrompe por si mesmo, em virtude de uma força propria e terrivel. E é impossivel tratar do seu poder corruptor sem pensar logo em certos factos que ultimamente se teem tornado bastante frequentes no Brazil : os desfalques... Quando um homem passa vinte ou trinta annos da sua existencia a lidar com o dinheiro alheio, a contal-o, a recontal-o, a empilhal-o, a entregal-o, a escriptural-o, — parece que aos seus olhos o dinheiro deve acabar por perder toda a importancia, perdendo sobre a sua alma todo o poder de seducção. E' natural que, ao cabo d'esse tempo, um pagador, ou um thesoureiro, ou um fiel remexa moedas de ouro e amarrote notas do banco, indifferentemente, sem um tremor nas mãos, sem um sobresalto no coração, — como se remexesse rodellas de latão ordinario, ou trapos de réles fazenda.

Effectivamente, é o que acontece — ou, antes, o que parece acontecer. Mas naquelles pequenos discos de metal reluzente, e naquelles rectangulos de papel, reside uma alma perversa e damninha, um espirito demoniaco e invencivel, cuja força de tentação nunca se aniquilla.

O desgraçado, que vive todos os dias em contacto com o dinheiro, pensa que o habito já o vaccinou infallivelmente contra os assaltos da cobiça : e é de ver o soberano desdem com que elle trata essas riquezas, atirando-as brutalmente ao

fundo das gavetas ou dos cofres, contando-as á pressa como se tivesse nojo de as estar contando, olhando-as com rancor, e indo logo lavar as mãos para se libertar da infecção das moedas e das notas. Ai d'elle! um bello dia, todo o pernicioso efflúvio de seducção, concentrado no dinheiro, acorda, expande-se, desprende-se, entra pelo corpo do misero, como um veneno subtil, intoxica-lhe o sangue, allucina-lhe o cerebro; — e o homem honrado de ha pouco, o immune, o vaccinado, o invulneravel, o incorruptivel, mete dentro do bolso a riqueza que não é sua, e lá dispara para a deshonra, para a vergonha, para as galés ou para o suicidio...

Ah! o dinheiro tem uma alma propria, uma alma satanica! Mephistopheles vive dentro de uma libra esterlina; Iago palpita na contextura de uma nota de vinte mil réis...

O outro grande crime do dinheiro é a facilidade com que elle engendra as ambições desordenadas que acabam no açambarcamento das fortunas, na cupidez que leva a todos os crimes, e na avareza, que é o vicio mais feio de quantos infamam a alma humana. O dinheiro allucina as almas e dá-lhes ambições que não obedecem a nenhum freio. O primeiro milhão possuido excita, acirra, assanha a gula do millionario. E' um declive fatal e terrivel, um despenhadeiro em que o especulador não pode parar. Essas grandes fortunas, essas reale-

zas do Milhão, essa plutocracia brutal, em que ha o rei das estradas de ferro, o do petroleo, o do ouro, o dos diamantes, o da navegação, e até o do trigo, — essas grandes fortunas, mantendo e desenvolvendo cada vez mais a ambição, acabam por converter os millionarios em novos reis Midas, desejosos de poder transformar em ouro tudo quanto as suas mãos tocam.

Conheceis a lenda do rei Midas... Midas, rei da Phrygia, rei pastor e patriarcha, vivia feliz, amado do seu povo. Bateu-lhe um dia á porta do palacio, que era uma choupana, um viajante cansado. Midas acolheu-o com carinho, deu-lhe um pouco do seu pão e da sua agua. O viajante era o deus Baccho, que, agradecido, prometeu ao seu hospedador conceder-lhe quanto lhe pedisse. O imprudente só soube pedir uma cousa : « Quero, ó filho de Jupiter e Semele, que tudo quanto eu toque se transforme em ouro ! » Desgraçado ! O castigo da sua ambição não se fez esperar, e foi tremendo. Ao contacto de suas mãos, tudo se endurecia, tudo brilhava, tudo faiscava mudado em ouro : era ouro duro e frio o alimento que levava á bocca, era ouro rijo e gelado a agua com que procurava mitigar a sede, eram ouro aspero e algente os labios de mulher em que os seus labios buscavam a suavidade e o consolo de um beijo. Luiz Delfino, o nosso grande poeta, tem alguns versos admiraveis, em que descreve esse marty-

rio hediondo. Apenas, com essa ampla e soberana liberdade que é o privilegio dos poetas, Luiz Del-fino alterou a ficção primitiva, confundindo em uma só lenda a de Midas, que tudo transforma em ouro, e a de Tantalos, que vê sempre a agua fugir ao labio sequioso que a procura. Pouco importa a confusão; nestes versos ardentes, ha o quadro vivo e palpitante das torturas que a imaginação dos primeiros poetas hellenos inventou para castigo da ambição dos plutocratas, adoradores do bezerro-de-ouro :

· A fonte pura salta, e um fio de agua jorra
Que lhe procura dar calma, allivio, frescura;
Porém a sede, a sede, a sede immensa o torra
E assenta-lhe na fronte o espasmo da loucura.

Rubra a lingua lhe cáe da bocca e ao peito roja
Como a cauda de algum cometa inopinado;
A fauce escancarada é como accesa forja :
Parece ter lá dentro o inferno encarcerado.

Leva a mão a um penhasco; o penhasco vacilla,
Rola, cáe, faz-se em ouro; a relva de esmeralda,
Ardendo vae total-a a sua mão que escalda,
E a relva que verdeja é ouro que scintilla.

E' ouro que lhe ri, em ascuas iriantes,
E' ouro que lhe sopra á cara gargalhadas,
E' ouro que se enrola em seus braços gigantes,
E lhe enche as duas mãos de tel-o fatigadas!

Que sêde intensa! A' bocca a agua chega mudada
Em ouro derretido, em ouro que o suffóca...
Nem já para gemer a voz lhe foi deixada :
E' ouro, é ouro, é ouro, é ouro quanto tóca! »

Diz a lenda que o supplicio de Midas não foi eterno. Baccho, compadecido, poz termo a essa tortura sem nome, ordenando ao rei infeliz que se fosse banhar na agua do rio Pactolo, cujas areias desde então se transmudaram em um espesso lençol de ouro puro e fulgente. Não durou toda a vida o castigo de Midas, mas dura toda a vida a ambição desmarcada dos seus successores, d'esses archimillionarios de hoje, empilhadores de ouro, devorados pela sede do ganho, machinas de calcular proventos, Molochs formidaveis em cujas guelas esbrazeadas se abysmam, mudadas em pecunia, a saude, a alegria, a ventura, a vida de milhões de trabalhadores pobres.

E que dizer dos avarentos? Os grandes especuladores não guardam a totalidade dos milhões que ganham : uma parte d'esse dinheiro se reparte e espalha. Mas os avarentos guardam tudo. Não é a febre dos negocios que os domina : é a febre da posse. O avarento não emprenhe : recebe; não arrisca : empilha; não especula : amontôa; não come : engasga-se. Um velho proverbio francez diz que o avarento é como o porco, que só depois de morto é que serve para alguma

cousa. Mas não infamemos o porco com essa comparação... O animal que mais se parece com o avarento é um insecto. E' o escaravelho... O dia é lindo. O sol fecunda a terra. O céu é azul. As arvores altas e as hervas rasteiras se desfazem em aromas. Cantam as aves, revoam as borboletas, aquecem-se regaladamente ao sol os lagartos, *lazzaroni* do matto. Tudo vive, tudo canta, tudo vibra. E nessa festa geral, nesse jubilo unanime, o escaravelho, — vêde-o : não goza o calor do sol, não aspira os perfumes das plantas, não se delicia com o gorgear dos passaros, não se deixa penetrar da alegria e da gloria de viver. Vêde o que elle está fazendo : está ajuntando numa bola todo o estrume que encontra no chão; e faz essa bola immunda com o mesmo carinho, com o mesmo gozo intimo, com a mesma paixão com que um poeta faz um poema ou um esculptor faz uma estatua. E lá vae elle, com a sua carga infecta, para o infecto covil onde mora; e quando morre, morre na escuridão da tóca, sobre as suas provisões de immundicie inutil, — como o avarento, como esse famoso « Guerra Sapateiro », que muito tempo existiu no Rio de Janeiro, accumulando contos de réis, privando-se de tudo, até que expirou sósinho, roído pela miseria physica, pela lazeira e pela vermina, sobre o seu ouro e sobre as suas apolices, numa pocilga torpe...

Para o avarento, o dinheiro é tudo, porque vale

mais do que tudo : mais do que o amor, mais do que a familia, mais do que a honra, mais do que a vida. Conheceis bem o *Mercador de Veneza* de Shakespeare. O terrivel Shylock, que emprestou 3.000 ducados a Antonio em troca de uma libra de carne humana, — só excepcionalmente se utiliza do dinheiro como de um instrumento de vingança. Shylock ama o dinheiro pelo dinheiro. Um dia foge-lhe a filha, com um christão. Shylock tragara calado a ingratidão e a affronta, se sómente a filha lhe desaparecesse de casa. Mas com a filha tambem desapareceu o seu thesouro. E as exclamações de angustia, de odio, de supremo desespero que lhe saltam da bocca são terriveis : « O' minha filha! ó meus ducados! ó minha filha! Justiça! Roubaram-me a minha filha Jessica! a minha querida filha! Justiça! Um immundo christão me roubou a minha filha e os meus ducados, um sacco de ducados, dois saccos de ducados! Justiça! Os meus ducados, e as minhas joias, — duas pedras enormes, raras e esplendidas, como não ha outras no mundo! Um christão roubou-me a minha filha, e a minha filha roubou-me o meu dinheiro! Justiça! Procurem a minha filha, a minha querida filha, porque com ella estão os meus queridos ducados! ». Mas Harpagão, o avaro de Molière, é ainda mais completo. Quando lhe desaparece o thesouro, elle considera-se morto, — morto, e até

enterrado : « Ladrão! ladrão! assassino! Estou perdido, estou assassinado, degolaram-me, roubaram-me o meu dinheiro! Ah! meu pobre dinheiro! meu rico dinheiro! meu unico amigo, minha vida, meu amparo, meu consolo, minha alegria, — sem ti não posso viver! morro! já estou morto e enterrado! Não haverá alguém que me resuscite, restituindo-me o meu dinheiro? Vamos! justiça! quero commissarios, archeiros, prebostes, juizes, instrumentos de tortura, fôrças, cepos, algemas, algozes! quero enforcar o ladrão, quero enforcar meu filho, minha filha, meus criados, toda a humanidade! e, se não encontrar o meu dinheiro, enforcar-me-ei a mim mesmo! » Já não é apenas um vicio : é um amor violento, um delirio, uma paixão absorvente, absoluta, fatal. O avaro ama o dinheiro como os outros homens amam o sol, o bem, a formosura, a bondade. O seu gozo exclusivo, a sua felicidade unica, a sua razão de existir, o seu destino na vida, é juntar dinheiro, contar-o, recontar-o, miral-o e admiral-o. E é um modelo de precisão, como definição da avareza, a phrase com que um certo avaro respondeu a alguém que lhe reprochava a torpeza do seu vicio : « Para que ha-de você privar-se de todo o conforto accumulando tanto dinheiro? os seus filhos, que são uns peraltas da marca maior, hão-de esbanjar toda essa fortuna... » E elle : « Que importa? por mais que

elle gozem em deitar fora o meu dinheiro, nunca hão de gozar tanto como eu gozei em ajuntal-o! » Confessemos que um agente capaz de nutrir tão execraveis paixões, é um grande criminoso... Não merece perdão quem causa tão terriveis estragos moraes. Condemnae o dinheiro, senhores jurados, se amaes a Justiça!

Mas, perdão! ainda não foi ouvido o advogado da defesa, — e sem defesa ninguem pode ser condemnado...

Tem a palavra o patrono do réu.

Um grande criminoso, o Dinheiro? Tanto valeria chamar assassino ao punhal ou ladrão ao « pé-de-cabra ». Ladrão é o homem que empunha a gazúa, e assassino é o homem que maneja a adaga. Porque imputar o crime ao instrumento irresponsavel, em vez de imputal-o á vontade raciocinante que o emprega?

O criminoso não é o dinheiro, que, á feição do opio, pode curar ou matar, conforme a pericia ou a impericia e segundo a boa ou má intenção de quem o dósa e propina.

Adorar o dinheiro sobre todas as cousas, collocal-o acima de tudo, fazer d'elle o unico alvo, o unico intuito, a propria essencia, a unica razão de ser da vida, — é torpeza. Mas desprezal-o, — é insania. E quem o despreza? Desprezavam-no outrora os ascetas, atacados da mania do sacri-

ficio e da renuncia, isolando-se nos desertos, rasgando as carnes nas urzes, ganindo e rezando. Não eram homens... A razão de ser da vida é o gozo dos bens da terra; e não sómente o gozo material, mas o gozo intellectual e nobre das cousas bellas. E uma vez que o dinheiro existe, e uma vez que sem elle nada ou quasi nada se obtém, porque injuriar e amaldiçoar essa chave milagrosa que abre a porta da felicidade? Não! ninguem hoje despreza o dinheiro!

O que é preciso é não ter a respeito d'elle, em absoluto, a opinião do imperador Vespasiano. A anedota é difficil de contar, mas illustra bem o assumpto. Vespasiano, succedendo a Vitellio, achou estoiradas as finanças do imperio romano, — provavelmente porque lá, como aqui, havia financeiros demais. Como restaurar a saúde do erario publico? — creando novos impostos, porque já naquelle tempo, como ainda hoje, não se conhecia outro meio de equilibrar orçamentos... Ora, entre os impostos novos, creados pelo novo imperador, figurava um que era cobrado... como direi? sobre a utilização d'esses chalets plantados de espaço a espaço nas vias publicas, e onde os transeuntes se despojam dos excessos da sua nutrição. A plebe romana, irreverente como todas as plebes, ria á farta, commentando a origem mal cheirosa d'aquella renda. Mas o imperador, sempre que os cortezãos lhe contavam as murmurações maliciosas

do povo, tirava do bolso uma moeda de ouro, dava-a a cheirar aos conselheiros, e dizia, rindo : « Como vêdes, o dinheiro não tem cheiro... »

A phrase ficou, adoptada como uma maxima, como uma divisa, como uma norma de vida, pelos gananciosos sem escrúpulos que consideram, á maneira de Panurgio, que todos os meios são bons para adquirir dinheiro. Mas, neste pleito, a defesa não precisa lançar mão de tão abjecto argumento. Não ! o dinheiro tem cheiro ! tem ás vezes o cheiro nauseante das traficancias indignas em que se troca a honra pelo proveito, como os trinta dinheiros que queimaram as mãos de Judas ; e tem outras vezes o cheiro acre do sangue, como o ouro que rendia a vinha de Naboth nas mãos assassinas de Achab e Jezabel...

Mas, por todos os deuses do Olympo ! nem todo o dinheiro vem do furto e do assassinato ! E quanto á allegação usual : que a fortuna mata sempre no coração do homem o amor da bondade e do ideal, — nada é mais falso. Ha muitos homens que ganham muito dinheiro, e nunca viram brilhar em face humana uma lagrima sem que a enxugassem com um soccorro compassivo. E, no que diz respeito ao amor do ideal, já vae muito longe o tempo em que se acreditava só poderem os poetas haurir na miseria toda a sua inspiração.

Camões escreveu os *Luziadas* com fome ?

Mas escrevel-os-ia do mesmo modo com o estomago farto. E já não ha poeta que se atreva a dizer que detesta o Dinheiro. Chateaubriand, o lyrico Chateaubriand, o ideologo dos ideologos, o meigo René, o creador da vaporosa Cymodocêa e da suave Atala, sempre teve pelo dinheiro um respeito que se comprehende bem; foi elle quem escreveu : « O argent ! avec toi on est beau, jeune, adoré ; on a considération, honneur, qualité, vertu ; quand on n'a point d'argent, on est dans la dépendance de toutes choses et de tout le monde ! » Victor Hugo, o maior lyrico da idade moderna, morreu riquissimo. Ha quem diga que Shakespeare, o maior dos poetas, emprestava dinheiro a premio. E Voltaire teve um dia uma phrase lapidar que mostra bem como o amor do ideal não é incompativel com o bom senso nos negocios ; o philosopho discutia com um editor a venda dos originaes da sua *Historia de Carlos XII*; e, como o editor se espantasse de ver um poeta tão amigo da pecunia, Voltaire exclamou : « Faut-il renoncer à savoir vivre parce qu'on se flatte de savoir écrire ? »

O dinheiro suffocando e matando o ideal ! Mas o ideal só pode viver com a independencia, e Chateaubriand disse bem que a independencia só pode ser dada pelo dinheiro. Ha quem diga que o homem rico não é independente, porque é escravo da sua riqueza... Será ! mas, em todo o

caso, antes ser escravo da riqueza do que da miseria...

Mas o orgam da justiça publica, que me precedeu nesta tribuna, fez ao dinheiro, sobretudo, uma accusação tremenda : accusou-o e amaldiçoou-o por ser o pae da corrupção e da avareza.

Ora, o unico agente da corrupção não é o dinheiro. Que dirieis de alguém, que attendendo aos grandes crimes, ás grandes desgraças que tem causado o amor, se lembrasse de vir aqui pedir-vos a condemnação do amor? Porque o amor tambem corrompe, — e mais do que o dinheiro. Já nem me quero referir a juizes, a autoridades, a lentes, a governantes, que espancariam e matariam quem os fosse corromper com dinheiro, mas que nada costumam (porque não podem) negar do que lhes pedem uns lindos labios, — mórmente quando a linguagem sonóra d'esses labios é secundada pela muda linguagem de uns olhos tambem lindos, rolando tentadoramente sob palpebras côr de rosa e despejando sobre a victima de sua seducção mundos infinitos de promessas... Mas quantas concussões, quantos peculatos, quantos desfalques, não teem sido causados pela sêde de amar, pela fome de amar, pela gula de amar e ser amado? Porque pois pedir a condemnação do dinheiro sómente, como se elle fosse o corruptor unico? porque essa parcialidade? Desafio o promotor publico a voltar a esta tribuna, para completar a

sua obra de justiça, pedindo também aos senhores, e principalmente ás senhoras, que são aqui os juizes de facto, a condemnação do amor : se elle tivesse essa coragem, creio que até o mudo, o impassivel, o insensivel tecto d'esta sala desabaria sobre a sua cabeça.

Quanto á avareza... A avareza tem um correctivo admiravel : é a prodigalidade dos que herdam o dinheiro dos avaros. « Pae avaro, filho esbanjador » — é proverbio que nunca foi desmentido ; quando não é o filho que esbanja a fortuna de Harpagão, é o neto ; são raras, rarissimas as grandes riquezas que resistem á partilha em duas gerações. O unhas-de-fome é corrigido pelo mãos-rotas. O avaro diz : « se as moedas são chatas, é para que fiquem paradas » ; mas vem o prodigo e diz : « se as moedas são redondas, é para que possam rolar ». Harpagão accumula sordidamente o seu ouro ; mas o descendente de Harpagão é Jacques Rolla, que divide a fortuna herdada em trez saccos de ouro, para viver trez annos, jurando a si mesmo

qu'il se fera sauter, quand il n'aura plus rien !

Não ha veneno funesto, quando para elle já se descobriu um contra-veneno : o contra-veneno, o antidoto da avareza é a prodigalidade.

E o prodigo é um elemento de equilibrio, de

saúde moral, de ventura para a sociedade. Se não existissem os prodigos, e se os prodigos não fossem em maior numero do que os avarentos, as grandes fortunas cresceriam cada vez mais, o dinheiro não circularia, e já se não poderia esperar que algum dia tivessem um termo a injustiça social e a desigualdade dos homens.

Por isso, é que podemos achar a cigarra mais bella e amavel do que a formiga, mas nem por isso devemos amaldiçoar a formiga. Para a cigarra, La Fontaine foi de uma crueldade feroz, condemnando-a á tristeza sem remedio e á humilhação sem termo.

Um escriptor da nossa lingua, Ramalho Ortigão, foi ao extremo opposto, corrigindo a crueldade da fabula classica : « Jehovah perguntou á cigarra e á formiga : « Que fizestes vós em vida? ». « Eu cantei! » disse a cigarra. E disse a formiga : « Eu guardei! ». E o Senhor disse, apontando a segunda : « Abram-me uma cova na terra, e ponham-me lá dentro esta gorda capitalista! »; e, apontando a primeira : « Deem umas azas e ponham rutilante ao sol, na cópa de uma olaia, esta pallida cantadeira! ». Não adoptemos uma nem outra das duas versões : admiremos e amemos a cigarra, mas toleremos a formiga, — porque, emfim, sempre é preciso que haja formigas economicas para que haja cigarras gastadoras.

Não amaldiçoemos o dinheiro, nem o desprezemos : é inútil e tolo desprezar o que não se pode dispensar.

Viver sem dinheiro!... Job, que era a mesma paciência, a propria resignação, curvou a principio a cabeça e não blasphemou quando Deus lhe matou as ovelhas, e lhe dizimou os bois, e lhe exterminou as jumentas, e lhe dispersou os camelos, e lhe desmoronou a casa; mas, logo depois, o desespero falou mais alto do que a crença; e o queixume do empobrecido foi terrível.

Viver sem dinheiro! Mas até morrer sem dinheiro é impossível, porque o caixão, a cova, o padre, a missa custam muito dinheiro...

Diz-se que o dinheiro vale menos do que a saúde e do que o amor. E' certo. Mas é possível imaginar tortura peor do que a falta de saúde e a falta de amor, quando concorrem com a falta de dinheiro?

Nunca esquecerei uma phrase que ouvi a Paula Ney, uma vez que assistimos, na rua do Ouvidor, a uma scena tristissima. Estava parado, á esquina, um velho alquebrado e cego, tocando um realejo fanhoso, enquanto a filha, uma creança maltrapilha, esmolava; e passou por nós um homem muito conhecido, riquissimo, paralytico, sustentado por um criado que o levava pelo braço; disse eu : « vê lá! tanto dinheiro e tanta infelicidade! para que serve a este homem tão rico o dinheiro »

que possúe, se o não pode gozar, se a sua vida é um intoleravel martyrio? »; ao que Ney retrucou, em um daquelles seus repentés esfusiantes: « para que lhe serve o dinheiro? para ter um criado que o carregue, e para não estar como aquelle outro velho, moendo musica e esmolando! »

E que dizer da desgraça em que a falta de amor se allia á falta de dinheiro? E não é preciso ir tão longe: — haja amor, muito amor, e não haja um só vintem, — e já a desgraça será enorme... O amor é uma religião que, como todas as outras, tem um culto interno e um culto externo. O sacerdote e o crente não se satisfazem com o culto interno, que é a oração; dão ao seu deus outros presentes mais praticos, dão-lhe diademas de ouro e pedrarias á cabeça, dão-lhe alfaias, flores e luzes ao altar. O amante tambem quer enfeitar o objecto do seu amor. Não é raro ler em um soneto ou em uma ode que um poeta quer calçar de beijos os pés da sua amada; mas, para atravessar a estrada pedregosa da vida, esse calçado não é o mais commodo: qualquer musa preferirá umas botinas solidas, cujas sólas possam mais facilmente resistir ás dentadas dos calháus do caminho... Ainda haverá por ali algum descabelado lyrico, que reedite aquella famosa tolice: « o teu amor e uma choupana? » Uma choupana só pode ser verdadeiramente agradável para abrigar amores, quando é como aquellas que a rainha

Maria Antonieta fez construir em Versailles, — chôças por fóra e palacios por dentro...

A proposito das relações entre o amor e o dinheiro, é impossivel deixar de tocar, ainda que de leve, em um ponto cruel. Costumamos sempre rir deshumanamente dos homens que por velhice, ou por fealdade, ou por timidez, não conseguem nunca ser amados por si mesmos, e appellam para a seducção do dinheiro. Ser amado só pelo seu dinheiro, parece-nos a desventura maior de quantas podem pezar sobre um homem. E' uma desventura, — mas não é uma desventura ridicula, que deva provocar o riso. Em primeiro lugar, já vimos como Fausto, apesar de rejuvenescido, apesar de bello e seductor, não deixou de previamente annunciar o seu amor a Margarida por meio de um escritorio riquissimo... Em segundo lugar, que ha de fazer quem não tem belleza, nem mocidade, nem graça? Afinal, ninguem pode viver sem amor! e quem não o pode obter de graça, compra-o... Occorre-me aqui uma palavra, a um tempo alegre e amarga, com que um velho de meu conhecimento castigou certa vez a ingratidão de uma mulher amada e má. Toda a gente no Rio conheceu esse homem que chegou á velhice extrema conservando uma alegria de moço e uma serena philosophia, e apaixonadamente amando o amor. Um dia, houve uma briga entre elle e alguém que lhe consolava, ou lhe amargurava

a velhice. Era ao fim do jantar; e disse-lhe a cruel : « És um velho repugnante! bem sabes que só te supporto pelo teu dinheiro! » Elle, que nesse momento descascava um figo, murmurou apenas : « Se gósto deste figo, e se posso pagal-o, que me importa que elle goste ou não goste de mim? » E comeu o figo...

Basta, porém de aneddotas e de lyrismos! Eu poderia, se valesse a pena, desenrolar aqui o quadro immenso dos beneficios do dinheiro... Foi elle quem acordou no primeiro bruto caudado, que era apenas um esboço de homem, a ambição fecunda que transformou em homem esse macaco. Foi sobre elle que se apoiaram os alicerces das primeiras sociedades. Foi elle quem creou a civilização, porque o pae da civilização foi o commercio, e o dinheiro é o fim e a razão de ser do commercio. Foi elle quem povoou a terra, provocando as migrações, e espalhando a especie pela face do planeta. Foi elle quem creou a chimica, porque a chimica nasceu da alchimia que procurava fabricar artificialmente o ouro. Foi elle quem creou todas as sciências, porque as sciencias nasceram e cresceram á medida que nasceram e cresceram as necessidades da industria, para auxiliar-a e dar-lhe dinheiro... O dinheiro esteve sempre, como timoneiro, á prôa das triremes phenicias, gregas e romanas, á prôa das caravelas de Colombo e Cabral, á frente de todas as frotas e

caravanas que devassaram os mysterios dos mares e das terras. Foi elle quem creou o Brazil, elle quem aquitrouxe os descobridores, elle quem atirou pelo segredo dos rudes sertões a aventura luminosa das bandeiras, que, buscando ouro, fundavam cidades. Mas para que insistir? tudo isso é sabido.

Para ultimar a defesa do dinheiro, pergunto aos vossos corações se, muitas vezes, o bocado de dinheiro que as vossas mãos deixam cair como gottas de luz, na escura noite de uma miseria, não representa para vós uma alegria muito maior do que a que vos podem dar todas as satisfações egoistas da gloria, do poder, da belleza, do talento? Sei bem que a esmola nem sempre é um bem; ás vezes é um mal: — em uma sociedade perfeita, a caridade será substituida pela assistencia obrigatoria e mutua, e os desvalidos e as orphams de ventura não receberão o amparo como uma esmola, mas como um pagamento devido e justo. Mas a sociedade perfeita ainda é um sonho. E emquanto ella não se funda, sómente as creaturas de coração de pedra podem abroquelar-se em theorias para disfarçar o seu egoismo e a sua falta de caridade. Anatole France tem a respeito d'isto uma pagina admiravel. Mr. Bergeret, socialista, atheu, philosopho ironico e resignado, sae a passeio com sua filha Paulina. E' o dia dos finados. Pelas ruas de Paris, sobre a

neve que se accumula nas calçadas, enfileiram-se pobres pedido esmola. E Mr. Bergeret vae dizendo a Paulina que a esmola é uma incitação á malandrice, e avilta a quem a dá e a quem a recebe... Mas, de repente, um mendigo velho, de olhos empapuçados pela velhice e pelo abuso do alcool, estende a mão a Mr. Bergeret, e Mr. Bergeret deixa cair nessa mão uma moeda ; e como Paulina se espanta com aquelle antagonismo entre a theoria e o acto, o philosopho murmura : « que queres ? a mão estendida por aquelle miseravel tapava-me o caminho da vida !... » Essa phrase revela bem a inanidade das theorias diante do bom e abençoado instincto da caridade...

Querer possuir dinheiro para poder fazer o bem já é uma aspiração que purifica o Dinheiro. Qual, de entre vós, já não sentiu um dia o desejo louco de ser rico, muito rico, muitissimo rico, para andar pelas ruas espalhando dinheiro ás mancheias ? E' um sonho que ás vezes nos accomete a alma em dias de ventura : acorda a gente feliz, na convalescença de uma doença grave ; ou recebe, ao acordar, uma boa noticia, uma palavra de carinho, uma promessa de amor ; ou, simplesmente, ao abrir a janella, se deixa commover pelo espectaculo de uma linda manhã ; e, como a felicidade costuma tornar boas as peiores creaturas, este sonho nos acaricia o espirito : « pudesse eu

ter dinheiro, muito dinheiro, muitissimo dinheiro para sair por ahi a enxugar todas as lagrimas, dando um pedaço de pão a cada fome, um pouco de consolo a cada desespero, um pouco de ventura a cada coração, transformando em moedas de ouro os raios d'este lindo sol que está entrando em todos os casebres!... »

E' um sonho louco! está claro que o homem que tal fizesse seria internado pela familia num hospicio como prodigo, ou metido na cadeia pela policia como perturbador da ordem publica... Esse sonho, porém, é o reconhecimento da força, do poder, da soberana e sublime utilidade do dinheiro, quando empregado como instrumento do amor e da misericordia. E, parodiando a peroração do promotor publico, digo apenas: confessemos que um agente capaz de fazer tanto bem e de inspirar tão bellos sentimentos não pode ser um grande criminoso.

Não condemneis o dinheiro, senhores jurados : mesmo porque, se o condemnardes, elle talvez se vingue de vós desertando as vossas algibeiras, e privando-vos, não só das satisfações physicas, como dos superiores contentamentos moraes que só a sua posse vos pode dar.

Mas... nem é preciso recolher os votos : o proposito da absolvição brilha em todos os olhos...

Declaro absolvido o réu! Pode ir em paz... se por al não estiver preso !

O COMMERCIO E A CIVILIZAÇÃO

O Commercio e a Civilização

*(Na Associação dos Empregados no Commercio
do Rio de Janeiro)*

Talvez cause estranheza que esta tribuna seja occupada hoje por um homem de letras, por um poeta, por um d'esses homens aos quaes a ironia de todos os tempos tem dado o nome de adoradores de nuvens, de caçadores de sonhos, de perseguidores de chimeras.

Mas já vae longe o tempo, minhas senhoras e meus senhores, em que a gentesizuda olhava um poeta como um ser áparte, uma creatura physica e moralmente descabellada, fatalmente e irremediavelmente insurgida e rebellada contra as ideias de disciplina e de lei, considerada por al-

guns com admiração, por outros com indulgencia, e por todos com espanto e desconfiança, com um certo medo, com esse vago terror que a presença de um louco sempre provoca num agrupamento em que todos teem, ou suppõem ter juizo... Por outro lado, tambem vae longe o tempo em que os poetas viviam, encastellados num orgulho ridiculo, no alto de uma torre fantastica, — onde tudo era fantastico, excepto a fome, que era ás vezes bem real, — e de onde olhavam com um desdem, em que não raro se disfarçava a inveja, a turba dos burguezes, que se banqueteava cá em baixo, enriquecendo, preferindo uma fatia do pão real a uma montanha de sonhos vaporosos...

Era a rivalidade cntre o ideal e o real, era a paz armada entre a arte e o negocio. Para o burguez, a palavra *poeta* era como as palavras de abominação e blasphemia, que S. João Apostolo viu cscriptas sobre os dez diademas que ornavam os dez chavelhos da besta do Apocalypse: era uma palavra geradora de terror, uma palavra em que se resumia a expressão da maluquice e da immoralidade. E, para o poeta, que era o burguez? era o filisteu, era o minotauro, era o sicambro, era o Moloch comedor de ouro, symbolo dos baixos instinctos, sacerdote da materialidade...

Comico e triste equivoco! tão tolo e absurdo era o desdém de um, como o odio do outro!

Já não ha aristocracias na terra, nem de sangue, nem de espirito, nem de nascimento, nem de profissões. Todas as profissões se confundem, irmanadas num só dever, que é o dever de ser util. E tão util é o lavrador que fecunda a terra como o philosopho que fecunda as almas, tão util é o commerciante que propaga os productos do trabalho como o poeta que propaga as ideias e os sentimentos, tão util é o industrial que fixa e desenvolve o esforço do homem como o pintor e o esculptor que fixam e ensinam ás almas o culto da eterna belleza...

Não vos cause estranheza a minha presença nesta tribuna, senhores. E' tão viva e profunda a sympathia e a admiração, que nutro pelo prodigio de união e mutualidade que realizastes, é tão entusiastico o interesse com que a minha alma de brasileiro acompanha esta Associação desde o seu inicio, que aceitei jubiloso a alta honra, que me quizestes conferir, de ser o encarregado de aqui compôr o hymno glorificador da profissão que servis e honraes.

Sobre o Commercio e a Civilização não vos direi cousas novas, cousas que ainda ignoreis. Não sei bem o que é que é novo, na face d'este velho planeta, onde, ha mais de dez mil annos, já havia a mesma agitação e o mesmo tumultuar d'esta mesma humanidade. Mas um dos maiores perigos da ambição humana é justamente essa ancia exa-

gerada da novidade, com o esquecimento das velhas cousas já sabidas, que são o patrimonio da especie, accumulado de seculo em seculo. Não póde amar o progresso quem não ama a tradição. E só ha um meio de glorificar a humanidade: é lembrar a todo o momento o que ella foi, e recordar as incontaveis estações de trabalho que ella percorreu.

A Civilização, que é a diffusão das riquezas materiaes, intellectuaes e moraes, não poderia nunca, sem transições, sem um longo e heroico trabalho de reformas pacientes, — d'essa paciencia que é a maxima virtude do homem, — tomar conta da terra. Para que ella florescesse, como floresce hoje, foi preciso que o moroso passar dos seculos fosse apurando o moroso passar das gerações. E, se hoje a humanidade prospéra, civilizada e forte, (não tenho, repito, a pretensão de dizer-vos cousas novas) foi necessario para isso o trabalho anonymo e colectivo das gerações que viveram e passaram.

Nós, que nascemos em plena civilização, fruindo os beneficios que o trabalho dos nossos antepassados preparou, concentremos aqui, nesta casa de trabalho e de fé, n'esta igreja da perseverança e da solidariedade, o nosso espirito, por alguns minutos, e, contemplando o presente, e rememorando o passado, comparemol-os, coteje-

mol-os e admiremos o que foi esse lento progresso.

E não saíamos d'aqui, não saíamos do Brazil. Pelo progresso desta patria moça, nascida hontem, avaliaremos o que foi, em todo o planeta, o maravilhoso trabalho da Civilização.

Lembremos a primitiva bruteza d'este solo : succediam-se as selvas bastas e intrataveis, unindo-se e cerrando-se como espessas muralhas; os rios, largos e acachoeirados, oppunham novas barreiras ao passo humano; sotopunham-se às montanhas, recortando e limitando por todos os lados o horizonte : e toda a natureza se mostrava concertada para repellir outros habitantes, que não fossem selvagens como ella.

Estes viviam nomades, e em perpetuas guerras ; quando entravam na vida sedentaria, a aldeia era um agrupamento informe de ócas de barro e páu, cercadas de trincheiras de espiques de palmeira : e o que era a vida social d'essas gentes, diziam-n'ò claramente as caveiras dos inimigos mortos em combate, espetadas nas caixáras...

Contemplemos agora a terra coberta de uma população de vinte milhões de almas novas. O esforço do homem venceu a resistencia da natureza. As florestas abriram-se. As serras tiveram desvendado o mysterio das suas cumiadas. Pontes, arrojadas de margem a margem, dominaram os rios. As fêras recuaram. E o arado, victoriosa-

mente rasgando a terra, deixou-a submissa e amiga.

Abramos agora um mappa, e vejamos como as estradas de ferro serpeiam, atravessando as aguas, furando os montes, servindo os centros ruraes, parando de espaço a espaço ao pé de uma cidade, e logo correndo de novo pelos campos em busca de outras cidades... De extremo a extremo, a Civilização estendeu essa ramificação prodigiosa. Dos troncos centraes partem os galhos, dos galhos partem as ramadas, e, de anno em anno, troncos novos se firmam no solo, expandidos logo em linhas varias, que vão de kilometro em kilometro occupando todas as zonas povoadas ou por povoar. Essas linhas levam a vida e o progresso do litoral ao centro, e voltam, trazendo ao litoral os productos do trabalho. E' por essa immensa combinação de canaes que circula a actividade, como pelas arterias e pelas veias do corpo humano circula o sangue, que mantém a nutrição provendo de alimento o organismo.

E notemos agora como, acompanhando passo a passo as locomotivas que voam sobre os trilhos, se estendem os fios telegraphicos, vibrando, conduzindo a electricidade invisivel e poderosa, que transmite o pensamento, congrega num mesmo ideal de ordem, de disciplina, de submissão ao governo da lei todos os cerebros...

Observemos agora o conforto da gente que

trabalha. A habitação do campo já não é a rude taba dos selvagens, nem a feia senzala dos escravos, onde, em promiscuidade immunda, os desherdados da fortuna penavam e morriam. A senzala desapareceu, como desapareceu a *óca*. Limpa e arejada, alegre na sua encantadora simplicidade, a habitação do colono sorri : é a morada da paz e da fartura. Quando, ao romper da clara manhã, o trabalhador deixa a casa, para ir mourejar no campo, sabe que deixa acomodada e feliz a família. E voltando-se, para num aceno amigo abençoar os filhos que da porta o veem partir, elle sabe, avistando a fumaça que corôa a chaminé domestica, que não faltam alli o pão e o socego...

Agora, vêde que multidão de cidades! Umas, postas á beira-mar, dominam as aguas contidas pelos caes, e veem balançar-se aos seus pés os navios, em cujos mastros fluctuam bandeiras de todos os paizes. Outras, do seio fecundo dos valles, emergem, risonhas e rumorosas, da paisagem fresca de em torno. Outras, agarradas aos flancos verdes das serras, são as primeiras a receber os beijos do sol. E todas cantam alto, com o clamor dos seus sinos, com o estrepito das machinas que não param nas suas fabricas, a gloria do homem...

Tal é, agora, nesta pequena parte do planeta, o fructo opimo e radiante de um trabalho

que apenas dura ha pouco mais de quatro seculos. Quatro seculos ! parcella infinitamente pequena, na somma assombrosa de seculos que se accumulam desde o inicio da éra quaternaria até a nossa éra... Mas, quando começou a nossa historia, já a civilisação humana era esplendida. Nós apenas soubemos aproveitar e augmentar uma herança avultada. Nem por esta parcella do trabalho humano poderemos imaginar o total. A imaginação perde-se, esfalfa-se, extenúia-se, cáe vencida. Esse tropel de seculos e seculos, rolando comsigo todas as aspirações, todos os esforços, todas as conquistas, todas as decepções, todas as esperanças e todos os desesperos da velhissima alma humana, não pode ser reconstruido integralmente pela mais poderosa das intelligencias : o seu calculo deslumbra, fascina, offusca, allucina... O homem, que um dia contemplasse, por um milagre de resurreição de éras, toda a procissão infinita dos seculos, cairia talvez fulminado pela grandeza divina do espectaculo !

Vejamos, porém, em resumo, qual foi, a principio, neste trabalho estupendo, o papel do Commercio, e qual é hoje o seu papel. O Commercio foi, a principio, o instigador, o promotor, o pae da Civilização, creando-a e desenvolvendo-a, e é hoje o seu regulador maximo, como repartidor

do trabalho e das riquezas, approximando os povos, transformando os inimigos em clientes reciprocos, uniformizando os costumes e os idiomas, estabelecendo uma solidariedade real entre todos os homens.

Para conhecer o valor da influencia que o Commercio tem exercido sobre a marcha da Civilização, basta considerar que é graças a elle, principalmente, que a geographia é hoje uma sciencia completa, uma das mais completas, descrevendo os phenomenos, elucidando as suas causas, estudando e explicando de modo perfeito e definitivo « o accôrdo magnifico, que existe entre a terra e tudo quanto germina e se expande em sua superficie ».

A synthese geographica, hoje estabelecida, é o fruto de seculos e seculos de arduo trabalho e gloriosa perseverança. O globo que habitamos é actualmente quasi todo conhecido. A' investigação do homem ainda se furtam e esquivam, hoje, apenas, alguns areiaes da Arabia e do Turquestão, algumas estepes da Mongolia, alguns planaltos do Thibet, e o amago dessas duas regiões sinistras, a Artida e a Antartida, os dois pólos gelados, devoradores de vidas, amortalhando o seu segredo em neves assassinas. D'aqui a poucos annos, porém, esses ultimos reductos do Mystério serão vencidos.

E, se, hoje, o simples desejo de saber, a sim-

ples vontade de estudar, o simples interesse da Sciencia bastam para impellir o homem ás viagens arriscadas, — não foram esses, até o fim do seculo XVIII, os moveis que o levaram a tentar a infinita série de aventuras de que resultou o maravilhoso desenvolvimento da sciencia geographica. Até o começo do seculo XIX, foi o Commercio quem penetrou os continentes desconhecidos, foi elle quem perlustrou os mares immensos : e, com elle, ia a Civilização ampliando o seu dominio...

Nada conhecemos, ou quasi nada, da vida dos povos cuja cultura precedeu a das nações venerandas, que, ha mais de sete mil annos, começaram a florescer em torno da bacia do Mediterraneo. Mas que foram as primeiras migrações dos homens primitivos senão viagens de exploração, em busca de alimento? e já nessas viagens deve ter havido um commercio rudimentar, e, por assim dizer, inconsciente. O commercio appareceu na terra com o homem : não o commercio como o comprehendemos hoje, — mas *a troca e a permuta*, que foram a primeira prova da actividade commercial, no tempo em que os metaes preciosos ainda não tinham intervindo no mecanismo dos negocios. Assim é que, logo numa das primeiras paginas da Biblia, vemos Esaú vender a Jacob por um prato de lentilhas o seu direito á primogenitura; e notae

bem que já não ha ahi uma simples permuta de objectos materiaes : ha a troca de um valor material por um valor immaterial, isto é : um verdadeiro *contracto*.

As antiquissimas civilizações do Mediterraneo foram intensamente commerciaes. E foi isso que as impelliu ás viagens de exploração, aos *periplos* arrojados, primeiras tentativas feitas para o estudo do planeta.

Os egypcios, vivendo num paiz fecundo e generoso, de fertilidade sempre assegurada pelas cheias periodicas do Nilo, não estavam naturalmente fadados a emprender arriscadas viagens; ainda assim, o espirito do commercio, alliado ao das conquistas, os levou até a Syria e até á beira do Euphrates.

Mas, já mais de 2.000 annos antes da éra christian, havia, á borda oriental do Mediterraneo, um outro povo, avido e ousado, vivendo numa estreita e esteril fita de terra entre o mar e o Libano, e continuamente fascinado pela attracção das aguas mysteriosas, — por essa mesma attracção, que, trinta seculos mais tarde, devia fascinar o infante D. Henrique, no rochoso promontorio de Sagres, no Atlantico. Eram os phenicios. Foram elles os primeiros navegadores, os primeiros commerciantes, os primeiros exploradores do planeta, e, por isso mesmo, os primeiros civilizadores. Com a rija madeira

dos corpulentos cedros do Libano, construíram barcas solidas e velozes, em que se iam á conquista do mundo. Contornaram a Grecia, a Lybia, a Sicilia, estabeleceram o nucleo colonial de Carthago, visitaram as costas da Italia e da Hespanha, correram todo o Mediterraneo, transpuzeram as columnas de Hercules, metteram-se pela immensidade do Atlantico, subiram ao norte, exploraram o littoral da Gallia, desceram ao sul, margearam a costa da Africa, e dobraram o cabo que termina o continente, — esse mesmo cabo em que os marinheiros de Vasco da Gama, muito mais tarde, tinham de ver a truculenta figura e as longas barbas de Adamastor.

Que faziam elles, nessas peregrinações continuas? Commerciavam. Compravam e vendiam vinhos, cereaes, oleos, resinas, especiarias, madeiras, pedras preciosas, marfim, ebano, ouro, chumbo, ferro, purpura. Descobriram e exploraram minas de estanho e de outros metaes, crearam industrias, tiveram uma ceramica admiravel, uma ourivesaria primorosa, uma tecelagem magnifica; e que era o que caminhava com elles, atravez das terras e atravez dos mares? A Civilização. Esses ousados marinheiros de Tyro e Sidon estabeleceram mais de 300 cidades onde só havia até então o deserto amedrontador...

E quereis ver agora o que a intelligencia humana lucrou com a ousadia commercial dos phe-

nicios? Em contacto com os povos da Caldéa e do Egypto, esses pioneiros da Civilização aprenderam com elles o uso dos caracteres cuneiformes e dos hyeroglyphos, transformaram esses caracteres, e com elles inventaram o primeiro alphabeto. Exultae, e orgulhae-vos, vós que me ouvis, vós todos que vos dedicaes ao Commercio! os caracteres que os commerciantes phenicios inventaram foram experimentando modificações successivas, transformaram-se nas lettras gregas, etruscas, italiotas, latinas, — e é com esses caracteres que todos nós exprimimos hoje as nossas ideias e os nossos sentimentos; é com elles que se fixam na memoria dos homens as obras primas impereciveis da intelligencia humana; é por meio d'elles que transmittimos uns aos outros os pensamentos que gera o nosso cerebro; é por meio d'elles que se estabelecem evangelhos e codigos; é por meio d'elles que corporificamos os nossos sonhos, os nossos desejos, as nossas aspirações; é por meio d'elles que a imprensa propaga por toda a parte á face do planeta as manifestações do progresso humano; foi com elles que Dante escreveu a *Divina Comedia*; foi com elles que Camões perpetuou a gloria immortal dos nossos antepassados; é com elles que atravez do espaço os homens affirmam uns aos outros a sua solidariedade; e ha-de ser com elles que se escreverá o tratado de alliança per-

petua entre todas as nações, no dia em que a humanidade, cansada de dissensões e de guerras, se reunir em torno de um mesmo pensamento de paz! Assim, senhores, para supremo orgulho da vossa classe, do commercio dos productos nasceu o commercio das ideias.

Depois dos phenicios, os gregos. Um grego, Pithéas, commerciante, em busca de estanho e ambar, explorou todo o mar do Norte, e chegou até a Islandia, que, nas suas narrações, figura como uma ilha mysteriosa, com o nome de Thule, eternamente amortalhada em nevoeiros espessos, no meio de um mar gelado. O periplo do mar Erythrèò, que hoje chamamos o Oceano Indico, foi realizado por um negociante de Alexandria. Commerciantes gregos e romanos exploraram o Nilo, e todo o Egypto, e grande parte da Africa, e chegaram até Madagascar, á caça do marfim, e, levados pelo commercio das sedas, aventuraram-se pelos planaltos da Asia Central.

Nessa faina prodigiosa, houve uma parada brusca, quando nasceu a Idade Media. Mas o descanso foi curto. Os arabes, mercadores ousados, recommçaram as peregrinações commerciaes. Os volumes das *Mil e uma noites* conservam a tradição d'essas viagens arduas. O marinheiro Sindbad era um d'esses negociantes arabes, que á frente das caravanas, perlustraram toda a Africa e toda a Asia...

E resumamos. Os grandes descobrimentos geographicos, que distinguiram o inicio da idade moderna, foram ainda um producto da expansão commercial. Colombo, Gama, Cabral, Vespucio que faziam, quando buscavam o caminho marítimo da India? buscavam antes de tudo attender a um alto interesse do Commercio. O commercio europeu pagava por um preço exorbitante, nos mercados do Mediterraneo oriental, as especiarias e os outros productos do Extremo-Oriente. Urgia abandonar essa grande e velha estrada commercial do Mediterraneo, que já 2.000 annos antes da era christã os phenicios conheciam e percorriam. Era preciso attingir a India directamente por uma nova estrada maritima, até porque a tomada de Constantinopla pelos turcos supprimira o trafico do Poente com o Levante, e o commercio estava paralisado. Esse caminho marítimo, procurou-o e encontrou-o Vasco da Gama, fazendo-se ao Sul : e Colombo e Cabral, fazendo-se ao Oeste, não o acharam propriamente, mas acharam mundos novos, até então apenas vagamente sonhados pela imaginação prophetica de Aristoteles e de Seneca...

Assim a geographia é hoje uma sciencia completa, graças ao Commercio. E vêde : da geographia nasceram a cartographia, a oceanographia, a meteorologia, a climatologia, a botanica, a zoologia, a geologia, a anthropologia, —

mésse esplendida de sciencias creadas pela expansão do Commercio...

Tal é o seu passado. O seu presente não é menos bello.

O Commercio, avassallador do mundo, concentra e reparte. Concentra os productos e reparte-os depois pela face da terra.

Ainda haverá quem diga que o commercio enriquece á custa do productor, como a herva parasita que vive a expensas da arvore?

Spencer explicou nitidamente qual é a função do Commercio nas sociedades modernas. Grande distribuidor, elle representa no organismo social o mesmo papel do systema da circulação sanguinea no organismo animal. O corpo morre, quando o sangue pára. A sociedade definharia e morreria, se o commercio deixasse de levar a todos os seus órgãos a nutrição. Não se pode comprehender o trabalho senão dividido e repartido. A divisão do trabalho é uma lei fundamental e soberana da vida social : quanto mais dividido é o labor humano, maior e mais dominadora é a acção do homem sobre a natureza.

Um economista celebre, em uma pagina famosa, que é um modelo de precisão e clareza, traçou, de maneira a ser comprehendido por todas as intelligencias, a fatalidade e as vantagens da divisão do trabalho.

« Alli vae (diz elle) um homem : por mais po-

brememente vestido que vá esse homem, facilmente reconheceréis que mil mãos humanas, pelo menos, trabalharam para vestil-o. Olhae sómente os seus sapatos! O animal, que forneceu aquelle couro, foi o objecto de mil cuidados desde que nasceu até que morreu. Sómente depois da morte, e depois de multiplas operações, foi a sua pelle convertida em materia prima : e quantas pessoas cooperaram para isso! O pastor, o veterinario, o chefe da exploração agricola tomaram a si a primeira phase do trabalho; depois, entrou em scena o magarefe, que levou o animal ao matadouro e o sacrificou; então, a pelle passou para outras mãos, e foi levada ao cortume. Agora, já transformada em materia prima, a pelle é propriedade de um commerciante que a vende ao sapateiro : e o sapateiro, que a compra, vae affeição-a para o seu destino definitivo. Mas a cooperação, isto é : a divisão do trabalho, não pára ahi. O operario, que corta o couro, não é o mesmo que o cóze. Trez ou quatro industrias differentes repartiram entre si o encargo do fabrico do producto, e a cada uma d'essas industrias o systema da cooperação trouxe o concurso da sua acção bemfazeja. Emquanto durou todo esse trabalho, muitos outros homens trabalharam para fornecer alimento aos homens que nelle se empregaram : e para que esse trabalho se pudesse realizar, foi necessario que ainda outros homens houvessem fabri-

cado todos os instrumentos e utensilios necesarios ao fabrico... Não é demais dizer que mil mãos humanas cooperaram para crear um tão simples e vulgar producto... »

Mas é perder tempo, inutilmente, parece-me, demonstrar a utilidade do Commercio.

Como poderia haver relações entre o productor e o consumidor, se não houvesse commercio? E' elle quem abre a foz, a embocadura, o desaguardouro da industria. E' elle quem estimula a produção, quem activa o trabalho, descobrindo as necessidades do mercado, e, mais do que isso, provocando-as e inventando-as. Assim, elle é o maior factor economico. E' elle quem promove a circulação dos capitaes. Sempre alerta, previne crises, soffre os riscos da alta e da baixa dos preços, prevê e providencia...

Não percamos tempo em demonstrar o que está demonstrado! Lembremos apenas, aqui, que é bom insistir, já não sobre a utilidade, mas sobre a nobreza do Commercio. Quero fazel-o, em poucas palavras. E quero fazel-o como brasileiro, e como brasileiro que se não contenta com preoccupar-se com a sorte da sua geração, mas que se preocupa tambem, e principalmente, com a das gerações que hão de vir.

O Commercio é nobre, tão nobre como qualquer outro ramo da actividade humana. Esta ideia tão simples, tão clara, tão evidente, só ha

pouco tempo se estabeleceu definitivamente no espirito dos homens. A humanidade tem sido ingrata para esse grande factor do seu progresso, para esse pae da sua civilização. Já no tempo da Republica Romana, Cicero insistia sobre a « indignidade do commercio », e, no seculo XVIII, ainda Montesquieu declarava essa profissão « indigna de occupar a gente nobre ».

As grandes revoluções sociaes da idade moderna modificaram esses preconceitos. Mas preconceito é hervagem má, é tiririca bravia, que se monda facilmente, mas difficilmente se destróe. O preconceito contra o commercio ainda vive. No Brazil, — terra de bachareis, — não são legião os commerciantes que destinam os filhos ao commercio. No mundo animal, a regra é : « filho de peixe sabe nadar »; mas, no mundo social brasileiro, a regra parece ser : « filho de peixe sabe voar », — se é que basta possuir um diploma de bacharel para possuir azas e saber voar...

Porque? Platão fez mal em excluir todos os poetas da sua republica ideal : uma sociedade exclusivamente constituida por scientistas, commerciantes e industriaes, seria, no mundo moral, o que é, no mundo physico, um deserto da Lybia, secco, adusto, e inhabitavel. Mas, tambem, uma sociedade sómente constituida por poetas, seria... seria uma immensa casa de contemplativos, para

não dizer uma immensa casa de loucos, condemnados a morrer pelo excesso da contemplação e pela mingua do pão...

Não nos contentemos com aparar pela rama esse preconceito : destruamol-o definitivamente, cauterizando e matando as suas raizes.

O Commercio é nobre. Os agiotas, os onzeneiros, os usurarios, os monopolistas, os syndicateiros, os açambarcadores do capital ou do pão, os que especulam com a miseria do povo, os que negociam em carne humana e em lagrimas, não são commerciantes : são, entre os muitos bons e os muitos puros, os poucos máus que fazem avultar a bondade e a pureza dos outros. Não lhes podemos dar o nome de commerciantes, porque tambem a Igreja nunca deu o nome de commerciantes aos simoniacos que negociam com os objectos sagrados...

Shakespeare, o maior poeta de todos os tempos, aquelle que mais fundamente sondou todas as minas mysteriosas do sentimento humano, pôz em confronto, no « Mercador de Veneza » esses dois typos : o bom commerciante, escravo da sua palavra, victima da sua honradez, e o agiota sordido e cruel. Antonio, é, nesse drama admiravel, o antipoda moral de Shylock. Antonio deve a Shylock trez mil ducados : se os não pagar no dia aprazado, Shylock terá o direito de exigir uma libra da carne do devedor. Chega o dia

do vencimento. Os navios mercantes de Antonio, que voltavam de Tripoli, do Mexico, da India, naufragaram todos. Shylock exige a libra de carne que lhe é devida. E Antonio não tem um protesto, uma lagrima, uma supplica. Deve, pagará. Para elle, todo o seu sangue, toda a sua carne, toda a sua vida valem menos do que a sua palavra de commerciante...

Haverá ainda quem pense que os duros combates moraes, que se podem dar dentro da alma de um negociante, sejam sempre menos poeticos ou menos interessantes do que os que se dão dentro da alma de um poeta ou de um pensador?

Balzac escreveu, sobre a grandeza, a decadencia, a ruina, a reabilitação de um commerciante, um livro que é uma obra prima. E' *Cesar Birotteau*. Cesar Birotteau falliu, por imprevidencia e excesso de bondade. E o livro é a historia dolorosa, tragica, sublime d'esse homem, que consome trinta annos de vida no proposito de reabilitar o seu nome. Emfim, chega o dia da reabilitação. Mas o heróe já não tem forças. Condecoram-n'o, abraçam-n'o, louvam-n'o, exaltam a sua coragem e a sua tenacidade : elle, porém, vae morrer, extenuado pelo incomparavel sacrificio. E as ultimas linhas do livro são de uma extraordinaria belleza : « Vendo-se em sua casa, no seu salão, entre os seus parentes, os seus amigos, Cesar Birotteau cambaleou : de repente,

o movimento heroico do final da grande symphonia de Beethoven estourou dentro da sua cabeça e dentro do seu coração. A musica ideal irradiou, incendiou-se, scintillou, fez soar todas as trombetas nas meningeas d'aquelle cerebro fatigado, — e o martyr da probidade caiu morto ! »

Que mais dizer-vos? O commercio é nobre. Sejam essas linhas de Balzac a verdadeira apothecose da vossa profissão. Que ellas sôem, dentro d'esta casa, como uma outra symphonia heroica, neste dia em que commemoraes a vossa grande conquista. E' tão bello o que fizestes fundando esta casa, e ha de ser tão fecundo o exemplo de solidariedade, de união e de mutualidade bem comprehendida, que daes ás outras classes com esta instituição, que as minhas palavras são desnecessarias para o vosso louvor...

Quem vê isto, quem conhece a historia da profissão a que vos dedicaes, quem vos vê, unidos num mesmo ideal, continuar a tradição do trabalho multiseccular de que nasceu a Civilização Humana, não se póde apenas limitar a admirar uma classe, uma profissão, um grupo de homens. Admira, sim, o genio do Homem, a pertinacia do Homem, — e concentra o seu louvor e o seu entusiasmo nesta exclamação, que é o grito maximo e nobilissimo do orgulho humano : « Gloria ao trabalho do Homem ! »

INAUGURAÇÃO
DO THEATRO MUNICIPAL
DO RIO DE JANEIRO

Inauguração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Transportae-vos commigo a uma remota civilização, a um encantado ponto da terra que ainda hoje conserva o seu encanto, o seu céu azul, as suas arvores sagradas em cujo cerne ainda se percebe a queixa abafada das hamadryades, as suas montanhas ainda resoantes do esquivo passo das oreades, os seus valles em cujo seio fresco ainda perpassa a ronda leve das napéas, e os seus campos e cidades, onde os templos mutilados ainda estremecem e palpitam como guardando a vida immortal dos deuses que os habitaram. Transportae-vos commigo á Hellade luminosa, ao seu coração, a essa Athenas sacrosanta, diante de cuja Acropole os labios de Renan murmuraram a mais bella prece que já brotou, num surto de enlevo artistico, da alma e da boca de um homem civilizado...

Expira o seculo de Pericles, e a democracia atheniense esplende em plena pureza, antes dos exageros e dos abusos que a vão arrastar aos desastres da guerra do Peloponeso. Eis-nos em Athenas, e eis repleto o velho theatro de Dionysos, já transformado e aperfeiçoado pelos architectos do grande seculo, mas conservando a simplicidade majestosa da instalação primitiva: as archibancadas ao ar livre, os gradins talhados na rocha viva da Acropole á sombra do Parthenon, os bancos de marmore destinados aos archontes, aos estrategistas, aos embaixadores, aos bemfeitores do Estado e aos chorégos, e, entre a orchestra e a scena, a ara, junto á qual, antes do espectáculo, era entoado em versos trocheus o hymno em louvor do filho de Jupiter e Semele. Vinte mil athenienses enchem o immenso ambito. Do alto dos gradins o povo abrange com a vista um panorama fulgido: o Yllyssus e o Hymeto, o jardim da Academia, os gymnasios, o templo de Aphrodite, o porto do Pireu, e o mar largo arfando ao peso das triremes vencedoras de Salamina. Ao sol faiscante, indo e vindo na vasta scena, actores e choreutas vão interpretar uma das obras primas do theatro grego, o « Prometheu acorrentado » de Eschylo, ou o « Edipo em Colona » de « Sophocles » ou a « Iphygenia em Taurida » de Euripides. Um arauto proclama o nome do poeta. Mas antes que o coro appareça

para entoar o párodo inicial, um actor, o mais humilde de todos, o tritagonista encarregado dos papeis accessorios, vem á boca da scena explicar o entrecho da peça. E' o Prologo. E dos seus labios não saem apenas em resumo singelo as lendas ou os factos que actores e choreutas vão desenvolver; o Prologo celebra tambem, no liminar do espectáculo, a gloria dos deuses e da patria, as guerras que dividiram os homens ou que os reuniram em revolta contra a tyrannia do Destino, e a grandeza da cidade, e os seus soffrimentos e as suas victorias...

Não é outro hoje o meu papel, senhoras e senhores, nesta cerimonia da inauguração do theatro Municipal de Rio de Janeiro. Sou o prologo d'esta grande festa da civilização brasileira. E não venho dizer-vos o que são, como documento e gloria da nossa arte, a prosa admiravel de Coelho Netto e a musica magnifica de Carlos Gomes, de Francisco Braga e de Delgado de Carvalho, — que d'aqui a pouco ides applaudir, nesta cerimonia inaugural; venho tambem lembrar á cidade e á Patria que esta festa é um attestado da sua cultura; venho de algum modo explicar o entrecho d'este drama social, em que o tempo e o trabalho, os dois creadores das civilizações, enfeixaram as conquistas do nosso progresso e da nossa educação.

Pudesse eu alongar os poucos minutos que me

são concedidos para esta oração inicial, e procuraria traçar-vos aqui a historia do theatro, como educador e engrandecedor do espirito humano. Mostral-o-ia, em sua origem informe, nas mais rudimentares sociedades da Asia, esboçado em cantos e danças de cunho religioso, já revelando esse instincto de imitação, que é o factor de todas as artes. Vel-o-ieis na Grecia heroica nascer, sob a fórma de um dithyrambo animado, cantado e dançado pelo coro dos satyros nas ceremonias do culto dionysíaco; assistiríeis então ao apparecimento d'esse formidavel Eschylo, heróe de Marathona e pai da Tragedia, desbaratador de persas e domador de ideias, cuja ultima trilogia tragica, formada por « Agamemnon », « As Coephoras » e « As Eumenides », é um dos monumentos mais antigos e gloriosos das letras, e cujo « Prometheu acorrentado » foi o primeiro grito de ira e de protesto que o homem, acabrunhado pela força absurda do desconhecido, levantou contra a sua propria miseria e a sua propria escravidão; depois de Eschylo, para quem o oppressor dos homens era o Destino inexoravel, veríeis surgir Sophocles, o glorificador da Attica, mais philosopho do que o seu grande rival, deslocando a poesia do céu para a terra, preferindo aos deuses as creaturas mortaes, attribuindo o soffrimento da especie ao despotismo das paixões humanas, produzindo mais de cem tragedias, em

que se definiu a fôrma classica do theatro grego, até a obra prima de «Edipo em Colona : », — ultimo fruto do seu genio, — escripta na extrema velhice, e que ainda é hoje o mais bello poema de quantos celebram o soffrimento e a dedicação, a dor e a piedade, a redempção do castigo pelo amor, symbolizada na desgraça do heróe thebano e na misericordia de Antigone; e verieis succeder a Eschylo e a Sophocles o sombrio Euripides, o « destruidor de illusões », perseguido e banido por ter duvidado dos mythos, libertando o theatro da influencia da religião e eternizando nas suas tragedias os ultimos fulgores da democracia atheniense em decadencia.

Nessa mesma Athenas, cuja constituição pôde ser chamada por Platão uma « theatrocracia », pois a cidade democratica era, de facto, um vasto theatro religioso e politico, onde cada cidadão representava um papel definido e preciso, verieis, ao lado da Tragedia, nascer e crescer a Comedia, apartando-se pouco a pouco da brutalidade das festas bacchicas, começando por imitar e ridiculizar os defeitos physicos e as inclinações grosseiras de certos homens, descrevendo depois grupos de homens e quadros sociaes em uma copia ainda tosca da vida real, depois sujeita á influencia da imaginação, creando fantasias e lendas, e finalmente, posta ao serviço da democracia triumphante, vibrada ás mãos d'ella

como uma arma terrivel, caricatura e satyra, servindo então aos ironistas da Hellade, como tantos seculos mais tarde devia servir a Beaumarchais, de bésta e funda contra a arrogancia dos poderosos, e fixando-se, tratada e polida por Crates, Aristophanes e Menandro, na fórma artistica e philosophica em que ainda hoje se mantêm : um ensinamento serio, mascarado por um riso ora alegre e complacente, ora sardonico e vingativo.

Da Grecia verieis o theatro passar para Roma, com as suas mascaras, os seus scenarios, toda a sua indumentaria classica. Mas os romanos não possuíam o fino gosto, o delicado paladar artistico dos gregos. A's tragedias e comedias da Hellade, adaptadas ao gosto da peninsula italica por Nevio, Livio Andronico e Pacuvio, ao theatro original de Ovidio, Seneca, Plauto e Terencio, e até ás farças e improvisações fescenninas importadas da Eutruria, e aos mimos e ás pantomimas que se executavam ao som do psalterio, dos crotalos e das harpas syrias, — o povo romano preferia as naumachias, as corridas de bigas e quadrigas, os combates de feras e de belluarios; e na decadencia do imperio, nem já esses divertimentos brutaes deliciavam a plebe : os funambulos, os animaes amestrados, os quadros vivos eram todo o gozo da sociedade depravada; e uma tragedia do cyclo de Pericles não desviava a

côncurrencia do circo poeirento, onde patricios, libertos e escravos se esmagavam para ver o imperador Heliogabalo representar o papel de Venus numa « satura » lasciva. Mas, apesar de opprimido do descaso publico, o theatro desenvolveu-se em Roma a tal ponto, que ainda no tempo de Shakespeare os scenarios e o movimento dos actores eram regulados pela tradição da scena romana. E ainda nesse meio hostil a comedia foi uma grande servidora da justiça, pois não é justo esquecer que foi em uma comedia romana, na « Asinaria » de Plauto, pela boca do escravo Leonidas, que pela primeira vez se affirmou a humanidade dos escravos, iguaes aos senhores como homens : « tam ego homo sum quam tu... »

Na idade média encontraríeis a Tragedia, o Drama e a Comedia no refugio dos conventos, em cuja recolhida penumbra de calma e estudo medrava então a intelligencia humana ao abrigo das guerras. Como na idade antiga, acharíeis de novo o theatro associado á religião, nos dramas liturgicos, em prosa latina, em que só appareciam os termos consagrados pelo ritual. Ainda de longe em longe aponta vagamente uma reminiscencia da arte classica : Philarète Chasles descreve em uma pagina admiravel a representação de uma peça de Terencio, adulteradissima pelo adaptador, no seculo VII, diante da rude

côrte de Chilperico : — teutões insolentes recamados de ferro, gallo-romanos cabelludos apoiados aos gladios enormes, e aqui e ali alguns romanos puros, palidos e ironicos, revelando na debilidade do corpo e na indiferença do olhar a agonia da raça... Mas o drama da idade média é essencialmente christão. Nelle se desenvolve progressivamente o genio inventivo, liberta-se a trama dramatica do jugo do ritual, e a prosa é substituida pelo verso, a principio livre, depois ornado de allitterações e de rimas. Durante alguns seculos o texto sagrado abastece de poemas o theatro : é a época dos « jogos » e dos « milagres », e em seguida dos « mysterios » e dos fabularios metricados em que já os actores são seculares e a scena profana, — até que apparecem as « moralidades », as allegorias e as farças, de onde decorre a restauração da Comedia.

No seculo XVI, já na França, na Hespanha, em Flandres, na Italia, na Inglaterra, o renascimento theatral é completo, e a profissão de comediante definida. D'ahi por diante, que assombro, que maravilhosa fecundidade do espirito humano nesta provincia da Arte, de que todas as outras provincias se tornam tributarias! Não poderíamos facilmente, em muitas horas que durasse este discurso, abranger a historia do theatro nestes quatro seculos de incomparavel fulgor. Rueda, Cervantes, Lope de Vega, Calderon,

Tirso de Molina, na Hespanha; Ariosto, Metastasio, Gossi, Goldoni, na Italia; Hans Sachs, Ayrrer, Schiller, Lessing, na Allemanha; Corneille, Racine, Marivaux, Beaumarchais, Victor Hugo, na França, — sem falar da produção contemporanea, cada um d'esses nomes, e não são todos, nos deteria longo tempo. Nessa prodigiosa cordilheira espiritual, em que tantas montanhas se accumulam e acastellam, o olhar, na rapida volta com que as abraça, póde apenas fixar-se, offuscado, nos tres cimos rutilos que dominam a massa confusa, genios universaes que enchem toda a idade com a irradiação da sua gloria: Goethe, o creador de « Fausto », que é o poema symbolico e definitivo dos desesperos, das ancias, dos martyrios da alma humana; Molière, demolidor implacavel, extraindo da sua melancolia o riso vasto que sacudiu como um sopro de tempestade toda a sociedade humana; e Shakespeare, o poeta maximo, perfeito no drama, na tragedia, na comedia e na farça, deus formidavel, creador de immensos mundos moraes, architecto milagroso, cujo trabalho sobrehumano só póde ser symbolizado na epopéa de formas e de côres com que o genio de Miguel Angelo representou a criação de Universo nos cinco primeiros campos do tecto da Capella Sixtina.

Perdoae-me o enfado da digressão um pouco longa. Este olhar lançado ao passado era indis-

pensavel; era preciso que aqui se lembrasse toda a historia d'esta instituição, para mostrar quanto é d'ella inseparavel a historia da humanidade; para este templo, melhor sagração não poderia haver do que a evocação dos serviços que a especie humana deve ao theatro. Nunca a civilização realizou uma conquista que não fosse preparada e annunciada pelo theatro; nunca o theatro ficou abandonado dos homens, sem que esse menospreço traduzisse um desfalecimento do genio d'elles, um eclipse da sua razão, uma suspensão do seu progresso. Foi sempre do theatro que a liberdade e a justiça opprimidas levantaram o seu grito de revolta. Foi sempre de dentro d'elle que a alma humana se desafogou dos seus soffrimentos em brados de angustia ou em explosões de ironia. Lembrar tudo isto, é dar a esta casa o baptismo que mais lhe convém.

Mas attendamos agora alguns instantes á nossa lingua, nesta noite em que se inaugura na capital do Brazil o Palacio do Theatro. Declaremos bem alto que este palacio não surge temporão e inexplicavel, sem tradições que lhe brazonem a existencia, sem uma historia que lhe dê direitos de cidade na cidade. O nosso theatro nasceu no seculo XV, na metropole de que herdámos o genio e o idioma. Esboçado nos momos e entremezes, formou-se no seculo seguinte com Gil Vicente e a sua escola nos autos palacianos de Evora, Santarem e Coim-

bra, e renovou-se com Sá de Miranda e Ferreira, introductores da tragedia e da comedia classicas, com a invenção das comedias de capa e espada nos pateos dos hospitaes e dos conventos, e com as pastoraes e allegorias de Rodrigues Lobo, Souto Mayor e Alexandre de Gusmão, até que, depois de passar pela erise revolucionaria da imitação de Voltaire, veio florescer lindamente com Garrett, haurindo viço no humo fertil do romantismo. Transplantado para o novo mundo, o theatro da nossa lingua teve a mesma evolução : o povo humilde dos sertões ainda conserva a tradição dos autos mysticos do seculo XVI, nos seus ingenuos « mysterios » do Natal, dos Reis e de São João, que são o remanescente do genero dramatico-religioso, arma de catechese, em que excelleram Anchieta e os seus companheiros de apostolado ; nos dois seculos seguintes imperam a comedia e a tragi-comedia, sobresaíndo a todos os seus cultores o grande e desventurado Antonio José ; depois, com a reforma romantica, Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias no drama, e Martins Penna na comedia, precedem Alencar e Macedo, e preparam o advento do theatro de hoje, em que já brilham tantos nomes de jovens escriptores, e em cujo amor tanto se empenhou o nosso querido Arthur Azevedo, que deveria ser o inaugurador d'este palacio, se a morte o não houvesse arrancado ao honesto labor

e á admiravel actividade que ennobreceram a sua vida.

Não é preciso que eu vos lembre, senhoras e senhores, a longa lista dos nomes que poderiam ser aqui citados, como de servidores do nosso theatro, nem a vasta relação dos dramas e das comedias, com que já se póde abastecer o repertorio das companhias nacionaes, que hão de em futuro proximo trabalhar neste theatro. Falo a quem conhece a valia da intelligencia brasileira, e dirijo-me a um auditorio que me não perdoaria a inutilidade de uma prelecção didactica.

Nem esta brilhante reunião, nem a organização do espectáculo que ides applaudir, seriam possiveis em uma cidade que não tivesse a cultura bem definida e bem consciente, que o Rio de Janeiro possui; já a estrutura material d'este theatro, a grandeza a um tempo majestosa e sobria da sua fabrica, a harmonia gentil das suas linhas, o primoroso acabado do seu organismo, a nobreza simples da sua decoração, e as outras qualidades que o põem em medida de affrontar o cotejo com os melhores do mundo, fazem d'elle um monumento emblematico, em que se fixa e perdurará o nosso valor artistico — pois é preciso lembrar que é nosso e bem nosso o joven architecto, já agora glorioso, que o ideiou e executou, como são nossos e bem nossos os artistas que o adereçaram de pinturas e esculpturas.

Reconhecer isto, já é reconhecer a utilidade e a belleza d'este empreendimento, com tão feliz exito ultimado. Mas é bom insistir e mostrar a semrazão de censuras possiveis. Não se aproveite, como argumento contra esta creação, o facto de ser o Theatro Municipal entregue, depois d'esta festa de abertura, a uma companhia estrangeira; não se diga que a cidade quiz ter o templo antes de ter a religião, e que na casa sumptuosa hoje inaugurada reside o symptoma de uma funesta megalomania.

A religião existe, e esperava o seu templo; e nunca é demasiado o fausto, nem condemnavel a sumptuosidade, quando se quer alojar dignamente o espirito e a cultura de um paiz. A religião, que é neste caso a arte nacional, existe, e ainda hoje aqui se vai manifestar na excellencia de uma composição dramatica brasileira, e no brilho de composições, tambem brasileiras, do genero musical, genero affim do dramatico, e no qual, para só falar de compositores mortos, tanto orgulho deram ao Brazil José Mauricio, Francisco Manoel, Carlos Gomes e Leopoldo Miguez. Fundada a casa, nella se agremiará a escola, e da escola sairá a theoria dos artistas. Seria absurdo que sómente fundassemos a casa do theatro, quando já pudessemos contar com um theatro, exclusivamente todo nosso, não só no elenco das peças como na nacionalidade dos auctores. Em primeiro

logar, a historia do theatro é uma longa serie de imitações literarias, em que o genio de cada povo apprehende e aperfeiçoa os legados artisticos do passado, de modo que, exceptuado talvez sómente o cyclo das creações da Grecia antiga, é impossivel definir com precisão o que seja um theatro rigorosamente nacional: esta pretensão seria ridicula em uma civilização, que é das ultimas nascidas, em uma época mais de expansão industrial do que de criação artistica. E, além d'isso, como seria irrisorio pretendemos fechar os portos da nossa intelligencia ao commercio das letras estrangeiras, cem annos depois do decreto que abriu os portos do nosso litoral aos navios mercantes do todo o mundo!...

Mas, e esta consideração é a principal de quantas quero lembrar aqui, um theatro não é apenas um campo aberto ao exercicio das idéas literarias e da critica dos costumes.

Elle é hoje, como já era no tempo de Pericles, o lugar em que se estreitam e apuram as relações sociaes, o horto moral em que se cultiva essa melindrosa planta da sociabilidade, que apenas medra em terreno de extremado trato. Em Athenas havia a ágora, onde se discutia a politica e onde se combinavam os negocios, e havia a academia, onde os philosophos discreteavam; era, porém, no theatro que os espiritos repousavam e se congraçavam, adquirindo e

esmerando esse habito de convivencia, esse capricho de tolerancia mutua, esse polimento de costumes e de maneiras, sem os quaes não pôde haver nas sociedades a ordem e a harmonia em que se fundam, no estado civilizado, a alegria de viver e o prazer de trabalhar.

Esta tradição foi conservada pelo theatro atravéz dos tempos, atravéz de todas as molestias e convalescenças que tem abalado o organismo da especie, atravéz de todas as syncopes e renascimentos que o espirito humano tem experimentado. O theatro é ainda hoje o salão nobre da cidade, o seu forum social, a arena elegante em que se travam os torneios da moda, da graça, da conversação e da cortezia.

E' por isto que, afim de enriquecel-o de encantos, todas as artes se alliam e esforçam. Para servil-o, a poesia esbanja o thesouro das ideias; para exalçal-o, a musica multiplica as combinações harmonicas dos sons; para accrescer-lhe a seducção, a dança varia as mil graças da fórmula e do movimento; para atavial-o, congregam-se a engenharia, a architectura, a pintura, a esculptura, a marcenaria, a ceramica, a indumentaria. E' que dentro d'elle reside toda a vida civilizada; tudo quanto ella tem de sério e de anavel, de forte e de meigo, de deslumbrante e de encantador, se resume e condensa dentro d'elle : no palco impera o pensamento, na sala impera a belleza...

Faltava-te este palacio, cidade amada! No teu renascimento esplendido, faltava esta affirmação do teu genio artistico! E eu abençôo a sorte benevola que me reservou a ventura de ter sido o escolhido para entregar ao teu gozo e ao teu carinho esta casa, que é uma das mais bellas joias da tua corôa de rainha!



INSTRUÇÃO E PATRIOTISMO

Instrucção e Patriotismo

(No Gymnasio Granbery, de Juiz de Fora)

Quero antes de tudo agradecer a honra que me deu a vossa admiravel casa, escolhendo-me para acompanhar, como paranympo, os bacharelados de 1909, no momento em que elles se despedem do ninho em que se robusteceu para a vida a sua energia e se emplumou para o vôo a sua intelligencia. Nenhuma outra missão poderia ser mais agradavel ao meu espirito, que trago ha bastantes annos preoccupado com os problemas do ensino. E o meu contentamento é augmentado pela sympathia especial que me inspira o Gymnasio Granbery, onde se applicam com escriptulo rigoroso as normas da educação moderna, segundo o criterio adoptado nos Estados Unidos da America, — normas que se podem resumir d'este modo :

no curso primario, a formação do espirito da criança, sem prejuizo da sua individualidade; no curso secundario, a formação do espirito do homem, dando-lhe equilibradamente a cultura das aptidões imaginativas e o conhecimento da vida pratica, e inspirando-lhe sobretudo a confiança em si mesmo, base e ponto de partida de toda a iniciativa individual.

Ainda não ha muito, discursando na Universidade de Wiscousin, o sr. Joaquim Nabuco, embaixador do Brazil em Washington, assignalava, como uma das mais valiosas contribuições que ao progresso humano tem dado a grande nação norte-americana, o seu racionalissimo systema de educação : « A educação americana (dizia) parece a unica que não é inteiramente convencional, que não é uma pura galvanização dos estados de espirito de outras eras, e dos ideaes dos homens que alimentam nos livros o cerebro e o coração em vez de os alimentar no espectaculo e nas necessidades do proprio tempo. Sómente vós daes ao homem, como o maior dos ensinamentos humanos, a confiança em si mesmo. E, novidade para a humanidade, ensinaes a confiança em si não só aos homens como ás mulheres. Nunca existiu no mundo mocidade de ambos os sexos com tão solido preparo para a vida. Vós os mergulhaes, desde a infancia, em um banho que a ambos dá a força e a elasticidade do aço. E

nenhum pae quererá que o espirito de seu filho se assemelhe a um jardim, enquanto o seu coração pareça um rochedo entre as ondas... »

Estas palavras do sr. Joaquim Nabuco são o mais bello louvor que se pode dar ao systema educativo norte-americano. Essa prodigiosa nação, cujo progresso é um padrão de gloria para a especie humana, foi a que mais cedo comprehendeu que a felicidade da communhão depende antes de tudo da consciencia da liberdade individual, e que essa consciencia da liberdade e essa confiança nas proprias forças devem ser dadas ao homem logo nos primeiros annos de vida.

Os educadores antigos esqueciam este principio absoluto : « A criança já é um começo de homem »; esqueciam essa clara e simples verdade, e apenas viam na criança um automato, uma machina; suffocavam nella a vontade propria, substituindo-a por uma vontade alheia; queriam dar-lhe sensações, sentimentos, idéas, sem lhe explicar a natureza, a razão de ser, a nobreza, a vantagem do que lhe ensinavam; não lhe sugeriam, mas impunham-lhe opiniões; e d'esse modo matavam a sua personalidade nascente.

Um professor brasileiro, o sr. Manoel Bomfim, exprimiu bem o que é, em opposição a esse velho e barbaro systema educativo, o moderno systema liberal : « é a verdadeira educação, porque é a constituição do character, conservando ao individuo

tudo quanto ha de novo, de pessoal e de distincto na sua organização; é o apuro das energias individuaes, pela definição e affirmação das vontades e das aptidões; porque o ciclo educativo deve comprehender a transição, natural e gradativa, da condição de protecção infantil á da responsabilidade moral e da liberdade civica. »

Tal é, bem o sei, a educação que nesta casa ministraes. E por isto aceitei, com a maior satisfação, a honra que me quizeses dar. E permiti-reis agora que eu me dirija aos discipulos que hoje deixam esta *alma-mater* do seu espirito, aos filhos de quem vos separaes ao mesmo tempo com alegria e pezar, — pezar em que já se accentua a saudade, alegria que se mistura de orgulho pela contemplação do resultado obtido.

A elles me dirigirei, e não só a elles, mas de modo geral a todos os brazileiros de sua idade, falando-lhes como quem já está longe da juventude exaltada, mas ainda não se julga perto da velhice desilludida, — com uma experiencia em que não ha rancor pelos desenganos soffridos, nem vaidade pelo bem gozado, mas só tolerancia e esperanza, respeito religioso do passado, comprehensão das cousas do presente, e certeza absoluta no esplendor do futuro do Brazil. E não lhes falarei apenas de questões pedagogicas, de particularidades technicas do problema do ensino; desejo, aproveitando a propicia atmosphaera moral

que me cerca, este ambiente de intelligencia e cultura em que me acho, dar a esta festa escolar uma significação de solemnidade patriotica, — de modo que tudo quanto aqui se diga seja uma homenagem prestada á terra brasileira, a qual hoje mais do que nunca precisa do amor de quantos a habitam, nella nascidos ou por ella acolhidos, irmanados todos pela vontade de servir-a e engrandecel-a.

Meus amigos, saís d'aqui ainda muito jovens, e melhor fôra que um pouco mais de tempo vivido nesta casa pudesse amadurecer mais largamente em vosso espirito o ensino que vos foi dado : nunca mais achareis na vida a alegria innocente e repousada dos annos que passastes aqui, — e muitas vezes tereis saudades d'este doce tempo, cheio da serena ventura que só o prazer intellectual do estudo pode conceder ás almas bem formadas. Mas no Brazil o corpo e o espirito do homem desenvolvem-se muito cedo; e a velhice chega mais depressa do que no velho mundo. Urge aproveitar a sazão fecunda da mocidade, e a patria reclama desde já o vosso trabalho e a vossa dedicação.

Não podeis imaginar com que sympathia, com que enternecido sentimento de fraternidade orgulhosa vos saúdo. Felizmente, ainda conservo, no meu outono, o enthusiasmo que me alentou na primavera e no estio da vida. Creio ardentemente

no valor do trabalho humano, na força creadora da intelligencia, no poder infinito da bondade e na grandeza do futuro da nossa nacionalidade; e sinto-me rejuvenescido quando me vejo em contacto amistoso com os moços, adivinhando nelles este mesmo enthusiasmo que procuro reter em mim como o mais precioso dos bens da existencia, e prevendo que elles vão continuar, em melhores condições, e com mais rico aparelho de conhecimentos, o obscuro, mas digno labor que a minha geração procurou realizar. Justamente por isto, como amigo, como irmão vosso, quero pedir a vossa attenção para a forte nobreza e para a responsabilidade grave da tarefa que vos espera.

O fim da educação não é preparar eruditos frios, nem sabios seccos, nem ideologos impassiveis, indifferentes ás lutas sociaes : é preparar homens de pensamento e acção, a um tempo compassivos e energicos, corajosos e habeis, capazes de empregar valiosamente em proveito da collectividade todas as forças vivas da sua alma e todo o arsenal de conhecimentos de que os apercebeu o estudo.

Em um paiz novo como este, onde quasi tudo ainda está por fazer, seria absurda e monstruosa a existencia de cenobitas do ideal, de anachoretas da sciencia, poetas ou philosophos, mathematicos ou artistas, isolados no estudo egoista, surdos á agitação da existencia do commum dos homens, insensiveis ás sugestões do meio em que vivem.

O Brazil não tem excesso de servidores ; ao contrario, é ainda escasso o numero dos que podem amal-o e servil-o com verdadeira utilidade. Assim, o que vos espera agora não é o gozo moral de estudos calmos, como os que fizestes aqui. D'aqui a pouco estareis em plena luta, chamados talvez a resolver problemas sociaes da mais seria importancia.

Com que armas ides entrar nessa luta? Com os estudos que aqui fizestes, e com o vosso patriotismo.

Não me parece inutil lembrar-vos o valor d'esses dois elementos de combate e triumpho.

E' capital para a vida pratica a importancia dos estudos gymnasiaes. Assim como foi optima a innovação que, na escola primaria, libertou o ensino da sobrecarga das subtilezas grammaticaes, para de preferencia dar á criança noções succintas do mecanismo geral da vida, — foi providencial, no ensino secundario, a idéa de, com algum prejuizo das chamadas humanidades, abrir mais vasto campo á educação scientifica.

Não são perfeitos os programmas actuaes : nada é perfeito no mundo. Mas ha nelles quanto é mister para aperceber o alumno de um bom capital de conhecimentos. Primeiro, o estudo da lingua materna, principio de toda a cultura ; todo o homem tem o dever de conhecer bem o seu idioma nacional, não só para poder exprimir com

segurança e clareza as suas idéas, mas até para poder pensar; porque o homem pensa com palavras : antes de termos achado para uma idéa qualquer a sua formula verbal, não podemos contar com ella; sem essa formula verbal, a idéa pode ser tudo, menos um cabedal adquirido. De par com o estudo da lingua materna, o das linguas estrangeiras de commercio mais usual : vehiculo indispensavel para o intercambio das idéas, e para a aquisição de conhecimentos novos. Depois, as mathematicas, sem as quaes não ha raciocinio possivel, nem possivel methodização do estudo; depois, a geographia, que, quando bem ensinada, não é uma fastidiosa nomenclatura, mas uma sciencia global, incluindo noções de geologia, de mineralogia, de ethnographia, de economia politica; e a historia, cuja pratica dá ao homem a necessaria consciencia de ser apenas um dos elos de infinita cadeia de pensamentos e acções, continuando os esforços e prolongando as aspirações que são a propria razão de ser da vida; e o desenho, que familiariza o espirito com as artes plasticas, educa o sentido da vista, e é, como a linguagem articulada, um admiravel instrumento de expressão; e as sciencias physicas e naturaes, sem cuja apprehensão não pode haver entendimento do homem, da terra e do universo; e, emfim, coroando o edificio, o grego, o latim, a literatura, que são o ultimo polimento do espirito,

— o grego e o latim, como as fontes sagradas de que jorrou o manancial da cultura moderna, e a literatura, manifestação suprema da intelligencia humana, cuja historia é a propria historia da Civilização. Foi bom restringir um pouco o tempo destinado nos gymnasios a estes estudos classicos; mas seria um crime supprimil-os de todo, ou restringil-os demais; porque o proprio nome que ainda hoje se dá communmente a esses estudos — *humanidades, humaniora studia, artes humanitatis* — exprime bem o seu valor, como ultimo e definitivo retoque da educação, derradeiro apuro e primor do adextramento mental.

A educação gymnasial é a que mais aproveita, é a que mais contribúe para formar o homem; e quasi sempre ella sósinha basta para dar ao cidadão todos os recursos mentaes que lhe são necessarios para viver, pensar, agitar-se e vencer.

Não vos illudaes sobre o valor dos estudos que possaes fazer depois d'estes; d'aqui a pouco, não achareis facilmente, no escasso tempo de vossa vida, muitas horas que possaes dedicar á meditação; a rêde das necessidades multiplas da existencia vos colherá nas suas malhas apertadas; o trabalho, lei fatal, impôr-vos-á a sua tyrannia; e, escravizando a vossa actividade, empolgar-vos-ão deveres civis, deveres profissionaes, deveres de familia, deveres de sociedade. Que seria de vós, de vosso cerebro, de vossa dignidade de

animaes pensantes, se d'aqui não houvesseis levado uma boa provisão de ideias geraes e de noções precisas sobre as leis que regem o meio e o vivente, a natureza physica e a natureza moral?

Saindo d'aqui, ireis talvez cursar academias, faculdades superiores; mas ahi tereis estudos especiaes, applicações restrictas da intelligencia a uma area limitada do campo scientifico — engenharia civil ou militar, ou medicina, ou pharmacia, ou jurisprudencia; isso apenas dilatará a vossa capacidade para um certo e determinado raio de acção, e não poderá de modo algum supprir qualquer falha que tenha havido em vossa instrucção secundaria. A cultura geral, a que dá o conhecimento, não perfeito e minucioso, mas claro e sufficiente da vida, — essa sómente o curso gymnasial o pode dar : esta educação é o sedimento indestructivel, o substratum permanente que conservareis no espirito até a velhice e a morte.

Complemento e coroamento da escola primaria, o gymnasio é verdadeiramente uma fabrica de homens; entra para elle um espirito debil, mal constituido, exposto a todos os perigos que a ignorancia gera e mantém : ao cabo de pouco tempo, a nutrição scientifica e o exercicio das faculdades mentaes transformam esse esboço de espirito em um animo fertil e creador. Até por

isto foi feliz a preferencia que, no baptismo d'estes institutos de ensino, demos ao vocabulo *gymnasio*, sobre o outro, *lycêo*, usado em outros paizes. *Lycêo* era um portico e passeio de Athenas, á margem do Illissus, onde Aristoteles reunia os seus discipulos; era um lugar de calma reflexão philosophica, bello mas infecundo retiro adequado ás vagas controversias metaphysicas dos peripateticos. *Gymnasio* era outra cousa; consagrado aos exercicios corporaes, á luta, ao pugilato, ao tiro, ao jogo do dardo e do disco, ás corridas, elle era ao mesmo tempo uma escola de philosophia e literatura, promovendo egualmente, como os gymnasios modernos, a formação do corpo e da alma. Assim, a denominação é justa e precisa; porque, que vem a ser a educação espiritual senão a gymnastica do espirito? a faculdade de pensar, o raciocinio, o livre arbitrio, o coragem, o patriotismo, a aptidão para tomar em qualquer momento uma decisão prompta e efficaz, a justeza do discernimento, o animo critico, o sentimento esthetico, exercitam-se, educam-se, desenvolvem-se, apuram-se, por um processo analogo ao dos exercicios corporaes.

Prezae com todo o carinho o dote intellectual que vos deu o Gymnasio Granbery. Um só exemplo me bastará para mostrar-vos o quanto póde produzir esta educação, quando recebida e assimilada por um cerebro forte. Um exemplo só,

mas radiante : Camões. Certamente, sempre que manuseastes *Os Luziadas*, admirastes a maravilhosa erudição que esse poema revela. Toda a sciencia do tempo está condensada naquellas oitavas magnificas : ha alli geographia, astronomia, meteorologia, oceanographia, historia universal, mythologia classica, literaturas antigas, poesia culta e popular, antiga e contemporanea da Grecia, da Italia e da Hespanha, e conhecimento profundo do grego e do latim. Considerando esse riquissimo arsenal de conhecimentos, é justo o nosso espanto, porque sabemos que, dos 19 annos de idade até a morte, a existencia do grande epico foi um doloroso torvelim de aventuras, de viagens, de combates, de naufragios, de exilios, de prisões, de amofinações e desgostos de toda a especie. Com uma vida assim é incompativel o estudo... Onde, pois, conseguiu Luiz de Camões adquirir a variada e esplendida sabedoria com que nos deslumbra? Em Coimbra, de 1537 a 1542, em cinco annos apenas de methodica e aturada disciplina mental. A educação que em Coimbra então se ministrava, no chamado Curso de Artes e Humanidades, collegio annexo á Universidade, era na essencia, descontadas as inevitaveis divergencias dos programmas, identica á que ora se dá nos nossos gymnasios. Ensinavam-se ali o grego, o latim, a grammatica, a geographia, a historia, a dialectica; Camões estudou tudo isso, e o titulo

de « bacharel latino » que lhe deu André Falcão de Rezende, indica que o poeta completou o curso collegial, chegando a obter o grão que então se chamava de « licenciado em artes e letras humanas ». Depois d'isso, é natural que Camões, entre uma e outra das suas viagens e aventuras, no exílio e na prisão, tenha lido Homero, Xenophonte, Virgilio, Ovidio, Lucano, Plutarcho, Cicero, Aulo Gellio, Ptolomeu, e as Anthologias. Mas como poderia elle ter lido e assimilado todos esses auctores, se o curso collegial não lhe houvesse affeioado o espirito para a comprehensão das linguas antigas e para o manejo proveitoso dos codices e mappas?

Basta este exemplo para vos mostrar a virtude, a força, a utilidade da arma poderosa que adquiristes com a aquisição do ensino secundario. Lembrae-vos sempre d'esta casa. Lá fôra o vosso espirito vae dar as suas flores e os seus frutos; mas aqui hauriu elle a seiva que lhe alimentou as raizes e o tronco; aqui desabrocharam ao sol as suas primeiras folhagens; e é justo que, transplantado d'aqui, elle se lembre, na época da florescencia e da frutificação, com saudoso carinho, do solo que lhe deu vida e energia...

Disse-vos, porém, que a outra arma de que dispondes para a luta, o outro elemento de grande apoio que d'aqui levaes para o serviço do paiz, é o vosso patriotismo.

Falemos um pouco do patriotismo, e procuremos definil-o com precisão, porque não ha talvez sentimento que, como esse, possa ser deturpado por uma falsa comprehensão da ideia ou do vocabulo.

Ha um patriotismo mal pensado, que pode ser funesto á patria e ao patriota; e d'esse deveis affastar-vos, como de uma perfida imitação que serve apenas para prejudicar a belleza e a majestade do original viciado por ella.

Refiro-me a um falso patriotismo, a que darei o nome preciso de « megalomania patriotica », perigosa exacerbação do orgulho nacional, de onde derivam o nativismo illogico, o estreito espirito de bairrismo, a irracional má vontade preconcebida contra os filhos de outras patrias, a criação de monstruosas fronteiras moraes entre os povos.

D'esse falso patriotismo, o mais frequente symptoma é a vaidade condemnavel com que alguns dizemos habitualmente: « este paiz é o mais rico do mundo! »; — como se, em primeiro logar, a riqueza natural bastasse para dar invejavel gloria a um paiz, e como se, além d'isso, a experiencia nos não estivesse mostrando claramente a inaniidade absoluta de tal orgulho! A consideração exaggerada do proprio merito já é, em um homem, um grave defeito, porque quem se illude, admitindo a propria perfeição, é incapaz de progredir;

e que dizer d'esse defeito, quando elle apparece já não em um homem, mas em todo um paiz, que ainda se está formando, que ainda está ensaiando os passos para a gloria que o espera? A fatuidade é um vicio de espiritos futeis, — e chega a ser um crime o querer ensinal-a a toda uma nação. Para louvar o Brazil, para amal-o como elle quer ser amado, não é mister exagerrar-lhe o credito e o valor moral; mais dignamente o amaremos e louvaremos, reconhecendo quanto lhe falece ainda em população, em trabalho, em instrução, e verificando ao mesmo tempo a importancia do trabalho já realizado.

Estudando bem as condições politicas e economicas da nossa patria, vereis, meus jovens amigos, que os homens da vossa geração vão receber um honrosissimo, porém onerosissimo legado. As nossas apregoadas riquezas jazem escondidas quasi todas no seio escuro da terra; existem, mas é como se não existissem, porque ninguem as vê, ninguem as aproveita, ninguem as vae arrancar dos veios reconditos em que dormem. E' verdade que se anima o litoral do Brazil, e vibra, e rebrilha, e tumultúa, á luz e á agitação da civilização e do trabalho. Mas quasi toda a extensão do interior é ainda um deserto e um mysterio : selvas de virgindade bruta, sertões de secular braveza, rios immensos cujas aguas rolam, familiares sómente ás feras, e ignoradas da navegação;

montes, planuras, desvãos, clareiras, mattagaes, de uberdade espantosa, mas tão despovoados, tão tristes, tão mortos como as solidões sinistras do Thibet ou dos polos; — todo um mundo a desembrutecer, a animar, a cultivar, a aproveitar, — todo um mundo que espera a ousadia de novos bandeirantes. Mas, ainda fóra d'essas zonas agrestes e inexploradas, vede a pobreza dos outros sertões já um pouco povoados, mas ainda entregues a rude miseria : uma pobre lavoura que as sêccas destróem periodicamente; rebanhos mofinos que a sêde e a mingua dos pastos dizimam; cidades, outr'ora florescentes, que se amortalam no olvido e no silencio; a falta das industrias, pela falta dos capitaes; e o pouco trabalho, que ainda ha, tornado improductivo pela escassez das communicações, e pelo atrazo dos processos de exploração...

Ainda se a gente do littoral fosse toda ella feliz e instruida! instruida, principalmente, porque não ha felicidade possivel quando não ha instrucção! Mas ouvi-me, e medita: as ultimas estatisticas, dando ao Brazil uma população total de vinte milhões e duzentas e quinze mil almas, demonstram que, em toda a extensão do paiz, todos os estabelecimentos de ensino, incluindo o ensino publico e o particular, o civil e o militar, o primario, o profissional, o normal, o secundario, o superior, tinham em 1907, anno em que se ope-

rou o censo, a matricula de 624.064 alumnos; e isto quer dizer que a pouco mais de dois e meio por cento da população é ministrado o favor do ensino... Mas não é tudo : se estudasseis o orçamento votado pelas camaras para a despesa federal em um dos ultimos annos, observarieis a insignificancia das verbas dadas á instrucção : no calculo das despesas orçadas para esse anno, no valor de quasi quatrocentos mil contos de réis, apenas trez mil e duzentos contos eram destinados a tudo quando se refere á vida intellectual do Brazil : ensino, bibliothecas, museus... Pensareis talvez que esta consideração nada prova, porque, além do ensino custeado pela União, ha o que corre por conta dos Estados e dos municipios ; mas examinae o orçamento total da Republica : vereis que a despesa global da União, dos Estados e dos municipios é de mais de setecentos mil contos por anno; e d'essa formidavel somma sómente são empregados, ao todo, na diffusão do ensino, vinte e oito mil contos...

Não é preciso insistir na gravidade de tal situação moral. Principalmente no que se refere á instrucção primaria, é urgente, é inadiavel que se dilate a acção do poder publico. A instrucção primaria é a *cellula-mater* da organização social. Só por meio da sua diffusão é que poderemos evitar a morte da nossa nacionalidade; porque só a instrucção primaria pode conservar e expandir

no paiz o uso da lingua que os nossos avós nos legaram, — e o que constitúe a nacionalidade é propriamente a lingua nacional. A patria não é a raça, não é o meio, não é o conjuncto dos aparelhos economicos e politicos : é o idioma creado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independencia, a sua dignidade, a sua existencia autonoma, quando começa a perder o amor do idioma natal.

A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento de sua lingua. Ainda hoje notareis que, para manter e consolidar a conquista de paizes subjugados, a primeira cousa que procuram fazer as nações fortes é impedir nas escolas d'esses paizes o estudo da lingua materna. E' o que se está fazendo na Polonia: para matar no espirito infantil o sentimento do patriotismo, os conquistadores comprimem, suffocam, destróem a lingua ancestral, porque da morte d'esta resulta a morte de todas as tradições, de todas as venerações historicas, de todas as legendas heroicas, que constitúem a essencia, a força, a forma, o passado, o presente e o futuro da patria. Ora, sabeis que o futuro do Brazil depende da importação de homens estranhos ao paiz, que venham amal-o e servil-o. Todas as sobras, toda a plethora da população da Europa, todos os homens sem trabalho e sem ventura, que se acolham no ambito já escasso do velho mundo,

podem achar aqui espaço e felicidade. Mas cada uma d'essas levas de imigrantes traz consigo, como a mais preciosa bagagem, a sua lingua natal. Trazendo-a, é como se trouxesse os seus penates, os seus deuses lares, porque traz com ella os versos dos seus poetas, as suas expressões de carinho ou de ira, a letra das suas canções populares, o seu *folk-lore* que é o repositório do seu lyrismo e da sua saudade, e o amor do céu, da terra, das aguas, da familia, da religião, da historia... Assim, os idiomas estranhos tendem a fixar-se, a desenvolver-se, a prosperar no seio da nossa terra. Que será do nosso idioma, se o não protegemos, na luta desigual? Para salvar da morte a nativa linguagem portugueza, que transportada para o novo mundo ganhou novo esplendor e suavidade nova, não basta que os artistas da palavra continuem a tratá-la e aprimorá-la. Que valem escriptores sem leitores? que vale literatura sem publico? Para este tremendo problema da difusão do ensino primario chamo a vossa attenção, e a de todos os moços d'este paiz. Ainda quando o Brazil estiver todo povoado, cortado em todas as direcções pelas estradas de ferro, e com todas as suas riquezas naturaes conhecidas e exploradas, — o seu progresso não será real emquanto toda a sua população não fôr instruida.

Todas estas considerações, meus jovens amigos,

são apenas um aviso á vossa inexperiencia. Não deveis estreiar na vida com a funesta illusão de ser este o mais forte, o mais rico, o mais prospero paiz da terra. Talvez seja ainda licito, nas escolas primarias, alimentar o espirito das crianças com alguma animadora, mas não excessiva illusão : nos primeiros annos da vida o espirito humano é extremamente sensivel ás sugestões do enthusiasmo ou do desanimo, — e é preferivel que nelle se excite o primeiro d'estes sentimentos. Mas a educação que adquiristes nesta casa já vos deu a solidez de criterio e a robustez de coragem bastantes para que possaes encarar a vida em face, — núa, positiva, real, sem véos que lhe attenuem a belleza ou a feialdade. Encetaes uma tarefa que vos é imposta pela patria : é bom que conheçaes, em toda a sua extensão, e em toda a sua importancia, o trabalho e o sacrificio que se pedem á vossa intelligencia e ao vosso patriotismo.

E não ha motivo para desgosto na verificação das falhas que ainda existem na organização social do Brazil. O que foi feito nestes dez annos já é consideravel : e a continuação do progresso depende de vós, da geração que se está preparando e instruindo para o labor. Nem pôde haver enthusiasmo onde não ha a consciencia dos trabalhos a vencer. Para estimular a vossa energia e a vossa confiança é que procuro mostrar-vos a verdade.

Porque, meus amigos, se é imprescindível que nos libertemos d'esta pouco decente basofia, que a alguns de nós transforma em fakirs, mergulhados em morbida autolatria patriotica, não é menos necessario que evitemos o excesso contrario : o da indifferença e do desanimo. Não nos deixemos possuir de orgulhos vãos, mas tambem não nos deixemos invadir d'essa desmoralizadora enfermidade do pessimismo, a que Carlyle deu a perfeita classificação nosologica de « *paralysis moral* ». O pessimismo « *atrophia chronica da alma* », é um creador de titeres, quando não de escravos. Da abolição da vontade de crer, de esperar e de admirar, nasce fatalmente a renuncia de toda a liberdade; crer, esperar, admirar, são actos creadores, que affirmam o livre arbitrio, a independencia espiritual, a capacidade para a acção. O homem, que se recusa a intervir, como agente, na direcção das cousas humanas, commete um crime de lesa-humanidade. A generalização d'essa renuncia seria o regresso á situação primitiva da especie, á passiva resignação diante da omnipotencia da absurda e monstruosa divindade mythologica do Destino, cega e inexoravel, contra a qual, ha vinte e trez seculos, o genio de Eschylo lançou o grito sublime e supremo do seu « Prometheu encadeiado. »

No orgulho exagerado, com que alguns dizemos que este paiz é o mais rico da terra, ha ainda

um sentimento nobre, que só é condemnavel pelo seu excesso; mas na desanimada tolice, com que outros affirmamos que tudo aqui está perdido, nada ha que se possa comprehender nem desculpar. Na megalomania patriotica ha sómente hypertrophia da vaidade; mas no pessimismo tudo é annullação da consciencia e da vontade, tudo é degradação moral. Todo o pessimista é um doente perigoso, porque a sua doença tem uma prodigiosa expansão de contagio. E quando esse doente dispõe de um meio activo de propaganda, uma tribuna no parlamento, uma columna de jornal, uma cadeira de academia ou de lycêo, — a sua existencia e a sua permanencia no apostolado são calamidades sociaes de perniciosissimo alcance. Se a sociedade, para se defender, isola os varioslosos, os tuberculosos, e os dementes atacados de delirio sanguinario, — tambem deveria sequestrar os pessimistas, que propagam por contagio e imitação o desengano e a inercia. Seria uma sociedade condemnada a morte proxima e inevitavel, pelo apodrecimento moral, aquella em que os scepticos fossem a maioria.

A primeira manifestação de pessimismo é o desrespeito, a negação do merito, do esforço, da virtude. O pessimista, admittindo, por debilidade moral, que todo o esforço é vão e toda a dedicação é virtude inutil, não comprehende que qualquer acto de outro homem possa ser sincero e desin-

interessado; para elle, todo o labor em prol de uma ideia é grosseiro desejo de provento pecuniario, todo o serviço a uma causa é calculo baixo, toda a censura é despeito, todo o louvor é bajulação, todo o apoio é venalidade. Incapaz de amar, o pessimista não comprehende o amor; incapaz de trabalhar, não concebe o trabalho; incapaz de subir e brilhar, não perdoa a ascensão e o esplendor : é um espirito mutilado, que, com a perda do orgam de que foi privado, perdeu a noção das funcções inherentes a esse orgam; e, sendo uma fonte perenne de desconsolo, de irritação, de má vontade, é um instrumento de diffamação e de ignominia.

Mas o que ha de mais triste é que nem sempre os descrentes são verdadeiros enfermos. Alguns são simuladores de descrença, fanfarrões do desanimo, basofiadores da apathia, possuidos da ridicula ambição, tão propria de almas insignificantes, de espantar os seus contemporaneos com a estranheza escandalosa de palavras ou de gestos, que lhes possam dar um destaque espectacular no meio em que vivem. Esses fingidos pessimistas amam, creem, vibram, e esperam, como qualquer homem normal; mas escondem amor, crença, vibração, esperança, sob uma camada de falsa indifferença, porque d'esse modo pretendem singularizar-se e celebrar-se, affirmando a sua superioridade psychica, a sua completa libertação

das ideias e das paixões vulgares, a sua perfeita ataraxia diante dos soffrimentos communs.

Triste superioridade seria essa, se fosse real! seria a apotheose da incapacidade, o endeusamento do automatismo, a magnificação da inercia, a glorificação do suicidio!

Mas a verdade é que toda a força effectiva e toda a verdadeira superioridade são confiantes e exaltadas. O scepticismo é a debilidade e a esterilidade. Só o enthusiasmo é forte e creador. A Vida é um enthusiasmo perenne. O Universo palpita e canta perpetuamente, numa jubilosa e ardente agitação que nunca se enfraquece. A mesma flamma immorredoura anima a infinita variedade dos seres e das cousas. Tudo é enthusiasmo no kósmos : a luz, o som, a cor, o perfume, a scintillação das estrellas. o rolar dos planetas, a conflagração fecunda das nebulosas, a voz das aguas e dos ventos, o rugir das furnas, o hymno dos ninhos, o arfar dos vulcões, o movimento da seiva nas arvores, o correr atropellado do sangue no corpo animal.

Nutri, conservae, robustecei cada vez mais, ó meus irmãos, o vosso enthusiasmo! Evitae e fugi o scepticismo e o pessimismo, que são as duas manifestações primordiaes da debilidade corporal e da esterilidade mental!

Evitae com prudencia a furia do nativismo cego, mas tambem repellí com horror o embru-

tecimento do negativismo absoluto. Entre o delirio das grandezas e a apathia da demencia, entre a megalomania patriotica e o apatriotismo envilecedor, ha um meio termo em que reside a soberana e clara virtude : o justo e sagrado amor da patria, não cego, egoista, irresponsavel como o sentimento com que a creança inconsciente adora a mãe que a aleita e amima, mas raciocinado e profundo como a veneração com que o homem já feito respeita e venera aquella que lhe deu o ser, adorando nella o poder creador, a generosidade nutriz, o exemplo fertil da bondade e do desinteresse.

O verdadeiro patriotismo não é o amor dos negocios rendosos que no seio da patria podem dar a riqueza e a independencia ; não é a interessada gratidão pelas honrarias que dentro d'ella se podam grangear ; não é tambem o embevecido extase, ingenuo e futil, diante da belleza das suas paizagens, do esplendor do seu céu, da uberdade do seu sólo. E', sim, um amor elevado e austero, que reconhece os defeitos da patria, — não para amaldiçoal-os ou para rir d'elles, mas para perdoal-os, estudal-os e corrigil-os ; é um amor que se enraiza mais no meio moral do que no meio physico, e vai procurar a sua seiva nutritiva no amago longinquo do passado, no sacrosanto humus das origens da raça, da lingua, da historia, e no padecimento obscuro, apagado, anonymo das gerações

que antes da nossa viveram, suaram e penaram na terra que servimos e adoramos! Este é o patriotismo com que deveis de ora em diante honrar a nossa terra.

A nossa terra, pela minha voz, hoje vos saúda e abençôa. E' habito, no fecho d'estas orações de saudação, dizer aos que vão encetar a vida publica : « Sêde felizes ! ». Mas prefiro dizer-vos : « Sêde energicos; tende confiança em vós mesmos! sêde justos; collocae sempre o sentimento da justiça acima do vosso amor proprio! sêde modestos! não acrediteis que o vosso esforço isolado possa tudo fazer, e considerae-vos apenas como parcellas valiosas, mas não omnipotentes, da communhão, porque só o trabalho commum é forte e invencivel! e sêde tolerantes: quando em consciencia vos julgardes ao lado da boa causa e da justiça, defendei sem vacillação as vossas ideias, mas não maltrateis as opiniões alheias, porque muitas vezes um só minuto de tolerancia e de cordura é mais efficaz do que todo um seculo de brutalidade e violencia! E trabalhae, trabalhae sem repouso, sem desfalecimento, em bem da vossa terra e da vossa gente! »

Assim, sereis felizes, ainda que depois de largos annos de luta envelheçaes ignorados e sem premio, ainda que a ingratidão e a calumnia vos assaltem, ainda que vejaes desconhecido o vosso merecimento e incomprehendido o vosso labor.

O que constitue a nossa felicidade não é a recompensa do bem que fazemos : é esse proprio bem que fazemos : é esse proprio bem que fica feito. Só é verdadeiramente infeliz quem atravessa a vida como sombra inutil, sem deixar após si um trabalho de arte que delicie algumas almas, um progresso scientifico que melhore as condições da humanidade, uma tentativa em bem da paz e da ventura da especie, ou, ao menos, um consolo dado ao infortunio geral, uma boa acção anonyma e desinteressada, uma só palavra de amor e de piedade que mantenha o enthusiasmo e a esperança dos seus semelhantes...



QUATRO HEROINAS

DE SHAKESPEARE

Quatro Heroínas

de Shakespeare

(No Rio de Janeiro)

Quatro sómente das mulheres creadas pelo genio de Shakespeare escolho para assumpto d'esta conferencia, que não será uma critica, nem uma exegese, nem ainda um estudo literario da deslumbrante cadeia de obras primas do maior de todos os poetas, — mas apenas o pretexto para a recitação de alguns versos em que tentei vasar um pouco do fogo, da paixão, da palpitação divina que ha nos seus poemas.

Nem em dez conferencias poderíamos, ainda de leve, estudar e admirar a assombrosa galeria das mulheres shakespeareanas. São cincoenta, cem, que sei eu? são mais de cem figuras que incarnam e symbolizam todas as paixões, todos os heroismos, todas as versatilidades, todas as nobrezas, todas as perfidias da alma feminina. Porque, para estudar a alma feminina, o genio

de Shakespeare penetrou e esmerilhou todos os arcanos da realidade e do sonho, percorreu todas as épocas da civilização humana, exhumou e remoçou as mais velhas fabulas, restaurou as mais antigas legendas, e inventou novas ficções e novos conflictos de sentimentos. Contemplando o conjunto d'essa obra maravilhosa, ninguém tem a impressão de estar vendo uma criação do espirito humano; é um universo, um kosmos organizado e harmonico, de tão vastas proporções, que diante d'elle a fraqueza da nossa intelligencia se detém espantada, imaginando que tudo aquillo só pode ter sido formado pela omni-sciente e omnipotente vontade de um deus... Já não é preciso, para nosso espanto, que encaremos todas as mulheres que vivem no mundo shakespeareano; basta que d'ellas escolhamos um pequeno grupo, para que o nosso espirito se atordoe diante da allucinante profusão dos contrastes... De uma para outra d'essas figuras, que saltos, que vôos, que quedas!... Vede por exemplo Miranda, essa ingenua figura de criança, que no drama fantastico e symbolico d' « A Tempestade » vive na ilha de Prospero, entre Ariel, o genio bom, e Caliban, o homem bruto, a natureza humana primitiva. Miranda é uma das mais puras e innocentes creaturas de Shakespeare : toda a serena virgindade da ilha encantada, com as suas flores, as suas aves, as suas aguas can-

tantes, se reflecte na alma d'essa creança, a cujo lado o poeta só collocou o repugnante Caliban para que a maldade e a feialdade d'este monstro realcem pelo contraste a belleza physica e moral da filha de Prospero. Pois bem! de Miranda saltae para Lady Macbeth, que Baudelaire chamou

« âme puissante au crime,
rêve d'Eschyle éclos au climat des autans »,

Eva torva e sinistra de tentação criminosa, impellindo o marido ambicioso e fraco á pratica dos mais negros crimes, e, afinal, enlouquecida pelo desastre dos seus planos e pelo remorso, atravessando tragicamente o ultimo acto da peça como a imagem do proprio horror, procurando em vão tirar das mãos a nodoa inapagavel do sangue de Macduff e Banquo... Comparae agora as mulheres de « Troilus e Cressida » com as « Alegres Comadres de Windsor »; ponde a par da terrivel Catharina, a megera domesticada, a suave Imogenia; cotejae na mesma peça, no « Mercador de Veneza », a leviana Jessica e a sabia Porcia; — e reconhecereis que na galeria feminina do poeta maximo estão catalogadas todas as subtis e complicadas modalidades da alma da Mulher...

Mas, tendo de escolher para thema d'esta palestra um reduzidissimo grupo de heroínas shakes-

pereanas, a minha escolha logo se fixou em quatro figuras culminantes, em que estão symbolizadas quatro formas especiaes de amor, quatro almas de mulher, differentes na physionomia psychica, mas iguaes na essencia, irmanadas pela dominação amorosa, mais casta em umas do que em outras, mais ardente nestas do que naquellas, porém em todas avassaladora, exaltando lhes o espirito até a extrema ventura, e acabando por arrastal-as todas ao supremo infortunio.

Ophelia, Cordelia, Desdemona, Julieta... Conser-vemos no curso da conferencia esta ordem precisa, esta gradação symbolica. Primeiro, Ophelia, o amor ingenuo e fraco, incapaz de energia, — Ophelia comprometida pela fatalidade no horror de uma tragedia sangrenta, e indo do extase á tristeza, da tristeza á loucura, e da loucura ao suicidio, sem a consciencia perfeita da sua existencia moral e do seu infortunio; depois, Cordelia, o amor filial, a franqueza e a resignação, a tortura e a coragem, o soffrimento e o perdão, — alma heroica e sublime, que haure na amargura da ingratidão soffrida a força para a dedicação, e extráe do proprio martyrio o balsamo com que mitiga o martyrio alheio; depois, Desdemona, o amor admirativo, levada ao affecto pelo enthusiasmo, conduzida á paixão carnal pela piedade, possuida do misericordioso ideal de temperar com um pouco de poesia a rude vida de um sol-

dado, dando a sua virgindade e o seu carinho em premio á bravura de um heróe, e acabando ás mãos d'elle, miserrima, quebrada, esmagada, como uma ave pequenina ás mãos brutaes de um gigante; e finalmente Julieta, o amor que não se define porque é todo o amor e abrange todas as formas da paixão, o amor-amor, ardente, meigo, voluptuoso, moral e carnal, delirio sublime do corpo e da alma, — o amor que não é abnegação, nem piedade, nem raciocinio, nem gratidão, nem orgulho, nem ambição, nem misericordia, porque é pura e simplesmente o Amor...

Accentúa-se deste modo a gradação : depois de uma alma incolor e por assim dizer amorpha, Ophelia, uma alma já mais significativa, Cordelia, já comprehendendo o amor, mas o amor que não sae do espirito, e não incendeia os sentidos ; em seguida, a alma de Desdemona, em que o espirito começa o trabalho que tem de ser acabado pelos sentidos ; e emfim a alma completa, estupidamente humana de Julieta, alma feita de beijos, de gritos e de gemidos.

Assim, como numa symphonia de Mozart ou de Beethoven, Ophelia é o allegro inicial, um pouco vago e incolor, que indica apenas o tom geral da partitura ; Cordelia é o adagio, o andante, mixto de elegia e idillio ; Desdemona é o scherzo apaixonado, em que já nas cordas dos violinos e no bojo dos instrumentos de sopro arfa e estúa a

tempestade que vem perto; e Julieta é o final, a furia das trompas, o vendaval das cordas, o estrondo dos tambores, a convulsão dos arcos, a alliança e a mistura, na febre e no delirio, de todos os instrumentos em que estruge a paixão...

Ouçamos o allegro singelo e incolor. Ophelia não é uma alma definitiva. Ha muitas almas assim : passam pela vida como por um sonho vago, envolvidas em uma innocencia que as isola da paixão e ao mesmo tempo as expõe a todos os perigos; são, como as classificou um grande poeta, gottas de chumbo candente caídas sobre a neve : ardem e palpitam um momento, porque tudo quanto vive arde e palpita, mas apagam-se logo, enterram-se, sepultam-se, desaparecem dentro do seio uniforme do gelo do olvido. Ophelia, reparae bem, não tem ambição, não tem vontade. É a pureza sem brilho, a virgindade sem esplendor, a belleza sem vida, o soffrimento sem majestade, o amor sem tortura, — o infortunio que commove, mas não apaixona. A Miranda, d'*A Tempestade*, é tambem virgem e innocente, mas tem uma virgindade e uma innocencia que esplendem e commovem; porque em Miranda, confiscada pelo amor paterno de Prospero na ilha deserta, isolada e murada na ignorancia das cousas da vida, já se adivinha a mulher sob as azas do anjo; e o primeiro beijo de Fernando ha-de dar-lhe com a primeira satisfação do instincto

amoroso o primeiro orgulho de amar e a primeira gloria de viver. Mas Ophelia é anjo, e anjo morre; e anjo viveria, se Hamlet, em vez de dedicar-se ao odio e á vingança, se dedicasse em companhia d'ella ao gozo das cousas boas da vida. Ophelia amou Hamlet? amou-o de certo como amaria outro qualquer homem, a quem visse todos os dias, e que todos os dias lhe falasse. Não foi o abandono de Hamlet que a enlouqueceu; foi a morte do pae. Ante a primeira adversidade séria vacillou a sua razão e a sua intelligencia fraca naufragou. E até na loucura a alma de Ophelia é fraca : não é propriamente loucura aquillo; é antes demencia, — vagas canções infantis, versos sem nexos, alguma cousa como a balbucie de uma criança, ou o pipillo entrecortado de um passarinho. Mas a criação de Ophelia obedeceu justamente áquelle exaltado amor dos contrastes em que se comprazia o genio de Shakespeare. Para apparecer ao lado da alma de Hamlet, era necessaria uma alma como a de Ophelia. Porque deixae falar os criticos e os exegetas, que aos milhares e ás vezes disparatadissimamente teem procurado explicar de diversos modos a alma de Hamlet... Hamlet é principalmente, e creio que exclusivamente, isto : uma alma total, integral, absoluta, uma alma que odeia a mentira, que abomina a traição, que ama acima de tudo a verdade, e que, quando se possui de uma

ideia fixa, nada mais vê em torno de si, e cegamente se dirige para o fim visado, esmagando tudo quando encontra em frente. Hamlet é tão verdadeiro, que, quando quer fingir qualquer cousa, mostra logo o designio que deseja occultar. Nunca houve mais desastrado simulador; e a sua simulação é ás vezes tão inhabil, que essa incapacidade para a mentira só poderia ser explicada pela tolice, se não fosse tão naturalmente explicavel pelo dominio absoluto da ideia fixa : a descoberta da verdade e a sêde da vingança (1).

Para realçar essa alma integral, Shakespeare lhe poz ao lado a alma incompleta de Ophelia. E o contraste é doloroso... Em varias scenas, notavelmente na da representação theatral e na que se segue ao famoso monologo, a impressão que nos domina é a de estarmos assistindo a isto : um felino agil, brincão e cruel, divertindo-se em torturar, triturar e matar lentamente um insecto miseravel... Lembremos, para pôr em fóco a figura de Ophelia, uma scena da peça.

Hamlet já conhece o abominavel crime de Laertes e a cumplicidade de sua propria mãe no delicto execrando. Já sabe tudo, e a si mesmo jurou vingar a morte do pae. O rei criminoso e o imbecil Polonio querem arrancar-lhe o seu segredo; e para isso escolhem como instrumento a

(1) E. MONTÉGUT, *Hamlet, Commentaire*.

pobre Ophelia, a quem Hamlet durante algum tempo demonstrára algum amor, quando ainda a paixão da vingança se não apossára exclusivamente da sua alma. No momento em que a innocente o procura, Hamlet está meditando, empenhado na sua ideia fixa :

HAMLET

Ser ou não ser... E' este o tremendo problema...
 Que é mais nobre? soffrer as injurias da sorte
 E os golpes do infortunio até a hora suprema,
 Ou dar combate á dor indo direito á morte?
 Morrer... dormir... mais nada... Um sonho em que se
 encerra

Tudo... Um instante só de ousadia e de calma
 Basta, para fugir ás tristezas da terra,
 Aos martyrios da carne e ás amarguras da alma...
 Quem te não apetece, ó fim da desventura?
 Morrer... dormir... — dormir? talvez sonhar... Que
 sonho?...

Eis a interrogação cruel que nos tortura!...
 Quando, rôto da carne o envolvero medonho,
 Escaparmos da vida á bravia tormenta,
 Que sonhos haverá no lethargo do nada?
 Dormir?... talvez sonhar... E' isto o que adormenta
 A coragem mais forte; esta é a razão sagrada
 Que ao misero prolonga a lutuosa existencia....
 Pois quem supportaria ultrajes e castigos
 Do tempo, humilhações do presente, a insolencia
 Dos queridos da sorte, o odio dos inimigos,
 Os golpes do desprezo e da oppressão infame
 Que o orgulho forte inflinge á fraqueza innocente,
 A preguiça das leis, da pobreza o vexame,

E o fingido desdém que o merito paciente
Recebe dos villões, e a ingratidão, e o inferno
Do incomprehendido amor, — se acaso visse um dia
Na ponta de um punhal sorrir-lhe o somno eterno?...
Quem da vida enfadonha ao peso vergaria,
Se não fosse o terror da cousa não sabida
Que ha para lá da morte, e o mysterio profundo
D'esse escuro paiz, região desconhecida
De onde nenhum viajor voltou jámais ao mundo?
O receio do além... Isto nos acovarda,
E em anhelitos vão os propositos muda;
Este só pensamento o nosso fim retarda,
E a calma decisão nos tolhe... Mas, caluda!
A bella Ophelia...

(Entra Ophelia)

O' flor da graça e da virtude,
Em tuas orações pede a Deus que me ajude!...

OPHELIA

Meu senhor, como está?

HAMLET

Bem... bem...

OPHELIA

De Vossa Alteza

Tenho prendas de amor que me enchem de tristeza...
Eil-as...

HAMLET

Nada te dei!

OPHELIA

Deu-m'as! e com um sorriso,
Com phrases em que eu via abrir-se o paraíso...
Não as quero guardar, — pois para as almas nobres
Os mais preciosos dons ficam sendo os mais pobres,
Perdem todo o valor e todo o aroma, quando
Quem os fez, o passado inteiro renegando,
Esquece o que dizia...

HAMLET

Ah! és honesta?... e és bella?...

OPHELIA

Eu, meu senhor...

HAMLET

E's bella e honesta?... pois, cautela!
Que a tua honestidade, ingenua creatura,
Não vá jamais de par com a tua formosura!
Separa-as!

OPHELIA

Meu senhor, porque? para a belleza
Que melhor companheira e irmã do que a pureza?

HAMLET

Mais cedo ha-de manchar-te a belleza, do que ha-de
A honra salvguardar a tua castidade!...
Eu já te amei, Ophelia...

OPHELIA

Assim me parecia...

HAMLET

Pois não andaste bem em crer no que eu dizia!
Nunca te amei!

OPHELIA

Maior então é o meu tormento,
Senhor!

HAMLET

Escuta, Ophelia! Entra para um convento!
Para que has-de querer, neste valle de horrores,
Neste reino do mal, ser mãe de peccadores?
Olha! eu mesmo não sei... sou honesto... contudo,
Tantos vícios descubro em mim quando me estudo,
Que antes para meu bem, numa hora aborrecida,
Minha mãe não me houvesse arremessado á vida...
Sou vingativo, duro, orgulhoso, malvado,
De tantas tentações a um só tempo assaltado,
Que nem as sei dizer, nem as contar consigo.
E todos afinal parecem-se commigo :
Nós, entre a terra e o ceo, rastejamos no mundo,
Inuteis animaes dentro de um charco immundo...
Entra para um convento! homem nenhum merece
Uma lagrima, um beijo, um suspiro, uma prece...
Entra para um convento... Adeus!

OPHELIA

Ceos! protegei-o!

HAMLET

Ouve! se te seduz o amor, se o galanteio
Te agrada, casa! Mas attende bem! cuidado!

Dou-te um conselho só : é o dote do noivado...
Sê pura como o gelo, e casta como a neve,
— Que inda assim a calúnia ha-de tisonar-te em breve...
Se casares, escolhe um parvo, um nescio, um tolo;
Porque os mais, os que teem um pouco de miolo,
Sabem já muito bem com que facilidade
Destruís, soffocaes em nós valor, bondade,
Intelligencia, fé, pudor... Do mais virtuoso
De todos nós fazeis um bruto, um incestuoso,
Um tigre, um monstro... Vae! Entra para um convento !

OPHELIA

Deus justo ! restituí-lhe a luz do entendimento !

HAMLET

Bem vos conheço eu já ! Se Deus vos deu um rosto,
Logo um outro arranjaes, segundo o vosso gosto,
Pintando olhos, e bocca, e face... E andaes sorrindo,
Saltando, papagueando, — e esse ar ingenuo e lindo,
Que chamaes innocencia ou caprichos da idade,
E' só calculo frio, é só perversidade !
Ah ! eu bem vos conheço... E por isto estou louco !
Louco?... Porque casar ? porque ? mas dentro em pouco
Ninguém mais casará... Os que já estão casados
Irão vivendo assim, — felizes ? desgraçados ? —
Que importa ? — viverão, ou soffrendo, ou em calma...
— Todos?... menos um só, menos um só, minha alma ! —
Depois, não haverá mais nenhum casamento...
Quanto a ti, adeus ! vae ! entra para um convento !

E' doloroso o contraste, é terrível a scena, em

que se vê a alma forte de Hamlet torturar assim a alma fraca de Ophelia. Mas não é crueldade de Hamlet... Naquelle momento, o principe infeliz, envenenado de magua, sedento de vingança, não vê Ophelia, a ninguem e a nada vê; o seu espirito está longe; não é a Ophelia que elle fala; é ao seu proprio odio. D'ahi a pouco, a sua espada matará Polonio, pae de Ophelia; e a misera creança, louca, entregará a sua virgindade á agua fria e mortal do rio, e desapparecerá do mundo, victima da fatalidade que a expoz ingenua e sem defesa ao embate de uma tragedia que a sua alma não podia comprehender...

Mas passemos do allegro ao adagio. O adagio é Cordelia. Cordelia é... não vol' o direi eu : quem vae falar é Victor Hugo. Ouvi esta curta pagina, que é uma obra prima em meia duzia de linhas :

« Ha formidaveis torres de cathedraes, como a *Giralda* de Sevilha, que parece foram feitas, com as suas espiraes, as suas escadarias, as suas esculpturas, os seus alicerces, os seus subterraneos, as suas camaras sonoras, as queixas dos seus sinos, a sua massa assombrosa, a sua flecha, e toda a sua enormidade, unicamente para supportar lá em cima um anjo, abrindo no ceo as azas doiradas. Tal é este drama, o Rei Lear. O pae é o pretexto da filha. Esta admiravel construcção humana, Lear, serve de pedestal a esta ineffavel criação divina, Cordelia. Todo este

cahos de crimes, de vícios, de demencias e de miserias, tem como unica razão de ser o esplendor d'esta virtude. Shakespeare, concebendo Cordelia no seu pensamento, creou esta tragedia, como um deus que, tendo fabricado uma aurora, creasse expressamente um mundo, para ter onde collocar essa aurora... »

Tal é Cordelia... Conheceis de certo o drama. Um velho rei, Lear, tem trez filhas : Regana, Goneril e Cordelia. Velho e cansado, Lear quer repartir o seu reino entre essas trez descendentes ; mas, capricho estúpido ! pretende antes saber qual d'ellas é a que mais o ama. Regana e Goneril, ambiciosas vulgares possuidas da ancia de dar o reino aos maridos, multiplicam os seus protestos de amor. Cordelia, porém, sincera e modesta, nada sabe dizer ; sabe apenas amar e calar, — a pobre creatura !... amar e calar, o que é e sempre foi e será o meio mais seguro de ser infeliz em amor... A scena é admiravel ; e é uma das mais simples que o genio de Shakespeare ideou :

LEAR

Dae-me o mappa dos meus Estados ! Quero
Diante de vós partil-o em trez. A idade
Peza sobre os meus hombros ; fatigado
Quero de sobre a minha senectude
Tirar o fardo do governo, e o peso
Dos cuidados de rei, depositando-os
Sobre mais jovens hombros. Livre d'elles,

Irei melhor assim, de passo em passo,
Trilhando a senda que conduz á morte...
Tenho trez filhas : dou-lhes o meu reino.
Antes porém — é um ultimo capricho,
Um capricho de ancião... — aqui pretendo
Saber qual de vós trez com mais carinho
Ama este velho pae e este rei velho.
Goneril, minha bella primogenita,
Fala tu!

GONERIL

Meu senhor, meu pae, eu amo-vos
Mais do que o ar que respiro e o ceo que vejo,
Mais do que a vida e a liberdade, acima
De tudo quanto é bello, e rico, e justo,
Além dos bens da terra, da fortuna,
Da ventura, do amor e da saúde...
E' assim que vos amo, e ainda acho pouco.

CORDELIA (*aparte*)

Ai de mim! que dirá Cordelia? muda,
Amará em silencio...

LEAR (*a Goneril, traçando o mappa*)

Dou-te um terço
Do meu reino : estes prados verdejantes,
Estes rios fecundos, estes montes,
Estes valles em flor que o gado anima...
— Regana, e tu, minha segunda filha ?

REGANA

Meu pae, meu rei, e meu senhor, — eu amo-vos

Como vos ama Goneril; mas penso
Que ainda mais vos adoro, e que as palavras,
Por mais ardentes, por mais altas, nunca
Poderão exprimir meu pensamento :
Sois tudo para mim, — o sol, a terra,
A luz, o proprio amor, e a propria vida...

CORDELIA

Ai de mim! que dirá Cordelia? Muda,
Amará em silencio...

LEAR (*traçando o mappa*)

Um outro terço
Haverás do meu reino : vasto imperio
De aguas e terras, de arvoredos bastos,
De selvas densas, de pastagens gordas...
E agora tu, Cordelia, minha gloria,
Ultimo fruto d'esta velha carne,
Ultima luz dos meus cansados olhos,
Que dirás, que em ternura iguale ao menos
O que Regana e Goneril disseram?

CORDELIA

Nada, senhor...

LEAR

Não ouvi bem! Repete!

CORDELIA

Nada, senhor...

LEAR

O nada sae do nada...
Se nada tens na bocca, a mesma cousa
Terás no coração... Repete ainda!

CORDELIA

Desgraçada de mim! A' minha bocca
O meu sincero coração não sobe.
Meu pae! eu amo a Vossa Majestade
Como é de meu dever amal-a, e é tudo...

LEAR

Só? e é tudo? Cordelia! em minhas veias
O sangue ferve em borbotões de cólera...
Mede as tuas palavras, se não queres
Ver em desprezo o meu amor trocado!

CORDELIA

Senhor! de vós nasci; de vós nascida,
Fui por vós educada e amada sempre;
Dou-vos em troca todo o meu respeito,
E todo o meu amor... Nada mais tenho.

LEAR

Teu coração concorda com o que dizes?

CORDELIA

Sim, meu senhor.

LEAR

Que? tão creança ainda,
E já tão dura?!

CORDELIA

Dura, não; mas franca.

LEAR

Ah! franca? és franca? pois que essa franqueza
Seja o teu dote! Neste instante o juro :
Pela sagrada luz do sol, por estas
Barbas brancas, por este reino todo,
Pelos mysterios de Hécate e da Noite,
Pelos astros que regem vida e morte,
— Não te conheço doravante! Affasto
De sobre ti minha sollicitude,
Meu apoio de rei, e meus deveres
De amor, de sangue e de paternidade!
— Regana e Goneril, é também vosso
O outro terço do reino!... Filha ingrata,
Rebento amaldiçoado do meu corpo,
Vae-te! Não te conheço doravante!
Vae-te! que doravante o Scytha barbaro,
O bruto que devora os proprios filhos,
Os tigres, hão-de ser ao meu affecto
Menos estranhos do que tu! Maldita!
Vae-te! desaparece dos meus olhos!

Assim Cordelia perde o pae. Ha-de encontral-o e reconquistal-o mais tarde, — e de que modo! Por agora, Cordelia está orfã do carinho paterno; Regana e Goneril exultam. E eis apparece no drama uma admiravel figura, a do joven rei de França, que aceita por esposa a filha desherdada, despojada, sem reino, sem pae, sem amparo na vida. E começa a longa tortura, começa o longo

castigo de Lear. Uma depois da outra, Regana e Goneril desrespeitam, affrontam, maltratam, repellem o velho rei, que lhes deu com todo o seu reino todo o seu affecto. Repellido por ambas, Lear fica a principio attonito, não concebendo aquella ingratição, aquella injuria monstruosa feita aos seus cabellos brancos, á sua dignidade de rei e de pae. Molham-se-lhe pela primeira vez os olhos de lagrimas de horror e já de remorso... Depois, a colera, o orgulho ferido, a revolta do coração, a velhice, tudo concorre para leval-o á loucura. E eil-o, maltrapilho, com os pés nús, a cabeça descoberta, arrastando pelos campos, pelos ermos agrestes o seu infortunio, enchendo a terra e o ceo com o bramido desvairado da sua vociferação. E Shakespeare attinge aqui o extremo grau da poesia tragica, quando nos mostra o rei miseravel numa charneca deserta, durante uma noite de tempestade, imprecando os trovões e os relampagos :

« Soprae, ventos! jorrae do ceo, cataractas e trombas! chammassulfurosas, instantaneas como o pensamento, nuncias dos raios que abatem os carvalhos, queimae os meus cabellos brancos! Ah! a ventania, a chuva, a chamma, a tormenta não são minhas filhas... nunca lhes dei um reino... não posso accusal-as de ingratição! »

Mas essa é a ultima explosão. Depois d'isso Lear passa da loucura á demencia. Cordelia en-

contra-o corcovado, invalido, inconsciente, miserrimo, cantando e rindo, coroado de hervas de cheiro nauseante, encharcado e sujo, imagem extrema da tristeza e da abjecção... Mas como ha-de a minha palavra exprimir isto? Ouí ainda uma pagina de Victor Hugo :

« A partir d'esse momento, começa a adoravel paternidade da filha sobre o pae; Cordelia começa a amamentar espiritualmente aquella velha alma desesperada, que se finava de inanição no odio. Cordelia nutre Lear de amor : e renasce a coragem; nutre-o de respeito : e renasce o sorriso : nutre-o de esperança : e renasce a calma; nutre-o de carinho : e renasce a razão... Lear, convalescente, reconquista a vida : a creança torna a ser um velho, e o velho torna a ser um homem. Mas de repente rebenta a catastrophe : Cordelia morre... O velho não comprehende, e morre tambem. Morre sobre a filha morta. Felizmente!... Ficar na terra depois da fuga do anjo, ser um pae orphão daquella filha... — seria o cumulo do horror! Poeta, fizeste bem em matar esse velho!... »

E' tudo? não. Ainda quando o commentador se chama Victor Hugo, só ha um meio de explicar Shakespeare : é lel-o e adoral-o. Encerremos as referencias a Cordelia, citando textualmente, sem alteração, e sem recorrer ao artificio do verso e da rima, as ultimas palavras que Lear

pronuncia, quando, tendo nos braços a filha morta, cae tambem morto sobre esse corpo adorado :

« Oh! urrae, gritae, vociferae, homens de pedra! não vedes que Cordelia é morta? Se eu fosse um homem forte como vós, se tivesse os vossos olhos e as vossas gargantas, choraria e gritaria tanto, que a abobada do ceo havia de estalar!.. Cordelia! Cordelia! morta! Partiu para sempre! para sempre! Cordelia! Cordelia! Que? que dizes, minha filha? nada! nada! Ah! a sua voz era cariciosa, doce, meiga!... Oh! minha pobre innocente! Não tens mais existencia! Um cão vive, um cavallo vive, um rato vive, — e tu não vives! e tu não vives! e não voltarás nunca mais, nunca mais, nunca mais! Cordelia! Oh! vede-a, contempla-e-a, e vede estes olhos, esta bocca, esta fronte, esta... » E cae morto, num beijo.

Mas a symphonia prosegue. Agora, é o scherzo apaixonado, — Desdemona. Os 'violinos gemem mais alto; os metaes vibram com mais força; as notas precipitam-se : é o gemer voluptuoso de Desdemona nos braços do mouro, é o rugir do ciume de Othelo...

Um critico de Shakespeare, e um dos que mais o estudaram, porque traduziu em bloco todas as suas peças, acha que Desdemona é uma figura apagada, muito inferior ás outras heroínas do

poeta. Diz elle que a filha de Brabancio é pura, mas que ha uma ligeira sombra na sua pureza e uma nodoa no seu amor, porque ella obedeceu, contraíndo o seu fatal casamento, menos a um impulso natural do que aos sentimentos de nobreza que lhe deu a educação, e cedeu antes a uma paixão da intelligencia do que a um conselho do coração. E diz ainda que se Desdemona se conservou fiel a Othelo foi menos por amor do que por orgulho. São as subtilezas da exegese... A verdade é que basta ler a peça com um pouco de attenção para ver que Desdemona começou, é verdade, por admirar Othelo, mas ao mesmo tempo se compadeceu d'elle, e acabou por amal-o com ardor, com a mais entranhada paixão. Haverá mais bello caminho, — a admiração conduzindo á piedade, e a piedade conduzindo ao amor?

Mas quem nos vae dizer isso é o proprio Othelo.

Sabeis como começa o drama. Na Camara do Conselho de Veneza, os senadores estão em sessão, sob a presidencia do Doge. Chega um mensageiro. As noticias são graves. A esquadra turca ameaça Veneza. E' preciso salvar a Republica. Quem a salvará? unicamente Othelo, o bravo Othelo, que é a segurança do Estado, a defeza da terra, a salvaguarda dos mares. Mas quando o Doge confia a Othelo o commando supremo, apparece o velho Brabancio, pae de Desdemona, com

as vestes em desordem e os cabellos desgrenhados, chorando e vociferando... Vem pedir justiça ao Doge : sua filha foi victimã de um sortilegio, victima da pratica de feiticerias, com que a corrompeu e seduziu um perfido depravador. Brabancio pede o castigo do autor do sortilegio. O Doge jura que elle será castigado, seja quem for; e pergunta : « quem é? ». Brabancio diz uma só palavra : « Othelo ... ». E o mouro, interpellado, faz esta singela narração, que é um acabado e admiravel retrato de Desdemona, a sua completa e perfeita photographia moral :

O DOGE

Fala, Othelo!

OTHELO

Direi que seu pae me estimava :

Recebia-me sempre, ouvia-me, buscava
Saber a minha historia, anno por anno, dia
A dia, — a minha vida arriscada e bravia
De batalhas, exposta ás mudanças da sorte,
De minuto em minuto olhando em face a morte.
E eu contava-lhe tudo : esta existencia errante
Em mar e terra, o pouso incerto, a alma hesitante
Como uma barca entregue aos caprichos do vento,
De parcel em parcel, de tormento em tormento...
E dizia-lhe como, em combate vencido,
Me vira certa vez prisioneiro, vendido
Como escravo, e depois resgatado, viajando
Ao sabor da aventura, os oceanos cruzando,

Aqui e alli correndo antros escuros, montes
De horrendo porte enchendo os vastos horizontes,
E selvas, e paúes, e desertos ardentes...
E contava-lhe então que estranhas rudes gentes
De variadas feições e de variadas vozes
Vira e tratára : anões e gigantes ferozes,
E monstros sem cabeça, e orangotangos brutos,
E antropophagos nós, e canibaes hirsutos...
Acaso, muita vez, Desdemona surgia
A' porta, e ao escutar-me, olhava-me, saía,
Voltava, e, a face em fogo, ouvia, attenta e bella,
E saía de novo... Eu entrevia nella,
E na sua attenção, uma certa anciedade,
Que ainda não era amor, mas já era piedade...
Até que um dia, a sós nós dois, ella me disse
Que seria feliz se, sem lacuna, ouvisse
Desde a infancia até hoje inteira a minha historia, —
— Segundo a sua plirase amiga, a minha gloria, —
Quando melhor diria a minha desventura...
Eu, em extase, olhando a sua face pura,
Disse de novo tudo : os premios, os castigos,
Os combates, o horror das guerras, os perigos,
A fome, a sêde, o exilio, os louros e os revezes
Da minha triste vida... Ella tremia ás vezes,
Outras vezes chorava... E suspirava tanto,
E era tão bella assim no tremor e no pranto,
E era tão compassiva, e tão boa, e tão linda,
Que emfim... Porém que mais eu vos diria ainda ?
— Foi este o sortilegio, ó nobres senadores :
Amei-a, porque a vi sentir as minhas dores,
Porque a vi lamentar este pobre soldado...
— E ella me teve amor por ver-me desgraçado. .

Toda a figura de Desdemona ahi está... E d'ahi

por diante, o seu character progressivamente se accentua. As suspeitas de Othelo, as suas injurias, as suas brutalidades, e até as suas pancadas, — nada diminue o affecto da infeliz. Enredada na teia mais apertada e infame que jámais se tramou contra uma creatura humana, teia perfida cuja aranha é Iago, Desdemona soffre com uma resignação angelica o seu martyrio sem nome. Tudo nella é offendido, maltratado, espésinhado : o seu corpo, a sua alma, o seu amor de mulher, a sua dignidade de esposa, o seu orgulho de patricia; e só, de quando em quando, um queixume escasso e abafado lhe sae da bocca retorcida pelo pranto... Opprimida por Othelo, ella só sabe amal-o e perdoar-lhe. A victima adora o seu algoz. O amor suffoca todos os resentimentos e todas as maguas. E ainda na hora da morte, quando as mãos brutas do mouro allucinado lhe apertam a garganta, nem um brado de revolta, nem um só grito de maldição rompem d'essa garganta agonizante... Figura admiravel ! A peça é um holocausto. E nesse holocausto humano o crime de Othelo é uma glorificação do amor de Desdemona...

Mas o tempo corre, e Julieta nos reclama. E' o final da symphonia. E' o dominio absoluto da paixão.

Romeu e Julieta... estes dois nomes são o amor,

são todo o amor... Dizel-os, é esboçar todo um idillio. Não ha em toda a face da terra civilizada uma só lingua em que esses dois nomes não exprimam todas as venturas e todas as desventuras do amor. Romeu e Julieta, o jardim dos Capulletti, o luar de Verona, — isto enche todos os sonhos dos adolescentes, entenece a alma de todos os homens feitos, traz lagrimas de melancolia e de saudade aos olhos de todos os velhos...

Não ha no mundo quem não conheça essa historia amorosa e tragica, essa legenda suave e triste, de cujo enredo se apossou o genio de Shakespeare, para d'ella fazer o drama summo da paixão. Ninguém ignora o romance da rivalidade dos Montecchi e dos Capulletti, o odio feroz entre as duas familias, — duas familias que são duas arvores malditas, carregadas de frutos de rancor e vingança, mas de cada uma das quaes brota uma linda flor delicada, de perfume divino : Julieta, flor da arvore dos Capulletti, Romeu, flor da arvore dos Montecchi. Entre essas duas almas que se querem, ha um mar de sangue, ha seculos de furor e de crimes, e cada uma d'ellas tem uma herança terrivel : o nome... Mas que valem seculos de odio tradicional, que valem familias, que valem nomes, diante da fatalidade do amor?

E' triste ter de confessar que o romance de Romeu e Julieta é uma simples ficção... Está hoje

provado que nunca houve em Verona taes familias, nem tal rivalidade. Mas que importa isso? Quem vae a Verona vae respirar o ar que respiravam Romeu e Julieta, e todas as asseverações da emproada e pedante Historia jámais conseguirão destruir a lenda encantadora.

Verona é uma pequena cidade, pequena e triste, ao pé de um contraforte dos Alpes, cortada pela corrente turbida do Adige. Quando a visitei, o inverno era rude. A neve não cobria só a montanha; cobria tambem e amortalhava toda a cidade, pendurando as suas sanefas de brancura deslumbrante nas fachadas dos velhos palacios da Renascença, nas rendas de pedra da cathedral, nas torres das igrejas, em que se perpetúa a arte caprichosa de San Michele e de Fra Giocondo. Era noite, quando cheguei a Verona. Noite admiravel de inverno e de frio intenso, de ceo limpido, de onde caía sobre o lençol da neve o luar, — o luar de Verona, o mesmo luar sugestivo e cúmplice, que alumiaava as entrevistas de Romeu e Julieta... No centro da cidade, não longe da Piazza delle Erbe, fica a via Cappelo, onde está a casa que o povo designa como tendo sido a da familia dos Capuletti, a que pertencia Julieta. E' uma casa velha, arruinada, — e sem jardim... — sem o famoso jardim, que ouviu os primeiros e os ultimos juramentos dos dois amantes... Mas que me importava fosse apocrypha a casa, como é

apocrypha a base histórica da lenda immortal? O prestigio do luar e o prestigio de Shakespeare combinavam-se alli para exaltar a minha alma e para allucinar os meus olhos... A' claridade suave que descia do ceo enluarado, eu acreditava estar vendo suspensa a uma das janellas da casa decrepita uma escada de seda, e o meu ouvido julgava perceber um rumor de versos e de beijos... Fabula sublime, que viverá enquanto viverem homens na terra, e enquanto na alma d'esses homens houver um pouco de poesia...

De toda a peça, a scena mais conhecida, a que se tornou por assim dizer a expressão classica da poesia amorosa, é a chamada scena do balcão. Mas verdadeiramente ha duas scenas do balcão. Duas scenas que se completam. A primeira é a primeira entrevista dos amantes, entrevista casta, em que ha o conflicto entre o ardor de Romeu e a timidez de Julieta. A paixão de Romeu cria pouco a pouco a paixão de Julieta; e, ao fim da entrevista, as duas almas jovens, quasi ainda crianças, ardem e queimam-se na mesma chamma. Durante essa primeira entrevista, um longo espaço separa os dois amantes. Julieta está longe, no alto, debruçada do balcão, dentro do nimbo argenteo do luar; Romeu está embaixo, no jardim, tambem envolvido no liquido manto luminoso, que a lua lhe entorna sobre o corpo. Ouví :

ROMEU

(só, no jardim, fitando a janella ainda deserta)

O' janella adorada! és o nascente...

Julieta, quando surge, é o sol que nasce...

Ergue-te, sol! Estrella resplandente,

Mostra-me a tua face!

JULIETA

(apparecendo á janella, sem ver Romeu)

Que será d'este amor que me consome?

D'este amor que tão cedo me rendeu?

Entre nós dois ha uma desgraça : é um nome...

E' o nome de Romeu!

Mas que importa o teu nome, alma formosa?

Pois a rosa, se tem aroma e côr,

Chame-se rosa ou não se chame rosa,

Não é a mesma flor?

ROMEU

*(saíndo da sombra, e apparecendo em
plena irradiação do luar) :*

Não te agrada o meu nome, lirio amado?

Este meu nome é hoje a minha dor...

Ama-me, que serei rebaptizado :

Não serei mais Montecchi, — mas... o Amor!

JULIETA *(inclinando-se)*

Bello Romeu, meu coração ancioso

E' teu... Mas será meu teu coração?

Serás firme e fiel como és formoso?
Terás constancia como tens paixão?

ROMEU

Linda! por esta lua, que tem zelos
De ti, por este limpido luar,
Que é menos puro do que os teus cabellos,
Que brilha menos do que o teu olhar...

JULIETA (*interrompendo-o*)

Não jures pela lua, que é inconstante!
Jura pelo momento em que te vi.
Pela ventura d'este doce instante,
— Jura por nós, jura por mim, por ti...

Como vedes, é ainda apenas o inicio do idillio, não é ainda o drama. O drama estala com a segunda scena do balcão, que succede á segunda entrevista dos dois, na treva profunda e callida da alcova de Julieta. Romeu, então, já conquistou pela escada de corda a janella sagrada, já por essa janella despejou dentro d'aquella alcova até então virginal a sua alma impetuosa, o seu corpo juvenil e forte, o seu desejo fremente, e já alli dentro imperou na divina brutalidade da sua victoria de amante. Agora, rompe a manhã, e os dois despedem-se, já torturados de saudades, e cheios de presentimentos maus. Já de fora, prestes a descer a escada de corda, Romeu segura-se pelas mãos ao parapeito do balcão. Mas não são pro-

priamente as suas mãos que alli o sosteem, entre a terra e o ceo, no extase e no gozo : mais forte é a prisão que liga os seus labios aos labios da amada... A primeira scena do balcão é a scena dos olhares; a segunda é a scena dos beijos. Entre as duas, houve um mundo de acontecimentos. O idillio agora muda-se em drama, e caminha para a tragedia. Depois destes beijos triumphaes, só haverá outros, mudos e gelados, dentro do mausoleu dos Capuletti... Frei Lourenço casou secretamente Romeu e Julieta; Romeu matou Tebaldo; acirrou-se o odio implacavel entre as duas familias; e Romeu vae partir para Mantua, banido. E' este o momento da despedida :

JULIETA

Porque partir tão cedo? ainda vem longe o dia...
Ouves? é o rouxinol... Não é da cotovia
Esta encantada voz. Repara, meu amor!
Quem canta é o rouxinol na romanzeira em flor...
Toda a noite essa voz que te feriu o ouvido
Povoa a solidão como um longo gemido.
Abracemo-nos! Fica! Ainda vem longe o sol...
Não canta a cotovia... é a voz do rouxinol.

ROMEU

E' a voz da cotovia, annunciando a aurora.
Vês? ha um leve tremor pelo horizonte afora :
— Das nuvens do levante abre-se o argenteo veio,
E apagam-se de todo as lampadas do ceo...

Já sobre o cimo azul das serras nebulosas,
Hesitante, a manhã coroadada de rosas
Agita os leves pés, e fica a palpitar
Sobre as azas de luz, como quem quer voar.
Olha! mais um momento, um rapido momento,
E o dia sorrirá por todo o firmamento!
Adeus! devo partir! Partir para viver...
Ou ficar a teus pés para a teus pés morrer!

JULIETA

Não é o dia! O espaço inda se estende, cheio
Da noite caridosa. Exhala do igneo seio
O sol, piedoso e bom, este vivo clarão
Só para te guiar por entre a cerração...
Fica um minuto mais! porque partir tão cedo?

ROMEU

Mandas? não partirei! esperarei sem medo
Que a morte, com a manhã, venha encontrar-me aqui!
Succumbirei feliz, succumbindo por ti!
Mandas? não partirei! queres? direi contigo
Que é mentira o que vejo e mentira o que digo!
Sim! tens razão! não é da cotovia a voz
Este encantado som que erra em torno de nós!
É um reflexo da lua a claridade estranha
Que aponta no horizonte acima da montanha!
Fico para te ver, fico para te ouvir,
Fico para te amar, morro por não partir!
Mandas? não partirei! cumpra-se a minha sorte
Julieta assim o quiz: benvinda seja a morte!
Meu amor, meu amor! olha-me assim! assim!

JULIETA

Não! é o dia! é a manhã! Parte! fuge de mim!
Parte! apressa-te! fuge! A cotovia canta
E do nascente em fogo o dia se levanta...
Ah! reconheço enfim estas notas fataes!
O dia! a luz do sol cresce de mais em mais
Sobre a noite nupcial do amor e da loucura!

ROMEU

Cresce... E cresce com ella a nossa desventura!
Julieta, um beijo mais!

JULIETA

Cem beijos, meu amor!
Mil beijos, meu amigo! Um milhão, meu senhor!

(Romeu desce a escada de seda)

Ah! partiste, Romeu! minha luz, meu sorriso!
Mal te avisto lá embaixo, ao clarão indeciso
Da perfida manhã! Tão pallido, Romeu!
Não sei que medo agora o peito me estorceu...
Mas no meu coração cresce uma angustia nova :
Pareces-me um finado ao fundo de uma cova!

E' a previsão da desgraça. Mas Julieta, a quem Romeu, de longe, na claridade livida da manhã nascente, já parece um cadaver, não suspeita que ella tambem já é quasi um cadaver... A morte vem perto para os dois...

O pae de Julieta quer casar-a á força com Páris. E' Frei Lourenço quem se encarrega de arranjar

tudo. Julieta beberá um narcotico, e o noivo, Páris, ao entrar na alcova nupcial, encontrá-la-á como morta. Assim, inanimada, a formosa noiva será levada para o mausoleu dos Capuletti, onde, quarenta horas depois, suspensa a acção do narcotico, acordará nos braços de Romeu, que fugirá com ella para Mantua. E' a felicidade que se delineia, prestes a coroar aquelle grande amor. Mas o acaso não deixa que o idillio acabe em idillio, e transforma-o em tragedia. Romeu, em Mantua, antes de ser prevenido por Frei Lourenço, recebe de um estranho a noticia da morte de Julieta, parte como um louco para Verona, assalta o mausoleu dos Capuletti, vê a adorada estendida, fria, morta, — e envenena-se... Julieta acorda afinal; e, quando acorda, pode apenas abraçar o corpo gelado de Romeu, e morre tambem, cravando no peito um punhal. As suas ultimas palavras são um extremo suspiro de amor, um ultimo hymno de ardente paixão :

« Oh! mau! mau!... bebeste todo o veneno, e não me deixaste uma só gotta! se ao menos nos teus labios tivesse ficado o sabor da morte, eu poderia sugal-a com os meus beijos! Ah! mas deixaste-me o teu punhal: a sua bainha será o meu coração. Espera-me, Romeu! Eis-me contigo, contigo, para sempre, para sempre, Romeu! Como os teus labios estão ainda quentes, meu amado!. »

Esta peça de Shakespearé é o maximo drama da paixão. Julieta, das quatro mulheres que rapidamente fiz passar diante do vosso espirito, é a grande amorosa, a mais ardente, a mais brilhante de todas. Ophelia não chega a amar; na sua alma ha apenas o preludio indeciso da grande symphonia vasta e entontecedora do amor, que enche o universo, e cujo rythmo a um tempo celeste e inférnal rege o movimento e a vida dos homens, das feras, dos vermes da terra e dos astros do firmamento. Cordelia ama o pae; mas concentra nesse amor puro e espiritual toda a sua vida, e morre por elle. Desdemona ama ardentemente; porém ama depois de haver admirado e de se haver compadecido. Julieta ama porque ama... Entra na vida amando...

Já a sua puberdade é uma explosão...

Ha paizes do extremo norte do globo, que teem uma primavera breve, de apparecimento instantaneo. Quando os primeiros raios de sol fundem as ultimas neves, já encontram viçando e palpitando as hervas anciosas, verdes, rebentando violentamente do solo, na delirante precipitação de gozar um esplendor que vae ser curto. Julieta é assim... Ainda no limite da infancia e da adolescencia, já essa creança arde e delira. Houve entre ella e Romeu, num rapido encontro de olhares, esse raio revelador, que mostra num millesimo de segundo todo o infinito da criação, — esse

relampago psychico que, numa fracção infinitesimal do tempo, desvenda todos os mundos incontaveis e incommensuraveis que povoam o dominio do affecto...

Shakespeare edificou, plantou no coração da terra, arrojou até o alto do ceo uma immensa escada de almas femininas. Em cada degrau d'essa construcção maravilhosa, ama, soffre, chora, blasphema, espera, desespera, grita, supplica uma pobre alma apaixonada : é Hero, é Beatriz, é Sylvia, é Julia, é Jessica, é Hermiona, é Phrynia, é Titania, é Helena, é Andromaca, é Cressida, é Cleopatra, é Ophelia, é Desdemona, é Imogenia, é Cordelia...

Mas que é afinal toda essa escada? é Julieta!

Julieta está cá em baixo, Julieta está lá em cima, Julieta está em cada degrau, porque essa escada, a escada do Amor, é Julieta, porque Julieta é o proprio amor, — o amor que é tudo, porque, como disse singelamente um poeta nosso :

... Amar e ser amado é neste mundo
A tarefa melhor da nossa especie,
Tão cheia de outras que não valem nada!



INDICE

	Pags.
Gonçalves Dias	7
A tristeza dos poetas brasileiros	31
O riso. . .	61
Esperança.	93
O Diabo	131
Don Quixote .	173
A Belleza e a Graça .	199
O Dinheiro .	235
O Commercio e a Civilização.	273
Inauguração do Theatro Municipal.	297
Instrucção e Patriotismo .	315
Quatro heroínas de Shakespeare	345

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).